

EDITADO POR  
HANS-HERMANN HOPPE  
STEPHAN KINSELLA

# 100 anos de Rothbard

*Uma homenagem e apreciação*

*1ª edição*



Instituto Rothbard

**Título original**

*Rothbard at 100: A Tribute and Assessment  
2026*

**Editores**

*Hans-Hermann Hoppe &  
Stephan Kinsella*

**Tradução**

*Fernando Fiori Chiocca*

**Revisão gramatical**

*João Theodoro*

**Diagramação**

*Fernando Fiori Chiocca*

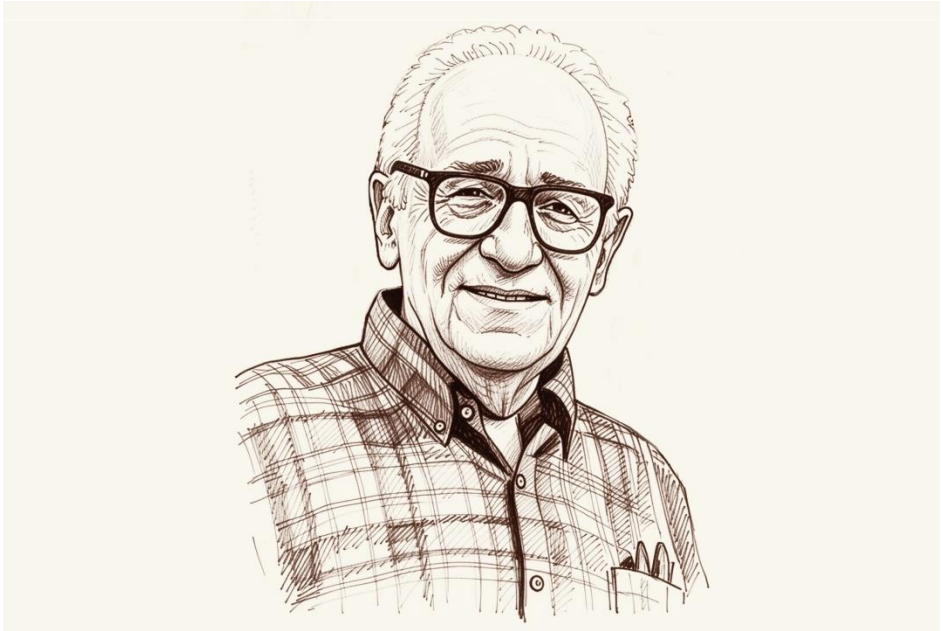
**Capa**

*Fernando Fiori Chiocca*

HOPPE, Hans-Hermann & KINSELLA, Stephan

100 anos de Rothbard: Uma homenagem e apreciação / Hans-Hermann Hoppe & Stephan Kinsella — São Paulo: Instituto Rothbard, 2026.

1. Festschrift 2. Escola Austríaca 3. Vida pessoal 4. Liberdade  
5. Propriedade I. Título.





# Sumário

Prefácio.....9  
*Stephan Kinsella*

Introdução..... 15  
*Hans-Hermann Hoppe*

## Parte Um

(autores da PFS que conheceram Rothbard ou se encontraram pessoalmente com ele)

1. Amadurecendo com Murray.....33  
*Hans-Hermann Hoppe*

2. A última palestra ..... 55  
*Jeffrey F. Barr*

3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard  
..... 61  
*Thomas J. DiLorenzo*

4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e  
inspiração ..... 69  
*Douglas E. French*

5. Três canais de inflação de ativos.....79  
*Jörg Guido Hülsmann*

6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com  
o professor Rothbard.....123  
*Lee I. Iglody*

7. Murray Rothbard. Mises University 1990. e o poder  
das instituições vivas.....135

*Thomas Jacob*

8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável.....145

*Stephan Kinsella*

9. O Murray Rothbard que eu conheci.....177

*Jeffrey A. Tucker*

## **Parte Dois**

10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual.....195

*Saifedean Ammous*

11. Murray Rothbard, a ausência de estado e a crítica: cinco milênios de evidências para a legislação competitiva.....209

*Juan Fernando Carpio*

12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo.....227

*Fernando Fiori Chiocca*

13. A genialidade política de Rothbard.....233

*Jeff Deist*

14. Encontrando Rothbard: direitos de propriedade como chave para a anarquia.....245

*David Dürr*

15. Rothbard, filósofo do Direito.....255

*Alessandro Fusillo*

16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra.....273

*Sean Gabb*

17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais: a política de imigração como o ápice do libertarianismo rothbardiano .....	291
<i>David Howden</i>	
18. Obrigado, Murray Rothbard, por sua extrema "defesa do apriorismo extremo" .....	307
<i>Thorsten Polleit</i>	
19. A vida em um mundo sem um grande botão de liberdade rothbardiano.....	329
<i>Josef Štma</i>	
20. Murray N. Rothbard e a desmistificação da ciência econômica.....	339
<i>Rahim Taghizadegan</i>	
Apêndice.....	349



# Prefácio

Stephan Kinsella<sup>1</sup>

A Property and Freedom Society foi fundada em 2006 por Hans Hoppe, onze anos após a morte de Murray Rothbard. Como Hoppe foi o associado, parceiro, amigo e aluno mais íntimo de Rothbard na última década de sua vida, a PFS é naturalmente lar de admiradores de Rothbard e sua versão da economia austríaca e do anarcolibertarianismo. Muitos de seus membros fundadores conheciam Rothbard pessoalmente e todos eram seus admiradores. A maioria de seus outros membros também é fortemente influenciada e se encontra em dívida com o poderoso corpo de ideias de Rothbard. A PFS, e todos os seus membros, são, em um sentido importante, filhos de Rothbard.

A PFS é, portanto, de certa forma, uma espécie de Instituto Rothbard sob outro nome. Na verdade, alguns críticos (e até admiradores) do

---

<sup>1</sup> Stephan Kinsella, membro fundador da PFS, é um autor libertário e advogado aposentado em Houston. Suas publicações incluem *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023) (LFFS), *Against Intellectual Property* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2008); *Uma Vida em Liberdade: Liber Amicorum em Honra a Hans-Hermann Hoppe* (coeditor, com Jörg Guido Hülsmann; Houston, Texas: Papinian Press, 2024); e *International Investment, Political Risk, and Dispute Resolution: A Practitioner's Guide*, 2ª ed. (Oxford, 2020).

A maioria das minhas próprias publicações citadas aqui e neste livro pode ser encontrada em [www.stephankinsella.com](http://www.stephankinsella.com) ou [www.c4sif.org/aip](http://www.c4sif.org/aip). Por meio deste, concedo uma licença CC0, sem direitos reservados, neste Prefácio.

## Prefácio

Ludwig von Mises Institute também sugeriram que ele também deveria se chamar Instituto Rothbard, já que seus membros e apoiadores são tão claramente influenciados pelo rothbardianismo. Há algum mérito nessa acusação, embora não seja o insulto que os críticos imaginam. Rothbard foi o aluno e expositor mais importante de Mises e a principal força intelectual por trás do instituto desde sua fundação em 1982 até sua morte em 1995, assim como também ocorre com a PFS. Aqueles atraídos pela economia austríaca misesiana também tendem a ter afinidade com as visões políticas liberais clássicas bastante radicais de Mises e ainda mais pelo anarcocapitalismo ainda mais radical e desenvolvido de Rothbard. Essa é uma progressão natural, nada surpreendente, e não há motivo para críticas.

É apropriado, então, que um grupo internacional de estudiosos da PFS comemore o centésimo aniversário dele com esta coleção de homenagens e reflexões. Esta coletânea, lançada online no site da Property and Freedom Society em seu centenário em 2 de março de 2026, será publicada em formato de livro nos próximos meses e apresentada e discutida na 20ª reunião anual da PFS em Bodrum, Turquia, em setembro de 2026.

As contribuições são todas de membros ou apoiadores e amigos de longa data da PFS, muitos deles membros fundadores desde sua reunião inaugural em 2006, e a maioria estudiosos e rothbardianos de um tipo ou de outro. Muitos deles conheciam Rothbard pessoalmente, alguns intimamente – como Hans Hoppe; os alunos de Rothbard, Doug French, Lee Iglody e Jeff Barr; e colegas como Tom DiLorenzo e Jeffrey Tucker. Os colaboradores, na verdade, incluem os três ex-presidentes do Mises Institute, assim como o Sr. Tucker, que, em seu papel fundamental no Mises Institute, se associou estreitamente a Rothbard na última década de sua vida (o mesmo período da estreita associação de Hoppe com Murray). Organizamos os ensaios em duas partes: a Parte 1, por aqueles que realmente conheciam ou encontraram Rothbard pessoalmente, e a Parte 2, por outros que nunca o encontraram, mas foram profundamente influenciados por sua obra.

Como atestam os ensaios deste volume, Rothbard foi, aos nossos olhos, o mais importante teórico social do século XX. Rothbard construiu

## Prefácio

sobre a escola mais sólida, rigorosa e desenvolvida da economia – o ramo praxeológico mais bem desenvolvido e formalizado por Mises,<sup>2</sup> e combinou isso com uma filosofia política libertária individualista ainda mais consistente, radical e intransigente do que o já admirável liberalismo clássico de Mises. Mises sistematizou, formalizou, aprimorou e avançou a economia austríaca iniciada primeiramente por Carl Menger e posteriormente desenvolvida por outros, como Eugen von Böhm-Bawerk. Rothbard construiu sobre a economia misesiana e a incorporou em suas visões libertárias anarquistas radicais.

---

<sup>2</sup> Eu quase gostaria que Hoppe não tivesse descoberto Mises até mais tarde em seu próprio caminho de descoberta da ciência econômica, para ver como sua própria versão da praxeologia poderia ter se desenvolvido. Como escrevi anteriormente,

Mas a *verdadeira* educação do Professor Hoppe foi autodidata. Primeiro, quando era um esquerdista convencional, seus olhos foram abertos pelo economista austríaco Eugen von Böhm-Bawerk, em sua crítica ao marxismo. Mais tarde, depois de conhecer e rejeitar o positivismo lógico de Milton Friedman e da Escola de Chicago, descobriu Mises e sua abordagem única. Como ele descreveu em uma entrevista no *Austrian Economics Newsletter*:

“Independentemente eu havia concluído que as leis econômicas eram *a priori* e passíveis de descoberta por meio da dedução. Então tropecei no *Ação Humana* de Mises. Essa foi a primeira vez que encontrei alguém que tinha a mesma visão que eu; não apenas isso, ele já havia desenvolvido todo o sistema. A partir daquele momento, eu me tornei um misesiano.”

Stephan Kinsella, “Posfácio”, em Hans-Hermann Hoppe, *A Grande Ficção*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021), citando Hans-Hermann Hoppe, “A ordem da propriedade privada: uma entrevista com Hans-Hermann Hoppe”, *Austrian Economics Newsletter* 18, nº 1 (primavera de 1998).

## Prefácio

Rothbard foi o primeiro libertário moderno com uma filosofia política misesiano-austríaca completa, abrangente, radical e embasada. Parafrazeando Isaac Newton, escrevendo em 1675<sup>3</sup>, se Rothbard enxergou mais longe que outros, foi ao “se apoiar nos ombros de gigantes” – em particular sobre os ombros de Mises, que muitos de nós consideramos o mais brilhante pensador econômico não apenas do século passado, mas de todos os tempos. Há um motivo pelo qual Guido Hülsmann intitulou sua biografia de *Mises: O Último Cavaleiro do Liberalismo*<sup>4</sup> e também é apropriado que Fernando Chiocca tenha intitulado sua homenagem a Rothbard neste volume “O primeiro cavaleiro do libertarianismo”. E é por isso que me refiro a ele, junto com Hoppe e Mises, no meu capítulo, como a estrutura indispensável do austrolibertarianismo.

Um *Festschrift* (ou *liber amicorum*) é uma coleção de reflexões acadêmicas e pessoais em homenagem a um pensador importante em ocasiões importantes, como a aposentadoria e outras. É raro que a *œuvre* de um estudioso seja significativa e influente o suficiente para merecer isso; ainda mais raro é o estudioso merecer dois. O próprio Mises teve dois.<sup>5</sup> O primeiro foi publicado por ocasião do quinquagésimo aniversário de seu doutorado na Universidade de Viena, em 1906.<sup>6</sup> O segundo foi publicado por ocasião de seu nonagésimo aniversário, sobre o qual Mises

---

<sup>3</sup> “Standing on the shoulders of giants” (Wikipedia).

<sup>4</sup> Jörg Guido Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007).

<sup>5</sup> Mary Sennholz, ed., *On Freedom and Free Enterprise: Essays in Honor of Ludwig von Mises* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2008 [1956]); F.A. Hayek, et al., eds., *Toward Liberty: Essays in Honor of Ludwig von Mises on the Occasion of his 90th Birthday, September 29, 1971* (dois volumes; Menlo Park, Cal.: Instituto de Estudos Humanos, 1971).

<sup>6</sup> Veja Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism*, pp. 932–35; Bettina Bien Greaves, “A Festschrift for Doctor Mises”, *The Freeman* (1º de abril de 1956).

## Prefácio

escreveu para sua esposa: “A única coisa boa de ser nonagenário é que você pode ler seus obituários enquanto ainda está vivo”.<sup>7</sup>

O único *Festschrift* de Rothbard foi publicado quando ele tinha 62 anos e baseado em artigos produzidos em uma conferência discutindo o trabalho de Rothbard no ano de seu sexagésimo aniversário.<sup>8</sup> Não há dúvida de que, se ele tivesse vivido além dos 68 anos, outro *Festschrift* em sua homenagem já teria sido produzido, assim como foi o caso de seu professor, Mises, e de seu aluno (informal) e colega mais importante, o professor Hoppe, que também recebeu duas dessas homenagens, na ocasião de seus 60º e 75º aniversários.<sup>9</sup> Nós, seus filhos intelectuais e alunos na PFS, não podíamos deixar seu 100º aniversário passar sem dar reconhecimento e tributo a este grande e bom homem, a quem somos

---

<sup>7</sup> Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism*, p. 1037.

<sup>8</sup> Walter Block & Llewellyn H. Rockwell, eds., *Homem, Economia & Liberdade – Ensaios em homenagem a Murray N. Rothbard* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1988). Veja *The Free Market* (junho de 1986), p. 2, listando artigos em “Man, Economy, and Liberty: A Conference in Honor of Murray N. Rothbard”. Veja também: Jeffrey A. Tucker e Llewellyn H. Rockwell, Jr., “Man, Economy, and Liberty” (17 de novembro de 2009) (Tucker entrevista Rockwell sobre o *Festschrift* de Rothbard, publicado em 1986 em homenagem ao sexagésimo aniversário de Rothbard); Murray N. Rothbard, *Man, Economy, and Liberty* (1º de março de 1986) (Rothbard comenta e responde aos palestrantes e comunicações apresentadas no colóquio “Man, Economy, and Liberty” sediado pelo Mises Institute; backup do YouTube); Hoppe, “Resenha de Livro de Walter Block e Llewellyn H. Rockwell, Jr., eds., *Homem, Economia & Liberdade – Ensaios em homenagem a Murray N. Rothbard*”, *Rev. Austrian Econ.* 4, n° 1 (1989): 249–263. Veja também Timothy Virkkala, “Bestschrift”, *Liberty* (setembro de 1989), p. 63.

<sup>9</sup> Jörg Guido Hülsmann & Stephan Kinsella, eds., *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2009); idem, *Uma vida dedicada à liberdade* (Houston, Texas: Papinian Press, 2024).

## Prefácio

tão gratos. Esperamos que este volume sirva como um *Gedenkschrift* apropriado, um *Festschrift* póstumo em sua homenagem.

Agora estamos no mundo de Rothbard – um mundo que é melhor e transformado, por ele ter estado nele. Feliz aniversário, Murray – nós te amamos.

*Stephan Kinsella*  
*Houston, Texas, março de 2026*

# Introdução

## Hans-Hermann Hoppe<sup>1</sup>

Quando Gülçin e eu, em maio de 2006, abrimos o hotel Karia Princess para a primeira reunião da Property and Freedom Society (PFS), muitas questões, tanto organizacionais quanto substanciais, ainda não estavam resolvidas em nossas mentes. Foram anos de experimentação e aprendizado: de definir, refinar e aprimorar o próprio produto que hoje é a PFS e seu salão anual.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Hans-Hermann Hoppe, fundador, junto com sua esposa, Gülçin Imre Hoppe, da PFS, é Professor Emérito de Economia na UNLV, ex-*Distinguished Senior Fellow* (~2000-2026) do *Ludwig von Mises Institute* (~2000-2026), Fundador e Presidente da Property and Freedom Society e ex-editor do *Journal of Libertarian Studies*. Em 2015, foi agraciado com a Medalha Murray N. Rothbard da Liberdade.

<sup>2</sup> Mais informações sobre a origem da PFS podem ser encontradas em Property and Freedom Society, “History and Principles” ([propertyandfreedom.org/about](http://propertyandfreedom.org/about)) e Property and Freedom Society, “Press & Offsite Material” ([propertyandfreedom.org/press](http://propertyandfreedom.org/press)), incluindo Hans-Hermann Hoppe, “Minha vida na Direita”, *A Grande Ficção*, 2ª edição (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021) (baseado em “The Property and Freedom Society – Reflexões após cinco anos”, Reunião Anual da Property and Freedom Society 2010, Bodrum, Turquia (4 de junho de 2010)); idem, “Que mundo louco”, em *A Grande Ficção* (baseado em “O Papel da Sociedade da Propriedade e da Liberdade em um Mundo Louco”, Reunião Anual 2009 da Property and Freedom Society, Bodrum, Turquia (22 de maio de 2009)); Hans-Hermann Hoppe e Gülçin Imre Hoppe, “2006-2015: PFS, Agora e Então”, *Reunião Anual da Property and Freedom Society* 2015, Bodrum, Turquia (11 de setembro de 2015), disponível em

## Introdução

No entanto, ao longo de todas as mudanças ocorridas nos últimos 20 anos de sua existência, a PFS permaneceu firme em seu compromisso com o que hoje é amplamente conhecido como “Austrolibertarianismo”, a filosofia social desenvolvida e representada no século XX mais proeminentemente por Murray N. Rothbard. No capítulo seguinte, relato minha associação pessoal com Rothbard durante a última década de sua vida, de 1985 a 1995, em Nova York e Las Vegas. Aqui basta dizer que aprendi em primeira mão, com o exemplo pessoal de Rothbard, o que viria a se tornar o *ethos* e a marca registrada da PFS: um radicalismo intelectual intransigente e interdisciplinar – a busca destemida pela verdade, justiça e beleza.

Hoje, em 2 de março de 2026, Rothbard teria comemorado seu 100° aniversário. Dado seu *status* como um dos santos padroeiros da PFS, consideramos apropriado, e até obrigatório, prestar homenagem a esse grande homem e seu trabalho com um pequeno livro em sua homenagem, publicado por ex-alunos, colegas e membros da PFS intimamente familiarizados com sua obra.

No capítulo seguinte, referi-me a Rothbard como o maior de todos os teóricos sociais, certamente o maior do século XX. Na nossa era de fama instantânea e celebridades de quinze minutos, essa afirmação pode exigir alguma explicação. Mas isso é fácil de explicar. Como economista, sua profissão principal, Rothbard está abaixo apenas de seu próprio professor Ludwig von Mises, provavelmente o maior economista de todos os tempos. Mas Rothbard não é um economista-economista. Em contraste claro com alguns concorrentes e novos contemporâneos que agora reivindicam seu manto, o volumoso trabalho de Rothbard abrange todo o campo das ciências sociais. Ele está entre os mais destacados filósofos políticos do século XX, aventurando-se até no campo da epistemologia.

---

Stephan Kinsella, “PFP133 | Hans-Hermann Hoppe & Gülçin Imre Hoppe, “2006-2015: PFS, Agora e Então” (PFS 2015)”, *Property and Freedom Podcast* (26 de maio de 2022); e Tom Woods, “Entrevista com Hans Hoppe”, *Tom Woods Elite Letter*, Edição #18 (Verão de 2025).

## Introdução

Qua sociólogo, ele contribuiu grandemente para o estudo e análise das elites dominantes na tradição de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels. Como historiador, Rothbard é um dos maiores especialistas no período colonial americano, assim como em história econômica e financeira dos EUA. Por último, mas não menos importante, com sua última obra, infelizmente inacabada, seus dois volumes sobre a história do pensamento econômico,<sup>3</sup> Rothbard não apenas se estabeleceu como um mestre da história do pensamento – da *Ideengeschichte* – mas também, de forma mais geral, como um grande contribuinte para o gênero intelectual da *história universal*. Por fim, para completar, Rothbard conseguiu integrar e sistematizar tudo isso: seu amplo programa de pesquisa interdisciplinar dentro de uma grande narrativa da história humana como uma luta eterna e contínua entre poder e mercado, espoliação e produção, e agressão e coerção *versus* autonomia e liberdade.

Naturalmente, um homem que em algum momento comentou sobre quase tudo o que se pode imaginar também é um alvo fácil para o tipo muito conhecido de "detalhista intelectual": aquele tipo que fica obcecado ou até mesmo irritado com uma declaração ou comentário feito por alguém e, conseqüentemente, rejeita e condena veementemente toda e qualquer coisa dita ou feita por essa mesma pessoa. Rothbard teve sua cota de críticos sarcásticos, que o descartaram sem nem a menor ideia ou familiaridade com sua vasta *obra intelectual* – e provavelmente também sem a capacidade intelectual de realmente compreendê-la, mesmo que tentassem.

Felizmente, porém, Rothbard também conta com uma comunidade mundial crescente de fãs e amigos: leitores, estudantes e estudiosos de uma grande variedade de campos e origens intelectuais seguindo

---

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico – Uma Perspectiva Austríaca* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006). Veja também Stephan Kinsella, "Volume 3 of Rothbard's History of Economic Thought", *StephanKinsella.com* (1º de setembro de 2009).

## Introdução

seus passos, tentando preservar, rerepresentar, popularizar, polir, melhorar e ampliar o edifício austrolibertário que ele nos transmitiu. O presente livro apresenta apenas uma amostra minúscula desses indivíduos.

Claro, também houve críticos e críticas sérias a Rothbard e sua obra, também entre os colaboradores deste pequeno livro. Mises, por exemplo, seu próprio reverenciado professor, defendeu o modelo liberal clássico "minimalista" do estado contra o anarquismo de Rothbard. A teoria pura de preferência temporal de Rothbard (e Mises) sobre o juro tem sido questionada, assim como alguns aspectos de sua teoria contratual e suas opiniões sobre propriedade intelectual e direitos autorais. Além disso, as questões do aborto e dos direitos das crianças continuaram sendo controversas. Alguns críticos consideraram seu tratamento de Adam Smith excessivamente negativo. Critiquei Rothbard por seu tratamento excessivamente desfavorável à Idade Média feudal e por sua crítica relativamente branda à democracia.<sup>4</sup> Mas essas críticas, incluindo as de Mises, têm sido essencialmente amigáveis. Nenhuma delas tinha como objetivo desviar a atenção da grandeza de Rothbard ou tentar diminuir sua estatura intelectual e prestígio excepcionais.

E no entanto: até hoje Rothbard nunca alcançou o reconhecimento público devido a um dos grandes gênios do século XX. Preciso especular um pouco, mas não é difícil encontrar algumas explicações plausíveis ou até óbvias para esse fenômeno.

---

<sup>4</sup> Veja, por exemplo, Hoppe, "Introdução", em *Democracia – o deus que falhou* (New Brunswick e Londres: Transaction Publishers, 2001) ("[...] embora cientes das deficiências econômicas e éticas da democracia, tanto Mises quanto Rothbard tinham um carinho especial pela democracia e tendiam a ver a transição da monarquia para a democracia como um progresso."); idem, "A busca libertária por uma narrativa histórica global", em *A Grande Ficção*; Robert A. Nisbet, *The Quest for Community: A Study in the Ethics of Order and Freedom* (Wilmington, Del.: ISI Books, 2010 [1953]).

## Introdução

Rothbard é um anarquista – e não um esquerdista confuso: socialista ou anarquista sindicalista *à la* Noam Chomsky, que sonha com propriedade coletiva e uma ordem social sem hierarquias. Na verdade, Rothbard é um anarquista de direita intransigente: defensor do anarco-capitalismo, a saber, uma sociedade de leis privadas, baseada firmemente na instituição da propriedade privada e sua aquisição por meio de apropriação original (*homesteading*) ou contrato voluntário, e uma sociedade caracterizada pela divisão do trabalho e hierarquias sociais naturais.<sup>5</sup>

Obviamente, desde o início, isso o coloca em completa oposição à religião secular quase universalmente compartilhada da era atual: o Estatismo (*Etatismus*), ou seja, a crença na necessidade e função benéfica da instituição de um estado *qua* monopolista territorial da violência. Mais especificamente, sem o estado não existe sistema público de educação financiado por impostos: nem escolas públicas nem universidades públicas. Onde, sem isso, as atuais hordas de chamados intelectuais, especialmente em áreas como educação, jornalismo, ciências sociais e humanidades, encontrariam emprego seguro? A maioria não poderia e não iria encontrar e, portanto, a maioria dos intelectuais provavelmente será estritamente contra tal ideia. Como observou Upton Sinclair, “É

---

<sup>5</sup> Veja Hoppe, “Um libertarianismo realista”, *LewRockwell.com* (30 de setembro de 2013). Para uma possível explicação do tratamento bastante diferente entre Chomsky e Rothbard, veja Jose Alberto Nino, “Como Noam Chomsky se tornou o radical favorito do *establishment*”, *The Unz Review* (7 de fevereiro de 2026). Da mesma forma, para minha discussão sobre por que o “libertarianismo de Nozick” e seu “deslumbramento metodologicamente não comprometido” “foram considerados respeitáveis pelas massas acadêmicas”, em comparação com o tratamento vergonhoso da academia a Rothbard, veja “Murray N. Rothbard and the Ethics of Liberty”, em Murray N. Rothbard, *The Ethics of Liberty* (Nova York: New York University Press, 1998).

## Introdução

difícil fazer um homem entender algo, quando seu salário depende de ele não entender”.

Além disso, sem um estado, também não haveria bancos centrais com o monopólio da emissão de moedas fiduciárias. No entanto, bancos centrais e instituições como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Banco de Compensações Internacionais são os maiores empregadores de economistas no mundo de hoje. Então, naturalmente, os economistas em particular também são esmagadoramente hostis às ideias rothbardianas. Além disso, sem um estado financiado por impostos e um banco central, podem existir milícias armadas, mas não haverá exército permanente nem complexo militar-industrial que promova conflitos e guerras internacionais. Deste modo, indústrias poderosas, assim como todos os chauvinistas, belicistas e imperialistas, estão alinhados contra a ideia de anarquia e de uma sociedade de leis privadas como idealizada por Rothbard.

Por isso, é acima de tudo aqui, em conexão com a oposição rígida e inabalável de Rothbard à guerra, ao complexo militar-industrial, ao Estado de guerra e à política externa intervencionista dos EUA, que se encontra a razão suprema – e ainda assim menos comentada – para seu desrespeito público e falta de reconhecimento acadêmico.

Judeus não representam mais do que 2 a 3% da população dos EUA, mas, como todos lá sabem e ainda assim são aconselhados a não dizer, a academia americana e a grande mídia (e muito mais, como veremos) são dominadas por judeus (majoritariamente seculares). Rothbard também era um judeu secular. Assim, independentemente de suas opiniões – seu anarquismo, seu “racismo” (ele fez uma resenha favorável do livro *The Bell Curve*, de Richard Herrnstein e Charles Murray, e *Race, Evolution, and Behavior*, de Philippe Rushton)<sup>6</sup> ou qualquer outra coisa

---

<sup>6</sup> Murray N. Rothbard, “Raça! Aquele livro de Murray (dezembro de 1994)”, *The Irrepressible Rothbard: The Rothbard-Rockwell Report Essays of Murray N. Rothbard* (Center for Libertarian Studies, 2000).

## Introdução

– um homem com seus talentos poderia e deveria ter alcançado os mais altos cargos acadêmicos, devido à enorme influência e à extraordinária (mas também impossível de mencionar) solidariedade intragrupo de seus correligionários. O fato de isso não ter acontecido em seu caso e, em vez disso, ele ter se tornado *persona non grata* em grande parte da sociedade "educada" tem duas razões intimamente relacionadas: as visões de Rothbard sobre o judaísmo e sobre Israel.

Embora agnóstico, Rothbard tinha profundo interesse na história e sociologia da religião, e considerava o judaísmo, em particular o judaísmo rabínico conforme estabelecido no Talmude, como uma religião tribal primitiva. Em evidente contraste com os apologistas e apologéticos judeus modernos e muito em concordância com a obra revisionista de Israel Shahak, *História judaica, religião judaica – O peso de três mil anos*,<sup>7</sup> Rothbard via o judaísmo como uma doutrina particularista, etnocêntrica e supremacista, segundo a qual a vida judaica era considerada inerentemente superior e mais valiosa do que a dos gentios ou gois. Significativamente, no Talmude, Jesus foi descrito em termos exclusivamente negativos: como um bastardo ilegítimo nascido de uma adúltera, um feiticeiro e um herege criminoso condenado a ferver em seus próprios excrementos.

Deste modo, para Rothbard, ficar repetindo hoje em dia, incessantemente, quase ritualmente, sobre uma base intelectual judaico-cristã do Ocidente e dos chamados valores ocidentais, é um absurdo puro, uma distorção fundamental da história e um sinal de ignorância. Na verdade, em contraste com a hostilidade declarada ao cristianismo expressa no Talmude, é na verdade o muito criticado Alcorão que se mostra bastante amigável com Jesus e a Virgem Maria. (Aliás, perguntado qual religião Rothbard adotaria se fosse forçado a fazê-lo, sua resposta foi: o catolicismo, como uma religião decididamente universalista.)

---

<sup>7</sup> Israel Shahak, *História judaica, religião judaica – O peso de três mil anos*, Nova Edição (Pluto Press, 2008 [1994]).

## Introdução

Quanto a Israel, as opiniões de Rothbard também iam contra a sabedoria convencional ou, melhor dizendo, contra a doutrinação pública. Israel não é apenas um estado, e um estado socialista sem qualquer propriedade privada sobre a terra (toda a terra é detida pela Autoridade de Terras de Israel ou pelo Fundo Nacional Judaico). Na verdade, ao contrário do caso típico dos dias atuais, Israel é um estado que *não* cresceu endogenamente, vindo de alguma população nativa, mas é resultado de uma violenta conquista estrangeira: a expropriação, expulsão e assassinato de uma população originária por invasores e ocupantes estrangeiros. Graças à Grã-Bretanha e aos EUA, judeus de todo o mundo, especialmente de orientação sionista, puderam se mudar para a Palestina, deslocar a população nativa, majoritariamente árabe, por meios terroristas, e, em 1948, estabelecer um Estado judeu.

Além disso, Israel, *qua* Estado judeu, e muito de acordo com a já mencionada alegação de supremacia judaica, praticou desde o início e ainda pratica um regime rigoroso de *apartheid*, onde todo não judeu é e nunca poderá ser mais do que um cidadão de segunda classe, e perseguiu e ainda persegue uma política externa agressiva e expansionista à custa de seus supostos vizinhos inferiores para restabelecer o Israel moderno em sua antiga glória e grandeza territorial imaginárias. A desculpa dada para tudo isso – a perseguição anterior aos judeus na Alemanha e na Europa Oriental – Rothbard a considerava falsa. Por um lado, porque nem todos os judeus reunidos em Israel foram vítimas, e de qualquer forma a população nativa da Palestina, que na época e atualmente teve que sofrer a invasão e ocupação judaica, não tinha absolutamente nada a ver com crimes anteriores cometidos contra judeus em outros lugares. Eles eram inocentes em tudo o que dizia respeito a isso e, portanto, não deviam qualquer restituição a eles.

Consideradas isoladamente, essas duas alegações podem não estar exatamente alinhadas com a visão oficialmente aprovada e dominante sobre o assunto, mas estão longe de serem escandalosas. O que transformou Rothbard em uma *persona non grata* nos círculos do *establishment* e gerou um escândalo foi combinar ambas as alegações e depois apontar que a política externa dos EUA vinha sendo cada vez mais influenciada pelos chamados neoconservadores ou “neocons”, como Irving Kristol e Norman Podhoretz e seus seguidores. Principalmente de

## Introdução

origem judaica, e frequentemente ex-esquerdistas (em particular do tipo trotskista) que haviam se tornado “conservadores” em reação aos desdobramentos violentos do chamado movimento e legislação dos “Direitos Civis” dos anos 1960, os neocons representavam exatamente o oposto da antiga e tradicional direita americana. A Velha Direita, que fora o lar intelectual de Rothbard, defendia a descentralização interna, defendia uma política externa estritamente não intervencionista e alertava contra quaisquer envolvimento e alianças estrangeiras. Em nítido contraste, os neocons, que cada vez mais assumiriam e passariam a dominar o *establishment* da política externa nos EUA, seja sob governos republicanos ou democratas, apoiavam não apenas um poderoso e centralizado estado de bem-estar social internamente, mas, em particular, também uma política externa intervencionista baseada e construída na força militar dos EUA e motivada por ambições imperiais. Para tornar o mundo seguro para a democracia progressista, os EUA, A nação excepcional, deveria ser estabelecida e instalada como a potência dominante mundial, por todos os meios necessários, sejam militares, financeiros ou econômicos. E foi exatamente Israel que teve um papel central nesses planos neoconservadores. Neocon significava essencialmente sionista e sionismo. Israel era considerado seu aliado estratégico e moral mais valioso: o único bastião da civilização ocidental no Oriente Próximo e Médio, cercado por um mar de vizinhos árabes e muçulmanos hostis, atrasados e primitivos.

Assim, seja lá o que Israel tenha feito ou faça, ele merecia o apoio incondicional dos todo-poderosos EUA. Israel recebeu e ainda recebe bilhões de ajuda militar dos EUA, ano após ano, e conta com a cooperação e assistência mais próximas possíveis das agências e serviços de inteligência dos EUA. Seja Egito, Jordânia, Líbano, Síria, Iraque, Líbia, Irã ou Iêmen, quem quer que tenha se posicionado ou se posicione no caminho das ambições expansionistas e supremacistas de Israel e que na época fosse ou seja considerado inimigo de Israel era ou é também inimigo dos EUA e, portanto, até hoje, demanda o envolvimento e interferência constantes dos EUA nos assuntos do Oriente Próximo e Médio.

Rothbard foi um crítico veemente dos neoconservadores e da política externa intervencionista dos EUA em geral. Ela era imoral, um desperdício econômico e uma fonte constante de conflito e tensão

## Introdução

internacional (em vez de paz). Mas ele foi especialmente crítico e franco em relação à política sionista e de “Israel em primeiro lugar” promovida pelos neoconservadores. Porque o que os neoconservadores realmente queriam, e em grande parte alcançaram até hoje, foi que os interesses dos EUA se tornassem subordinados aos interesses de Israel. Ou seja, para qualquer decisão de política externa, os EUA devem consultar e pedir aprovação a Israel. Rothbard considerava essa situação “monstruosa”, usando uma de suas palavras favoritas nesse sentido. Dada a origem e localização do Estado de Israel e sua natureza como um Estado explicitamente e exclusivamente judeu, Rothbard previu que o Oriente Próximo e Médio seriam transformados em um barril de pólvora: uma zona de perigo permanente marcada e manchada por conflitos e guerras intermináveis, e os outrora excepcionais EUA, em particular, cresceriam progressivamente (ou melhor, de forma regressiva) até se tornarem a maior máquina de guerra do mundo e maior ameaça à paz mundial. Rothbard acertou nessa previsão, é claro, como é ainda mais evidente agora do que há 20 anos, na época de sua morte.

Entretanto, para o lobby mais poderoso dos EUA, o lobby judaico, representado de forma proeminente, por exemplo, pelo *Comitê de Assuntos Públicos Americano-Israel* (AIPAC), pelo *Comitê Judaico Americano* (AJC) ou pela *Liga Antidifamação* (ADL), as críticas de Rothbard e seu apelo pela retirada e afastamento dos EUA de Israel constituíram a traição e o pecado supremos do “antissemitismo”. Se o homem não podia ser completamente silenciado, ele deveria ser ignorado ou menosprezado. E foi isso que fizeram; e são principalmente eles, então, os neoconservadores e o lobby judaico, que negaram a Rothbard o estrelato intelectual que ele merecia.



*Notícia de última hora:* Recentemente, desde a eleição de Javier Milei como presidente da Argentina, em 2023, o nome de Rothbard tem sido frequentemente mencionado também em alguns meios de comunicação dominantes. A razão: Milei professava ser – “filosoficamente” – um anarcocapitalista e citava Rothbard repetidamente como sua principal fonte de inspiração. Muitos autodeclarados libertários, especialmente no mundo de língua espanhola, celebraram isso como um grande avanço

## Introdução

para “nossas” ideias. Isso exige um breve comentário crítico, porque a “ressurreição” de Rothbard via Milei representa, no máximo, uma bênção bastante mista e, na verdade, é mais provável que cause sérios danos ao movimento libertário a longo prazo, e de qualquer forma envolve uma grave deturpação e “falsificação” do verdadeiro Rothbard.<sup>8</sup>

É certo que Milei leu um pouco de Rothbard, mas seu conhecimento sobre a obra de Rothbard é bastante limitado e superficial.<sup>9</sup> Ele

---

<sup>8</sup> Veja Hans-Hermann Hoppe, “PFP280 | Especial: Hans-Hermann Hoppe, ‘Javier Milei’ (PFS 2024)”, *Podcast Property and Freedom* (23 de dezembro de 2024); idem, “Renúncia do Conselho Consultivo Científico do Instituto Ludwig von Mises Alemanha”, *HansHoppe.com* (18 de agosto de 2025); idem, “PFP290 | Hoppe: considerações e reflexões de um libertário reacionário veterano (AERC 2025)”, *Property and Freedom Podcast* (23 de março de 2025); idem, “Como funciona a mente de um ‘grande pensador’”, *Power & Market* (19 de junho de 2025); Kristoffer Mousten Hansen, “Javier Milei e a Escola Austríaca”, (12 de janeiro de 2026).

<sup>9</sup> Veja, por exemplo, Javier Milei, *Capitalismo, Socialismo y la Trampa Neoclásica: De la Teoría Económica a la Acción Política* (Planeta, 2024); idem, “Capitalismo, socialismo e a armadilha neoclássica”, em *O Surgimento de uma Tradição: Ensaios em Honra a Jesús Huerta de Soto, Volume II: Filosofia e Economia Política*, David Howden e Philipp Bagus, eds. (Palgrave Macmillan, 2023) (um livro que também inclui meu ensaio “A ideia de uma sociedade de leis privadas: o argumento de Karl Ludwig von Haller”). Veja também, sobre Milei e o (não) fechamento do banco central argentino, idem, “Como funciona a mente de um ‘grande pensador’”, e a recente troca entre Philipp Bagus e Jörg Guido Hülsmann, começando com Philipp Bagus, “Dinheiro de Crédito, Pesos, Dólares e Argentina”, *Power & Market* (20 de outubro de 2025), publicado originalmente em alemão, como Philipp Bagus, “Kreditgeld, Pesos, Dollars und Argentinien”, *Ludwig von Mises Institut Deutschland* (20 de outubro de

## Introdução

também introduziu algumas reformas econômicas de "livre mercado" na Argentina que foram inspiradas pelos "austríacos". Mas ele não fez nada verdadeiramente radical, que mereceria o elogio de qualquer anarcocapitalista. Ele não fechou o banco central, como prometido inicialmente, e não há sinais de que isso vá acontecer tão cedo. Ele reduziu a inflação dos preços ao consumidor de 300% para cerca de 30% (uau!), mas a oferta monetária (de todos os agregados monetários) continuou crescendo rapidamente (ainda mais do que sob vários de seus antecessores). Ele centralizou o poder governamental, em vez de descentralizar, e declarou ser fundamentalmente contrário à secessão. Além de assumir (em vez de repudiar, como Rothbard teria recomendado)<sup>10</sup> a dívida governamental com o FMI de cerca de 40 bilhões de dólares, ele sobrecarregou o povo argentino com mais 42 bilhões de dólares em dívida, solicitada ao FMI, ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, e para evitar a insolvência pouco antes das eleições de meio de mandato

---

2025). O artigo do *Power & Market* contém os links para os outros artigos do debate.

<sup>10</sup> Veja, por exemplo, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, edição de Scholar, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), p. 1028 (“A utilidade social, portanto, não pode ser aumentada pela redução da dívida, *exceto* pelo método de *repúdio* – a única forma de reduzir a dívida pública sem um aumento concomitante da coerção fiscal. O repúdio também teria o mérito adicional (do ponto de vista do livre mercado) de lançar uma sombra sobre todo crédito governamental futuro, de modo que o governo não poderia mais desviar tão facilmente as economias para uso governamental.”); idem, “Frank Chodorov: R.I.P.”, *Left and Right: A Journal of Libertarian Thought* (inverno de 1967): 3–8, p. 5 (Chodorov “foi o único entre os supostos crentes na economia de mercado livre neste país a pedir o repúdio total da dívida pública, e a ver que tal repúdio é infinitamente mais libertário e infinitamente menos criminoso do que saquear pagadores de impostos para resgatar essa dívida.”); idem, “Repudiando a dívida pública”, *Crônicas* (junho de 1992; *Mises Daily*): 49–52.

## Introdução

argentinas, em outubro de 2025, ele ainda exigiu um pacote de resgate de cerca de 20 bilhões de dólares de "seu querido amigo" Donald Trump.

E com Donald Trump entrando em cena, então, um Milei totalmente novo e diferente vem à tona, normalmente ignorado ou ridicularizado por seus admiradores e fãs libertários.

Trump, por puro acaso, pode ter ouvido o nome de Rothbard, mas certamente nunca leu uma palavra dele. De fato, é duvidoso que Trump tenha lido algum livro sério em toda a sua vida, e no que diz respeito à economia em particular, ele deve ser essencialmente considerado analfabeto.<sup>11</sup> Os gastos do governo (especialmente com o exército e as chamadas medidas de segurança nacional) e a dívida pública aumentaram sob sua direção. Ele é um protecionista dedicado, como demonstrado por suas políticas tarifárias erráticas e punitivas, e, em geral, persegue uma agenda econômica que tem mais em comum com as políticas intervencionistas conduzidas sob o fascismo ou o nacional-socialismo do que com qualquer coisa que se assemelhe a uma economia de mercado livre.

Mais importantemente ainda, no contexto atual, de todos os presidentes anteriores dos EUA, Trump é o sionista mais fervoroso e o mais "Israel Primeiro" de todos os tempos (enquanto reivindica o manto de "América Primeiro"). Nunca antes Israel recebeu mais ajuda e apoio militar e financeiro, mesmo cometendo atrocidades indescritíveis na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, do que sob Trump. Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, um criminoso de guerra de primeiro grau, um homem sem escrúpulos em admitir suas próprias intenções genocidas em relação à população palestina (que ele compara aos amalequitas a serem derrotados e erradicados do Antigo Testamento e da Torá), é o "melhor amigo" de Trump e sempre um bem-vindo convidado na Casa Branca ou em Mar-a-Lago. Em nome de Israel, e por conselho (ou por ordens?) de Netanyahu, Trump chega a se envolver diretamente na

---

<sup>11</sup> Para minha avaliação negativa de Trump, veja Woods, "Entrevista com Hans Hoppe".

## Introdução

guerra contra Irã e Iêmen, ambos os quais não representam ameaça alguma aos EUA.

E como se isso não bastasse em envolvimento estrangeiro, e como um sinal inconfundível da própria megalomania de Trump, ele continuamente anuncia ameaças, como uma forma de bullying, contra todos e qualquer um considerado desobediente, principalmente contra a Rússia e China como os dois principais obstáculos restantes no caminho para a dominação global dos EUA. Embora se faça passar por pacificador, ele continua apoiando Volodymyr Zelenskyy, o autocrata judeu da Ucrânia e também sionista, em sua guerra perdida contra a Rússia, inicialmente provocada e planejada pelos EUA para enfraquecer e colocar a Rússia de joelhos. Ele envia armamentos para Taiwan para provocar a China continental, sequestra o presidente venezuelano Nicolás Maduro para tomar o controle das enormes reservas de petróleo do país, e pratica pirataria confiscando ou afundando navios ou petroleiros estrangeiros em águas internacionais e ordenando que seus capitães e tripulações sejam mortos.

Milei, o autoproclamado anarcocapitalista, é o melhor amigo desse Trump. Repetidas vezes, ele saudou Trump como um defensor da liberdade e da chamada civilização e valores ocidentais. A América de Trump, segundo Milei, representa o ápice do capitalismo de livre mercado. E ele não é apenas amigo de Trump e seus nomes são frequentemente mencionados em uma só frase como intimamente associados, Milei também é melhor amigo do melhor amigo de Trump, Netanyahu. Em sua visão, Israel também não pode errar, e tudo o que possa parecer para um observador externo como atrocidades descaradas, assassinatos em massa e destruição gratuita, na verdade não passa de justificada defesa, segundo ele. Por essa solidariedade e exaltação explícitas a Israel como bastião de liberdade e civilização, Milei recebeu o prêmio Gênesis de Netanyahu, também conhecido como o "Prêmio Nobel Judaico", que incluía um prêmio em dinheiro de um milhão de dólares, que Milei então se comprometeu a usar para celebrar Israel e combater o "antissemitismo" em toda a Argentina e em outras partes da América Latina. E não são apenas os nomes de Trump e Netanyahu que estão intimamente associados ao de Milei, mas Milei também está em termos de abraços e beijos com Zelenskyy.

## Introdução

Três perguntas interligadas surgem então: como explicar esse caso de amor Milei-Trump-Netanyahu e Zelensky? Quais consequências isso tem para o nome do libertarianismo, ou seja, sua reputação e reconhecimento público? E como Rothbard se encaixa em tudo isso?

A primeira pergunta é respondida facilmente. O que os quatro têm em comum é seu sionismo e a posição “Israel Primeiro”, conforme proposto e defendido pelos neoconservadores. Nominalmente, Milei não é judeu, mas já considerou a ideia de se converter ao judaísmo; vários oligarcas judeus, como a família Wertheim, o ajudaram muito em sua carreira, e ele é constantemente acompanhado e aconselhado por um rabino pessoal. Trump também não é nominalmente judeu (embora vários membros de sua família o sejam), mas também desfrutou da generosidade de inúmeros oligarcas judeus como Sheldon e Miriam Adelson, e afirmou repetidamente ser o presidente mais pró-Israel da história dos EUA e o melhor amigo que Israel já teve. Zelensky é judeu e deve toda sua carreira a vários oligarcas judeus ucranianos, como Ihor Koloimoyskyi; e Netanyahu, claro, é o superjudeu e sionista absoluto. (Outra coisa em comum: os quatro foram conhecidos por seus talentos como palhaços e pela vulgaridade e palavrões de seus discursos públicos.)

Também há uma resposta rápida para a segunda pergunta. O cerne do libertarianismo é o reconhecimento da propriedade privada e o princípio da não agressão. Como, então, alguém pode realmente acreditar que a imagem pública do libertarianismo será ajudada e melhorada por alguém como Milei, que está intimamente associado e engajado em íntima cooperação com um bando de estatistas de assistência social e assistência bélica, supremacistas, imperialistas, belicistas e assassinos criminosos?!

E, finalmente, quanto à terceira pergunta sobre Rothbard: como alguém pode realmente acreditar que Rothbard ficaria feliz ao ver seu nome, via Milei, conectado e associado aos de Trump, Netanyahu e Zelensky?! “Monstruoso!” – essa seria a reação de Rothbard!



# Parte Um

(autores da PFS que conheceram Rothbard ou se encontraram pessoalmente com ele)



# 1. Amadurecendo com Murray

Hans-Hermann Hoppe<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Hans-Hermann Hoppe, fundador, junto com sua esposa, Gülçin Imre Hoppe, da PFS, é Professor Emérito de Economia na UNLV, ex-*Distinguished Senior Fellow* (~2000–2026) do *Ludwig von Mises Institute*, fundador e presidente da *Property and Freedom Society*, e ex-editor do *Journal of Libertarian Studies*. Ele recebeu diversos prêmios, incluindo o Prêmio Gary G. Schlarbaum por defesa vitalícia da liberdade (2006), a Medalha Murray N. Rothbard da Liberdade (2015) e o Prêmio Caminos de la Libertad, "Uma Vida pela Liberdade" (2024).

Este artigo é baseado no discurso principal de Hans-Hermann Hoppe, "Coming of Age with Murray", *Mises Institute 35th Anniversary Gala* (7 de outubro de 2017), e no artigo relacionado baseado na transcrição, "Coming of Age with Murray", *Mises.org* (16/10/2017), que também foi publicado no *idem*, *Manual para entender direito o Libertarianismo* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2018) e no *idem*, *A Grande Ficção*, 2ª edição (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021).

Para outras reminiscências e comentários sobre Rothbard pelo professor Hoppe, veja "Introdução", em Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998); "Libertarianismo e a Alt-Right", *The Libertarian Alliance (Reino Unido)* (20 de outubro de 2017); Posfácio (pdf) de *Homem, Economia & Liberdade – Ensaios em homenagem a Murray N. Rothbard*, Walter Block e Llewellyn H. Rockwell, Jr., eds. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1988), *Rev. Austrian Econ.* 4 (1990): 249–263; "Introdução", em *Democracia – o deus que falhou* (Transaction, 2001); "Entrega da Medalha Murray N. Rothbard da Liberdade de 2015", *HansHoppe.com* (2 de abril de 2015);

## 1. Amadurecendo com Murray

A primeira vez que encontrei Murray Rothbard foi no verão de 1985. Eu tinha 35 anos e Murray tinha 59. Durante os dez anos seguintes, até a morte prematura de Murray em 1995, eu estaria associado a Murray, primeiro em Nova York e depois em Las Vegas, na UNLV, em contato mais próximo, imediato e direto do que qualquer outro, exceto sua esposa Joey, é claro.

Tendo agora quase a mesma idade que Murray tinha no momento da sua morte, achei que seria apropriado usar essa ocasião para contar e refletir um pouco sobre o que aprendi durante meus dez anos com Murray.

Eu já era um adulto quando conheci Murray, não apenas no sentido biológico, mas também mental e intelectual, e, no entanto, eu só amadureci após me associar a ele – e eu quero falar sobre *essa* experiência.

Antes de conhecer Murray, eu já havia completado meu Ph.D. e conseguido o cargo de *Privatdozent* (um professor universitário com estabilidade, mas não remunerado), o mesmo cargo que Ludwig von Mises ocupou em Viena. Além da minha dissertação de doutorado (*Erkennen und Handeln*<sup>2</sup>), eu já havia escrito dois livros. Um (*Kritik der*

---

Hoppe, Obituário de Rothbard, em *Murray N. Rothbard: In Memoriam* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1995); "Murray Rothbard, descanse em paz", *The Free Market* 13, nº 3 (março de 1995); Sukasah Syahdan, "Entrevista com Hans-Hermann Hoppe, un intelectual anti-intelectual" (tradução), *Akal dan Kehendak* ("Razão e Vontade", Indonésia) (28 de abr. de 2008); Tom Woods, "Entrevista com Hans Hoppe", *Tom Woods Elite Letter*, Edição #18 (Verão de 2025); e outros textos em "Hoppe Biography", *HansHoppe.com* (5 de dezembro de 2025).

<sup>2</sup> Hans-Hermann Hoppe, *Handeln und Erkennen: Zur Kritik des Empirismus am Beispiel der Philosophie David Humes* (Peter Lang International Academic Publishers, 1976).

## 1. Amadurecendo com Murray

*kausalwissenschaftlichen Sozialforschung*<sup>3</sup>) que me revelou como misesiano, e outro, a ser publicado no ano seguinte (*Eigentum, Anarchie und Staat*<sup>4</sup>), que me revelou como rothbardiano. Eu já havia lido todos os trabalhos teóricos de Mises e de Rothbard. Entretanto, eu ainda não havia lido o volumoso trabalho jornalístico de Murray, que era basicamente inacessível para mim na época. Então não foi o meu encontro pessoal com Murray que me tornou um misesiano e um rothbardiano. Intelectualmente, eu já era um misesiano e rothbardiano anos antes de conhecer Murray pessoalmente. E assim, a despeito de ser acima de tudo um teórico, não quero falar aqui sobre o grande edifício intelectual austrolibertário que Mises e, na sua sucessão, Rothbard nos transmitiram, ou sobre minhas próprias pequenas contribuições para este sistema, mas sobre a minha longa experiência pessoal com Murray: sobre as lições práticas e existenciais que aprendi através dos meus encontros com ele e que me transformaram de um simples adulto para um homem que havia amadurecido.

Eu me mudei para a cidade de Nova York porque considerava Murray o maior de todos os teóricos sociais, certamente o maior do século XX e possivelmente o maior de todos os tempos, assim como eu considerava Mises o maior de todos os economistas, e, com Mises fora de cena e tendo partido havia muito tempo, eu queria encontrar, conhecer e trabalhar com esse homem, Rothbard. Eu ainda mantenho essa visão sobre a grandeza de Mises e Rothbard. Na verdade, ainda mais hoje do que trinta anos atrás. E desde então, não houve um segundo Mises

---

<sup>3</sup> Hans-Hermann Hoppe, *Kritik der kausalwissenschaftlichen Sozialforschung: Untersuchungen zur Grundlegung von Soziologie und Ökonomie* [Crítica à Pesquisa Social Científica Causal: Estudos sobre a Fundação da Sociologia e Economia] (Opladen: Westdeutscher Verlag, 1983).

<sup>4</sup> Hans-Hermann Hoppe, *Eigentum, Anarchie und Staat: Studien zur Theorie des Kapitalismus* [Propriedade, Anarquia e Estado: Estudos sobre a Teoria do Capitalismo] (Opladen: Westdeutscher Verlag, 1987).

## 1. Amadurecendo com Murray

ou Rothbard. Nem mesmo alguém que chegasse perto, e talvez tenhamos que esperar por um longo tempo para que isso aconteça.

Então me mudei para Nova York conhecendo o trabalho de Murray, mas sem saber quase nada sobre o homem que ele era. Lembre-se, isso foi em 1985. Eu ainda estava escrevendo à mão e usando uma máquina de escrever mecânica, me familiarizando com um computador pela primeira vez apenas no ano seguinte na UNLV. E Murray nunca usou um computador, mas permaneceu com uma máquina de escrever elétrica até o fim de sua vida. Não havia celulares, e-mails, internet, Google, Wikipédia ou YouTube. No início, mesmo as máquinas de fax não existiam. Então, minha correspondência com Murray antes da minha chegada a Nova York foi pelo velho e regular correio. Murray expressou seu entusiasmo pelo meu desejo de conhecer e trabalhar com ele e imediatamente me indicou Burton Blumert para me ajudar, o que, de fato, foi de ajuda instrumental para facilitar minha mudança da Europa para os EUA. (O maravilhoso Burt Blumert – dono da *Camino Coins* e fundador do *Center for Libertarian Studies* original, que, em última instância, seria fundido com o *Mises Institute* – foi um dos melhores amigos e confidentes de Murray. Ele foi também um grande benfeitor e querido amigo para mim.)

Eu tinha visto algumas fotos de Murray, eu sabia que ele, como Mises, era judeu, que ele ensinava no *Brooklyn Polytechnic Institute* (posteriormente renomeado *New York Polytechnic University* e hoje *Polytechnic Institute of NYU*); que ele era o editor do muito admirado *Journal of Libertarian Studies* e que ele era intimamente associado, como seu diretor acadêmico, ao *Ludwig von Mises Institute* que Lew Rockwell havia criado recentemente, 35 anos atrás, em 1982. Isso era tudo.

E assim, ambos desprevenidos, nos conhecemos pela primeira vez no escritório de Murray na universidade. Lá estava eu, um “loiro descolado do Norte” (citando um anúncio popular das cervejas amargas do norte da Alemanha), jovem, alto e atlético; um pouco insociável; seco e com um senso de humor sutil; propenso à franqueza, sarcástico e confrontativo. Um perfeito estilo *Wehrmacht*, se você preferir. E lá estava Murray: o “neurótico da cidade grande”, usando o título alemão do comediante Woody Allen de *Annie Hall*, da geração anterior, baixinho e

## 1. Amadurecendo com Murray

roliço, não atlético, meio desajeitado (exceto para digitar), gregário e hilário, nunca apático, mas sempre alegre e, em suas relações pessoais (diferentemente de em seus escritos), sempre não confrontativo, ponderado e até manso. Não é exatamente um estilo *Wehrmacht*. Em termos de personalidade, então, dificilmente poderíamos ter sido mais diferentes. Na verdade, éramos uma dupla bastante estranha – e, no entanto, nos demos bem desde o início.

Dada a longa e especial relação entre os alemães e os judeus, especialmente durante o período de 12 anos do governo do Partido Nacional-Socialista na Alemanha, de 1933 a 1945, eu, como um jovem alemão ao encontrar com um judeu mais velho nos EUA, temia que essa história pudesse tornar-se uma potencial fonte de tensão. Não se tornou. Muito pelo contrário.

Sobre o tema da religião em si, havia um consenso geral. Ambos éramos agnósticos, mas com um profundo interesse pela sociologia da religião e pontos de vista bastante semelhantes sobre a religião comparativa. No entanto, Murray aprofundou grandemente a minha compreensão sobre o papel da religião na história através da sua grande obra – infelizmente incompleta – na última década de sua vida sobre a história do pensamento econômico.<sup>5</sup>

Além disso, em nossas inúmeras conversas, aprendi com Murray a importância de complementar a teoria austrolibertária com a história revisionista, a fim de apresentar uma avaliação verdadeiramente realista de eventos históricos e assuntos globais. E fui eu então – como alguém que cresceu na derrotada e devastada Alemanha Ocidental pós-Segunda Guerra Mundial, com a então (e ainda) “história oficial” ensinada em todas as escolas e universidades alemãs ensinando (a) o sentimento de

---

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico – Uma Perspectiva Austríaca* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006). Veja também Stephan Kinsella, "Volume 3 of Rothbard's History of Economic Thought", *StephanKinsella.com* (1º de setembro de 2009).

## 1. Amadurecendo com Murray

culpa e vergonha de ser alemão e da história alemã<sup>6</sup> e (b) a crença de que os EUA e o capitalismo democrático americano foram “a maior invenção” desde – ou até mesmo antes – a invenção do pão fatiado<sup>7</sup>; fui eu que tive que revisar as suas, ainda bastante ingênuas – apesar de toda a teoria austrolibertária –, opiniões prévias sobre assuntos mundiais em geral e a história americana e alemã em particular. Na verdade, Murray me fez mudar fundamentalmente a minha visão bastante floreada dos EUA (apesar do Vietnã e tudo mais) e me ajudou, pela primeira vez, a me sentir consolado, contente e até feliz por ser alemão e desenvolver uma consideração especial para com a Alemanha e o destino do povo alemão.

Então, para minha surpresa – e, enfim, grande e agradável alívio – Murray era bastante germanófilo. Ele conhecia e apreciava muito as contribuições alemãs para a filosofia, a matemática, a ciência, a engenharia, a história acadêmica e a literatura. Seu amado professor, Mises, havia escrito originalmente em alemão e era um produto da cultura alemã. Murray amava a música alemã, amava as igrejas barrocas alemãs, amava a atmosfera bavariana das cervejarias e a tradição de sair

---

<sup>6</sup> Para mais informações sobre isso, veja Hans-Hermann Hoppe, "Guerra, paz democrática e reeducação: a 'experiência alemã' em perspectiva reacionária", a ser publicado em um livro baseado na Conferência Revisionista de História da Guerra do Mises Institute (15 de maio de 2025 a 17 de maio de 2025), baseado em *idem*, "On War, Democratic Peace, and Reeducation: The 'German Experience' in Reactionary Perspective", Reunião Anual 2025, *Property and Freedom Society*, Bodrum, Turquia (20 de setembro de 2025), disponível em Stephan Kinsella, "PFP307 | Hans-Hermann Hoppe: Democratic Peace and Re-Education: The German Experience (PFS 2025)", *Property and Freedom Podcast* (19 de janeiro de 2026).

<sup>7</sup> Veja Hoppe, *Democracia*; *idem*, "Considerações e reflexões de um libertário reacionário veterano", The Ludwig von Mises Memorial Lecture, Austrian Economics Research Conference, Mises Institute, Auburn, Alabama (21 de março de 2025).

## 1. Amadurecendo com Murray

da igreja direto para cervejaria. Sua esposa, Joey, era de ascendência alemã, seu nome de solteira era JoAnn Schumacher, e Joey era membro da Richard-Wagner-Society e uma fã de ópera a vida toda. Além disso, a maioria dos amigos de Murray que eu viria a conhecer eram germanófilos.

O mais importante entre eles era Ralph Raico, o grande historiador do liberalismo clássico, que eu esperava ver novamente nesta ocasião mas que infelizmente nos deixou para sempre há quase um ano. Conheci Ralph apenas alguns meses depois da minha chegada a Nova York, em uma festa realizada no apartamento de Murray em Upper Westside. Eu imediatamente gostei do seu sarcasmo cáustico, e ao longo dos anos desenvolvemos uma íntima amizade. Além de nossos muitos encontros em vários eventos do *Mises Institute*, eu ainda me lembro com carinho, em particular, das nossas viagens extensas juntos no norte da Itália e especialmente quando, em uma conferência em Milão, patrocinada por alguns amigos e afiliados da antiga (mas não mais) secessionista *Lega Nord*, alguns autoproclamados – quem teria adivinhado isso?! – manifestantes “antifascistas” apareceram na frente do hotel de conferências para denunciar-nos, para nossa grande diversão, como “*libertari-fascisti*”. Ralph também foi quem me apresentou à linha acadêmica revisionista sobre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, bem como todo o período entre guerras, e foi Ralph que me ensinou sobre a história do liberalismo alemão e em particular os seus representantes libertários radicais do século XIX que tinham sido quase completamente esquecidos na Alemanha contemporânea.

Incidentalmente, Lew Rockwell também, logo no início, mostrou suas credenciais germanófilas. Quando nos encontramos pela primeira vez em Nova York no outono de 1985, ele dirigia um Mercedes 190, e então se desviou do caminho por alguns anos, dirigindo uma caminhonete americana, mas enfim retornou ao clube dirigindo um Mini-Cooper, produzido pela BMW.

Porém, acima de tudo, foi Murray que me ensinou a nunca confiar na história oficial, invariavelmente escrita pelos vencedores, mas a conduzir toda a pesquisa histórica como um detetive investigando um crime. Sempre, em primeiro lugar e como primeira aproximação, siga o

## 1. Amadurecendo com Murray

dinheiro em busca de um motivo. Quem deve ganhar, seja em termos de dinheiro, imóveis ou poder absoluto por meio dessa ou daquela medida? Na maioria dos casos, responder a esta pergunta irá levá-lo diretamente ao próprio agente ou grupo de agentes responsáveis pela medida ou política em consideração. Contudo, por mais simples que seja fazer esta pergunta, é muito mais difícil e frequentemente requer árdua pesquisa respondê-la e desenterrar, de debaixo de uma enorme cortina de fumaça de retórica aparentemente elevada e de propaganda piedosa, os fatos e os indicadores – os fluxos de dinheiro e ganhos em bem-estar – para provar de fato um crime e para identificar e “expor” seus perpetradores. Murray era um mestre nisso e em uma época em que não tínhamos acesso a computadores, a internet ou ferramentas de busca, como o Google. E para fazer esse trabalho de detetive, como eu aprendi com Murray, devemos ir além dos documentos oficiais, da mídia *mainstream*, dos nomes grandes e famosos, das “estrelas” acadêmicas e dos periódicos “prestigiosos” – em suma: tudo e todos considerados “respeitáveis” e “politicamente corretos”. Devemos também, e em particular, prestar atenção ao trabalho de outsiders, extremistas e marginalizados, ou seja, pessoas “desrespeitáveis” ou “deploráveis” e canais de publicação “obscuros” que supostamente deveríamos ignorar ou sequer saber a respeito. Até hoje tenho seguido esse conselho e, na verdade, tenho apreciado segui-lo. Qualquer pessoa que pudesse ver minha lista de sites mais visitados provavelmente se surpreenderia, e qualquer defensor do *establishment* ou esquerdista em particular provavelmente ficaria chocado e estremeceria de desgosto.

Com esta perspectiva e visão gerais sobre as coisas, revisionistas como Murray (e eu) são regularmente acusados, com desprezo, de malucos teóricos de conspiração. A essa acusação Murray normalmente responderia: primeiro, para falar franca e sarcasticamente, mesmo se alguém for um paranoico comprovado, isso não pode ser prova de que ninguém realmente estava atrás dele e do seu dinheiro. E segundo e mais sistematicamente: as conspirações são menos prováveis, é claro, quanto maior o número de supostos conspiradores. Além disso, é ingênuo assumir a existência de apenas uma grande conspiração que toma conta de tudo executada por um grupo todo-poderoso de conspiradores. Mas as conspirações, muitas vezes conspirações rivais ou mesmo

## 1. Amadurecendo com Murray

contraditórias, i.e., esforços confidenciais de vários grupos de pessoas agindo em conjunto na busca de algum objetivo comum, são de fato uma característica sempre presente da realidade social. Como qualquer ação, tais conspirações podem ser bem-sucedidas ou podem fracassar e podem levar a consequências que *não* foram pretendidas pelos conspiradores. Mas falando de forma realista, a maioria, senão todos os eventos históricos, são mais ou menos exatamente o que algumas pessoas identificáveis ou um grupo de pessoas que atuam em conjunto pretendiam que fossem. De fato, assumir o contrário é assumir, incrivelmente, que a história não é senão uma sequência de acidentes ininteligíveis.

Além disso, ao aprender com Murray sobre a necessidade de complementar a teoria austro-libertária com a história revisionista, de maneira a obter uma imagem completa e realista do mundo e dos assuntos mundanos, eu também recebi dele contínuo treinamento na arte da avaliação e do julgamento prudente e sensato das pessoas, das ações e dos eventos. A teoria pura nos permite fazer julgamentos bastante claros de verdadeiro ou falso, certo ou errado, e eficaz (conducente ao objetivo pretendido) ou ineficaz. Mas muitas, senão a maioria, das ações e eventos que provocam ou geram nossos julgamentos não se enquadram na categoria de questões que podem ser assim avaliadas. Estamos rodeados, ou, melhor ainda, cercados por uma classe de pessoas – políticos e agentes do estado – que, dia a dia, executam e aplicam decisões que impactam e afetam sistematicamente nossa propriedade e conseqüentemente toda a nossa vida sem o nosso consentimento e até mesmo contra o nosso protesto explícito. Em suma: somos confrontados com uma elite de *governantes* em vez de, por outro lado, uma elite de *agentes*. E, confrontados com políticos e decisões políticas, nosso julgamento concerne à avaliação, na melhor das hipóteses, das segundas melhores opções. A questão não é de verdadeiro ou falso, certo ou errado, eficaz ou ineficaz. Ao contrário: dado que as decisões políticas são *per se* falsas, erradas e ineficazes, trata-se de saber qual dessas decisões é menos falsa, errada e eficaz e comparativamente mais próxima da verdade, do bem e do justo, e qual pessoa representa um mal menor ou maior. Tais questões não permitem uma resposta científica, porque respondê-las envolve a avaliação comparativa de inúmeras variáveis imensuráveis e incomensuráveis. E, em qualquer caso, fatos recentes descobertos sobre

## 1. Amadurecendo com Murray

desenvolvimentos passados ou futuros podem revelar como equivocado qualquer desses julgamentos. Mas a resposta também não é arbitrária. O que é verdadeiro, correto e eficaz é *dado* como pontos fixos, e razões baseadas em evidências lógicas ou empíricas devem ser fornecidas para posicionar os segundos-lugares em relação a esses pontos. Julgar em questões como essa é uma difícil *arte*, semelhantemente a como também o empreendedorismo não é uma ciência, mas uma arte. E, assim como algumas pessoas são boas no empreendedorismo e outras ruins, indicado pelos lucros ou prejuízos monetários, algumas pessoas são boas em julgar eventos políticos e agentes e outras ruins, ganhando ou perdendo em reputação como juízes sábios e prudentes.

Murray, é claro, não era infalível em seus julgamentos. Durante o final da década de 1960 e início dos anos 1970, por exemplo, ele julgou equivocadamente a posição antiguerra da *New Left* como mais baseada em princípios do que realmente era, algo que ele prontamente admitiu depois como um erro. E eu conheço pelo menos um caso bastante pessoal, onde o julgamento de Joey era melhor e mais correto do que o dele. Não obstante, no entanto, não encontrei ninguém com um julgamento mais sólido e ulteriormente correto do que Murray.

Com isso, quero ir à segunda maior lição que aprendi durante a minha longa associação com Murray. Enquanto a primeira lição de revisionismo diz respeito a questões de prática e método, a segunda diz respeito a questões existenciais.

Antes de conhecer Murray, eu sabia, é claro, que ele era um estranho radical em uma academia predominantemente esquerdista-progressista e eu esperava (e estava disposto a aceitar) que isso envolveria alguns sacrifícios, i.e., que alguém teria que pagar um preço por ser um rothbardiano, inclusive em termos de dinheiro. Mas eu fiquei bastante surpreso ao perceber quão alto era esse preço. Eu sabia que o *Brooklyn Polytechnic* não era uma universidade de prestígio, mas esperava que Murray ocupasse uma posição confortável e bem paga. Além disso, na época eu ainda via os EUA como um bastião e um baluarte de livre iniciativa, e conseqüentemente esperava que Murray, como o principal defensor intelectual do capitalismo e a antítese personificada de Marx, seria tido em alta estima, se não na academia, então certamente fora dela,

## 1. Amadurecendo com Murray

no mundo do comércio e dos negócios, e desse modo seria recompensado com um certo grau de riqueza.

Na realidade, na *Brooklyn Polytechnic* Murray ocupava um pequeno escritório sujo e sem janela, que ele tinha que compartilhar com um professor de história. Na Alemanha, mesmo os assistentes de pesquisa desfrutavam de um ambiente mais confortável, isso para não falar de professores titulares. Murray estava entre os professores titulares mais mal pagos da universidade. De fato, minha bolsa alemã da Fundação Nacional de Ciência na época – uma bolsa de estudo Heisenberg – acabou por ser consideravelmente maior do que o salário de universidade de Murray (algo que eu estava muito envergonhado para revelar a ele depois que eu descobri). E o apartamento de Murray em Manhattan, grande e cheio até o teto com livros, era escuro e decadente. Certamente nada como a cobertura que eu imaginava que ele tivesse. Essa situação melhorou significativamente com sua mudança, em 1986, aos 60 anos, para Las Vegas e a UNLV. Ao passo que meu salário diminuiu lá em comparação com a minha remuneração anterior, o de Murray aumentou bastante, mas ainda estava abaixo de 100 mil; ele podia comprar uma casa espaçosa mas espartana. Mesmo, no entanto, como titular de uma cadeira patrocinada na UNLV, Murray não tinha nenhum assistente de pesquisa ou uma secretária pessoal.

Ainda assim, Murray nunca se queixou ou mostrou qualquer amargura ou sinais de inveja, mas sempre prosseguia com alegria e avançava com seus escritos. Essa foi uma dura lição para eu aprender e ainda tenho dificuldades em segui-la às vezes.

A propósito, Joey e Murray me disseram uma vez às gargalhadas como, na época em que ainda namoravam, ambos esperavam que o outro fosse um bom partido. Joey, porque Murray era judeu, e Murray, porque Joey era gentia – apenas para descobrir que ambos estavam errados em suas expectativas.

Além disso, apesar de suas gigantescas conquistas como um defensor intelectual do capitalismo de livre mercado, Murray nunca ganhou nenhum prêmio, concurso ou honras por isso. Que não tenha ganhado um prêmio Nobel de Economia não foi surpreendente, é claro. Afinal, o grande Mises também não ganhou. Mas, só nos Estados

## 1. Amadurecendo com Murray

Unidos, existiam dezenas de instituições – *think tanks*, fundações, associações empresariais, centros de pesquisa e universidades – que professavam sua dedicação ao livre mercado e à liberdade, e nenhuma delas jamais concedeu a Murray nenhum prêmio significativo ou honorário, enquanto ao mesmo tempo cobriam com dinheiro e prêmios indivíduos que fizeram pouco mais do que sugerir – “ousadamente” – algumas reformas incrementais, como reduzir a taxa de imposto marginal de 35% para 30% ou reduzir o orçamento da EPA em alguns pontos percentuais, ou quem simplesmente expressou seu “amor pessoal” pela “liberdade” e “livre iniciativa” muitas vezes, alto e enfaticamente o bastante.

Nada disso perturbou Murray nem um pouco. Na verdade, ele não esperava nada mais do que isso, por razões que eu ainda haveria de descobrir.

O que Murray percebeu e eu ainda tinha que descobrir era que a rejeição e a oposição mais vociferante e feroz ao austrolibertarianismo não viria da esquerda socialista tradicional, mas sim desses autoproclamados grupos “antissocialistas”, “governo limitado”, “estado mínimo”, “pró-iniciativa privada” e “pró-liberdade” e seus porta-vozes intelectuais e, acima de tudo, o que se tornou conhecido como libertários *Beltway*. Eles simplesmente não podiam digerir o fato de Murray ter demonstrado por simples lógica que suas doutrinas não passavam de uma armadilha intelectual inconsistente, e que eles eram todos, usando o veredicto de Mises face a Milton Friedman e seu grupo, um “bando de socialistas”<sup>8</sup> também, apesar de seus protestos veementes em contrário. Pois, como Murray argumentou, uma vez que você admita a existência de um estado, qualquer estado, definido como um monopolista territorial da decisão final em todos os casos de conflito, incluindo conflitos envolvendo o próprio estado, então toda propriedade privada foi *efetivamente* abolida (mesmo que existisse nominalmente enquanto concessão do

---

<sup>8</sup> Veja Jörg Guido Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007), p. 871.

## 1. Amadurecendo com Murray

estado) e substituída por um sistema de propriedade “coletiva” ou, melhor dizendo, estatal. O estado, qualquer estado, *significa* socialismo, definido como “propriedade coletiva dos meios de produção”<sup>9</sup>. A instituição de um estado é praxeologicamente incompatível com a propriedade privada e a iniciativa baseada na propriedade privada. É a própria antítese da propriedade privada e qualquer proponente da propriedade privada e da iniciativa privada deve, por isso, como uma questão de lógica, ser um *anarquista*. Em relação a isso, como em outros casos, Murray não estava disposto a ceder; era “intransigente”, como diriam seus detratores. Porque em questões de teoria e de pensamento, fazer concessões é inadmissível. Na vida cotidiana, é claro, a concessão é uma característica permanente e onipresente. Mas, em questões teóricas, a concessão é o pecado supremo, algo a não se fazer nunca. Não é permitido, por exemplo,

---

<sup>9</sup> Como já escrevi em outros lugares, "socialismo... deve ser conceituado como uma interferência institucionalizada ou agressão contra propriedade privada e reivindicações de propriedade privada. O capitalismo, por outro lado, é um sistema social baseado no reconhecimento explícito da propriedade privada e de trocas contratuais não agressivas entre proprietários privados.... **Todas as sociedades existentes são socialistas em certa medida.** ... [A] questão sobre os fundamentos sociopsicológicos do socialismo é idêntica à dos fundamentos de um estado; se não houvessem instituições impondo as ideias socialistas sobre a propriedade, **não haveria espaço para um estado, pois um estado não é nada mais do que uma instituição erigida com impostos e uma não-solicitada interferência não-contratual no destino que os privados podem dar ao uso de sua propriedade natural. Não pode haver socialismo sem um estado, e na medida em que há um estado, há socialismo.** Portanto, o estado é a própria instituição que coloca o socialismo para funcionar. E como o socialismo se assenta na violência agressiva dirigida contra vítimas inocentes, a **violência agressiva é a natureza de qualquer estado.**" Hans-Hermann Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013), cap. 1, 2 e 8; ênfase em negrito adicionada.

## 1. Amadurecendo com Murray

conceder entre as duas proposições incompatíveis  $1 + 1 = 2$  e  $1 + 1 = 3$  e aceitar que é 2,5. A proposição é verdadeira ou falsa. Não pode haver “encontro no meio” entre a verdade e a falsidade.

Aqui, em relação ao radicalismo intransigente de Murray, uma pequena anedota contada por Ralph Raico parece apropriada:

Murray era uma pessoa especial. Eu reconheci esse fato na primeira noite em que o conheci. Foi depois do seminário de Mises; um amigo meu e eu fomos convidados a participar, e depois Murray sugeriu que tomássemos café e conversássemos. Meu amigo e eu ficamos deslumbrados com o grande Mises, e Murray, naturalmente, ficou satisfeito ao ver nosso entusiasmo. Ele nos assegurou que Mises era pelo menos o maior economista do século, se não de toda a história do pensamento econômico. No entanto, a respeito da política, disse Murray, baixando a voz de maneira conspiratória: “Bem, quando se trata de política, alguns consideram Mises como membro da esquerda não comunista”. Sim, era fácil ver que havíamos conhecido alguém muito especial.<sup>10</sup>

Ao contrário de Murray, muitos indivíduos que aprenderam tudo o que sabiam sobre ele do seu *Man, Economy, and State*<sup>11</sup> estavam dispostos a fazer concessões e foram ricamente recompensados por sua “flexibilidade” e “tolerância” intelectuais. Mas esse não era Murray! E, conseqüentemente, ele foi (e ainda é) ignorado, excluído ou denunciado pelos chefes da “indústria-de-livre-mercado-e-governo-limitado”. Ele foi

---

<sup>10</sup> Ralph Raico, Obituário de Rothbard, em *Murray N. Rothbard: In Memoriam*, p. 3.

<sup>11</sup> Murray N. Rothbard, *Man, Economy, and State, with Power and Market*, segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009).

## 1. Amadurecendo com Murray

essencialmente deixado sem qualquer apoio institucional, como um lutador solitário, até a chegada de Lew Rockwell e do *Mises Institute*.

Experimentei essa rothbardfobia em segunda mão, se quer saber. Pois logo que circulou a notícia de que o novo alemão que chegara era um amiguinho de Murray e também parecia ser bastante “intransigente”, eu me vi imediatamente colocado nas mesmas listas negras que ele. Assim, eu tive que aprender rapidamente uma primeira lição importante da vida real do que significa ser um rothbardiano.

Outra lição foi sobre humildade. Murray tinha uma enorme biblioteca, tinha lido e digerido uma enorme quantidade de literatura e era, conseqüentemente, um homem humilde. Ele sempre se mostrou relutante e altamente cético em assumir ou reconhecer qualquer reivindicação de “originalidade”. Afirmações de “originalidade” – ele sabia – são feitas com mais frequência por pessoas com minúsculas bibliotecas e pouca leitura. Em um contraste distinto, Murray foi altamente generoso ao dar crédito aos outros. E ele foi igualmente generoso em dar conselhos a qualquer pessoa que pedisse. Na verdade, em quase qualquer assunto concebível, ele estava preparado na ponta da língua para lhe fornecer prontamente uma extensa bibliografia. Além disso, ele encorajava qualquer sinal de produtividade, mesmo entre os alunos mais inferiores.

Embora eu sempre tenha tentado seguir esse exemplo, não conseguiria chegar tão longe quanto Murray. Porque eu pensei e ainda penso que sua humildade era excessiva, quase como um defeito. Seus estudantes do *Brooklyn Polytechnic*, por exemplo, na maioria graduandos em engenharia (ou, como Murray descrevia os estudantes de Mises na NYU, “graduandos em empacotamento”), não tinham ideia de quem ele era, porque ele nunca mencionava suas próprias obras. Eles ficaram genuinamente surpresos ao descobrir *de mim* quem era seu alegre professor quando o substituí enquanto ele estava fora da cidade. E na UNLV a situação não era muito diferente. Enquanto eu o promovia ativamente como seu agente de relações públicas não oficial, Murray continuava em sua autodepreciação. Embora ele tenha escrito sobre quase todos os assuntos imagináveis nas ciências sociais, quando ele sugeria ou atribuía a bibliografia do semestre a seus alunos, ele não mencionava seus

## 1. Amadurecendo com Murray

próprios escritos relacionados, exceto, se fosse o caso, como uma espécie de reflexão posterior ou mediante solicitação específica.

No entanto, a extrema modéstia de Murray também teve outro efeito infeliz. Quando nos mudamos para Las Vegas em 1986, esperávamos transformar a UNLV em um bastião da economia austríaca. Na época, a equipe de basquete da UNLV, o *Runnin' Rebels*, sob o treinador Jerry Tarkanian, era uma potência nacional, sempre um pouco escandalosa, mas impossível de ignorar. Esperávamos nos tornar os *Runnin' Rebels* da economia na UNLV. Vários estudantes se transferiram e se matricularam na universidade antecipando tal desenvolvimento. Mas essas esperanças foram rapidamente decepcionadas. Logo na nossa chegada à UNLV, a composição do departamento de economia mudou significativamente e, em seguida, a regra da maioria – a democracia – se estabeleceu. Para equilibrar a influência austríaca, apenas um ano depois, a maioria do departamento decidiu, contra nossa oposição, contratar um marxista zê-ninguém. Implorei a Murray que usasse sua posição e reputação para interferir com os superiores da universidade e evitar essa nomeação. Com exceção de Jerry Tarkanian, Murray foi a única pessoa nacionalmente reconhecida na UNLV. Ele ocupava a única cadeira patrocinada da universidade. Conhecíamos socialmente o reitor e o diretor da universidade e estávamos em termos cordiais com ambos. Consequentemente, eu acreditava que havia uma chance realista de reverter a decisão do departamento. Mas não consegui convencer Murray de seus próprios poderes.

Após essa oportunidade perdida, as coisas pioraram. O departamento continuou a contratar qualquer um que não fosse austríaco ou simpatizante. Nossos alunos foram maltratados e discriminados. O departamento e o reitor da faculdade de administração me negaram estabilidade (decisão que foi anulada pelo diretor e reitor da universidade, principalmente por causa dos enormes protestos de estudantes e da intervenção de vários doadores da universidade). O diretor do departamento escreveu uma avaliação anual deplorável, suja e ultrajante da performance de Murray como professor (pela qual a administração da universidade forçou o diretor a se demitir de sua posição). Como consequência, uma segunda chance de virar o jogo surgiu para nós. Planos foram desenvolvidos e discutidos com o diretor para dividir o

## 1. Amadurecendo com Murray

departamento e estabelecer um departamento de economia separado da Faculdade de Artes Liberais. Desta vez, Murray se envolveu. Mas o impulso inicial em nossa vantagem logo se perdeu, e depois dos primeiros sinais de resistência Murray rapidamente retrocedeu e desistiu. Ele não estava disposto a lutar e nosso projeto secessionista logo definhou em derrota.

Apenas para finalizar rapidamente nossa saga na UNLV: após a morte de Murray em 1995, continuei trabalhando na UNLV por mais uma década em um ambiente cada vez mais hostil. A administração da universidade, uma vez protetora, havia mudado, e eu me senti cada vez mais desvalorizado e deslocado. Mesmo a minha grande popularidade entre os estudantes foi usada contra mim, como prova do “perigo” que emanava dos meus ensinamentos. Em 2004, viria a ser envolvido num escândalo. Em uma palestra, eu sugeri hipoteticamente que homossexuais, em média, e devido à sua característica falta de filhos, tinham um grau de preferência temporal relativamente maior (i.e., de orientação para o presente). Um aluno bebê-chorão reclamou e o comissário de ação afirmativa da universidade, como se já tivesse esperando essa oportunidade, imediatamente iniciou processos oficiais contra mim, ameaçando severas medidas punitivas se eu não fosse me retratar publicamente e pedir desculpas. “Intransigente” como eu era, recusei-me a fazê-lo. E estou certo de que foi apenas essa minha firme recusa em implorar por perdão que, após um ano inteiro de assédio administrativo, me permitiu sair vitorioso dessa batalha contra a polícia do pensamento, e a administração da universidade sofreu uma derrota constrangedora.<sup>12</sup> Um ano depois, renunciei à minha posição e deixei a UNLV e os EUA definitivamente.

Voltando a Murray: naturalmente, eu estava desapontado com os desenvolvimentos na UNLV. Mas eles não tiveram o menor efeito sobre a

---

<sup>12</sup> Veja Hans-Hermann Hoppe, “Minha batalha contra a polícia do pensamento”, *Mises Daily* (12 de abril de 2005).

## 1. Amadurecendo com Murray

nossa cooperação contínua. Talvez Murray estivesse certo e tenha sido mais realista o tempo todo, e era eu que sofria de otimismo juvenil. Em todo caso, havia mais uma lição importante sobre o quadro geral das coisas que eu ainda precisava aprender.

Enquanto a maioria das pessoas tende a se tornar mais suave e mais “tolerante” em seus pontos de vista à medida que envelhecem, Murray tornou-se cada vez mais radical e menos tolerante ao longo do tempo. Não em suas relações pessoais, como já enfatizei. A este respeito, Murray foi e permaneceu até o fim um “fofo”; mas não em seus discursos e escritos. Essa radicalização e crescente “intransigência” veio em resposta a desenvolvimentos no mundo da política dos EUA em geral e, em particular, na indústria do “livre mercado de governo limitado” e entre os chamados libertários em torno do Beltway de Washington, DC. Lá, em todos os lugares, um movimento lento mas sistemático para a esquerda podia ser observado. Um movimento que desde então, até hoje, só ganhou mais em impulso e cresceu em força. Constantemente, novos “direitos” foram “descobertos” e adotados em particular também pelos chamados libertários. “Direitos humanos” e “direitos civis”, “direitos das mulheres” e “direitos dos homossexuais”, o “direito” de não ser discriminado, o “direito” à imigração livre e irrestrita, o “direito” a um almoço grátis e serviço gratuito de saúde e o “direito” de ser livre de discurso e pensamentos desagradáveis. Murray demoliu toda essa conversa supostamente “humanitária” ou, para usar um termo alemão, esta conversa “*Gutmenschen*” como lixo intelectual ao demonstrar que nenhum desses supostos “direitos” era compatível com os direitos de propriedade privada. E, como libertários – acima de todas as pessoas – devem saber, apenas os direitos de propriedade privada, i.e., o direito de cada pessoa à propriedade sobre seu corpo físico e todos os objetos externos justamente (pacificamente) adquiridos por ele, podem ser defendidos argumentativamente como direitos humanos universais, compatíveis e possíveis.<sup>13</sup> Murray

---

<sup>13</sup> Veja Hillel Steiner, “The Structure of a Set of Compossible Rights”, *The Journal of Philosophy* 74, n° 12 (dez. de 1977): 767–775;

## 1. Amadurecendo com Murray

demonstrou vez após outra que todos – exceto os direitos de propriedade privada – são direitos falsos e não universalizáveis. Toda reivindicação de “direitos humanos” que não sejam direitos de propriedade privada é, em última análise, motivado pelo igualitarismo e, como tal, representa uma revolta contra a natureza humana.<sup>14</sup>

Além disso, Murray avançou ainda mais para a direita – de acordo com o ditado de Erik von Kuehnelt-Leddihn de que “a direita é reta” – ao apontar que, para estabelecer, manter e defender uma ordem social libertária, é necessário mais do que a mera adesão ao princípio da não agressão. O ideal dos libertários de esquerda ou “modais”, como Murray se referia a eles, de “viva e deixe viver, contanto que você não agrida qualquer outra pessoa”, que parece tão atraente aos adolescentes em rebelião contra a autoridade parental e qualquer convenção e controle social, pode ser suficiente para pessoas vivendo longe umas das outras e lidando e negociando entre si apenas de maneira indireta e de longe.<sup>15</sup> Mas é decididamente insuficiente quando se trata de pessoas que vivem em proximidade umas com as outras, como vizinhos e coabitantes da mesma comunidade. A convivência pacífica dos vizinhos e das pessoas em contato direto regular entre si em algum território requer também uma comunidade cultural: de linguagem, de religião, de costume e de convenção. Pode haver coexistência pacífica de culturas diferentes em territórios distantes, separados fisicamente, mas multiculturalismo e

---

Billy Christmas, “A Reformulation of the Structure of a Set of Compossible Rights”, *The Philosophical Quarterly* 69 (2019): 221–234.

<sup>14</sup> Como indica o próprio título de um dos grandes ensaios de Rothbard. Veja Murray N. Rothbard, *Igualitarismo como uma Revolta contra a Natureza & Outros Ensaaios*, R.A. Childs, Jr., ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000).

<sup>15</sup> Sobre libertários “modais”, veja várias menções em Murray N. Rothbard, *The Irrepressible Rothbard: The Rothbard-Rockwell Report Essays of Murray N. Rothbard* (Center for Libertarian Studies, 2000). Veja também Hoppe, “Libertarianismo e a Alt-Right”, discutindo “libertários Liberallala”.

## 1. Amadurecendo com Murray

heterogeneidade cultural não podem existir em um mesmo lugar e território sem levar à diminuição da confiança social, crescente conflito e, finalmente, destruição de qualquer coisa que lembre uma ordem social libertária.

Se Murray tinha sido ignorado, negligenciado ou ressentido antes pelos suspeitos usuais, agora, com esta posição contra tudo considerado “politicamente correto”, ele foi vilipendiado e recebido com ódio descarado. A liturgia agora familiar de termos denunciatórios se seguiu: Murray era um reacionário, um racista, um sexista, um autoritário, um elitista, um xenófobo, um fascista e, melhor ainda, um judeu nazista que odiava a si mesmo.

Murray deu de ombros a tudo isso. Na verdade, ele riu. E, de fato, para a consternação do “bando de difamadores”, como Murray se referiu à frente popular unida de seus detratores “antifascistas”, sua influência só cresceu e continuou a crescer ainda mais desde sua morte. Pode não ser amplamente reconhecido, mas sem Murray não haveria Ron Paul como o conhecemos – e eu digo isso sem querer de forma alguma diminuir ou menosprezar o papel pessoal de Ron Paul e suas realizações extraordinárias. Não haveria o movimento Ron Paul, e não haveria agenda popular ou, como o “bando de difamadores” prefere dizer, nenhuma agenda libertária “populista”.

Quanto a mim, meus próprios pontos de vista se radicalizaram também, juntamente com os de Murray. O meu livro *Democracia – o deus que falhou* foi a primeira documentação importante deste desenvolvimento intelectual, e minha intolerância radical em relação a qualquer coisa libertária de esquerda e “politicamente correta” ainda vem crescendo desde então. Quase não preciso dizer que eu também recebi os títulos honorários, e até outros, que Murray havia recebido do “bando de difamadores” (com exceção do de judeu que se odeia). No entanto, eu aprendi a dar de ombros, como tinha visto Murray fazer e como Ralph Raico sempre incentivou e continuou a me aconselhar que eu fizesse. Além disso, lembrar-se de um ditado alemão popular me ajudou: “*viel Feind, viel Ehr*” [Quanto maior o perigo, maior a honra]. E, de fato, o sucesso contínuo do meu salão de conferência anual da *Property and Freedom Society*, agora no seu 12º ano, realizado e conduzido no

## 1. Amadurecendo com Murray

autêntico espírito rothbardiano, tem demonstrado o completo fracasso de todas as campanhas de difamação dirigidas a mim. Se conseguiram qualquer coisa, eles ajudaram e não me impediram de atrair um círculo cada vez maior de amigos intelectuais, afiliados e apoiadores.

Devo acrescentar que, durante a última década, sob a orientação sábia e rigorosa da minha adorável esposa, Gülçin, também fiz grandes progressos ao combinar o radicalismo intelectual intransigente com a amabilidade pessoal, ainda que a natureza e a disposição natural tenham me impedido de chegar a qualquer lugar perto de Murray a este respeito.

Eu disse aqui muito pouco sobre Lew, e sinceramente me desculpo. Mas devo dizer isto: Lew, além de Murray, tem sido uma das pessoas mais importantes ao ajudar a tornar-me o homem que sou hoje. E para Murray, que, tenho certeza, está nos observando hoje de cima, eu digo: obrigado, Murray, você é meu herói, “não veremos outra pessoa assim jamais”, e espero que você esteja feliz com seu aluno. Sempre sentia grande alegria quando você falava “o grande Hans, Attaboy”, e mesmo que não possa ouvi-lo hoje, nada me daria maior prazer do que se você o dissesse novamente agora, onde os reis dos pensamentos estão reunidos.



## 2. A última palestra

Jeffrey F. Barr<sup>1</sup>

Em meados de 1994, e com uma mistura de apreensão e aquela arrogância intelectual única dos estudantes de pós-graduação, me matriculei formalmente em ECON 742, História do Pensamento Econômico de Murray Rothbard. (O currículo é reproduzido no Apêndice.)

Achei que finalmente estava pronto. Nos cinco anos anteriores eu me havia imerso em Economia Austríaca na UNLV. Eu completei todas as aulas ministradas por Hans-Hermann Hoppe.<sup>2</sup> Eu era presença

---

<sup>1</sup> Jeffrey F. Barr trabalha como advogado em Las Vegas, Nevada. Ele estudou com Murray Rothbard e Hans Herman-Hoppe no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Veja também as reminiscências anteriores de Jeff sobre Rothbard em Douglas E. French et al., “Murray Rothbard como Professor: Os Anos da UNLV — Um Painel com Ex-Alunos de Rothbard”, *Austrian Economics Research Conference 2023*, Auburn, Alabama, Mises Institute (7 de outubro de 2017), disponível em Stephan Kinsella, “PFP252 | Bônus: Murray Rothbard como Professor: Os Anos da UNLV — Um Painel com Ex-Alunos de Rothbard (AERC2023)”, *Property and Freedom Podcast* (2 de outubro de 2023). Veja também o capítulo de Lee Iglody neste volume, “O homem do outro lado da sala: meu tempo com o professor Rothbard”, “Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração”, de Doug French, e “Amadurecendo com Murray”, de Hans Hoppe.

<sup>2</sup> Para minhas homenagens anteriores a Hoppe, veja minhas contribuições em seus dois *festschriften*: “O reconhecimento de um aluno ao

## 2. A última palestra

constante nas sessões informais semanais de estudo de Hoppe (realizadas em um bar decadente com cerveja barata). Frequentei aulas com professores que eram pelo menos simpáticos à Escola Austríaca. Eu ocasionalmente assistia a algumas palestras de Rothbard e participei de alguns de seus grupos de estudo (realizados em uma lanchonete um pouco mais sofisticada do outro lado do *campus*). Li Menger, Mises, Hoppe e Rothbard – todos os itens austríacos que a Biblioteca da UNLV possuía. Mas eu ainda não havia me matriculado formalmente em uma aula ministrada pelo próprio Rothbard, porque, até aquele momento, eu tinha medo.

Eu temia ser formalmente avaliado pela lenda libertária Murray Rothbard. Rothbard era um Golias intelectual na minha opinião. Sua escrita era mais acessível do que a de Menger, Mises ou até mesmo Hoppe, e a prosa afiada e clara de Rothbard ajudou a formar a visão de mundo que ainda mantenho até hoje. E as notas de rodapé – como eu me deleitava com a erudição das notas de rodapé de Rothbard! Minha apreensão só aumentou quando meu orientador acadêmico olhou para minha agenda proposta e comentou de forma superficial: “Rothbard... os alunos dizem que as aulas dele são difíceis”.

Com uma expectativa nervosa, tomei meu lugar na sala de seminários em estilo estádio, que comportava cerca de 30 pessoas. Cerca de vinte alunos também se sentaram, mas apenas alguns poucos realmente se matricularam. Estudantes não matriculados, com o incentivo de Rothbard, frequentemente apareciam para as palestras de Rothbard. Murray entrava em todas as salas com uma pastinha debaixo do braço. É mais correto dizer que ele entrava se arrastando. O andar de Rothbard

---

professor Hoppe”, em *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), e “Principled”, *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024).

## 2. A última palestra

sempre me pareceu um tanto hesitante, mas com propósito. Era um homem pequeno, careca e grisalho, com óculos grossos. Ele usava calças chino elegantes, mas casuais, com uma camisa de manga curta abotoada. Ele se ajeitou atrás de um púlpito sobre uma mesa e sentou-se em uma cadeira alta, tipo banquinho, com um quadro negro nas costas.

Rothbard abriu a pastinha e então distribuiu o programa.

O programa era uma obra de poesia e ironia.

As primeiras coisas a notar são os horários da aula e do atendimento de Rothbard – fim da tarde e início da noite. Murray era um notório noctívago, e os horários das aulas refletem essa inclinação.

O próximo ponto que me chamou atenção foi a enorme variedade e profundidade dos temas. Como íamos cobrir tanto material em 16 semanas? Não iríamos.

A escolha dos livros didáticos de Rothbard também era excêntrica. Ele observava: "Não há um livro didático totalmente satisfatório na história do pensamento econômico". Mal sabíamos que, quando Rothbard abria sua pastinha no início da aula, ele estava dando palestras a partir de anotações ou de um manuscrito de sua obra-prima, *História do Pensamento Econômico*, que seria publicada postumamente logo após sua morte.<sup>3</sup>

Bem moderadamente, Rothbard então comenta: "As aulas teóricas são o material central do curso".

As aulas eram certamente o material central do curso.

---

<sup>3</sup> Veja Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006). Veja também Stephan Kinsella, "Volume 3 da História do Pensamento Econômico de Rothbard", *StephanKinsella.com* (1º de setembro de 2009).

## 2. A última palestra

Como palestrante, a cadência de Rothbard era assertiva, confiante e autoritária. Sua apresentação refletia uma paixão irrestrita pelos princípios libertários. Ele desafiava seus alunos e incentivava suas perguntas.

Assim como seus escritos, as palestras de Rothbard mantinham uma postura consistente contra o estado e as ideologias coletivistas. Suas discussões sobre história econômica estavam profundamente entrelaçadas com sua filosofia política. Ele nunca vacilou em suas convicções, frequentemente acrescentando comentários pessoais ao tema.

Rothbard, no entanto, não era um professor universitário tradicional. Ele claramente não era o professor que regurgitava o material em partes gerenciáveis para alimentar alunos entediados. Em vez disso, Rothbard começava a ensinar a partir de sua pastinha sobre o tema daquela sessão em particular, daí um aluno fazia uma pergunta, ou um evento recente despertava seu interesse, ou um assunto despertava uma anedota específica. Rothbard inevitavelmente se desviaria do tema da aula em algo que só pode ser descrito como uma maravilhosa, esplendida divagação. As divagações não eram desabafos incoerentes ou diatribes. Em vez disso, refletindo a força de seu pensamento e a paixão de sua convicção, Rothbard apresentava um monólogo coerente, bem fundamentado e de improviso, completado com citações dos autores em que pensava. Ele dizia coisas como: “Se quiser ler mais sobre esse assunto, um livro saiu há uns dez anos escrito por fulano...”. Eu costumava escrever essas citações nas margens das minhas anotações para consultar depois.

Como eu amava os magníficos desvios pelas tangentes de Rothbard! Eu aguardava ansiosamente por eles em todas as aulas. Percebi, ao preparar este ensaio, que os desvios tangenciais de Rothbard eram o equivalente verbal das suas notas de rodapé! A mesma erudição que permeava suas notas de rodapé também informava seus desvios.

O tom ousado, confiante e assertivo das palestras de Rothbard contrastava fortemente com o homem que as proferia. Murray era tímido e reservado ao andar pelos corredores. Sua voz era nasal, e subia uma ou duas oitavas quando ele queria enfatizar um ponto específico. Ele tinha um humor afiado, um senso de humor tremendo e adorava zombar

## 2. A última palestra

daquele político, daquele economista ou daquele filósofo. Ele grasnava um pouco quando ria.

A turma nunca conseguiu passar por todos os tópicos do currículo de Rothbard. Provavelmente conseguimos passar pelo J.-B. Say. Foi uma pena, porque eu realmente aguardava ansiosamente a destruição formal de Marx por Rothbard, em grande parte porque Rothbard nunca perdia uma oportunidade em seus desvios de criticar Marx e os marxistas de forma desdenhosa e alegre.

No final do semestre, entreguei meu trabalho de graduação e fiz o exame, convencido de que não deslumbrei o grande Rothbard com meu brilhantismo. Tirei uma nota razoável. Mas tenho certeza de que não o deixei deslumbrado – Rothbard também era notoriamente um avaliador generoso. “Tudo bem”, disse a mim mesmo, “haverá outra oportunidade no semestre da primavera com História Econômica dos EUA.”

Mas essa oportunidade nunca veio. Em janeiro de 1995, recebi uma ligação do secretário do Departamento de Economia informando que Rothbard havia falecido. Não haveria outra oportunidade. Após o choque inicial, percebi que era um homem muito sortudo: participei da última aula que Murray Rothbard já ministrou.



# 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

Thomas J. DiLorenzo<sup>1</sup>

Descobri Murray Rothbard e seus escritos enquanto estava na pós-graduação, mas meu primeiro encontro pessoal com ele em um ambiente acadêmico foi em uma das primeiras conferências do Mises Institute no College of William and Mary, em 1991. Eu havia preparado um artigo para apresentar sobre a recém-promulgada Lei dos Americanos com Deficiências de 1990 (“Handicapping the Handicapped: The Americans With Disabilities Act”), no qual discuti vários efeitos de incentivo que provavelmente ocorreriam: o efeito de deslocamento de esforços privados de longa data para ajudar os “deficientes” (como todos os programas governamentais fazem em algum grau); a explosão iminente nas definições de “deficiente” por burocratas que constroem verdadeiros impérios nessa recém-criada burocracia federal; a iminente proliferação de processos judiciais que isso criaria; as montanhas de regulamentos que inevitavelmente seriam criados; e a negação implícita da lei de que empresas com lucro têm incentivos para acomodar seus valiosos e qualificados funcionários com deficiência (como um contador ou um professor

---

<sup>1</sup> Dr. Thomas J. DiLorenzo, membro fundador da PFS, foi professor universitário de economia por quarenta e um anos, incluindo vinte e oito anos na Loyola University Maryland, e atuou como presidente do Ludwig von Mises Institute (2023–2025). Em 2012, ele recebeu o Prêmio George F. Koether de Escrita de Mercado Livre.

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

de economia em cadeira de rodas). Questionei se a lei ajudaria ou prejudicaria as pessoas com deficiência.

Eu havia dedicado muito esforço e muitas horas de trabalho naquele artigo. Um dos motivos para isso é que eu sabia que o apresentaria na frente de Murray Rothbard. De fato, Murray sentou-se bem do outro lado da minha mesa durante minha apresentação, na qual enumerei todos os prováveis riscos morais e outros efeitos de incentivo da lei. Pouco antes da apresentação, mais um possível efeito surgiu na minha cabeça enquanto eu revisava o artigo, mas não mencionei durante a apresentação. Quando terminei, Murray foi o primeiro a falar e perguntou exatamente sobre isso – a única coisa que deixei de fora. Isso pode parecer trivial, mas me impressionou quão rápida e brilhante era a mente econômica que Murray tinha.

Murray foi um brilhante estudioso *interdisciplinar*, exatamente o oposto do que a grande maioria dos figurões da profissão econômica “*mainstream*” era na época e é hoje. Na minha primeira aula de pós-graduação em microeconomia no Instituto Politécnico da Virgínia, em setembro de 1976, ministrada pelo professor Richard Wagner, usando o *Ação Humana* de Mises e o *Price Theory* de Milton Friedman como os dois principais livros didáticos, o professor Wagner leu um trecho de Mises sobre o que um economista profissional deveria ser idealmente. Ele deveria ser completamente erudito em teoria econômica, claro, mas também em história, filosofia política, filosofia da ciência, estatística, sociologia e outras áreas. O próprio Mises certamente se qualificava assim, como todos que leram *Ação Humana* sabem, e eu colocaria Murray Rothbard logo atrás do próprio Mises nesse aspecto.

Isso ficou imediatamente óbvio para mim ao ouvir a palestra de Murray naquela conferência do College of William and Mary e também por vários anos ministrando aulas na Mises University, que, nos primeiros anos, eram realizadas em lugares como Stanford University, Claremont College e em Auburn. Isso me convenceu de que eu deveria me esforçar ao máximo para conduzir meu próprio programa de pesquisa (e ensinar) da mesma forma que pudesse (nunca me iludindo de que poderia chegar nem perto do nível rothbardiano de gênio!).

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

Murray amava seu trabalho e adorava lutar contra o estado, apesar de ser gravemente discriminado pelo meio acadêmico por isso. Os “historiadores da corte” da academia o temiam. Pode-se argumentar que ele até superou Mises em suas realizações: publicou artigos acadêmicos inovadores, um tratado (*Homem, Economia e Estado*) ainda muito jovem, uma história em vários volumes da Era Colonial Americana, uma história da moeda e do sistema bancário nos EUA, um livro sobre a praga do “Progressismo”, um famoso manifesto libertário, muitos outros livros e monografias, e centenas (ou milhares) de artigos em inúmeras publicações. Até resenhas de filmes! Tudo isso além de sua carreira universitária.

Murray não era um burocrata acadêmico titular, que não agitava o barco, contando os dias até a aposentadoria como tantos outros. Ele nunca evitou criticar o *establishment* político que desprezava (como todos os bons cidadãos deveriam desprezar) em seus escritos e discursos populares. Ele jamais poderia ter sido chefe de departamento de economia em nenhum lugar, exceto talvez no Grove City College, na Pensilvânia. Essas pessoas são consideradas parte da administração universitária e, como tal, geralmente ficam caladas sobre o estado criminoso que financia parte ou toda a faculdade e universidade americana (exceto Grove City, Hillsdale College e algumas outras). Se não, eles não vão durar muito nessas posições. (Como o ensino superior nos Estados Unidos é quase inteiramente uma empresa socialista financiada pelo governo, muitos chefes de departamento ocupam essas posições não por sua produtividade ou reputação, mas porque o cargo é um depósito para aqueles que são medíocres ou fracassam em pesquisa, em ensino, ou em ambos).

Em nítido contraste com esse tipo de animal acadêmico burocrático, Murray cofundou o boletim impresso antiguerra/antiestado

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

*Rothbard-Rockwell Report*, que na era digital tornou-se o LewRockwell.com.<sup>2</sup> Ele escreveu artigos, panfletos e livros sobre estratégia libertária e falou incessantemente sobre isso.

*Homem, Economia e Estado* é considerado por muitos uma versão mais legível de *Ação Humana*. Ainda é baixado em *mises.org* mais de 50.000 vezes por mês em alguns meses. De todas as grandes contribuições intelectuais de Murray para a ciência econômica, uma das minhas favoritas, senão a favorita, é um artigo de 41 páginas intitulado “Reconstruindo a Economia de Bem-estar e de Utilidade”, publicado em 1956, aos 30 anos.<sup>3</sup> Sem entrar muito em detalhes internos aqui, neste artigo Murray basicamente demoliu todo o edifício da chamada economia do bem-estar social, um elaborado sistema teórico usado por décadas para “justificar” intervenções econômicas estatistas enquanto fingia ser “imparcial” e “científico”. Tudo se baseava na noção de intervencionismo “maximizando o bem-estar social”. Murray demonstrou que tal coisa não existe nem pode existir. No entanto, é a base para milhares de publicações na literatura econômica sobre “falha de mercado”. (Curiosamente, o uso desse corpo de teorias para avaliar o desempenho do *governo* e falhas governamentais estão quase completamente ausentes da literatura de economia, com exceção da literatura da teoria da escolha pública.)

Em essência, Murray provou com eloquência e brilhantismo o que meu antigo professor de pós-graduação, Dr. Nicolaus Tideman, disse: que a economia do bem-estar social era um elaborado aparato teórico projetado para “aliviar a consciência” de acadêmicos de esquerda

---

<sup>2</sup> Suas próprias contribuições nesse boletim estão reunidas em Murray N. Rothbard, *The Irrepressible Rothbard: The Rothbard-Rockwell Report Essays of Murray N. Rothbard* (Center for Libertarian Studies, 2000).

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, “Reconstruindo a Economia de Bem-estar e de Utilidade”, em idem, *Economic Controversies* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011).

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

que defendem o uso da coerção estatal para forçar seus concidadãos a viverem como eles, os acadêmicos, acham que deveriam viver suas vidas. Parece meio comunista, não acha? (Um dos pais fundadores da “nova economia do bem-estar”, aliás, foi o orgulhoso comunista polonês Oscar Lange, autor da absurdamente oximorônica frase “socialismo de mercado” e crítico de Mises durante o debate do cálculo socialista.<sup>4</sup> O governo comunista da Polônia renomeou sua universidade em homenagem a ele em 1974.)

Uma das últimas apresentações públicas de Murray foi um discurso intitulado “Duas Guerras Justas: 1776 e 1861”, proferido em uma conferência *Os Custos da Guerra* do Mises Institute, em maio de 1994, menos de oito meses antes de sua morte. Não surpreenderia ninguém familiarizado com meus próprios escritos que este seja meu discurso favorito de Rothbard falando a verdade ao poder (publicado online e em *The Costs of War*, editado por John Denson).<sup>5</sup> É um exemplo maravilhoso do vasto conhecimento enciclopédico de Murray em economia, história e filosofia, e de sua capacidade de explicar em linguagem clara para um público geral alguns temas históricos muito complexos, tudo isso a serviço da causa da liberdade.

Ele começa citando a teoria da guerra justa de São Tomás de Aquino, que basicamente diz que uma guerra justa é aquela travada contra pessoas que querem coagir, saquear e dominar, ou que coagiram, saquearam e dominaram outro grupo. Uma guerra injusta é aquela que faz o oposto e favorece os dominadores e saqueadores. Nesse sentido, disse Rothbard, as únicas duas guerras justas na história americana

---

<sup>4</sup> Veja os recursos coletados em Stephan Kinsella, “The Great Mises-Hayek Dehomogenization/Economic Calculation Debate”, *Stephan-Kinsella.com* (8 de fevereiro de 2016).

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, “As Duas Guerras Justas da América: 1775 e 1861”, em John V. Denson, ed., *The Costs of War: America's Pyrrhic Victories*, 2ª edição expandida (New Brunswick: Transaction Publishers, 1999). Disponível em *mises.org* (áudio) e no YouTube.

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

foram a Revolução Americana, uma guerra de secessão do império britânico, e o lado confederado da Guerra para Prevenir a Independência do Sul de 1861–1865.<sup>6</sup>

Quanto a saber se os americanos daquela época ou de qualquer outro momento tinham direito à secessão, Rothbard disse:

Alguém acredita seriamente, mesmo que por um minuto, que qualquer um dos 13 estados coloniais [americanos] teria ratificado a Constituição se acreditasse que ela era uma armadilha perpétua de mão única – uma passagem só de ida para o suicídio da soberania?

Claro que não, e ainda assim esse “monstruoso disparate” foi o princípio fundamental da invasão de Lincoln e do emprego da guerra total contra seus próprios cidadãos nos estados do Sul.

Em uma declaração que faria qualquer acadêmico “*woke*” desmaiarem, Rothbard chamou os confederados de “secessionistas corajosos”. Assim como na Revolução Americana, os impostos eram uma causa

---

<sup>6</sup> Ver Murray N. Rothbard, “Guerra, paz e o estado”, *The Standard* (abril de 1963): 2–5, 15–16, republicado em *Igualitarismo como uma Revolta contra a Natureza & Outros Ensaios*, R. A. Childs, Jr., ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000), argumentando que (pp. 123–124):

“[...] com as armas modernas, não há pontaria precisa alguma. [...] Todas as consequências da guerra interterritorial tornam quase inevitável que a guerra interestadual envolva agressão de cada lado contra civis inocentes – os indivíduos privados – do outro. Essa inevitabilidade torna-se absoluta com as armas modernas de destruição em massa.” E assim, “as guerras do estado devem *sempre* ser condenadas. [...] a consideração primordial para o libertário é a condenação da participação de qualquer estado em guerras”.

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

preeminente. O Norte queria saquear o Sul agrícola com altas tarifas protecionistas sobre bens fabricados no Norte e o Sul se opunha a ser saqueado dessa forma. Rothbard menciona como Lincoln fez de tudo para negar que a guerra fosse sobre escravidão, mas usou as palavras "invasão" e "derramamento de sangue" para descrever o que aconteceria com qualquer estado que se recusasse a cobrar os impostos federais que haviam sido mais que dobrados dois dias antes.

Todo o resto do mundo, incluindo os estados do Norte dos EUA, encontrou uma forma de acabar pacificamente com a escravidão no século XIX, nos lembrou Rothbard.

Em todas as outras partes do Novo Mundo, a escravidão foi superada pacificamente por acordo com os donos de escravos. Mas nesses outros países [...] não havia milenaristas puritanos para fazer seu trabalho sangrento, armados com uma arma em uma mão e um cântico na outra.

Os "ianques", escreveu Rothbard, eram em sua maioria habitantes de New England que inventaram um novo tipo de protestantismo que dizia, essencialmente, que Deus não era realmente o Deus Todo-Poderoso; que ele precisava da ajuda dos puritanos de New England antes que Jesus Cristo pudesse retornar. A "ajuda" seria criar um reino de Deus livre de pecado de mil anos na Terra. Os maiores pecados desses puritanos de New England, escreveu Rothbard, eram o álcool, fazer qualquer coisa no sábado, exceto ir à igreja, a escravidão e o catolicismo. O novo partido republicano abraçou tudo isso e, assim, se autodenominou "o partido das grandes ideias morais".

No entanto, o "foco de Lincoln era aumentar impostos, em particular aumentar e aplicar a tarifa". "Lincoln era um mestre político", disse Rothbard, "o que significa que ele era um artilheiro, manipulador e mentiroso contumaz". Ele "fez da União um deus" sobre a qual "não há heresia maior". A guerra total de Lincoln contra a população civil do Sul por quatro anos foi "um dos grandes crimes de guerra, e crimes contra a humanidade, do último século e meio", escreveu ele.

### 3. O intelecto inspirador e corajoso de Murray Rothbard

As palavras finais e de despedida de Murray refletem o radicalismo rothbardiano clássico:

[Nós] devemos sempre lembrar, nunca esquecer, devemos colocar no banco dos réus e pendurar mais alto que Hamã aqueles que, nos tempos modernos, abriram a Caixa de Pandora do genocídio e do extermínio de civis: Sherman Grant e Lincoln. Talvez, algum dia, suas estátuas, como as de Lênin na Rússia, sejam derrubadas e derretidas, seus emblemas e bandeiras de batalha sejam profanados, suas canções de guerra jogadas no fogo. E então Davis, Lee, Jackson, Forrest, e todos os heróis do Sul, “Dixie” e as Estrelas e Listras, serão mais uma vez verdadeiramente honrados e lembrados.

\*\*\*

Murray fazia parte do corpo docente da Universidade de Nevada em Las Vegas (onde possuía uma cátedra financiada privadamente no departamento de economia) na época. Que apropriado que seus times esportivos sejam apelidados de “rebeldes”.

# 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

Douglas E. French<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Douglas E. French, membro fundador da PFS, é Presidente Emérito (2009–2011) do Ludwig von Mises Institute e autor de diversas publicações, incluindo *When Movements Become Rackets and Other Swindles: The PFS Trilogy*, Stephan Kinsella, ed. (Houston, Texas: Papinian Press and Property and Freedom Society, 2025), *Early Speculative Bubbles & Increases in the Supply of Money*, 4ª Edição Expandida (Palmetto Publishing, 2024), e *Walk Away: The Rise and Fall of the Home-Ownership Myth* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010). Ele foi agraciado, em 2005, com o Prêmio Murray N. Rothbard do Center for Libertarian Studies e, em 2012, com a Medalha Murray N. Rothbard da Liberdade, além de instituir o Prêmio Douglas E. French do Mises Institute.

As homenagens e reminiscências anteriores de Doug sobre Rothbard incluem Douglas E. French, “Rothbard como Professor”, *Liberty* (maio de 1995), p. 14; Douglas E. French et al., “Memórias: Murray N. Rothbard (1926–1995) como Mentor e Professor”, Reunião Anual da Property and Freedom Society 2015, Bodrum, Turquia (11 de setembro de 2015), disponível em Stephan Kinsella, “PFP129 | Memórias: Murray N. Rothbard (1926–1995) como Mentor e Professor, Hoppe, DiLorenzo,

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

Uma vez aluno de Murray Rothbard, sempre aluno de Murray Rothbard. Tenho carregado sua influência todos esses anos desde que cursei a EC742 História do Pensamento Econômico sob a orientação de Rothbard na UNLV, no outono de 1990. A aula de Pensamento Econômico de Rothbard era diferente a cada semestre, e sua ênfase naquele semestre na história financeira, com seus altos e baixos, me levou a escrever minha tese *Early Speculative Bubbles and Increases in the Supply of Money* (agora em sua 4ª edição) sob a direção dele, com Hans Hoppe no meu comitê.<sup>2</sup>

Mal sabia eu que participaria de uma bolha imobiliária histórica e de um colapso em Las Vegas em meados e no final dos anos 2000. Trabalhando como credor imobiliário – “o banqueiro eficiente”, como

---

Francês, Iglody (PFS 2015)”, *Podcast Property and Freedom* (20 de maio de 2022); Douglas E. French et al., “Murray Rothbard como Professor: Os Anos da UNLV — Um Painel com Ex-Alunos de Rothbard”, *Austrian Economics Research Conference 2023*, Auburn, Alabama, *Instituto Mises* (7 de outubro de 2017), disponível em Stephan Kinsella, “PFP252 | Bônus: Murray Rothbard como Professor: Os Anos da UNLV — Um Painel com Ex-Alunos de Rothbard (AERC2023)”, *Podcast Property and Freedom* (2 de outubro de 2023); French, “Reminiscências de Murray”, *LewRockwell.com* (8 de abril de 2005), republicado como “Estudando sob Murray”, em *I Chose Liberty: Autobiographies of Contemporary Libertarians*, Walter Block, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute 2010) (baseado em uma palestra proferida por ocasião do Prêmio Murray N. Rothbard do Center for Libertarian Studies, em reconhecimento à sua dedicação aos ideais de liberdade na tradição rothbardiana); idem, “Aprendendo com o Mestre”, *LewRockwell.com* (24 de dezembro de 2002). Veja também o capítulo de Lee Iglody neste volume, “O homem do outro lado da sala: meu tempo com o professor Rothbard”, “A última palestra”, de Jeff Barr, e “Amadurecendo com Murray”, de Hans Hoppe.

<sup>2</sup> Douglas E. French, *Early Speculative Bubbles & Increases in the Supply of Money*, 4ª Edição Expandida (Palmetto Publishing, 2024).

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

Murray passou a me chamar – eu não havia esquecido as lições de Rothbard e frequentemente escrevia artigos céticos em relação ao *boom* para o *LewRockwell.com*. [Veja, por exemplo, os seguintes artigos no *LewRockwell.com*: “A Bolha do Preço da Terra” (10 de junho de 2003); “O *Boom* Imobiliário em Las Vegas acabou?” (22 de outubro de 2004); “Cidade da Bolha” (22 de junho de 2005); “Condomania” (11 de julho de 2005); “Arranha-céus e preferências temporais elevadas” (6 de dezembro de 2005); “Risky Vegas” (6 de março de 2006); “Boom Madness” (3 de outubro de 2006); “Bubblicious” (12 de março de 2007); “As Ruas Sem Sangue de Vegas” (21 de julho de 2007).] Meus colegas banqueiros não acharam graça e, depois que o banco faliu, reguladores e advogados se perguntaram por que eu não parei sozinho o episódio que certamente já devia saber que viria.<sup>3</sup>

A partir da Grande Crise Financeira de 2008, nasceu o curto livro *Walk Away: The Rise and Fall of the Home-Ownership Myth* enquanto eu trabalhava no Mises Institute e, a partir disso, uma palestra no salão da Property and Freedom Society (PFS) de 2011, “Going Broke: The Ethics of Default”.<sup>4</sup> O termo padrão “inadimplência estrutural” tornou-se comum. Mutuários que podiam pagar a casa optaram por não fazer isso porque suas casas valiam muito menos do que o saldo da hipoteca. Comentaristas financeiros argumentaram que os mutuários se comprometeram por 30 anos, independentemente do valor de suas casas ter caído ou não. Além disso, alegavam que sair de casa faria com que as

---

<sup>3</sup> Minha tese, “Early Speculative Bubbles and Increases in the Supply of Money”, foi o primeiro documento do meu depoimento de nove horas com o advogado da FDIC. Os artigos *LewRockwell.com* também foram exibidos.

<sup>4</sup> Douglas E. French, *Walk Away: The Rise and Fall of the Home-Ownership Myth* (Mises Institute, 2010); idem, “Going Broke: The Ethics of Default”, Property and Freedom Society, Bodrum, Turkey (May 27, 2011), disponível em Stephan Kinsella, “PFP072 | Doug French, Going Broke: The Ethics of Default (PFS 2011)”, *Property and Freedom Podcast* (March 3, 2022).

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

propriedades vizinhas caíssem de valor. Enquanto os grandes bancos eram resgatados, os proprietários de imóveis deveriam gastar seu último dólar pagando a hipoteca. Fiquei me perguntando, o que Murray pensaria?

Sobre a questão de depreciar o valor do imóvel de um vizinho ao abandonar o meu imóvel, baseei-me no trabalho de Rothbard sobre calúnia e difamação em *Por uma nova liberdade*. “O que a lei da calúnia e difamação faz, em resumo, é argumentar um ‘direito de propriedade’ de alguém sobre sua própria reputação”.<sup>5</sup> Mas um proprietário tem direito de propriedade sobre sua propriedade – sua integridade física – e *não* sobre o valor derivado dos sentimentos e atitudes subjetivas dos outros.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, *Por uma Nova Liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006), pp. 116–117. Veja também idem, “Informação verdadeira e informação falsa”, em *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998); e Stephan Kinsella, “Difamação como um tipo de propriedade intelectual”, *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024).

<sup>6</sup> Sobre essa questão de importância crucial, veja Hans-Hermann Hoppe, “A Justiça da Eficiência Econômica”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006), pp. 337–338; idem, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010), pp. 23 n.11, 165–168 & n.128; Hans-Hermann & Walter Block, “On Property and Exploitation”, *Int'l J. Value-Based Mgt* 15, n° 3 (2002): 225–36; Murray N. Rothbard, “Justiça, poluição do ar e direitos de propriedade”, em *Economic Controversies* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011), p. 375; idem, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Ed. Acadêmica, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), cap. 2, § 12, p. 183; e Stephan Kinsella, *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023), cap. 5, n.16; cap. 8, n.17; cap. 23, n.27; cap. 25, n.36.

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

Com a maioria das hipotecas sendo vendidas para Entidades Patrocinadas pelo Governo (GSE) Fannie Mae e Freddie Mac, os tomadores de empréstimos submersos estavam tendo dificuldades para simplesmente pagar o governo. Rothbard escreveu: “As relações com o estado, então, tornam-se considerações puramente prudenciais e pragmáticas para os indivíduos específicos envolvidos, que devem tratar o estado como um inimigo que, no momento, possui um poder maior”.<sup>7</sup> O financiamento da dívida da Fannie e Freddie pelos pagadores de impostos foi feito, nas palavras de Rothbard, por meio de “coerção e agressão”, que “nunca podem ser lícitas do ponto de vista libertário” (p. 184).

O público em Bodrum não ficou convencido.<sup>8</sup>

Murray Rothbard faleceu em 1995 e, vinte anos depois, na PFS de 2015, foi reunido um painel intitulado *Memórias: Rothbard como mentor e professor*.<sup>9</sup> Conteí uma história para ilustrar meu desconhecimento sobre quem era Murray quando me matriculei no EC742 e o quanto ele era humilde. Rothbard fez uma prova intermediária, uma prova final e exigiu um trabalho de dez páginas sobre qualquer tema que quiséssemos, mas ele precisava aprovar o tema.

Fui vê-lo no escritório dele no Beam Hall, na extremidade leste do quinto andar, e disse que queria fazer um trabalho sobre a Grande Depressão. “Ah, que ótimo, Douglas!”, ele disse alegremente. Ele então

---

<sup>7</sup> Murray N. Rothbard, “O status moral das relações com o Estado”, em *A ética da liberdade*, p. 184.

<sup>8</sup> Douglas E. French, et al., “French, Hoppe, DiLorenzo, Machaj, Bagus, Gertchev, Discussão, Perguntas e Respostas”, Property and Freedom Society, Bodrum, Turquia (27 de maio de 2011), disponível em Stephan Kinsella, “PFP075 | French, Hoppe, DiLorenzo, Machaj, Bagus, Gertchev, Discussão, Perguntas e Respostas (PFS 2011)”, *Property and Freedom Podcast* (7 de março de 2022), nos marcadores 9:06, 31:27, 41:54.

<sup>9</sup> French et al., “Memórias: Murray N. Rothbard (1926-1995) como Mentor e Professor”.

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

recomendou que eu analisasse *The Great Depression*, de Lionel Robbins, *Banking and the Business Cycle*, de C. A. Phillips, T. F. McManus e R. W. Nelson, e *Economics and the Public Welfare*, de Benjamin M. Anderson.

Então, quando eu estava me levantando para sair, aparentemente como um pensamento tardio, ele disse: “Ah, e eu escrevi algo sobre a depressão”. Claro que ele tinha escrito algo; me senti idiota por não saber que ele havia escrito *A grande depressão americana*. Um livro que o historiador Paul Johnson chamou de um *tour de force* intelectual:

Conheço poucos livros que tornem tão vívido o mundo da história econômica e que contenham tantas lições convincentes, válidas ainda hoje. O livro é também uma rica mina de conhecimentos misteriosos e interessantes, e insto os leitores a explorar suas notas de rodapé, que contêm muitas citações deliciosas dos grandes e dos tolos daqueles dias de três quartos de século atrás.<sup>10</sup>

No prefácio da primeira edição do livro, Rothbard, em uma nota de rodapé, claro, comenta sobre *The Great Crash, 1929*, de John K. Galbraith. Ele chama o livro de “narrativa elegante e superficial do mercado de ações pré-colapso” (p. xliii). Em 2025, o jornalista financeiro Andrew Ross Sorkin escreveu um *best-seller*, *1929: Inside the Greatest Crash in Wall Street History—and How It Shattered a Nation*. Ele elogiou dizendo que o livro de Galbraith era uma “obra seminal” e o descreveu como “lúcido”. *A grande depressão americana* não estava entre as fontes de Sorkin, apesar do trabalho de Rothbard focar no período de 1929–1933, assim como o de Sorkin.

---

<sup>10</sup> Paul E. Johnson, “Introdução”, em Murray N. Rothbard, *A grande depressão americana*, 5ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000), p. xxvii.

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

Passei o máximo de tempo possível conversando com Murray durante seu horário de atendimento, muitas vezes enquanto uma fila se formava no corredor em frente ao seu escritório. Ele me incentivou a ler *A revolta de Atlas* e *A Nascente*, de Ayn Rand. Ele me indicou a Laissez-Faire Books e a Liberty Fund para comprar livros. Ele me disse para ler H. L. Mencken para aprender a escrever. Suas palestras que mencionavam o padrão-ouro e o bimetalismo despertaram meu interesse por metais preciosos. Ele me disse para me inscrever para receber *The Freeman* da FEE. Inscrevi-me para receber periódicos do Instituto CATO por sugestão dele. E, claro, ele me incentivou a entrar em contato com o Mises Institute para receber o *The Free Market*.

*Strictly Confidential* é uma coletânea de memorandos de Rothbard escritos enquanto ele estava no Fundo Volker e começa com um memorando confidencial de julho de 1961 para F. A. Harper e George Resch.<sup>11</sup> Esse memorando foi a inspiração para minha palestra da PFS de 2022 “Como os Movimentos se Tornam Esquemas” e faria parte de um livro de título semelhante, publicado por Stephan Kinsella e a PFS por sugestão de Hans Hoppe.<sup>12</sup> No memorando, Rothbard convoca os estudiosos libertários a serem rigorosos e a terem organizações que

---

<sup>11</sup> Murray N. Rothbard, *Strictly Confidential: The Private Volker Fund Memos of Murray N. Rothbard*, David Gordon, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010).

<sup>12</sup> Douglas E. French, “Como Movimentos se Transformam em Esquemas”, Property and Freedom Society, Bodrum, Turquia (16 de setembro de 2022), disponível em Stephan Kinsella, “PFP236 | Doug French, Como os Movimentos se Transformam em Esquemas (PFS 2022)”, *Property and Freedom Podcast* (19 de junho de 2023); idem, “Como os Movimentos se Transformam em Esquemas”, *O Despertar Rude* (16 de setembro de 2022); idem, “Como os Movimentos se Tornam Esquemas”, em *Quando os Movimentos se Tornam Esquemas e Outras Fraudes: A Trilogia PFS*, Stephan Kinsella, ed. (Houston, Texas: Papinian Press and Property and Freedom Society, 2025).

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

promovam esse ponto de vista. Não “abandonar os verdadeiros princípios em nome do avanço gradual”.

Dessa forma, o homem *hardcore*, o libertário “militante”, trabalha para avançar não apenas o sistema total, mas todos os passos *em direção* a esse sistema. Dessa forma, alcançamos a “unidade de teoria e prática”, rejeitamos as armadilhas do oportunismo básico, ao mesmo tempo que nos tornamos muito mais eficazes do que nossos irmãos, os sectários.

Ele enfatizou que estudiosos libertários radicais, ou o “quadro”, devem ser nutridos e que seu trabalho seria então difundido por publicistas libertários para as massas. Ele acreditava que deveria haver uma ruptura acentuada com o movimento conservador, que considerava uma ameaça à liberdade.

Rothbard continua apresentando uma breve história pós-Segunda Guerra Mundial do movimento libertário. O que chamou minha atenção foi uma breve seção subintitulada “O Declínio da FEE”, e especialmente seu último parágrafo:

Outro perigo que a história da FEE e de outras organizações de direita nos mostra: a tendência do sujeito que consegue obter dinheiro controlar a política, e a tendência corolária de começar a limitar a produção da organização para o que atrairá o dinheiro. Quando isso acontece, a coleta de dinheiro começa a se tornar o fim, não os meios, e a organização começa a assumir a dimensão de um “esquema”.

A última vez que vi Murray foi em meados de dezembro de 1994, antes das provas finais. Eu tinha acabado de voltar para Las Vegas vindo de Reno. Conversamos e rimos de muitas coisas. Perguntei se houve algum progresso no que ele chamou de “fuga da prisão”, mudando o departamento de economia da Escola de Negócios para as Artes Liberais e

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

iniciando um programa de doutorado.<sup>13</sup> Não houve. Expressei minha frustração com as muitas rejeições que recebi de periódicos de economia *mainstream* ao meu artigo sobre a “A mania das tulipas”, retirado da minha tese. Murray disse que publicaria com prazer na *Review of Austrian Economics*.<sup>14</sup>

Também contei a Murray sobre a participação de uma conferência da *Liberty Magazine* em Tacoma, Washington, em 1994, onde R. W. Bradford realizou uma sessão chamada “Por que os libertários odeiam”, que era principalmente sobre ele e Ayn Rand.<sup>15</sup> Ele riu e riu. Disse a ele que tinha comprado a fita cassete da sessão e que nos encontraríamos para ouvir quando ele voltasse para Las Vegas depois das férias de Natal.

Murray faleceu um mês depois em Nova York.<sup>16</sup> Clarence Ray, um colega de Rothbard, mas não um camarada, disse no memorial de Rothbard em Las Vegas que Murray era, antes de tudo, um homem simpático. Hans Hoppe disse recentemente a Tom Woods: “Conheci pessoas

---

<sup>13</sup> “É importante ter programas estabelecidos nos departamentos de artes liberais, e não nas escolas de negócios, que são malvistas pelo mundo intelectual de qualquer forma, e muitas vezes com razão.” Rothbard, *Strictly Confidential*, p. 22.

<sup>14</sup> Após a morte de Rothbard, submeti o artigo à *Review of Austrian Economics* e fui rejeitado. Finalmente foi publicado no *Quarterly Journal of Austrian Economics*. Douglas E. French, “The Dutch Monetary Environment During Tulipmania”, *Q. J. Austrian Econ.* 9, nº 1 (Primavera de 2006): 3–14.

<sup>15</sup> Veja Douglas E. French, “Rothbard como Professor”, *Liberty* (maio de 1995), p. 14 & 69, p. 69; *Liberty*, março de 1995, p. 13 (oferecendo à venda vídeo e fita de áudio de “Por que os libertários odeiam”, por R. W. Bradford, da *Liberty Editors' Conference* em Tacoma, Washington, 1994).

<sup>16</sup> Veja French, “Rothbard como Professor” e outros memoriais em *Murray N. Rothbard: In Memoriam* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1995) (vários autores) e “Rothbard Remembered”, *Liberty* (março de 1995): 20–26 (vários autores).

#### 4. Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração

brilhantes na vida, mas a única pessoa que consideraria um gênio foi Rothbard”.<sup>17</sup>

Sim, Murray era um gênio, mas o que mais lembro dele é que era um homem bom. Um homem brilhante que mudou minha vida.

---

<sup>17</sup> Veja Tom Woods, “Entrevista com Hans Hoppe”, *Tom Woods Elite Letter*, Edição #18 (Verão de 2025).

# 5. Três canais de inflação de ativos

Jörg Guido Hülsmann<sup>1</sup>

Murray Rothbard fez inúmeras contribuições importantes para todos os principais campos da economia, além de se destacar como historiador e filósofo político. O foco principal de seu trabalho foi o estudo comparativo do intervencionismo governamental, ou estatismo, em oposição ao funcionamento de uma sociedade livre. Aqui, ele ressaltou repetidas vezes a importância crucial do intervencionismo monetário. Um bom número de seus livros e panfletos mais lidos tratou em detalhes sobre bancos de reserva fracionária, bancos centrais e moeda fiduciária.

Uma área relacionada que ele havia negligenciado um pouco porque, em vida, ela não desempenhou o mesmo papel fundamental que passou a ter nos últimos trinta anos é o estudo dos mercados financeiros. Se tivesse vivido mais, certamente ele teria começado a analisar a natureza, as causas e as consequências das bolsas financeiras. Ele teria

---

<sup>1</sup> Jörg Guido Hülsmann (jgh@guidohulsmann.com) é professor de Economia na Faculdade de Direito, Economia e Gestão da Universidade de Angers, França; pesquisador sênior do Ludwig von Mises Institute; e autor de *Mises: O Último Cavaleiro do Liberalismo* (2007), *A Ética da Produção de Dinheiro* (2008) e *Abundância, Generosidade e o Estado* (2024).

## 5. Três canais de inflação de ativos

analisado esses órgãos com a abordagem austríaca que herdou de Menger e Mises, e que ele mesmo desenvolveu em tantas outras áreas.

E assim aconteceu que muitos dos meus próprios escritos dos últimos vinte anos trataram das questões da economia financeira, como esse campo de investigação é hoje frequentemente chamado. Em 2013, publiquei um livro em alemão sobre a economia política das finanças, que foi publicado sob um título um tanto enganoso, *Krise der Inflationkultur (Crise da Cultura da Inflação)*. Uma tradução para o inglês estava sendo preparada, mas nunca foi lançada devido à minha própria reticência. Meu plano tem sido incorporar vários novos elementos na edição em inglês, mas vários desses elementos ainda não foram totalmente desenvolvidos. Uma exceção é o texto presente, que representa uma versão atualizada do capítulo VIII desse livro. Por isso, ofereço-a à memória do grande Murray Rothbard, e agradeço aos meus amigos Stephan Kinsella e Hans-Hermann Hoppe pela ajuda na tradução.

\* \* \*

Em um sistema de moeda fiduciária, a riqueza tende a crescer mais rápido que as rendas. Em termos mais técnicos, a capitalização de mercado agregada de todos os ativos, incluindo principalmente títulos financeiros e imóveis, tende a crescer mais rápido do que as receitas monetárias obtidas nos mercados de fatores e bens de consumo. Essa tendência às vezes é chamada de inflação de ativos. Ela pode ser medida de várias maneiras.

O painel à esquerda na Figura 1, abaixo, mostra o valor de todos os ativos mantidos pelos agregados familiares dos EUA em relação ao PIB de 1951 a 2025. O painel à direita apresenta a razão entre o patrimônio líquido dos agregados familiares dos EUA e sua renda pessoal disponível de 1945 até 2024. Ambas as métricas mostram que, durante as três primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial, a relação riqueza-renda estava mais ou menos estagnada. Após o colapso do Sistema Bretton Woods, a proporção começou a aumentar, muito lentamente no início e depois fortemente a partir de meados da década de 1980. Essa tendência foi interrompida aqui e ali por crises financeiras. Mas a tendência geral permanece até hoje.

## 5. Três canais de inflação de ativos

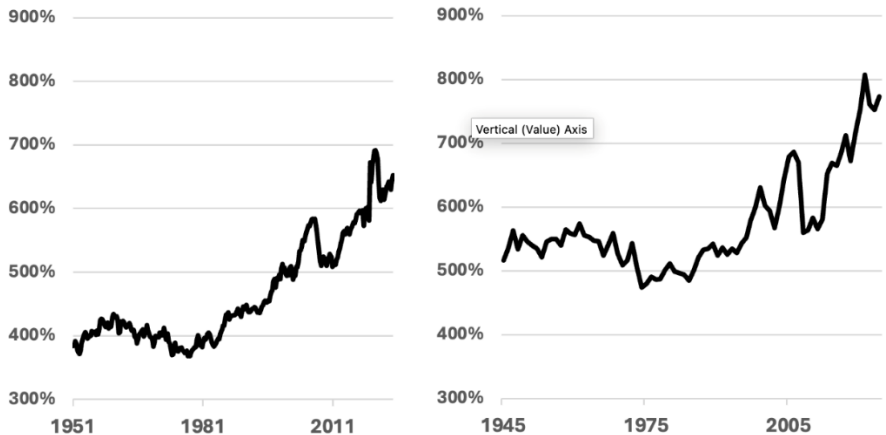


Figura 1: Crescimento de Ativos nos EUA

Fonte: FRED St. Louis: PIB, TABSHNO, A792RC0A052NBEA e HNONWRA027N

A inflação de ativos não recebeu a atenção que merece, nem na literatura convencional, nem entre os economistas austríacos. Autores ortodoxos geralmente acreditam que a inflação de ativos não tem nada a ver com intervencionismo monetário.<sup>2</sup> Os austríacos estão em uma posição muito melhor. Nutridos pelos escritos de Mises e Rothbard, eles sabem que a política monetária afeta a *estrutura* de preços (não apenas o *nível* geral de preços) e também pode envolver desequilíbrios significativos, tanto no setor real quanto no setor financeiro da economia. Assim, Philipp Bagus e Brendan Brown interpretaram a inflação de ativos como um boom prolongado, impulsionado por taxas de juros abaixo do equilíbrio da impressora de dinheiro. Zukauskas e Hülsmann ressaltaram a

---

<sup>2</sup> Veja Vytautas Zukauskas e Jörg Guido Hülsmann, “Financial Asset Valuations: The Total Demand Approach”, *Quarterly Review of Economics and Finance* 72 (maio de 2019): 121–131.

## 5. Três canais de inflação de ativos

influência da qualidade do dinheiro e dos efeitos Cantillon.<sup>3</sup> Na presente contribuição, vou negligenciar em grande parte esses fatores, por mais importantes que sejam, e em vez disso me concentrarei em outros três canais: um canal colateral, um canal preço-inflação e um canal de risco moral.

### **A criação de dinheiro ao estilo bancário e os mercados de ativos**

Os sistemas atuais de moeda fiduciária implicariam um crescimento relativo nos mercados financeiro e imobiliário (em comparação com a economia real), mesmo que não houvesse aumentos no nível de preços nem aumentos do estoque monetário. A razão é que praticamente todas as unidades de moeda são fornecidas ao mercado na forma de empréstimos. Ludwig von Mises chamou isso de criação do dinheiro “ao estilo bancário” (*bankmäßige*).<sup>4</sup> A criação *ex nihilo* de novas unidades monetárias ocorre então no contexto de uma criação *ex nihilo* correspondente de empréstimos (“expansão de crédito”). E a circulação contínua de todas as unidades de moeda se deve ao fato de que os empréstimos correspondentes ainda não expiraram. Moeda e crédito estão inseparáveis.

Não precisa necessariamente ser assim, e historicamente não foi. Até o século XIX, vários bancos de reserva fracionária emitiram cédulas de forma não bancária. Em vez de *emprestar* as notas, às vezes as gastavam diretamente em salários e suprimentos, e às vezes as doavam a

---

<sup>3</sup> Veja Philipp Bagus, “Asset Prices—An Austrian Perspective”, *Processos de Mercado* IV, no. 2 (Oct. 2007): 57–93; Brendan Brown, “A Modern Concept of Asset Price Inflation in Boom and Depression”, *Q. J. Austrian Econ.* 20, no. 1 (Spring 2017): 29–60; Zukauskas and Hülsmann, “Financial Asset Valuations: The Total Demand Approach”.

<sup>4</sup> Veja Ludwig von Mises, *Theorie des Geldes und der Umlaufsmittel* (Munich: Duncker & Humblot, 1912), p. 318; idem, *The Theory of Money and Credit* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009 [1953]), p. 218.

## 5. Três canais de inflação de ativos

autoridades políticas.<sup>5</sup> Está claro que essa prática está cheia de grandes perigos para um banco de reserva fracionária. Afinal, o banco precisa estar pronto para resgatar suas notas e depósitos em dinheiro base. Por outro lado, ao *emprestar* suas notas e depósitos, ele obtém uma reivindicação sobre pagamentos de base em algum momento no futuro próximo. Podemos supor que é por isso que a prática da criação de dinheiro no estilo bancário se tornou universal. Hoje, o dinheiro não é dado, mas emprestado. A quantidade total de dinheiro em circulação está atrelada a um volume correspondente de empréstimos.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> A crise da dívida soberana do início dos anos 2010 levou a uma retomada da discussão sobre os prós e contras da criação de dinheiro por meio de doações. Nos Estados Unidos, foi proposto no final de 2012 que o Departamento do Tesouro simplesmente cunhasse uma moeda de platina com valor nominal de um trilhão de dólares, que poderia ser resgatada no banco central pelo valor correspondente. Veja, por exemplo, Eric Morath, “‘Joke’ Solution to Debt Clash Gets Serious Study”, *Wall Street Journal* (7 de janeiro de 2013). Na França, a candidata presidencial Marine Le Pen recomendou que o Banque de France fosse removido do Eurosistema e completamente nacionalizado para permitir que financiasse os gastos públicos diretamente da impressora. Veja Mathias Thépot, “Financement du déficit: mais où va Marine Le Pen?”, *La Tribune* (8 de fevereiro de 2017); “Marine Le Pen lève le voile sur son programme, pas sur son financement”, *Ouest-France* (4 de fevereiro de 2017).

<sup>6</sup> Pode-se objetar que, mesmo hoje, qualquer quantia de dinheiro criada do nada é pelo menos parcialmente doada. Afinal, os empréstimos adicionais só encontram compradores se forem concedidos em melhores condições. Assim, quando os bancos centrais criam dinheiro e emprestam esse dinheiro novo, eles necessariamente prejudicam os termos de crédito – taxa de juros, garantias, vencimento, etc. – que prevaleceriam sem sua intervenção. Mas mesmo esse componente de doação não muda o princípio da criação de dinheiro baseada em crédito. Os primeiros usuários das novas quantias terão que pagar os valores correspondentes mais cedo ou mais tarde, e também terão que pagar juros sobre o valor

## 5. Três canais de inflação de ativos

Os empréstimos geralmente são garantidos. Os empréstimos imobiliários para residências privadas são garantidos por uma hipoteca sobre as casas e terrenos adquiridos. O financiamento corporativo de médio a longo prazo também é frequentemente garantido pelos imóveis das empresas tomadoras de empréstimo. Títulos como títulos do governo, títulos do tesouro, ações e letras de câmbio frequentemente servem ao mesmo propósito. Antes da crise de 2008, os bancos comerciais também emprestavam dinheiro não garantido uns aos outros – no chamado mercado interbancário – mas esse costume foi paralisado.<sup>7</sup> Hoje, geralmente só emprestam uns aos outros se títulos ou ouro forem depositados como garantia. O mesmo procedimento é seguido para empréstimos de bancos centrais a bancos comerciais. Os detalhes técnicos às vezes são bastante diferentes, mas os princípios são basicamente os mesmos.

O mercado imobiliário é bastante adequado para colateralização de empréstimos no contexto de empréstimos hipotecários porque normalmente apresenta um risco de preço relativamente baixo. Imóveis também não pode simplesmente ser roubados e levados para fora do país.<sup>8</sup> Os títulos financeiros *podem* ser muito mais adequados para

---

emprestado. Em outras palavras, essas não são doações puras, mas empréstimos com componente de doação.

<sup>7</sup> Veja Thibaut Picard e Dilyara Salakhova, “Secured and Unsecured Interbank Markets: Monetary Policy, Substitution and the Cost of Collateral” (Banque de France WP n° 730, setembro de 2019), especialmente pp. 6-9. Nikolay Gertchev explicou brilhantemente como o mercado interbancário do início dos anos 2010 evaporou sob o impacto das intervenções pesadas dos bancos centrais. Veja Nikolay Gertchev, “The Inter-Bank Market in the Perspective of Fractional Reserve Banking”, em *Theory of Money and Fiduciary Media*, Jörg Guido Hülsmann, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2012).

<sup>8</sup> Essa imobilidade também pode se tornar uma desvantagem. O mercado imobiliário não permite evitar ou evadir altos impostos, enquanto bens móveis podem ser mantidos no exterior.

## 5. Três canais de inflação de ativos

garantir empréstimos, pois sempre podem ser gerenciados e revendidos de forma relativamente barata, mesmo por valores muito altos. Mas problemas podem surgir devido a riscos de contraparte e falta de liquidez. Por isso, entre todos os títulos financeiros, os IOUs de um governo nacional (títulos do Tesouro, títulos do governo e similares) são extremamente adequados como garantia para todas as outras transações de crédito.

A maioria dos outros ativos não pode se gabar de possuir benefícios comparáveis.<sup>9</sup> Isso se aplica especialmente aos ativos empresariais de negócios. Plantas, máquinas e ferramentas geralmente não são de uso geral, mas são adaptadas a um grupo específico de produtos. Não existe um mercado secundário significativo para esses bens. Mesmo que a compra deles tenha custado muitos milhões e talvez bilhões de dólares, às vezes eles só podem ser vendidos pelo valor de sucata, mesmo quando novos. Portanto, tais bens não são adequados como garantia.

Resumindo, a produção de dinheiro através de crédito aumenta a demanda por imóveis e títulos financeiros além do nível que ocorreria em uma ordem monetária natural.<sup>10</sup> Esses bens são valorizados não apenas por seus serviços diretos, mas também porque são particularmente adequados para servir como garantia. Certamente, essa demanda de "qualidade de garantia" também desempenharia um certo papel em uma ordem monetária natural, pois aqui também haveria empréstimos que precisariam ser garantidos. Mas em um sistema de moeda fiduciária, no qual o dinheiro é criado através de crédito, ele é multiplicado.

Como resultado, os preços de mercado de imóveis e títulos são mais altos em um sistema de moeda fiduciária do que em uma ordem

---

<sup>9</sup> Voltaremos ao caso especial dos metais preciosos – especialmente o ouro – separadamente mais adiante.

<sup>10</sup> Sobre o conceito de *ordem* monetária natural (ou de livre mercado) (em comparação com *sistemas* monetários intervencionistas), veja Hülsmann, *The Ethics of Money Production*, op. cit., cap. 14.

## 5. Três canais de inflação de ativos

monetária natural. Os preços dos imóveis não refletem apenas o valor em questão de uso dos imóveis para seus proprietários; os preços dos valores mobiliários não são determinados apenas pelo risco e retorno esperado.<sup>11</sup> Em ambos os casos, os preços desses ativos também incluem um prêmio que reflete seu valor como garantia para empréstimos. O retorno sobre o investimento nesses bens é correspondentemente menor. A compra de imóveis e títulos tende a gerar retornos menores (juros ou dividendos) do que a compra de fatores de produção industrial.

Essas tendências são ainda reforçadas pelo fato de que a demanda por esses ativos como garantia aumenta sua comerciabilidade ou liquidez. Fica mais fácil encontrar compradores rapidamente e a baixo custo, além de vender os ativos sem grandes descontos. Como essa liquidez equivale a uma qualidade superior dos ativos, ou a um risco menor para o investidor, a demanda por esses ativos aumenta ainda mais.

Note que isso não diz respeito apenas ao lado da demanda. Também diz respeito ao lado da oferta do mercado para qualquer bem duradouro, especialmente para imóveis ou títulos financeiros. A razão é que, nesses mercados, tanto a demanda quanto a oferta são amplamente determinadas pelos *mesmos* fatores.

---

<sup>11</sup> Muitos economistas e teóricos das finanças entendem o risco de um investimento como a probabilidade estatística de que o retorno se desvie (desvio-padrão) de algum valor considerado normal. Essa abordagem sofre de inúmeras dificuldades teóricas e práticas, não sendo a menor delas o problema de determinar o que constitui tal valor “normal”. Portanto, prefiro uma definição diferente e mais ampla de risco, ou seja, a probabilidade de que um evento indesejável (indesejável do ponto de vista da pessoa que age) ocorra no futuro. No que diz respeito à teoria das probabilidades, baseio-me na abordagem realista desenvolvida por Ludwig von Mises, *Ação Humana – Um Tratado de Economia*, edição acadêmica (Auburn, Ala: Mises Institute, 1998), cap. VI.

## 5. Três canais de inflação de ativos

As coisas são diferentes na maioria dos outros mercados. A maioria dos produtos que surgem sob a divisão de tarefas tem compradores e vendedores com motivações distintamente diferentes. Os produtores geralmente não têm interesse em possuir ou usar esses bens por conta própria; eles querem principalmente ganhar uma renda financeira. Por exemplo, um fabricante de carros normalmente quer vender *todos* os seus veículos; ele não precisa de uma frota pessoal de vários milhões de carros.

No entanto, uma vez que os ativos duráveis são vendidos pelo produtor, os novos proprietários geralmente são motivados pelos mesmos fatores que influenciam as escolhas de todas as outras pessoas que possam desejar adquiri-los no futuro. Em outras palavras, o lado da demanda no mercado é então determinado pelos mesmos fatores que o lado da oferta. Se a demanda por imóveis e títulos financeiros aumentar porque eles também podem servir como garantia, isso afeta não apenas os compradores interessados (a demanda via troca), mas também os atuais proprietários (a demanda de reserva). Ambos os grupos então apreciam o ativo mais do que antes. O comprador em potencial está disposto a pagar um preço mais alto, mas o vendedor também está pedindo um preço mais alto, e pelos mesmos motivos exatos.<sup>12</sup>

Vamos resumir nossas descobertas. A produção de dinheiro por meio do crédito aumenta a demanda por imóveis e títulos financeiros porque esses bens são bem adequados para servir como garantia de empréstimo. Seus preços de mercado, portanto, tendem a ser mais altos em um sistema de moeda fiduciária com criação de crédito do que em uma

---

<sup>12</sup> A análise econômica da “demanda de reserva” (ou “demanda de retenção”, isto é, a demanda dos atuais proprietários por manter o bem em sua posse) remonta a Philip Wicksteed e foi desenvolvida por Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholar's ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), cap. 2, §8.

## 5. Três canais de inflação de ativos

ordem monetária natural; um investimento de capital nesses bens gera retornos correspondentemente menores.

Agora, de onde vêm as quantias adicionais de dinheiro trocadas nos mercados de ativos? Afinal, se preços mais altos forem pagos por imóveis e títulos, o dinheiro tem que vir de algum lugar. Se o estoque monetário não aumentar, o prêmio de imóveis e títulos só pode ser pago por cortes correspondentes em outro lugar. Assim, ou os saldos de caixa devem diminuir, ou o consumo do consumidor deve cair, ou a compra de fatores de produção deve diminuir; ou alguma combinação disso. Isso implica que *os valores monetários de todos esses outros bens tenderão a cair em relação aos valores monetários dos ativos*. Isso seria válido até mesmo no caso extremo em que todo o prêmio de garantia fosse totalmente pago a partir dos saldos de caixa existentes (ou seja, sem cortes de gastos em outros lugares); pois então os valores agregados monetários dos bens de consumo e dos fatores de produção não diminuiriam em termos absolutos de dinheiro, mas diminuiriam *em relação* aos preços dos ativos. Em todos os outros casos, em que haveria cortes nos gastos em outros lugares, essa mudança relativa nos valores monetários seria ainda mais forte.

Essa mudança implica que as rendas agregadas de dinheiro provenientes de atividades não financeiras se tornam menos importantes em comparação com as atividades financeiras. Além disso, e mais importante, isso também implica que *os valores agregados monetários de todas as rendas tendem a diminuir em relação aos valores monetários agregados de toda a riqueza*. Estatisticamente, isso se reflete em um aumento da relação riqueza/PIB. Atividades não financeiras (a grande maioria da economia) serão menos bem remuneradas se menos dinheiro for gasto em fatores de produção e em bens de consumo. Alguns banqueiros, corretores de seguros e gestores de fundos ganham rendas maiores, mas esses aumentos tendem a ser marginais do ponto de vista geral. Mas se as rendas agregadas diminuem em relação à riqueza agregada, a implicação é que é necessário mais trabalho para acumular qualquer nível de riqueza. As pessoas precisam trabalhar mais anos, ou mais horas, ou

## 5. Três canais de inflação de ativos

economizar mais, para adquirir qualquer quantidade de imóveis e valores mobiliários.<sup>13</sup>

Note que o prêmio da garantia, e suas implicações para a razão renda-riqueza, são independentes dos objetivos concretos da política monetária. Se o banco central mira a estabilização de um índice de preços ao consumidor (IPC), qualquer meta mais abrangente, como o deflator do PIB, ou um índice mais amplo incluindo preços de ativos, o mecanismo básico que acabamos de discutir não muda. Ele não mudaria mesmo que o banco central tentasse *congelar* o estoque monetário geral em seu nível atual. Sempre que novas unidades monetárias entram em circulação por meio de novos créditos, os preços dos ativos tendem a subir *em relação* aos preços dos bens de consumo e dos fatores de produção. Como consequência adicional, o valor agregado dos ativos aumenta em relação à renda agregada.

Como veremos a seguir, essa tendência é fortemente reforçada por uma política de inflação progressiva dos preços. Todos os bancos centrais do nosso tempo inflacionam a oferta monetária a tal ponto que o IPC sobe constantemente a taxas baixas de um dígito (inflação de preços crescente), e isso estimula a alavancagem financeira e o mercado de crédito. No entanto, para ver exatamente onde o intervencionismo monetário entra em ação, precisamos considerar a possibilidade de que o IPC *possa* aumentar mesmo sem qualquer intervenção governamental.

Sob um mercado de moeda completamente livre, seria realmente concebível que minas abundantes de prata e ouro fossem descobertas, de modo que a produção anual de ouro e prata superasse a produção de todas as outras indústrias. Assim, o IPC poderia aumentar ao longo de períodos prolongados. Esse cenário é, claro, muito improvável, por

---

<sup>13</sup> Veja Jörg Guido Hülsmann, “Fiat Money and the Distribution of Invenues and Wealth”, em David Howden e Joseph T. Salerno, eds., *The Fed at One Hundred—A Critical View on the Federal Reserve System* (Berlim: Springer, 2014), pp. 127–138.

## 5. Três canais de inflação de ativos

razões que discutiremos abaixo, mas é um cenário possível. Assim, no que segue, primeiro consideraremos esse cenário improvável e só depois passaremos para as suposições mais realistas. Esse experimento mental nos permitirá isolar os efeitos específicos que surgem dos aumentos da oferta monetária induzidos por políticas.

### **Mercados de ativos sob inflação crescente de preços em uma ordem monetária natural**

A inflação permanente de preços em baixos níveis provoca um crescimento desproporcional nos mercados de ativos, independentemente da causa específica da inflação dos preços. Uma razão básica é que, sob inflação crescente de preços, não é aconselhável manter nenhuma poupança em dinheiro vivo.

Aqueles que detêm poupança na forma de saldos em caixa perdem o poder de compra que já pouparam no passado. Os poupadores, em geral, têm duas opções. *Ou* eles não poupam nada, mas gastam seus saldos em caixa com bens de consumo. *Ou* usam esses saldos em caixa para comprar imóveis e títulos financeiros, ou seja, ativos com proteção embutida contra inflação de preços. De fato, o valor monetário desses bens aumenta junto com um ambiente de inflação dos preços, e alguns deles também geram receita e, assim, compensam (ao menos parcialmente) a inflação dos preços. A inflação progressiva, portanto, estimula investimentos em contas poupança com juros, apólices de seguro de vida e assim por diante.<sup>14</sup> Em outras palavras, a oferta de poupança no mercado para fundos emprestáveis (no mercado de crédito) aumenta.

---

<sup>14</sup> No entanto, isso só é verdade enquanto a inflação de preços for relativamente fraca. Quando a inflação está alta, os poupadores se desencorajam facilmente e decidem consumir sua renda e ativos financeiros imediatamente. Isso significa uma redução no lado da oferta da indústria bancária.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Uma expansão semelhante também está ocorrendo no lado da demanda desse mercado, embora por um motivo diferente. Se o nível de preços estiver subindo incessantemente, e se novos aumentos forem esperados no futuro, então todos os participantes do mercado têm um forte incentivo para financiar seus investimentos com empréstimos, em vez de com seu próprio dinheiro. A razão é que, em um ambiente de inflação de preços, a dívida oferece a oportunidade de aumentar e multiplicar o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE). Economistas chamam isso de efeito alavancagem. As empresas aproveitam esse efeito tanto quanto as residências privadas e públicas.

Em um ambiente de inflação crescente de preços, as empresas podem esperar vender seus produtos a preços unitários mais altos no futuro, com volumes de vendas inalterados ou até crescentes em termos reais. Isso cria um incentivo quase irresistível para financiar novos investimentos com um empréstimo de juros fixos. Desde que os custos de empréstimo sejam menores que os retornos desses investimentos, um retorno maior sobre o patrimônio líquido pode ser alcançado por meio da aquisição de dívidas, por meio de empréstimos.

Como esse é um mecanismo muito central, vamos ilustrá-lo com um exemplo numérico. Suponha que uma empresa compre 50 milhões de euros em serviços de fomento todos os anos, com a ajuda dos quais cria produtos cuja venda subsequente resulta em uma receita bruta esperada de 52,5 milhões de euros. Assim, a empresa alcança uma receita líquida de 2,5 milhões de euros, correspondendo a um retorno operacional sobre o investimento (ROI) de 5%. Se os custos do mercado de crédito fossem tão altos (por exemplo, pagamentos de juros e principal representariam 5% do empréstimo), a empresa não teria nenhum incentivo extra especial para contrair dívidas.

Agora suponha que a descoberta de uma mina de prata muito produtiva traga grandes quantias adicionais de dinheiro de prata ao mercado. Portanto, a empresa espera alcançar preços unitários mais altos para seus produtos no futuro e considera expandir suas operações. Portanto, planeja adquirir anualmente serviços de fomento no valor de 100 milhões de euros, e as vendas anuais devem aumentar para 110 milhões

## 5. Três canais de inflação de ativos

de euros. Isso significaria uma receita bruta de 10 milhões de euros, e o ROI operacional aumentaria para 10%.

Into pode financiar o investimento de 100 milhões de euros por meio de qualquer combinação de capital próprio e empréstimos. Se ainda conseguir tomar empréstimos a uma taxa fixa de juros de 5%, a respectiva combinação de capital próprio e empréstimos tem grande influência sobre a renda líquida ou sobre o retorno sobre o patrimônio. Considere quatro cenários hipotéticos, que resumiremos na tabela abaixo.

	<b>Eu</b>	<b>II</b>	<b>III</b>	<b>IV</b>
<b>Receita bruta</b>	110M€	110M€	110M€	110M€
<b>Gastos empresariais</b>	100M€	100M€	100M€	100M€
<b>Receita líquida operacional</b>	10M€	10M€	10M€	10M€
<b>ROI operacional</b>	10%	10%	10%	10%
<b>Capital acionário</b>	100M€	40M€	10M€	1M€
<b>Dívida</b>	0	60M€	90M€	99M€
<b>Custos da dívida</b>	5%	5%	5%	5%
<b>Serviço da dívida</b>	0	3M€	4,5 milhões de euros	5 milhões de euros
<b>Receita líquida após o serviço da dívida</b>	10M€	7M€	5,5 milhões de euros	5 milhões de euros
<b>ROE</b>	10%	17,5%	55%	500%

Figura 2  
O efeito de alavancagem

Se os gastos anuais do negócio forem financiados exclusivamente por capital próprio (Cenário I), o retorno sobre o patrimônio é exatamente igual ao ROI operacional, ou seja, 10%. O financiamento por dívida melhora esse resultado, pois o custo do empréstimo agora está subitamente menor que o ROI operacional. Quanto maior o índice de dívida, mais

## 5. Três canais de inflação de ativos

forte será o retorno sobre o patrimônio (ROE). No cenário II, 60 milhões de euros são financiados por dívida e 40 milhões por capital próprio. Como resultado, a receita líquida cai para 7 milhões de euros (porque são necessários 3 milhões para pagar a dívida, incluindo juros e pagamento), mas o ROE aumenta, pois esses 7 milhões são a remuneração de um patrimônio próprio de apenas 40 milhões de euros. No cenário III, a razão de alavancagem é ainda maior, e o ROE aumenta de acordo. Por fim, o cenário IV mostra o caso aparentemente extremo em que apenas 1 milhão de euros de capital próprio é utilizado, enquanto o restante do investimento, de 99 milhões de euros, é financiado por empréstimo. Neste caso, a receita líquida da empresa após o serviço da dívida cai para pouco mais de 5 milhões de euros; mas essa quantia remunera, como já mencionado, um patrimônio de apenas 1 milhão. Em outras palavras, o ROE neste caso é 500%!

Desde que o custo do empréstimo seja menor que o retorno operacional da empresa, um aumento na razão de alavancagem leva a um aumento dos ROEs. No entanto, esse efeito de alavancagem não é linear, mas exponencial. Um aumento constante na razão de alavancagem leva a aumentos cada vez maiores nos ROE.

O efeito de alavancagem explica por que *proprietários de empresas* (assim como empresas financeiras) podem ter um incentivo para financiar seus gastos com empréstimos. Mas o mesmo pode ser dito sobre *residências privadas e públicas*. Em um ambiente de inflação de preços, espera-se que as rendas (privadas) e as receitas tributárias (governo) aumentem mais cedo ou mais tarde. Se os custos do empréstimo permanecerem inalterados (taxa de juros fixa), há um incentivo para contrair mais dívidas, pois pode-se esperar que esses custos diminuam em relação à renda.

Residências privadas normalmente utilizam empréstimos para comprar ativos duráveis, como imóveis ou ações de empresas listadas em bolsas de valores. Portanto, elas podem se beneficiar em dobro da inflação dos preços: porque os custos dos empréstimos certamente diminuem em relação à renda, e também porque o valor monetário de seus ativos também está destinado a aumentar com a inflação geral dos preços.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Moradias públicas (governos municipal, estadual e federal) são devedoras especiais com fortes incentivos para contrair dívidas. Sob inflação permanente de preços, elas podem esperar que os pagamentos de impostos cresçam, junto com a crescente renda dos cidadãos e com o aumento dos valores monetários dos ativos privados. Se a inflação de preços coincidir com as alíquotas progressivas do imposto de renda, a receita do governo normalmente aumenta a uma taxa maior do que a taxa preço-inflação.

Sob inflação permanente de preços, há portanto fortes incentivos para a alavancagem financeira em todos os setores da economia. A oferta de promessas para pagar (a demanda por empréstimos) está, portanto, destinada a crescer.

No geral, então, a situação é a seguinte. *A inflação crescente de preços implica crescimento nos mercados de crédito.* Por um lado, a demanda por promessas a pagar que rendem juros (a oferta de empréstimos) está aumentando. Por outro lado, a oferta de promessas a pagar (a demanda por empréstimos) também está aumentando.

Da mesma forma, os mercados imobiliários também estão crescendo sob inflação crescente de preços. Por um lado, alguns dos saldos em caixa anteriormente acumulados agora são usados para comprar imóveis; por outro lado, há um aumento nas compras financiadas por crédito por empresas e agregados familiares que querem aproveitar o efeito de alavancagem.

O nível de preço dos ativos, portanto, tende a subir. No caso do mercado imobiliário, isso é óbvio. No caso dos valores mobiliários, essa tendência é menos óbvia, mas, no fim das contas, igualmente evidente. É verdade que há uma expansão simultânea da oferta e da demanda, e essas influências *diretas* não fornecem uma direção clara para o desenvolvimento do nível de preços dos valores mobiliários. Mas, *indiretamente*, a influência da demanda por promessas de pagamento tende a ser predominante, por três razões. Primeiramente, o maior volume de crédito também exige garantias mais extensas, e assim a demanda por imóveis e, especialmente, por títulos de dívida aumenta. Em segundo lugar, a liquidez dos títulos está aumentando devido ao crescimento

## 5. Três canais de inflação de ativos

geral do mercado de crédito. Terceiro, as *pontuações de crédito* estão subindo junto com a elevação dos preços dos imóveis (valores de garantia).

O crescimento dos mercados de ativos devido à inflação dos preços *pode* ser acompanhado por um aumento geral no volume de poupança. Alguns poupadores desejam compensar a esperada elevação futura do nível de preços com um volume maior de economia. Outros pouparão menos, como consequência dos incentivos para comprar bens de consumo de curta duração. De qualquer forma, a inflação progressiva dos preços implica menos poupança em dinheiro e, assim, deteriora as condições materiais de vida da população financeiramente analfabeta. Embora a indústria bancária esteja crescendo, ela está crescendo às custas dos saldos em caixa, e alguns fundos anteriormente acumulados não são mais poupados, mas gastos.

\* \* \*

As considerações acima referem-se à inflação progressiva de preços em geral, ou seja, independentemente de ela resultar do intervencionismo monetário ou ocorrer em um cenário puramente de livre mercado. Também não importa se as novas unidades monetárias são colocadas em circulação por meio da criação de novos créditos, por pagamentos diretos ou por meio de doações. A inflação gradual dos preços sempre e em todo lugar oferece um impulso ao mercado de crédito e, assim, implica uma tendência de aumento dos preços dos imóveis e ativos financeiros.

No entanto, dentro do contexto de uma ordem monetária natural, essas tendências são fortemente limitadas, por seis razões principais.

Primeiro, a produção natural de dinheiro é cara. Nos poucos períodos históricos em que a descoberta de abundantes minas de prata e ouro implicou um aumento significativo do estoque monetário total, esse aumento sempre foi moderado em comparação com os sistemas de moeda fiduciária. A inflação resultante dos preços foi mantida dentro de limites muito estreitos.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Segundo, em uma ordem monetária natural, fortes aumentos no estoque monetário são temporários e, portanto, aumentos no nível de preços também são temporários.

Terceiro, um nível maior de endividamento significa uma maior vulnerabilidade do devedor. Um empreendedor que atua com 10% de participação se expõe a um risco muito alto de insolvência. O patrimônio líquido é o buffer que serve para absorver perdas. Quanto menor o buffer, maior o risco de decisões erradas levarem à quebra da empresa. Empreendedores, portanto, não aproveitam o efeito de alavancagem ao máximo. O retorno *do* capital é mais importante do que o retorno *sobre* o capital.

A situação é muito semelhante do ponto de vista de moradias privadas e públicas. Um empregado que contrai muitas dívidas para comprar uma casa acaba especulando que sua renda aumentará no futuro, enquanto o custo do empréstimo permanecerá fixo. Em uma ordem monetária natural, isso pode ser verdade em alguns casos, mas não se pode contar com isso. Ninguém pode ter certeza de que o curso futuro dos acontecimentos será vantajoso para ele. Além disso, o efeito de alavancagem é uma faca de dois gumes, pois também pode ser revertido: se o custo do empréstimo for maior do que a renda gerada pela produção de bens, então pode não ser o lucro, mas sim os prejuízos que se multiplicam. Por essas razões, a disposição de explorar o efeito de alavancagem ao máximo é limitada.

Quarto, sob uma ordem monetária natural, o efeito de alavancagem financeira se limita. À medida que a demanda por crédito cresce, as taxas de juros tendem a subir e, assim, os incentivos para alavancagem são reduzidos e, por fim, eliminados.

Quinto, sob inflação progressiva dos preços, as taxas de juros subiriam logo, mesmo sem uso extensivo do efeito alavancagem. A razão é que um nível de preços em constante elevação significa que os credores obtêm retornos *reais* cada vez menores. Portanto, eles têm um incentivo para contornar o mercado de crédito e usar suas economias em outras áreas. Mas aí só há três opções. Ou começam a investir em suas próprias empresas; ou compram bens de consumo duráveis e imóveis; ou então não poupam mais, mas continuam consumindo suas poupanças. Em

## 5. Três canais de inflação de ativos

todos os três casos, a oferta de fundos emprestáveis diminui e as taxas de juros aumentam.

Sexto, com os preços em constante aumento, há um incentivo para todos os participantes do mercado buscarem tipos alternativos de moeda. Se houver alternativas adequadas, a demanda por moeda ruim diminui, e pode até ser completamente expulsa do mercado de moeda. Então a economia de dívida excessiva também chegará ao fim.

### **Mercados de ativos sob inflação deliberada de preços**

Os limites à inflação de preços que acabamos de destacar existem apenas em uma ordem monetária natural. Em um sistema moderno de moeda base desmaterializada compulsiva (*moeda fiduciária*), eles são amplamente sobrepostos, e assim há um crescimento desenfreado e exponencial dos mercados de ativos.

Um sistema de moeda fiduciária provoca inflação permanente dos preços *por sua própria natureza* – e isso é o que o diferencia de uma ordem monetária natural. As pessoas, políticas e instituições concretas envolvidas no banco central são, nesse aspecto, completamente secundárias, senão irrelevantes, especialmente a longo prazo. Dinheiro natural *só pode* ser produzido a alto custo e em quantidades relativamente pequenas. O dinheiro fiduciário *pode* ser produzido em qualquer quantidade e em qualquer momento, sem quaisquer limitações econômicas ou técnicas. Os bancos centrais do mundo ocidental provaram esse fato de forma muito clara nos últimos anos.

O principal objetivo de um sistema de moeda fiduciária é aumentar o estoque de dinheiro. Mais especificamente, serve para aumentar o estoque monetário além do nível que teria alcançado sem intervenção governamental. Caso contrário, seria simplesmente inútil criar um sistema assim.

A *possibilidade* basicamente ilimitada de inflar o estoque monetário e a *concretização dessa possibilidade* pertencem à essência da moeda fiduciária. Por esse motivo sozinho, os seis limites discutidos acima são mais flexíveis aqui do que em uma ordem monetária natural.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Agora podemos imaginar que a inflação do estoque monetário não segue uma regra fixa, mas sim escolhas aleatórias. Hoje, a oferta monetária cresceria 5%, amanhã 70% e depois de amanhã 12%. Hoje essa pessoa ou empresa, amanhã outra, estaria no primeiro lugar da fila quando o novo dinheiro chegasse ao mercado, sem que fosse possível dizer antecipadamente quem serão os sortudos vencedores da loteria da inflação. Nesse caso, o crescimento desenfreado dos mercados de ativos ainda estaria limitado de quatro maneiras: (1) o risco de insolvência aumentaria à medida que a dívida cresce; (2) o aumento da dívida levaria a taxas de juros mais altas, porque a oferta de fundos emprestáveis não necessariamente se desenvolve em harmonia com a demanda; (3) as taxas de juros também aumentariam porque a inflação dos preços leva a uma redução na oferta de fundos emprestáveis; e (4) a área monetária diminuiria devido à concorrência monetária.

No entanto, o cenário de uma produção puramente aleatória de dinheiro é pura ficção. Na economia real, a inflação do estoque monetário segue um plano. Existem pessoas específicas que decidem sobre a inflação do estoque monetário, e há pessoas específicas que podem se beneficiar dessa inflação. Pode-se argumentar se isso também pertence à essência de um sistema de moeda fiduciária; e provavelmente teremos que afirmar que sim, especialmente porque o registro histórico é tão cristalino. Nunca jamais foi introduzido um sistema de moeda fiduciária que funcione aleatoriamente. *Sempre e em todos os lugares, certas pessoas e grupos são sistematicamente favorecidos.*<sup>15</sup> De fato, que rei, que príncipe,

---

<sup>15</sup> Murray Rothbard se deleitava (e se destacava) em citar nomes quando se tratava dos beneficiários do intervencionismo governamental, especialmente do intervencionismo monetário. Veja, por exemplo, M. N. Rothbard, *A History of Money and Banking in the United States* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2002); *ibid.*, *Conceived in Liberty*, vol. II (1999 [1975]): “*Salutary Neglect*”: *The American Colonies in the First Half of the Eighteenth Century* (Auburn, Ala.: Mises Institute), chap. 26; vol. III (1999 [1976]): *Advance to Revolution, 1760-1775* (Auburn, Ala.: Mises

## 5. Três canais de inflação de ativos

que governo democrático teria o trabalho – e correria os riscos – de criar e manter um sistema de moeda fiduciária sem qualquer possibilidade de direcioná-lo e dirigi-lo?

Mas assim que fica claro quem pode inflar o estoque monetário, e a favor de quem, surgem duas novas consequências. Por um lado, os beneficiários agora têm um incentivo para depender dos bancos centrais, em detrimento de todos os outros usuários de moeda (*risco moral*). Por outro lado, há um incentivo para que todos os outros participantes do mercado se juntem ao círculo de beneficiários.

Em um primeiro passo, vamos supor que apenas aqueles que estão no comando do sistema de moeda fiduciária possam se beneficiar diretamente da criação de dinheiro. Imagine o ditador de uma república de bananas que controla a imprensa de tal forma que apenas ele mesmo ou seus parentes e amigos sejam os beneficiários diretos, enquanto todos os outros não têm acesso a esse maná. (Mais tarde, abandonaremos essa suposição e nos aproximaremos das condições reais do mundo ocidental.)

Assim, aqueles que sabem que as ações monetárias serão inflacionadas a seu favor podem limitar os recursos de gestão de risco a um mínimo simbólico. As duas ferramentas essenciais da gestão de riscos na vida econômica são a equidade e a liquidez. Dinheiro suficiente disponível permite fazer pagamentos inesperados sem rifar qualquer ativo. Uma quantidade suficiente de capital permite absorver quaisquer perdas. Mas essas ferramentas são caras. Moeda mantida em dinheiro vivo não gera renda. Uma base de capital alto significa renunciar ao efeito de alavancagem. Em resumo, o aumento da segurança vem ao custo de retornos perdidos.

---

Institute), caps. 6, 7, 19, 35; vol. IV (1999 [1979]): *The Revolutionary War, 1775-1784* (Auburn, Ala.: Mises Institute), chaps 10, 67-70.

## 5. Três canais de inflação de ativos

No entanto, quem pode esperar ser salvo com a ajuda da impressora não precisa se preocupar em gerenciar riscos. Suas reservas de dinheiro podem ser reabastecidas a qualquer momento e sem limite; e as perdas não representam mais uma ameaça séria, pois os credores podem ser atendidos a qualquer momento e sem limitação. Assim, ele pode se endividar à vontade para multiplicar o retorno sobre o patrimônio próprio por meio da alavancagem.

Além disso, ele não precisa tomar nenhum cuidado especial ao investir capital. Os investimentos potencialmente mais lucrativos geralmente também são particularmente arriscados e, portanto, caros; por isso, investidores geralmente param por aqui. Mas para o mestre da impressora, os custos não importam. Porque não é *ele* quem suporta as possíveis perdas, mas toda a comunidade de usuários de dinheiro. Quando o estoque monetário é inflado a seu favor, o valor de cada unidade individual de dinheiro cai. No caso de investimentos arriscados, os lucros possíveis permanecem em seu bolso, enquanto as perdas possíveis são em grande parte suportadas pelos outros participantes do mercado. Portanto, ele não precisa fugir de riscos e preferirá investimentos particularmente lucrativos.<sup>16</sup>

Do ponto de vista econômico individual dele, esse comportamento não é irracional. Mas é óbvio que um problema macroeconômico está surgindo agora. Nosso investidor desenfreado assume riscos que

---

<sup>16</sup> O mesmo se aplica a estratégias de negociação de alto risco, como a transformação de vencimentos ou o chamado *carry trade* (dívida em uma moeda, investimento em outra). Sobre a influência das intervenções de política monetária na transformação dos vencimentos, veja Philipp Bagus, “Austrian Business Cycle Theory: Are 100% Reserves Enough to Prevent a Business Cycle?”, *Libertarian Papers* 2, Art. 2 (2010); e Philipp Bagus e David Howden, “The Term Structure of Savings, the Yield Curve, and Maturity Mismatching”, *Q. J. Austrian Econ.* 13, n° 3 (Outono 2010): 64–85.

## 5. Três canais de inflação de ativos

provavelmente não cobre por conta própria. Ele pode incorrer em custos que, em última instância, terão que ser arcados pelos outros participantes do mercado. Custos significa abdicar de recursos escassos. O dinheiro novo, recém-saído da impressora, é usado para comprar matérias-primas, mão de obra, bens de consumo e assim por diante, que então necessariamente faltam em outros lugares. No entanto, o local exato onde essa escassez ocorrerá não pode ser determinado antecipadamente. Em princípio, toda família e empresa pode ser afetada, mesmo que as respectivas atividades sejam financiadas apenas com patrimônio e sem empréstimos. O mesmo vale para o timing.<sup>17</sup> Mas, em todo caso, as ações irresponsáveis do mestre da impressora criam uma contradição entre o uso *planejado* dos recursos, por um lado, e os *recursos realmente disponíveis*, por outro.<sup>18</sup>

Claro, erros de planejamento também ocorrem em uma ordem econômica competitiva. E devemos acrescentar que tais erros normalmente são corrigidos sem demora por meio do mecanismo de retroalimentação de lucros e prejuízos. Mas esse mecanismo é dificultado e

---

<sup>17</sup> Em outras palavras, a probabilidade desse evento não tem nada a ver com as circunstâncias particulares decorrentes das atividades do operador em questão (ou seja, *probabilidade de caso*). Na verdade, essa probabilidade é definida pelo sistema econômico como um todo. Participantes individuais do mercado têm igualmente probabilidade de se tornarem vítimas (*probabilidade de classe*). Uma discussão mais detalhada dessa distinção pode ser encontrada em Mises, *Ação Humana*, cap. VI, §3–4; veja também Hans-Hermann Hoppe, “Os limites da probabilidade numérica”, “A questão do dinheiro entesourado” e “Sobre Certeza e Incerteza?”, tudo em *A Grande Ficção*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021).

<sup>18</sup> Matematicamente falando, o que temos aqui é um processo não linear. É possível que tudo corra bem por muito tempo, sem que os riscos assumidos não gerem custos reais. Mas a corda só estica até se romper. Eventualmente, chegará o ponto em que ocorra o sobrecarregamento dos recursos disponíveis que antes eram apenas latentes.

## 5. Três canais de inflação de ativos

atrasado pela impressora. No caso extremo em que um banco central busca manter todas as empresas em funcionamento com créditos baratos criados do nada, uma retificação não pode mais resultar de perdas em nível de empresa. Eventualmente, terá que ser feito no nível da economia como um todo, no contexto de uma crise macroeconômica. Em outras palavras, o processo de feedback entre planejamento e realidade não é mais descentralizado nem responsivo mesmo a pequenas discrepâncias; na verdade, agora ocorre em escala macroeconômica e somente depois que grandes desequilíbrios se formarem. A inflação do estoque monetário, *a mera possibilidade* de uma inflação (ilimitada) do estoque monetário, desencadeia uma expansão ilusória das atividades, que é finalmente corrigida em uma crise.<sup>19</sup>

Na alta, há um crescimento desenfreado nos mercados de ativos. A maioria das barreiras que limitam esse crescimento em uma ordem monetária natural agora está suspensa. A oferta monetária pode ser aumentada indefinidamente; não há risco de insolvência para os mestres da impressora; e estes últimos não precisam temer um aumento nos

---

<sup>19</sup> De acordo com a teoria tradicional da crise misesiana, desequilíbrios intertemporais na estrutura da produção ocorrem quando intervenções monetárias envolvem taxas de juros artificialmente baixas. No entanto, as considerações acima levam à conclusão de que intervenções monetárias podem levar a desequilíbrios e crises mesmo sem qualquer redução da taxa de juros. Cf. Jörg Guido Hülsmann, “Toward a General Theory of Error Cycles”, *Q. J. Austrian Econ.* 1, n° 4 (Inverno de 1998): 1–23, especialmente p. 20; Roger W. Garrison, *Time and Money: The Macroeconomics of Capital Structure* (Londres e Nova York: Routledge, 2001), p. 112 e seguintes. Robert C. B. Miller adotou essa ideia e a desenvolveu ainda mais. No entanto, ele restringe o problema, já que, em sua opinião, isso só ocorre quando as taxas de juros também são artificialmente reduzidas. Cf. Robert C. B. Miller “Systemic Appraisal Optimism and Austrian Business Cycle Theory”, *Q. J. Austrian Econ.* 15, n° 4 (Winter 2012): 432–442. Considerações semelhantes também foram feitas por Tyler Cowen; cf. Sua obra *Risk and Business Cycles: New and Old Austrian Perspectives* (Londres e Nova York: Routledge, 1997).

## 5. Três canais de inflação de ativos

juros, pois todos os empréstimos necessários podem ser concedidos gratuitamente e por um período ilimitado, se necessário. Portanto, o crescimento desenfreado durante a alta pode até ser exponencial.

No entanto, duas barreiras permanecem, a decorrente da inflação de preços e a resultante do possível uso de tipos alternativos de dinheiro. Como discutido acima, a inflação de preços tende a levar a uma redução na oferta de fundos emprestáveis. Isso pode então resultar na necessidade de os mestres da impressora compensarem aqueles fundos que não conseguem mais obter a preços aceitáveis no mercado de crédito por meio de uma produção ainda maior de dinheiro. No entanto, isso é uma faca de dois gumes. O aumento da inflação do estoque monetário acelera a queda no valor da moeda e, assim, leva a uma redução adicional na oferta de fundos emprestáveis.<sup>20</sup> A alta dos preços também implica um aumento vertiginoso dos gastos públicos e, portanto, a necessidade de contrair novos empréstimos cada vez maiores, que eles então pagam novamente produzindo dinheiro, etc., etc. Eventualmente, os preços sobem tão rápido que o dinheiro se torna inutilizável. Se os preços dobrarem de um dia para o outro – ou até mesmo da manhã à noite – quase ninguém vai querer ficar com esse dinheiro. Em casos extremos, isso pode levar à rejeição completa da moeda pelos cidadãos – ela colapsa e, com ela, toda a divisão do trabalho.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Foi justamente essa circunstância que causou grandes dificuldades para os bancos comerciais alemães nos anos inflacionários de 1914–1923 e levou à erosão de sua base de ações. Cf. Lothar Gall et al., *Deutsche Bank, 1870-1995* (Munique: C.H. Beck, 1995), p. 222 e seguintes; e a tradução em inglês, idem, *The Deutsche Bank 1870–1995* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1995). Mercados de crédito proliferando só ocorrem quando a inflação de preços está crescendo, não galopando.

<sup>21</sup> Como Peter Bernholz, professor emérito de economia da Universidade de Basel, demonstrou meticulosamente em várias publicações, todas as hiperinflações históricas surgiram dessa forma. O excesso de endividamento do governo em um sistema fiduciário de papel-moeda

## 5. Três canais de inflação de ativos

No longo prazo, todos os sistemas de moeda fiduciária levam a esse ciclo vicioso de inflação e inflação de preços. A partir daí, três resultados são possíveis. O primeiro é a hiperinflação, seguida pelo colapso semelhante a uma crise do sistema monetário fiduciário. Já durante a hiperinflação, os cidadãos geralmente começam a usar moedas estrangeiras e também tipos naturais de moeda, como moedas de prata e ouro; e isso amortece um pouco o colapso eventual.

O segundo possível resultado é a decisão dos mestres da impressora de parar a produção de dinheiro ou reduzi-la ao mínimo. Neste caso, uma crise de ajuste é inevitável, mas com duas variantes. *Ou* o ajuste pode ser realizado pelas forças do mercado, ou seja, por uma espiral deflacionária; *ou* o ajuste ocorre por meio de decreto administrativo em uma chamada reforma cambial.

O terceiro possível resultado é sobrecarregar a economia com controles de preços e outras regulamentações a tal ponto que o livre comércio e a troca não sejam mais possíveis. Dessa forma, também (como no caso da reforma cambial), os custos futuros podem ser distribuídos a certos grupos de forma direcionada. Em contraste com uma reforma monetária, porém, há uma nacionalização *permanente* da economia.

Agora, pode-se objetar que considerações desse tipo têm muito pouco a ver com a realidade atual. Falamos de “mestres da impressora” privilegiados ou ditadores de uma república de bananas. Na verdade, presumimos que eles eram os únicos beneficiários da inflação. Mas em países ocidentais hoje, como os EUA ou a Alemanha (ou países da Zona do Euro), não há ninguém que possa agir no sistema monetário como um senhorio. Hoje, temos bancos centrais públicos administrados por

---

tornou repetidamente irresistível o recurso à impressora, e a partir disso desenvolveu-se uma espiral inflacionária fatal. Cf. Peter Bernholz, *Monetary Regimes and Inflation: History, Economic and Political Relationships*, 2ª ed. (Cheltenham, Reino Unido e Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2015).

## 5. Três canais de inflação de ativos

pessoas educadas e bem-intencionadas. Eles agem de forma independente do estado e de forma alguma cuidam apenas de um pequeno círculo de beneficiários, mas de praticamente todos os participantes do mercado. Eles são sujeitos a regras mais ou menos rígidas. Eles têm o mandato de estabilizar os preços. Isso não deixa muito espaço para aumentos arbitrários no estoque monetário.

Essa objeção é em parte justificada. Os sistemas atuais de moeda fiduciária realmente funcionam de forma um pouco diferente do sistema primitivo e hipotético que examinamos até agora. Mas as diferenças são, em última análise, diferenças de grau e, acima de tudo, são pouco lisonjeiras para a realidade de hoje. O sistema primitivo adotado até agora é caracterizado pelo fato de que a inflação beneficia apenas o pequeno estrato dos controladores do sistema, enquanto a grande maioria não tem perspectiva de penetrar nesse círculo privilegiado. Em contraste, no nosso sistema monetário atual, praticamente todos os participantes do mercado podem esperar se juntar aos vencedores da inflação, pelo menos por um curto período.<sup>22</sup> Como mostraremos abaixo, essas circunstâncias agravam os efeitos adversos da moeda fiduciária.

---

<sup>22</sup> Vemos aqui uma analogia estrutural entre os sistemas monetários modernos (bancários) e os sistemas políticos modernos (republicanos). Veja George Bragues, *Money, Markets, and Democracy: Politically Skewed Financial Markets and How to Fix Them* (Nova York: Palgrave, 2016). Hans-Hermann Hoppe aponta que, na democracia, “Todos – não apenas a classe hereditária dos nobres – têm permissão para se tornarem funcionários do governo e exercer todas as funções governamentais. [...] Em vez de se restringirem a príncipes e nobres, privilégios, protecionismo e discriminação legal estarão disponíveis para todos e poderão ser exercidos por todos”. Hans-Hermann Hoppe, “Sobre os Erros do Liberalismo Clássico e o Futuro da Liberdade”, pp. 232–233, em *Democracia – o deus que falhou* (Transaction, 2001); veja também idem, “On

## **A política de estabilização desestabilizadora**

A missão central da política monetária hoje é estabilizar a taxa de inflação dos preços. O Eurosistema não tem nenhum objetivo prioritário mais elevado. Todas as suas atividades devem ser direcionadas para uma taxa anual de inflação de preços de cerca de 2%. O sistema de bancos centrais dos EUA segue um chamado duplo mandato: estabilizar a taxa de inflação de preços e, se necessário, expandir a política monetária para estimular o mercado de trabalho (e, como consequência dessas duas coisas, alcançar taxas de juros moderadas de longo prazo). Espera-se que tais políticas de estabilização tenham um efeito positivo no crescimento de longo prazo. Mas a verdade é que essa estabilização é de um tipo bastante superficial e que, na verdade, desestabiliza a economia. Vamos ver por quê.

Enquanto no sistema de moeda fiduciária de uma república de bananas apenas o ditador é financiado pela impressora, hoje um círculo muito maior de participantes do mercado pode contar com o maná da criação de dinheiro *ex nihilo*. Esse círculo inclui, antes de tudo, os bancos comerciais. A razão mais importante é que a estabilização da taxa de inflação de preços só pode ser alcançada estabilizando *todo* o estoque monetário. No entanto, a maior parte da oferta monetária geralmente não é produzida pelos bancos centrais, mas pelos bancos comerciais (veja a Figura 3, abaixo).

---

Monarchy, Democracy, Public Opinion, and Delegitimation”, em Same, pp. 82–83.

## 5. Três canais de inflação de ativos

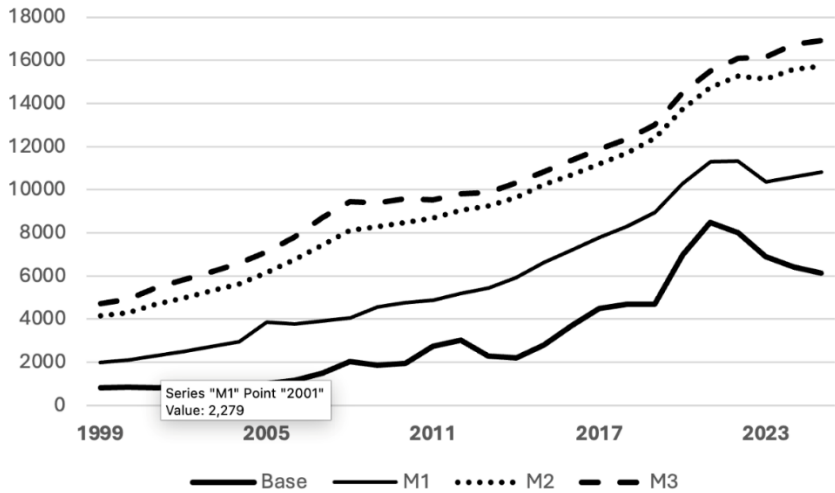


Figura 3  
Agregados monetários na área do euro, 1999-2025  
Fonte: BCE; Bilhões de euros

Para estabilizar a taxa de inflação de preços, os bancos centrais devem garantir que os bancos comerciais *não produzam dinheiro bancário excessivo*; isso pode ser feito dificultando as condições de refinanciamento (taxa de juros, vencimento, garantia) e também por meio da regulação dos mercados financeiros. Por outro lado, porém, eles também devem garantir que os bancos comerciais *não produzam dinheiro bancário insuficiente*. Para isso, as condições de refinanciamento podem ser flexibilizadas, mas isso nem sempre é suficiente. Bancos comerciais só podem produzir dinheiro bancário se forem solventes e líquidos. Mas o que acontece se isso não for o caso?

Depende do tamanho e da rede do banco em questão. Quanto menor e mais limitada sua esfera de influência, menor será o impacto da saúde financeira sobre o sistema como um todo. Portanto, inadimplências e insolvências de pagamento podem ser toleradas por bancos pequenos. É aqui que o processo usual de mercado pode fazer seu trabalho. Mas a situação é bem diferente para grandes bancos que mantêm relações comerciais com muitos outros participantes do mercado. Se um

## 5. Três canais de inflação de ativos

grande banco precisa vender títulos sob pressão, isso exerce pressão sobre os preços de mercado e, portanto, também sobre os valores patrimoniais de *outros* bancos que possuem o mesmo tipo de título. Um problema inicial de liquidez pode assim rapidamente se transformar em um problema de insolvência, especialmente se o *buffer* de capital próprio dos bancos for baixo. Se um grande banco entrar em calote, por um lado isso causa uma queda significativa na oferta total de dinheiro; e, por outro, existe o risco de que os credores também sejam atraídos para o vórtice da insolvência. Outros bancos comerciais estão entre os credores mais importantes dos bancos comerciais. A insolvência de um banco maior pode facilmente levar à insolvência de outros.<sup>23</sup>

É por isso que os bancos centrais buscam evitar problemas de liquidez e solvência no setor bancário comercial. Claro, a oferta de dinheiro em espécie não causa dificuldades particulares, pois os bancos centrais podem produzir dinheiro gratuitamente. As coisas são um pouco diferentes com a iminente *insolvência* de um banco comercial maior. Liquidez adicional não serve de nada aqui se essa liquidez vier na forma de um empréstimo, pois então os passivos aumentariam junto com os ativos e a insolvência persistiria.

Na verdade, existem apenas três medidas que ajudam em caso de insolvência: primeiro, a contribuição de capital social pelo estado;

---

<sup>23</sup> Sobre o efeito de contágio, ou efeito dominó, de tal sistema inerentemente insolvente, pelo qual a quebra de um banco se propaga para os demais numa espécie de reação em cadeia, veja Jörg Guido Hülsmann, *The Ethics of Money Production* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2008), p. 143 et pass.; idem, “Has Fractional-Reserve Banking Really Passed the Market Test?”, *The Independent Review* VII, no. 3 (Winter 2003): 399–422, p. 407 et pass.; idem, “Free Banking and Fractional Reserves: Response to Pascal Salin”, *Q. J. Austrian Econ.* 1, no. 3 (Fall 1998): 67–71, pp. 69–70; e idem, “Free Banking and the Free Bankers”, *Rev. Austrian Econ.* 9, no. 1 (1996): 3–53, p. 36 et seq.

## 5. Três canais de inflação de ativos

segundo, a permissão estatal para manter contas fictícias; e terceiro a criação de mercados artificiais para os ativos do banco em questão. As três técnicas foram amplamente utilizadas no resgate dos bancos em 2008 e 2009.<sup>24</sup> No entanto, os dois primeiros não pertencem à alçada dos bancos centrais, então vamos focar aqui no terceiro.

Os bancos centrais podem evitar a insolvência dos bancos comerciais ao evitar a queda no valor dos ativos detidos pelas instituições envolvidas. Esses ativos são principalmente títulos de dívida e, em alguns casos, também ações. Portanto, os bancos centrais devem *ou* comprar esses ativos a preços artificialmente altos; *ou* aceitá-los como garantia a valores artificialmente altos; *ou* trocá-los por seus próprios ativos a uma taxa de câmbio artificialmente alta. É exatamente isso que aconteceu em grande escala após a crise de 2008 e ainda acontece.

Muitos economistas – especialmente em países de língua alemã – acreditam que estabilizar os mercados financeiros não é uma das tarefas dos bancos centrais. Eles estão errados. *A estabilização dos mercados financeiros é uma consequência mais ou menos direta da principal tarefa de política monetária dos bancos centrais atuais*, qual seja: a estabilização da taxa de inflação dos preços. Para cumprir sua missão, os bancos centrais devem evitar o colapso dos bancos comerciais a todo custo; mas às vezes só conseguem isso evitando o colapso do mercado de valores mobiliários. Isso diz respeito especialmente a títulos de dívida e, acima de tudo, à dívida soberana.

Portanto, os bancos têm motivos para investir seu dinheiro nos títulos de devedores ruins (mas importantes), pois podem presumir que os preços desses títulos serão sustentados pelos bancos centrais. Outras intervenções governamentais também estão atuando na mesma direção,

---

<sup>24</sup> Os planos para isso foram elaborados e publicados alguns anos antes. Cf. Ben S. Bernanke e Vincent R. Reinhart “Conducting Monetary Policy at Very Low Short-Term Interest Rates”, *American Economic Review* 94, n° 2 (2004): 85–90.

## 5. Três canais de inflação de ativos

em particular o seguro de depósitos à vista. Os custos dessas intervenções são repassados ao público em geral – como no caso acima da república das bananas – isto é, para a comunidade de usuários de dinheiro. Toda vez que os bancos centrais abrem as comportas do dinheiro para apoiar este ou aquele banco, ou este ou aquele título, a escassez relativa de dinheiro diminui. Os beneficiários dessas intervenções enchem seus cofres com dinheiro novo, mas os outros detentores acabam sendo privados do poder de compra, que, em uma ordem monetária natural, preserva sua relativa escassez e, portanto, seu poder de compra.

No nosso sistema fiduciário atual, há um enorme incentivo para que os grandes bancos comerciais ajam conforme essa expectativa. *Eles sabem* que os bancos centrais querem estabilizar a taxa de inflação dos preços. *Eles sabem* que os bancos centrais têm recursos ilimitados à disposição para isso. *Eles sabem* que seu próprio bem-estar é essencial para que os bancos centrais cumpram sua missão pública.<sup>25</sup> Assim, os bancos comerciais podem reduzir sua própria gestão de riscos (cara) e dedicar uma parte maior de seus recursos a investimentos particularmente arriscados (e portanto lucrativos). Eles podem contrair mais dívidas e reduzir suas reservas de caixa para aumentar o retorno sobre o patrimônio próprio por meio da alavancagem. E é exatamente isso que eles fazem.

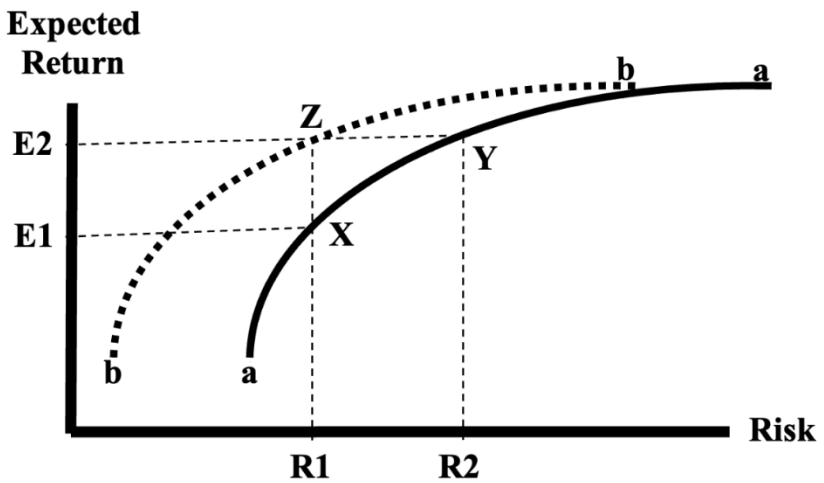
A métrica padrão para medir a alavancagem financeira dos bancos comerciais é o chamado índice CET1 – o índice comum de capital 1. De acordo com o FMI, a média mundial de índice CET1 foi de 13% em 2024, com base em uma amostra de 669 bancos de 69 países,

---

<sup>25</sup> E devemos acrescentar que os bancos centrais também sabem disso. O risco moral que hoje é tão prevalente no setor financeiro não é, como diz a teoria neoclássica padrão, uma consequência da informação assimétrica, mas uma consequência da violação dos direitos de propriedade. Veja Jörg Guido Hülsmann, “The Political Economy of Moral Hazard”, *Politická ekonomie*, vol. 54, n° 1 (2006), pp. 35–47.

## 5. Três canais de inflação de ativos

representando 74% dos ativos globais do setor bancário.<sup>26</sup> Uma média de índice CET1 de 13% significa que os bancos detêm títulos de dívida no valor de 770% de seu capital próprio. Mas mesmo esse número não representa adequadamente a situação real. Pois o índice CET1 é calculado dividindo o capital próprio dos bancos, não pelos ativos, mas pelos ativos *ponderados pelo risco*. Agora, o peso oficial de risco da dívida soberana (letras do tesouro, títulos do governo e similares), conforme definido em todos os acordos internacionais entre reguladores financeiros, é exatamente 0%. Isso significa que a dívida soberana não conta de forma alguma para o cálculo do índice CET1. Ao deter quantias significativas de dívida soberana, um banco comercial pode dessa forma reduzir seu índice CET1, mesmo que esteja alavancado ao máximo e tenha feito investimentos muito arriscados.



---

<sup>26</sup> Veja Fundo Monetário Internacional, *Global Financial Stability Report: Shifting the Ground Beneath the Calm* (Washington, DC: Fundo Monetário Internacional, outubro de 2025), p. 21.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Figura 4

O impacto da estabilização da taxa de preços e inflação nas decisões de investimento

Vamos apresentar uma representação gráfica desse mecanismo. A Figura 4 acima mostra uma curva de fronteira eficiente (a-a) ilustrando as oportunidades de investimento em uma ordem monetária natural. A curva mostra que um agente pode alcançar retornos esperados crescentes apenas aceitando riscos cada vez maiores (no sentido de possíveis consequências que são indesejáveis do ponto de vista dele). O projeto de investimento Y promete um retorno esperado maior (E2) do que o projeto X (E1), mas também está associado a riscos maiores (R2 em vez de R1). Se nosso investidor for relativamente avesso ao risco, ele preferirá X. No entanto, ele reconsiderará essa escolha em um sistema de moeda fiduciária. Porque, neste caso, ele não assume *todos* os riscos. Alguns dos riscos ou custos são socializados à força. Em sua visão, isso significa uma mudança na fronteira eficiente de (a-a) para (b-b). O Projeto Y agora tem o mesmo nível de risco (R1) que o projeto X antes, em uma ordem monetária natural. Nosso investidor pode, portanto, conciliar o risco relativamente menor (R1) com o retorno esperado relativamente maior (E2) (ponto Z). Assim, ele preferirá o projeto de investimento mais arriscado. De um ponto de vista *macroeconômico*, portanto, maiores riscos são assumidos (mais recursos são consumidos), enquanto, do ponto de vista *econômico individual*, um resultado melhor é alcançado com o mesmo risco.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Para evitar mal-entendidos, gostaríamos de ressaltar expressamente neste momento que não associamos essas declarações a acusações contra banqueiros, gestores de fundos e outros participantes do mercado financeiro. Como Charles Holt Carroll escreveu há mais de cento e cinquenta anos, o problema aqui diz respeito à ordem econômica como um todo, não aos participantes individuais do mercado. Cf. Charles Holt Carroll, *Organization of Debt into Currency and Other*

## 5. Três canais de inflação de ativos

É óbvio que, *como resultado, os mercados financeiros estão estruturalmente enfraquecidos*. Enquanto a base de capital é tão fraca quanto a da maioria dos bancos comerciais e outros participantes do mercado financeiro, qualquer grande calote envolve efeitos dominó que podem arrastar o mercado como um todo, como quase aconteceu no outono de 2008. Naquela época, apenas a intervenção massiva dos bancos centrais desacelerou a implosão dos mercados de ações e impediu a desintegração dos bancos comerciais. Mas, naturalmente, isso significa que os bancos comerciais se sentiram ainda mais encorajados.

No nível macroeconômico, as consequências são exatamente as mesmas do caso do ditador “primitivo” na seção anterior. A principal diferença para esse caso é que a redução das cláusulas de risco individual agora é acelerada. O ditador de uma república de bananas não precisa ter pressa, porque ninguém pode tirar suas vantagens. Os bancos comerciais de hoje, por outro lado, estão competindo por participação de mercado e novos acionistas, então eles vão se apressar para explorar o efeito de alavancagem da dívida o mais rápido e o máximo possível. Enquanto na república de bananas geralmente apenas o ditador (e seu círculo de amigos) estão fortemente endividados, enquanto a maior parte da população está restrita a comportamentos financeiros relativamente conservadores, em nosso sistema progressista exércitos inteiros se entregam à expansão do crédito.

Nos sistemas financeiros atuais, os bancos comerciais são apenas os *primeiros e imediatos* beneficiários da impressora.<sup>28</sup>

---

*Papers*, edição reimpressa (Nova York: Arno Press & The New York Times, 1972 [1964]), pp. 77, 94, 105 e seguintes.

<sup>28</sup> Nos EUA, o círculo de beneficiários imediatos (os chamados *dealers* primários) conta com apenas cerca de 20 a 30 bancos comerciais (em parte estrangeiros). No Eurosistema, o círculo é muito maior e inclui vários milhares de bancos comerciais de toda a zona do euro. No entanto,

## 5. Três canais de inflação de ativos

*Indiretamente*, companhias de seguros, fundos de pensão e todos os detentores de valores mobiliários em geral também desfrutam das vantagens econômicas individuais resultantes da estabilização dos preços mais importantes dos valores mobiliários. *Indiretamente*, todos os clientes bancários também podem se aproveitar da impressora. Esses incluem em particular os estados e os orçamentos públicos, mas também empresas do setor financeiro, empresas não financeiras e agregados familiares. Como vimos, com a inflação constante dos preços, há fortes incentivos econômicos para que cada cidadão fique do lado vencedor da política monetária patrocinada pelo governo. A maneira mais fácil de fazer isso é por meio de dívidas. Dívidas adicionais nos permitem comprar imóveis e títulos agora, bens cujos preços provavelmente vão subir mais cedo ou mais tarde devido à produção implacável de dinheiro. O resultado é uma inflação dos mercados de ativos, que resulta em grande parte da dívida das famílias.

---

também há certas transações aqui nas quais apenas um círculo menor de cerca de 100 bancos de alta rotatividade é admitido.

## 5. Três canais de inflação de ativos

	EUA		Reino Unido		Zona do Euro		Japão	
	(II/2024)		(2021)		(2024)		(2022)	
	Bn\$	%	Bn£	%	B€	%	Tr ¥	%
<b>PIB</b>	29.017	100	2.285	100	14.970	100	552	100
<b>Todos os ativos</b>	184.526	636	13.759	602	72.831	487	3.236	586
<b>Não financeiro Ativos</b>	61.288	211	7.088	310	42.353	283	1.205	218
<b>Financeiro Ativos</b>	123.238	425	6.671	292	30.478	204	2.030	368
<b>Dívidas financeiras</b>	20.729	71	2.139	94	8.875	59	381	69

**Tabela**

Ativos e dívidas familiares em relação ao PIB

*Fontes:* Federal Reserve, ONS, BCE, Gabinete do Gabinete; cálculo próprio

A tabela acima mostra a situação atual em alguns países selecionados. No Reino Unido, a dívida privada das famílias é particularmente alta (o valor monetário da dívida é 94% do PIB), enquanto na Zona do Euro é um pouco mais moderada (mal chega a dois terços do PIB). Note também que o valor total dos ativos nos quatro países é muitas vezes maior que o valor monetário da produção anual. Claro, isso se deve fundamentalmente ao fato de que os ativos são acumulados – em países ricos, é normal que seu valor ultrapasse em muito o da produção anual. Mas a influência da supervalorização especulativa dos ativos – que assume diferentes formas em diferentes países – também vem à tona aqui.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Hoje em dia, é comum que famílias jovens se endividem ao extremo para comprar as maiores casas possíveis o quanto antes.<sup>29</sup> Pessoas com um espírito empreendedor frequentemente têm a ideia de "coleccionar" apartamentos para aluguel, financiando cada nova aquisição com um novo empréstimo, tendo o próprio imóvel adquirido como garantia. Mesmo famílias com uma renda bastante modesta proveniente de sua atividade principal conseguem adquirir uma carteira de imóveis financiada por crédito. Esse comportamento é perfeitamente racional do ponto de vista econômico individual. Em um ambiente de inflação de preços, é justificável esperar um aumento sustentável no valor do imóvel. O serviço da dívida, por outro lado, não aumenta, pelo menos não quando a taxa de juros é fixa. Portanto, as receitas possíveis não têm limites, enquanto os custos são limitados. Os lucros são privados, enquanto os custos são, ao menos parcialmente, socializados.

Do ponto de vista macroeconômico, isso resulta em uma fragilidade financeira crescente que vai muito além do setor financeiro. Uma economia da dívida é vulnerável porque a falência de participantes individuais do mercado superendividados implica a falência de seus credores se eles também estiverem superendividados. Isso então leva a uma onda de falências semelhante a uma avalanche, que afeta praticamente todas as partes da economia.

Com um baixo nível de endividamento, ou com uma elevada base de capital próprio na economia como um todo, falências isoladas não causam grandes ondas. Seus efeitos negativos costumam limitar-se ao entorno imediato do devedor em questão: família, amigos, empregadores,

---

<sup>29</sup> É um pouco mais difícil para uma família privada especular da mesma forma sobre a alta dos preços dos títulos. Os credores (geralmente bancos) preferem colateralizar as quantias que emprestam com imóveis do que com títulos. Mas pelo menos aqueles que já pagaram em grande parte o empréstimo imobiliário podem então se endividar novamente – desta vez para comprar títulos ou *commodities*.

## 5. Três canais de inflação de ativos

empregados, clientes e fornecedores. O capital próprio existente nesse ambiente tem um efeito de absorção de erros. Ele quebra a onda de falências ou impede que tal onda surja desde o início. A situação é diferente em uma economia da dívida plenamente desenvolvida, tal como a produzida por um sistema de moeda fiduciária. Nesse caso, as falências podem gerar ondas muito grandes. Pois, quando os próprios credores estão altamente endividados, eles transmitem e multiplicam a falência original de seus próprios devedores. A falta de capital próprio no contexto de uma falência favorece ou intensifica ondas de falências.

Claro, essas ondas de falências são ainda mais importantes quanto maior for o devedor em questão. Hoje, alguns bancos e companhias de seguros são tão grandes que sua eventual falência praticamente arrastaria a indústria financeira global para o abismo. O mesmo se aplica às maiores empresas industriais. A falência delas também resultaria na dos credores e se espalharia daí em ondas mais fortes para o restante da economia. Empresas grandes o suficiente para desencadear uma avalanche assim são chamadas de "sistemicamente importantes" no jargão contemporâneo. No entanto, deve-se notar que a quantidade sistemicamente relevante não é uma constante natural. Na verdade, depende especialmente do nível de endividamento do setor financeiro como um todo. Quanto mais bancos e seguradoras se endividam, mais suscetíveis se tornam às falências de participantes cada vez menores do mercado.

Em outras palavras, quanto maior o nível de dívida dentro de uma ordem econômica, mais suscetível o conjunto se torna à má conduta de partes cada vez menores. Se fosse possível elevar a dívida do nosso tempo ao seu máximo teórico; se fosse possível endividar todas as empresas (não apenas no setor financeiro) e todos os lares (não apenas os orçamentos públicos) em um grau semelhante ao que só conhecemos até agora apenas pelo setor bancário e de seguros; então até a menor empresa e o menor lar seriam sistemicamente relevantes. A falência de

## 5. Três canais de inflação de ativos

um encanador ou padaria poderia então levar à falência todos os outros lares e empresas.<sup>30</sup>

Alguns teóricos engenhosos usaram a imagem de uma borboleta para ilustrar essa situação, cujos suaves batimentos de asas podem ter efeitos enormes. Imagine: a visão de uma borboleta aparecendo de repente desperta o amor por Deus de um encanador que está muito endividado. De um momento para o outro, ele decide deixar seu trabalho e continuar sua vida como monge. Ele vai à falência, sua empresa é liquidada e ele também perde seus bens privados. Isso não significa mais nada para ele. Mas o banco dele agora tem um problema. Ele fez provisões de acordo com suas melhores informações e expectativas, elaborou provisões e contratou apólices de seguro para estar preparado para todos os possíveis casos de inadimplência de pagamento. Mas não previu esse caso. A borboleta não estava em sua conta. Agora ele está indo à falência, a avalanche provocada pelo encanador se intensifica e, em pouco tempo, todos os outros participantes do mercado estão falidos.

Um ponto crucial deve ser enfatizado repetidas vezes: *não há uma tendência natural para uma economia da dívida*. Pelo contrário, geralmente há bons motivos para todas as partes envolvidas evitarem a dívida o máximo possível. No entanto, a política de estabilização dos bancos centrais leva a um alto nível de dívida em toda a economia, o que, por sua vez, só é possível sob um sistema de moeda fiduciária. Borboletas geralmente não têm impacto significativo na vida econômica. No entanto, a política de estabilizar o valor da moeda tende a conduzir a que as

---

<sup>30</sup> No momento, isso ainda não é o caso. Portanto, indivíduos privados ainda não estão sob a proteção dos bancos centrais. Nos EUA, uma faxineira de Nova York saiu nas manchetes há alguns anos. Com o tempo, ela adquiriu apartamentos e casas no valor de mais de um milhão de dólares, financiados, claro, com empréstimos. O colapso do mercado imobiliário em 2007–2008 então trouxe um fim temporário às suas negociações, sem qualquer intervenção do banco central.

## 5. Três canais de inflação de ativos

borboletas também possam se tornar uma fonte de perigo para a economia como um todo em algum momento.

### **Estabilização monetária e socialismo de mercado**

Vamos resumir as considerações acima. As políticas de estabilização dos bancos centrais modernos não colocam a impressora a serviço do bem comum. Essa pode ser a *intenção* dos executivos, mas a realidade é outra. Políticas de estabilização levaram à maior dívida e à maior inflação dos mercados de valores mobiliários e imobiliários de todos os tempos; e isso não foi um acidente. A meta da inflação de preço (e todas as políticas similares) socializa os ganhos inflacionários de curto prazo. Isso a distingue do uso supostamente primitivo da impressora em repúblicas de bananas. Mas essa socialização significa que os problemas que só afetariam o ditador e seu círculo em uma república de bananas agora estão se generalizando.

O socialismo monetário de nossos dias é bem conhecido pelos economistas da Escola Austríaca. Mas até mesmo os austríacos tipicamente a viram apenas no fato de que uma instituição estatal central – o banco central – é encarregada da produção do meio geral de troca; e que essa economia centralmente planejada sofre assim dos problemas habituais do planejamento central.<sup>31</sup> Mas, como vimos, o socialismo monetário dá à luz toda uma série de filhos socialistas de seu ventre. Isso produz um tipo muito especial de socialismo nos mercados de ativos.

Esse tipo de socialismo era conhecido pelos teóricos das décadas de 1920 e 1930, mas desde então desapareceu dos holofotes porque

---

<sup>31</sup> Veja, por exemplo, Jesús Huerta de Soto, *Moeda, Crédito Bancário e Ciclos Econômicos*, Melinda A. Stroup, trad., 4ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2020), cap. 8, §3; Roland Baader, *Money-Socialism: The Real Causes of the New Global Depression*, trad. Robert Grözinger, trad. (Gräfelfing: Verlag Johannes Müller, 2010).

## 5. Três canais de inflação de ativos

parecia completamente irrelevante na prática. Hoje, porém, ele é onipresente, apenas navega com uma bandeira falsa. É chamado de capitalismo predatório, turbo-capitalismo e outros nomes falsos. Antes da Segunda Guerra Mundial, era conhecido como "socialismo de mercado". Alguns teóricos socialistas da época queriam combinar as vantagens do mercado com as do socialismo. Eles propuseram que os chefes das empresas socialistas recebessem amplos poderes para explorar as vantagens da tomada de decisão descentralizada. Ludwig von Mises apontou já em 1922 a falha central dessa ideia:

Mas o problema não é tanto a participação do gerente no lucro, mas sim a participação dele nas perdas que surgem por meio de sua condução dos negócios. [...] Fazer com que um homem se interesse materialmente por lucros e pouco se importe com prejuízos simplesmente incentiva a falta de seriedade. Essa é a experiência, não apenas das empresas públicas, mas também de todas as empresas privadas que concederam a funcionários relativamente pobres, em cargos gerenciais, direitos a uma porcentagem dos lucros.<sup>32</sup>

Dezoito anos depois, ele se tornou ainda mais explícito:

---

<sup>32</sup> Ludwig von Mises, *Socialismo – Uma análise econômica e sociológica*, J. Kahane, trad. (Indianápolis, Indiana: *Liberty Fund*, 1981), cap. 11, §, p.186. Veja também idem, *Ação Humana*, cap. XXVI, §5, pp. 702–703, 706. Empreendedorismo significa agir sob incerteza. Esse fato fundamental foi perdido de vista pela economia acadêmica por décadas e só recentemente foi abordado novamente. Cf. Peter G. Klein, “Risco, Incerteza e Organização Econômica”, em *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2009). Sobre por que é impossível para os planejadores econômicos centrais “brincar de mercado”, veja Mises, *Socialismo*, cap. 6, §4, e idem, *Ação Humana*, pp. 707–708.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Se a economia socialista colocasse o controle do capital nas mãos de semiespeculadores, isso os transformaria em mestres irresponsáveis da economia. Ninguém que queira ser levado a sério poderia fazer ou defender uma proposta tão absurda. Uma economia socialista que buscasse regular o uso do capital dessa forma deixaria de ser uma economia socialista e planejada; nem seria capitalista. Seria caótica.<sup>33</sup>

Nesse meio tempo, o caos chegou. Nossa época testemunha uma inflação sem precedentes dos mercados de ativos, impulsionada por políticas públicas que aparentemente servem para estabilizar o valor do dinheiro. Os setores estratégicos de nossos mestres irresponsáveis são uma enorme dívida. Dia após dia, os bancos centrais inflam ainda mais essa pilha.

---

<sup>33</sup> Ludwig von Mises, *Nationalökonomie: Theorie des Handelns und Wirtschaftens* (Genebra: Éditions Union, 1940), p. 640 [tradução JGH]. O texto correspondente em *Ação Humana* (cap. XXVI, §5, pp. 705–706) é o seguinte:

Se o diretor-banqueiro, sem hesitação, emprestasse os recursos disponíveis àqueles que se propõem a pagar um juro maior, estaria simplesmente premiando a audácia, a imprudência e o otimismo leviano. Estaria abdicando em favor de visionários inescrupulosos ou de salafrários. Deveria reservar a si a decisão de como devem ser utilizados os recursos da sociedade. Mas, sendo assim, voltamos ao ponto de partida: o diretor, ao pretender conduzir a atividade econômica, não pode recorrer à divisão do trabalho intelectual que, no regime capitalista, nos proporciona um método prático de efetuar o cálculo econômico.

## 5. Três canais de inflação de ativos

Há apenas uma coisa que Mises não previu exatamente: que esse sistema absurdo um dia seria considerado o epítome do capitalismo e até mesmo seria defendido por muitos economistas.

# 6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

Lee I. Iglody<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Lee I. Iglody (lee@iglody.com), membro fundador da PFS, é advogado em Las Vegas. Ele concluiu seu bacharelado em Economia sob a orientação dos professores Murray N. Rothbard e Hans-Hermann Hoppe na Universidade de Nevada, Las Vegas. Veja também suas reminiscências anteriores de Rothbard em Douglas E. French et al., “Memories: Murray N. Rothbard (1926–1995) as Mentor and Teacher”, Property and Freedom Society Annual Meeting 2015, Bodrum, Turkey (Sep. 11, 2015), disponível em Stephan Kinsella, “PFP129 | Memories: Murray N. Rothbard (1926–1995) as Mentor and Teacher, Hoppe, DiLorenzo, French, Iglody (PFS 2015)”, *Property and Freedom Podcast* (May 20, 2022). Veja também o capítulo de Lee “O Círculo de Vegas”, em *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), que aborda Hoppe mas também Rothbard, e o capítulo de Doug French neste volume, “Remembering Murray Rothbard: Teacher, Friend, and Inspiration”, de Jeff Barr, “The Last Lecture,” e o de Hans Hoppe, “Amadurecendo com Murray”.

## 6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

Murray N. Rothbard foi um tipo raro de professor e pensador: um verdadeiro polímata cuja amplitude intelectual só era igualada pela disposição de sentar pacientemente com um jovem aluno e ajudá-lo a construir sua própria estrutura do zero. Para aqueles de nós que tiveram a sorte de estudar com ele em Las Vegas,<sup>2</sup> ele não era apenas um economista ou teórico libertário, mas um guia por um labirinto de ideias, e cujo riso contagiante, generosidade e rigor metodológico mudaram permanentemente o curso de nossas vidas.

O professor Murray N. Rothbard entrou na minha vida duas vezes, ambas por acidente. Primeiro, no fim de um corredor no Brooklyn, e depois em uma prateleira empoeirada em Greenwich Village. Sem esses dois momentos aparentemente triviais, eu poderia ter vivido uma vida totalmente respeitável e totalmente convencional. Em vez disso, encontrei o homem que me apresentou a uma civilização de ideias e me deu as balizas para navegar por ela.

Na primeira vez que "conheci" Murray, não falei com ele de jeito nenhum. Eu era estudante de engenharia mecânica na Polytechnic University (ou Brooklyn Poly, como chamávamos), fazendo uma disciplina eletiva fascinante sobre história da tecnologia. O professor Sviedrys gostou tanto do meu trabalho que me convidou para seu escritório, onde um projeto levou ao outro até que me vi escrevendo um longo artigo traçando como a roda d'água medieval remodelou a civilização. Pela primeira vez, vislumbrei o que significava pensar seriamente sobre incentivos e instituições, e não apenas máquinas e fórmulas.

No final daquele semestre, o professor Sviedrys fez algo que nunca vou esquecer. Estávamos sentados no escritório dele, tendo uma discussão abrangente sobre algum aspecto da história da tecnologia, com a porta aberta. Ele parou, olhou além de mim e literalmente apontou

---

<sup>2</sup> Veja também o capítulo de Doug French neste volume, "Recordando Murray Rothbard: professor, amigo e inspiração".

## 6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

para o corredor. “Aquele homem”, disse ele, “aquele homem é o homem com quem você precisa falar.”

Virei-me e vi Murray Rothbard. Ele estava sentado em seu escritório com a porta aberta, cercado de livros: livros no chão, livros na mesa, livros envergando as prateleiras ao máximo; quase podia-se ouvi-las gemendo sob o esforço. Eu não fazia ideia de que estava diante de uma das mentes mais originais da economia e filosofia política do século XX. Eu não agi de acordo. Logo depois, Murray aceitou um cargo na Universidade de Nevada, Las Vegas (UNLV), e ele se foi. Já tinha chegado até a porta, mas ainda não estava pronto para atravessá-la.

O segundo acidente aconteceu pouco depois, em uma livraria de livros de usados em Greenwich Village. Eu estava vagando pelos corredores sem nenhum plano específico quando vi um nome que reconheci: Murray Rothbard. Lembrei do corredor, das palavras “Aquele homem é o homem com quem você precisa falar”, e senti um choque. Comprei o livro e levei para casa. Eu não percebi que acabara de cruzar um limiar para um novo mundo. Eu devorei o *Por uma nova liberdade* de uma vez só.<sup>3</sup>

Com esse livro, e muitos que se seguiram, aprendi que a economia poderia ser algo muito diferente da ciência matemática seca que eu imaginava. Nas mãos de Rothbard, a ciência econômica tornou-se um ramo da filosofia moral – uma análise rigorosa da ação humana fundamentada no respeito ao indivíduo e em uma profunda desconfiança do poder. Mais do que isso, cada livro era um mapa que apontava para Mises, Böhm-Bawerk, Hayek, os escolásticos, os teóricos do direito natural e críticos radicais do estado.

Decidi que teria que estudar com o professor Rothbard. Trabalhei duro, economizei meu dinheiro e me mudei para Las Vegas para estudar

---

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006).

na UNLV. Deixei Nova York (e meu apartamento com aluguel controlado muito legal no centro) para trás e nunca me arrependi. Ok, sim: sempre que estou de volta a Nova York, ainda passo pelo meu antigo prédio e me permito lembrar. Murray, claro, jogou o jogo de apartamento de Nova York em um nível mais alto. Ele não abriu mão do apartamento com aluguel controlado no Upper West Side. Ele o manteve até o fim. Mais um exemplo de seu brilhantismo.

Qualquer um que conhecesse Murray apenas por seus formidáveis primeiros tratados poderia esperar um intelectual imponente e aterrorizante. Eu certamente esperei. O que encontrei, em vez disso, foi um homem alegre com um sorriso enorme que parecia encontrar humor em absolutamente tudo. Sua risada característica podia encher uma sala e deixar até o estudante de pós-graduação mais nervoso à vontade. Ele foi paciente comigo e com outros alunos quando mostramos disposição para lidar e dominar o material. Sua dedicação à descoberta e disseminação da verdade e do conhecimento me inspira até hoje.

Murray e Hans-Hermann Hoppe estavam no centro de um pequeno e intenso círculo de estudantes e colegas da UNLV.<sup>4</sup> Havia uma hierarquia tácita: um círculo interno daqueles que já haviam se provado e um círculo mais amplo de admiradores e recém-chegados, como eu, na periferia. Vindo de um mundo onde hierarquia e mérito conquistado estavam enraizados, não me apressei. Fiquei atrás e ouvi. Esperei meses antes de ousar fazer minha primeira pergunta, convencido de que

---

<sup>4</sup> Para minhas homenagens anteriores a Hoppe, veja minhas contribuições em seus dois *festschrifts*: “O Círculo de Vegas”, em *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), e “Um farol de luz”, *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024).

precisava conquistar o direito de tomar o tempo de um homem cujos livros já estavam transformando a forma como eu via tudo.

Com o tempo, fui me aproximando. As sessões em sala de aula foram ricas, repletas de exemplos históricos impactantes. Sua risada preenchia a sala enquanto ele abordava sem esforço desde teoria econômica até história medieval, absurdos políticos contemporâneos e qualquer outra coisa que lhe viesse à mente. A ciência da ação humana ganhou vida. Suas aulas eram a teoria da história de Ludwig von Mises em ação: a timologia em sua melhor forma.<sup>5</sup> Naquelas horas, parecia que eu estava sentado aos pés dos mestres: Platão com Aristóteles, Aristóteles com Alexandre, Mises com seu círculo de seminários.

Para mim, porém, a verdadeira educação acontecia fora da sala de aula, em seu escritório, em sua casa, no corredor, nos momentos em que eu podia colocar meus pensamentos dispersos diante dele. Eu vinha com peças desalinhadas: os hábitos mentais de um engenheiro mecânico que pensava em termos de sistemas e restrições; intuições morais herdadas da família e da fé; fragmentos de teoria econômica de Mises e outros; perguntas sobre história, poder e guerra. Murray me deixava falar, ouvindo pacientemente com aquele brilho nos olhos. Então, com uma mistura de gentileza e travessura, ele apontava a premissa que faltava, a contradição que eu havia cuidadosamente contornado, ou o caso histórico que desmontava minha suposição, e então me mandava para casa com livros. Eu leria, reconsideraria e voltaria com novas perguntas. O ciclo se repetiu, e foi o período mais intelectualmente estimulante da minha vida. Ele nunca humilhou; ele foi educado. Ele tornou possível estar errado sem estar quebrado. Embora pudesse ser devastador em suas críticas aos outros, tomava cuidado para não esmagar alunos sinceros que realmente tentavam entender.

---

<sup>5</sup> Sobre esse conceito, veja Ludwig von Mises, *Teoria e História* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007).

## 6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

Mais importante ainda, ele me ensinou *como* ler: como testar argumentos contra princípios fundamentais, como distinguir a percepção genuína de sofismas da moda e como evitar ser deslumbrado por jargão técnico que esconde a realidade. Dentro desses limites, consegui cristalizar uma estrutura moral e intelectual que me serviu em todas as áreas da minha vida. É um arcabouço em que a autopropriedade e os direitos de propriedade não são meras abstrações, mas restrições vivas sobre o que podemos fazer corretamente uns com os outros. É um arcabouço em que a troca voluntária e o contrato não são apenas mecanismos econômicos, mas práticas morais, e no qual guerra, inflação e regulação burocrática são vistas pelo que são: mecanismos pelos quais poucos extraem riqueza, obediência e sangue da maioria. Quando essa estrutura tomou forma, não consegui mais olhar para direito, negócios ou política da mesma forma.

Ele não me passou apenas suas conclusões. Ele me deu um método para abordar ideias. Economia, história, ética e filosofia política não eram silos acadêmicos separados, mas partes interconectadas de uma única arquitetura voltada para entender a ação humana, o poder e a justiça. Por meio de seu trabalho e seu exemplo, percebi que as grandes questões da economia não podiam ser separadas das questões de certo e errado, e que a história não podia ser contada honestamente sem enfrentar a realidade da exploração.

À medida que absorvia seu ensinamento, passei a ver um padrão recorrente na história: repetidas vezes, instituições evoluem permitindo que poucos vivam às custas de muitos. Às vezes, por graça ou por acidente, surge uma elite natural que genuinamente tenta servir a muitos, mas na maioria das vezes o padrão é o mesmo. Isso não é um *slogan*; é um fato estrutural que atravessa impérios, estados, cartéis e burocracias. Murray me ajudou a ver isso não como um ressentimento vago, mas como um princípio fundamentado em uma análise econômica e histórica cuidadosa. Quando você vê o mundo dessa forma, não pode *desvê-lo*.

Em nenhum lugar isso ficou mais claro do que em seu tratamento da guerra e do estado. Para Rothbard, o estado era “a organização do roubo em grande escala”, e a guerra era sua expressão mais cruel. Ele

## 6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

mostrou, em detalhes pacientes, como manipulação monetária, recrutamento obrigatório e propaganda se entrelaçam em uma máquina que transforma a vida e a propriedade das pessoas comuns em combustível para ambições da elite. Essa análise ressoou com algo profundamente pessoal: o pedido do meu pai no leito de morte para que eu não me alistasse no exército, que eu estava seriamente considerando na época. Meu pai, que passou anos em combate, implorou para que eu não deixasse minha vida ser consumida pelas guerras dos outros. Sob a orientação de Murray, esse apelo encontrou seu lar intelectual. Minha oposição visceral à guerra tornou-se uma postura de princípios, enraizada em uma visão coerente de economia, história e ética.

Fiquei radiante quando Murray me escolheu para liderar o que acabou sendo seu último grupo de estudos em Las Vegas. Diferente das trocas desestruturadas, livres e muitas vezes animadas que desfrutávamos toda semana com Hans em um pub local, as sessões noturnas com Murray eram apenas por convite (um dos meus deveres sagrados como líder de grupo de estudo era manter a ralé afastada) e bem estruturadas, acontecendo em um canto tranquilo de uma lanchonete local. Ele nos dava um livro; a gente tentava ler um capítulo sozinhos. Depois, nas segundas-feiras à noite, nos reuníamos e sentávamos com ele por horas. Ou, para ser preciso, ele falava por horas enquanto fazíamos o possível para acompanhar.

As sessões se estendiam até tarde, mas nunca se arrastavam. Frequentemente, o tema nominal era um único capítulo de *Homem, Economia e Estado* ou algum outro livro ou ensaio, mas em poucos minutos ele já estava indo da praxeologia à história monetária, da política contemporânea ao cinema moderno, em um único arco cuidadosamente fundamentado. Vê-lo fazer isso era como ver um mestre engenheiro te guiando pelo funcionamento de uma máquina intrincada e perfeitamente projetada. Seu intelecto era, no melhor sentido, viciante. Depois de provar dessa experiência, sempre queríamos mais. Eu certamente queria mais. Tenho orgulho de ser parte do fã clube de Rothbard-Hoppe, membro do Círculo de Vegas.

Murray e eu até desenhamos um plano para o meu futuro que refletia seu senso de estratégia e seu humor. Após revisar e elogiar meu

extenso artigo sobre a história da contabilidade de custos e sua perversão durante a Era Progressista, ele concebeu uma ideia para meu futuro acadêmico. Com a ajuda dele e de um amigo professor, eu deveria entrar em um programa de doutorado em contabilidade, concluir meu mestrado e depois entrar na academia como professor de contabilidade e história da contabilidade. À primeira vista, era o caminho mais inofensivo e técnico imaginável. Mas o objetivo subjacente era silenciosamente subversivo: contrabandear a lógica do capitalismo e a ética da liberdade para a academia moderna sob o educado título de “história da contabilidade”. Era um plano clássico rothbardiano trabalhar dentro das estruturas dadas, mas usar toda a autonomia para avançar a verdade.

A vida raramente segue os contornos bem definidos que traçamos na juventude. Murray faleceu inesperadamente, em janeiro de 1995. Fiquei arrasado. Larguei a escola, saí de Las Vegas e consegui um emprego em uma grande empresa de contabilidade na Flórida. Eventualmente, meu caminho levou ao direito, e me tornei advogado de litigância comercial. À primeira vista, isso pode parecer uma mudança completa da vida que Murray e eu imaginávamos. Mas a estrutura que ele me deu provou ser tão relevante em tribunais, salas de conferência e salas de reunião quanto seria em salas de aula.

Na lei da cannabis, por exemplo, trabalhei na borda confusa de um regime que finalmente descriminalizou comportamentos pacíficos enquanto criava nichos lucrativos para aqueles que puderam navegar por suas regras. No direito das escolas charter, vi de perto a tensão entre iniciativa local e centralização burocrática, e defendi espaços onde famílias e educadores podem fazer experiências fora do alcance dos planejadores centrais. Em litígios corporativos e fiduciários e outras disputas comerciais complexas, lido diariamente com contratos, promessas, violações de dever e as formas sutis pelas quais as formas legais podem tanto honrar acordos voluntários quanto disfarçar a exploração como conformidade. Durante a loucura da Covid, lutei incansavelmente pelos direitos dos indivíduos de afirmarem sua autonomia corporal, a um grande custo pessoal; durante a crise imobiliária, lutei incansavelmente

para salvar casas e bens das pessoas.<sup>6</sup> Como Mises diria, *Tu ne cede malis, sed contra audentior ito*.

Em todas essas áreas, tentei agir como uma espécie de guardião rothbardiano rebelde dentro do sistema. Não posso refazer a ordem legal sozinho; a máquina dos poucos explorando a maioria está muito enraizada para isso. Mas dentro dos casos que assumo, dos argumentos que apresento e das concessões que recuso, posso pressionar na direção da ordem voluntária e contra o poder arbitrário. Frequentemente ouço ecos da voz do Murray. A questão está sempre presente: isso serve a consentimento e responsabilidade genuínos, ou ajuda a consolidar a coerção por trás do jargão jurídico?<sup>7</sup> Um retrato de Murray está pendurado no meu escritório e na minha casa. Isso me inspira a lutar o bom combate e a lembrar de rir.

Às vezes sinto uma pontada de arrependimento por Murray não ter vivido um pouco mais. Ainda consigo imaginar minha vida alternativa: o professor de contabilidade e história da contabilidade, diante de um auditório, entrelaçando discussões sobre contabilidade de partida dupla e a linguagem dos negócios em uma exploração mais profunda de propriedade, capital e a lógica moral dos mercados. Esse caminho teria

---

<sup>6</sup> Também discuto essa questão em Lee I. Iglody, “Prefácio”, em Douglas E. French, *Walk Away: The Rise and Fall of the Home-Ownership Myth*, 2ª ed. (Baltimore, Maryland: Laissez Faire Books, 2012), p. vii.

<sup>7</sup> Para distinguir atividades estatais que não são inerentemente agressivas e deveriam ser privatizadas de atividades estatais que são inerentemente agressivas (como administrar campos de concentração) e não deveriam ser privatizadas, veja Murray N. Rothbard, “Property and the Public Sector”, pp. 440–442 et pass. e “Aurofobia: Or, Free Banking on What Standard?”, p. 889, ambos em *Economic Controversies* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011); veja também Hans-Hermann Hoppe, “Da propriedade comum, pública e privada e a razão da privatização total”, Parte I, em *A Grande Ficção*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021).

sido profundamente satisfatório, não menos porque teria sido uma continuação direta do plano que um dia desenhamos juntos. Eu estaria espalhando o evangelho do capitalismo, “professando” o Método Austríaco e os profundos e atemporais *insights* de Mises, Rothbard, Hoppe, Hülsmann e outros mestres austríacos. À medida que envelheço, passei a entender que a verdadeira medida da influência de um professor não é se o aluno acaba com o título ou cargo exato imaginado. É se o aluno carrega os princípios para qualquer posição que realmente ocupe. Nesse sentido, ainda sou e sempre serei aluno de Murray Rothbard.

Eu o encontrei por acaso, duas vezes. Nada do que ele fez por mim foi acidental. Ele me apresentou a ideias de uma civilização, me deu as balizas para navegar entre alguns dos maiores pensadores da história humana e me ajudou a cristalizar uma estrutura moral e intelectual que guiou minhas escolhas em todas as áreas principais da minha vida. Se, no meu trabalho como advogado e no meu papel de pai e cidadão, consegui me opor, mesmo que de pequenas formas, ao padrão duradouro dos poucos explorando os muitos; se defendi espaços de cooperação voluntária contra as invasões do poder; se permaneci visceralmente anti-guerra e desconfiado do império; então fiz pelo menos algo para honrar a dívida que tenho com ele.

Sinto uma profunda ambivalência quando olho para trás. Por um lado, sinto-me profundamente honrado por ter podido passar tanto tempo na presença de um gigante. Por outro, carrego uma tristeza persistente por ele. Uma mente do calibre dele deveria ter sido entronizada em uma das melhores universidades do país, cercada pelos jovens mais talentosos da nossa geração. Em vez disso, ele trabalhou em uma escola muito comum, cercado de estudantes comuns que se tornavam extraordinários pela proximidade dele, travando batalhas institucionais que nunca deveriam ter sido necessárias. Essa diferença entre sua estatura e suas circunstâncias permanece, na minha opinião, um dos escândalos acadêmicos silenciosos do século XX.

E, ainda assim, essa alocação incorreta de talento foi, para nós, uma bênção imerecida. Como ele não estava trancado atrás da máquina de guarda de uma instituição de prestígio, podíamos alcançá-lo.

6. O homem do outro lado da sala: meus tempos com o professor Rothbard

Podíamos sentar com ele por horas, fazer nossas perguntas hesitantes e absorver o que pudéssemos de sua mente implacável e alegre.

Pelos anos que passei em sua presença, pelo riso, pelo rigor e pelo desafio que ele ofereceu, pela mente que me ajudou a construir, continuo sendo seu aluno eternamente grato.

***Tu ne cede malis, Murray.***



# 7. Murray Rothbard, Mises University 1990, e o poder das instituições vivas

Thomas Jacob<sup>1</sup>

Há pessoas de quem você nunca esquece. Para mim, pessoalmente, uma delas foi Murray Rothbard.

Fui apresentado a Rothbard pela primeira vez na Mises University em 1990. Essa experiência foi, como muitos momentos decisivos da minha vida, resultado de muitas coincidências afortunadas. Olhando para trás, depois de mais de três décadas, fica claro que aquela única semana direcionou minha vida intelectual e, de muitas maneiras, minha vida pessoal para um caminho totalmente novo.

Hoje, meu encontro com Rothbard se tornou uma espécie de “motivo de fama” entre libertários. “Você realmente conheceu o Rothbard.” Essa reação, por mais divertida que seja, diz menos sobre mim do que sobre a presença duradoura de Rothbard. Nos anos 1980, quando

---

<sup>1</sup> Thomas Jacob estudou economia na Universidade de Zurique, foi piloto de companhia aérea da Swissair e se aposentou recentemente do setor de seguros. Em 1981, tornou-se um minarquista randiano e, em 1990, um anarquista hoppeano. Ele tem quatro filhos e mora com sua esposa e os dois mais novos em Zurique, Suíça.

comecei minha descoberta de ideias libertárias, costumava brincar que talvez houvesse dois libertários na Suíça – um amigo meu e eu. Hoje, há um partido libertário, cursos regulares de verão, programas para jovens e um ecossistema crescente de instituições. Não é irrazoável dizer que, sem Rothbard, muitos desses desenvolvimentos – direta ou indiretamente – talvez não existissem.

### **Três personalidades, uma tradição**

Menciono três figuras juntas aqui porque elas tiveram um significado especial para mim na Mises University de 1990: Ludwig von Mises como espírito e razão intelectual para a existência tanto do Instituto quanto da conferência; Murray Rothbard como o espírito reitor que deu à tradição sua forma humana e pessoal; e Hans-Hermann Hoppe, que a partir desse evento se tornaria um bom amigo. (Os mesmos três que Stephan Kinsella destaca em seu capítulo neste volume.)

O mais marcante, talvez, seja a linha clara que vai de Mises, passando por Rothbard, até Hoppe – não apenas intelectualmente, mas também institucionalmente. Os três não apenas fomentaram um compromisso profundo com a clareza radical, mas também entenderam que ideias não podem viver apenas nos livros, se querem ter alguma relevância.

Mises, se não me engano dos relatos de Rothbard, era pessoalmente bastante reservado. Ainda assim, ele criou espaços para intensa troca intelectual, como os famosos seminários de Viena, que foram seguidos por seus seminários posteriores em Nova York.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Jörg Guido Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007), citando uma carta de Fritz Machlup (p. 367):

Ele geralmente é reservado demais e todo inibido, por assim dizer. Alguém que o conhece pela

Rothbard herdou essa tradição, mas provou ser uma figura muito particular. Nas minhas memórias, Rothbard era acessível, caloroso, bem-humorado e totalmente desprezioso. E as instituições que existem por causa dele são a espinha dorsal do movimento libertário, e embora algumas tenham divagado intelectualmente, grupos como a Property and Freedom Society, assim como inúmeros Institutos ao redor do mundo, vieram para permanecer como monumentos e faróis tanto para Mises quanto para Rothbard.

Hoppe, quando o conheci pela primeira vez na Mises University em 1990, ainda estava no início de sua carreira, assim como muitos dos palestrantes. Acessibilidade mal era uma questão. Provavelmente devido à sua crescente reputação como sucessor intelectual de Rothbard, as expectativas podem ter mudado. E ainda assim, aqueles que o conhecem frequentemente se surpreendem com sua abertura e acessibilidade pessoal. Hoppe fundou mais tarde – junto com sua esposa Gülçin – a *Property and Freedom Society*, inspirada nos salões de Viena de Mises. A

---

primeira vez pode se sentir repellido por sua aparente frieza ou por alguma falta de simpatia. Quem o conhece melhor sabe que ele é totalmente simpático. Ele é um homem que não está disposto a fazer concessões, mesmo que tal concessão possa ser vantajosa para ele. Ele vai se manter teimosamente em suas convicções. Embora eu ache que isso é realmente um mérito, às vezes isso antagoniza as pessoas.

E:

A herança judaica comum deles certamente foi um fator importante em sua relação incomumente cordial – na década de 1930, Mises escreveu para Machlup no tom de verdadeira amizade, enquanto em sua correspondência com outros associados intelectuais (Hayek, por exemplo) sempre havia um toque de formalidade. Ibid., p. 477; veja também ibid., pp. 175, 514, 732, 802, e pass.

PFS é um complemento vivo da Mises University, muito no espírito do próprio Mises.

### **Por que as conferências importam**

Minha experiência na Mises University em 1990 me convenceu de algo que ainda defendo firmemente: conferências como a Mises University e a PFS, além de seus inúmeros benefícios educacionais, também têm o potencial de alterar significativamente o rumo da vida de alguém.

As chances de formar amizades profundas e duradouras para a vida toda nesses eventos provavelmente são maiores do que até mesmo em círculos religiosos. Ambos os ambientes oferecem uma visão de mundo compartilhada e um senso de propósito comum. Os encontros libertários, no entanto, são únicos em um aspecto importante: o sistema de crenças compartilhado geralmente foi adquirido ativamente, muitas vezes contra o *mainstream* e por meio de luta intelectual pessoal. Posso atestar isso pessoalmente, já que duas das amizades mais importantes da minha vida começaram naquela conferência em 1990 (uma delas foi Hoppe, a outra José Alfredo Guerrero). Um resultado notavelmente eficiente, considerando que ficamos lá apenas alguns dias.

Não só meu tempo na Mises University levou a essas amizades – como também resultou em uma cascata de empreendimentos pessoais subsequentes (entre eles a criação da “Iniciativa da Moeda de Ouro” suíça,<sup>3</sup> a criação do livreto *Hoppe Unplugged*, que apresentou milhares de pessoas ao pensamento de Hoppe, e, por fim, do OboxPlanet, minha

---

<sup>3</sup> Veja Schweizer Goldmünzen; “Thomas Jacob on the Swiss Gold Franc Association”, *Goldmoney* (Youtube; Out. 31, 2012); “Swiss Gold Coin Initiative, update May 2024”, *Schweizer Goldmünzen* (Youtube; Mai. 29, 2024).

missão de longo prazo de apresentar ideias anarcocapitalistas a estudantes e jovens através da "porta dos fundos" de um seminário de aventura.<sup>4</sup>

Tudo isso está muito alinhado com o espírito de Rothbard. Na Mises University em 1990, ele enfatizou que as ideias libertárias não podem permanecer confinadas à academia. Elas devem alcançar o público em geral, incluindo empreendedores e empresários. É uma tradição que Hoppe continuou brilhantemente com a PFS.

## **Sobre lealdade, praxeologia e resistência intelectual**

Um aspecto do legado de Rothbard que merece destaque é a notável lealdade daqueles que passam a entender suas ideias. Rothbardianos – e, aliás, misesianos e hoppeanos – tendem a ser incomumente firmes.

A praxeologia, uma vez compreendida, é simplesmente convincente demais para ser abandonada casualmente. Sua coerência interna, sua disciplina lógica e sua recusa em ceder nos princípios fundamentais proporcionam uma sensação de segurança intelectual que é rara. Pela minha experiência pessoal, traz uma certa calma – quase, sem forçar a analogia demais, uma espécie de paz de espírito semelhante a encontrar a fé certa. Consigo entender que essa certeza possa parecer provocativa para alguns. Dito isso, não só aceito críticas sérias à praxeologia, como também as recebo de braços abertos.

Alguma oposição, especialmente em círculos acadêmicos, também é estrutural. A economia austríaca não exige exércitos vastos de estatísticos ou matemáticos, nem gera demanda incessante por

---

<sup>4</sup> Oboxplanet.com; Thomas Jacob, "PFS 313 Bonus OboxPlanet presentation", Property and Freedom Society (Youtube; Nov. 4, 2025 [Set. 21, 2025]).

modelagem técnica. Nesse sentido, é uma doutrina desconfortável para partes da profissão acadêmica: menos equações significam menos especialistas, e menos especialistas significam menos carreiras para economistas.

Uma reação semelhante pode ser observada na resistência à ética argumentativa de Hoppe. Como Stephan Kinsella comentou certa vez em um *podcast*, o argumento é tão simples e engenhoso que pode despertar inveja.<sup>5</sup> Se a violência não pode ser justificada sem contradição, pode-se temer que um universo inteiro de disputas filosóficas desmorone de repente. Muitos debates, trabalhos e até dissertações podem se tornar desnecessários. Ou, como gosto de dizer: se a violência política não pode ser justificada, o que resta para os estudantes debaterem durante suas longas noites regadas a vinho?<sup>6</sup>

Rothbard compreendia essa dinâmica em todos os níveis. Ele não se surpreendeu nem desanimou com a resistência. Em vez disso, como Mises antes dele e Hoppe depois, ele focou em construir instituições e comunidades fortes o suficiente para sobreviver às modas intelectuais.

## **Do objetivismo ao anarcocapitalismo**

---

<sup>5</sup> Veja Stephan Kinsella “KOL241 | Dave Smith’s Part of the Problem Show: Libertarian Property Theory”, *Kinsella on Liberty Podcast* (27 de março de 2018), aos 30:45. Sobre a inveja de outros libertários em relação a Rothbard, veja Tom Woods, “Entrevista com Hans Hoppe”, *Tom Woods Elite Letter*, Edição #18 (Verão de 2025).

<sup>6</sup> Veja também a discussão de Hoppe sobre o apelo da “deslumbrante e metodologicamente não comprometida” e sempre aberta discussão de Nozick em sua Introdução neste volume, e Hans-Hermann Hoppe, “Introdução”, em Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998). Como G. K. Chesterton brincou, “o objetivo de abrir a mente, assim como abrir a boca, é fechá-la novamente sobre algo sólido”. *A Autobiografia de G. K. Chesterton* (Sheed & Ward; Nova York, 1936), cap. X.

Você pode se perguntar como um piloto suíço, sem conexões libertárias próximas e sem internet para consultar, pôde acabar na Mises University?

Como muitos outros, minha jornada começou acidentalmente. Enquanto era estudante de intercâmbio em uma escola de ensino médio de Indiana em 1981, um familiar me deu o livro *A Nascente*, de Ayn Rand. Fiquei viciado. Durante toda a década de 1980, me considerei um objetivista, com a arrogância habitual dos objetivistas.

Mais tarde, no departamento de filosofia da universidade, me deparei com *The Machinery of Freedom*, de David Friedman (fui apenas o segundo aluno a retirar o livro, sendo que a biblioteca o havia adquirido dez anos antes). Friedman listou instituições e publicações libertárias, incluindo a *Reason Magazine*, a qual eu assinei e onde depois notei um anúncio da Mises University em Stanford em 1990.

Inscribi-me – junto com meu pai, um conservador nacionalista – e fomos aceitos, apesar de não termos cumprido todos os requisitos de leitura. Entrei na Mises University como um objetivista curioso e questionador, mas saí uma semana depois como um anarcocapitalista resolutivo.

Meu agora amigo José Alfredo Guerrero relatou uma experiência semelhante. Ele chegou como um economista convencional e saiu como um rothbardiano convicto. Mais tarde, ele apresentou as ideias de Rothbard a inúmeros estudantes, empresários e até leitores de jornais na República Dominicana.

## **Impressões duradouras da Mises University de 1990**

A personalidade de Rothbard foi um fator decisivo na impressão duradoura que ele me deixou. Ele combinava seu brilhantismo intelectual com modéstia e acessibilidade genuínas, mesmo com iniciantes. Seu humor, sotaque inesquecível e risada contagiante ainda ecoam nos meus ouvidos. Consigo ouvi-los mesmo quando leio o trabalho dele.

Hans-Hermann Hoppe foi a outra grande figura para mim durante aquela semana. Ele falou exatamente sobre os temas que eu procurava, com precisão alemã e clareza marcante. Enquanto Rothbard entretinha e encantava, Hoppe convencia por pura eficiência argumentativa. Ambos os estilos, embora diferentes, eram igualmente envolventes.

O ano de 1990 foi realmente muito especial para mim. Foi a primeira vez que a Mises University foi realizada após o colapso do comunismo real existente, o que marcou a maior confirmação possível das previsões de Mises. Rothbard estava visivelmente animado, algo ainda evidente nas gravações, especialmente em sua palestra final, “O Futuro da Economia Austríaca”.<sup>7</sup> Permanece uma joia de valor duradouro que coloca a história em uma perspectiva mais ampla.

### **Pérolas e mais pérolas – ouça Rothbard**

É um grande presente que as palestras de Rothbard daquele ano tenham sido gravadas e agora estejam disponíveis gratuitamente online. Para quem nunca teve o privilégio de vê-lo ao vivo, essas gravações transmitem algo essencial sobre sua singularidade.<sup>8</sup>

Jeff Riggenbach, descrevendo Rothbard em sua coletânea de biografias, certa vez escreveu:

Lendo Rothbard, você tem a sensação de que ele está olhando para tudo de cima de uma altura imensa, de modo que ele (e portanto você) pode ver todas as

---

<sup>7</sup> Murray N. Rothbard, “O Futuro da Economia Austríaca”, palestra de encerramento, Mises University 1990, Stanford University (7–14 de julho de 1990; YouTube).

<sup>8</sup> Mises Institute, Mises University 1990, Universidade de Stanford (7–14 de julho de 1990).

interconexões e exatamente como tudo se relaciona com o resto.<sup>9</sup>

É exatamente essa a sensação que tenho – não só ao ler Rothbard, mas também ao ouvir suas palestras.

Para os iniciantes, recomendo especialmente a palestra em vídeo “O Futuro da Economia Austríaca” e a quarta aula em áudio “Governo, Negócios e História Econômica Americana, Parte 2”. Juntos, elas oferecem uma introdução divertida, profunda e soberana ao universo de Rothbard – seu gênio, seu humor e seu alcance intelectual incomparável.

## **Um legado desproporcional**

Rothbard nunca foi famoso no sentido convencional. Até hoje, seu nome permanece desconhecido para muitos fora dos círculos libertários. E, ainda assim, seu impacto foi profundamente desproporcional.

Instituições como o Mises Institute, a Mises University, a Property and Freedom Society e inúmeras iniciativas libertárias ao redor do mundo refletem não apenas suas ideias, mas também sua visão estratégica e seu legado duradouro.

Quando jovens libertários hoje reagem com admiração ao fato de alguém ter conversado pessoalmente com Rothbard, isso revela algo importante: Rothbard adquiriu um tipo de *glamour* discreto.

Acredito que ele teria gostado disso – e provavelmente rido.

---

<sup>9</sup> Jeff Rigggenbach, “Murray N. Rothbard: Sr. Libertário”, em *The Libertarian Tradition* (San Francisco: Cobden Press, 1996), pp. 243–270; veja também idem, “Murray N. Rothbard: Mr. Libertarian”, no *podcast The Libertarian Tradition* (2 de março de 2010).



# 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

Stephan Kinsella<sup>1</sup>

## Nota Pessoal

Tive a sorte de conhecer Murray Rothbard pessoalmente – apenas uma vez, mas conta. Eu era libertário influenciado por Ayn Rand havia cerca de quinze anos, por volta de 1980, e um anarquista rothbardiano e crescente devoto das ideias de Ludwig von Mises quando estava na faculdade de direito, em 1988. E foi naquele primeiro ano da faculdade de direito que encontrei as ideias de Hans-Hermann Hoppe – sua ética

---

<sup>1</sup> Stephan Kinsella, membro fundador da PFS, é um escritor libertário e advogado aposentado em Houston. Suas publicações incluem *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023) (*LFFS*), *Contra a Propriedade Intelectual* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2008); *Uma vida dedicada à liberdade* (coeditor, com Jörg Guido Hülsmann; Houston, Texas: Papinian Press, 2024); e *International Investment, Political Risk, and Dispute Resolution: A Practitioner's Guide*, 2ª ed. (Oxford, 2020).

A maioria das minhas próprias publicações citadas aqui pode ser encontrada em [www.stephankinsella.com](http://www.stephankinsella.com) ou [www.c4sif.org/aip](http://www.c4sif.org/aip). Eu concedo uma licença CC0, sem direitos reservados, neste capítulo.

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

argumentativa apresentada nas páginas da revista *Liberty*.<sup>2</sup> E então eu estava empolgado iniciando minha jornada neste mundo.

Como contei em outro lugar,

Em meados de 1994, eu já havia me mudado [de Houston] para Filadélfia [...], e decidi participar da reunião do John Randolph Club em outubro de 1994, perto de Washington, D.C., que era um encontro de paleoconservadores do grupo Chronicles e vários libertários associados ao Mises Institute. [...] Meu objetivo principal era conhecer Hoppe, Rothbard e [Lew] Rockwell. Fiquei muito feliz em conhecê-los e outros estudiosos associados ao Mises Institute, e consegui que Murray autografasse meu exemplar de *Homem, Economia e Estado*, onde ele escreveu “*Para Stephan: Pelo Homem & Economia, e contra o*

---

<sup>2</sup> Hans-Hermann Hoppe, “The Ultimate Justification of the Private Property Ethic”, *Liberty* (setembro de 1988): 20–22 atraiu bastante atenção em um simpósio, “Breakthrough or Buncombe?” na edição seguinte (novembro de 1988), incluindo Murray N. Rothbard, “Para além do Ser e Dever Ser”, *Liberty* (novembro de 1988): 44–45. Para mais sobre ética da argumentação, veja Hans-Hermann Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013), cap. 7; idem, *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006), caps. 11, 13; Stephan Kinsella, “Ética Argumentativa e Liberdade: um guia conciso”, *Mises Daily* (27 de maio de 2011); idem, “Dialogical Arguments for Libertarian Rights”, “Defending Argumentation Ethics” e “The Undeniable Morality of Capitalism”, todos em *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023) (doravante *LFFS*).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

*Estado – Com os melhores cumprimentos, Murray Rothbard.*"<sup>3</sup>

Murray e eu conversamos por um bom tempo sozinhos em um auditório antes de outros entrarem. Claro que eu não sabia que ele estava prestes a falecer, apenas três meses depois. Mas, assim como ocorreu com os outros colaboradores deste *Gedenkschrift*, suas ideias, seu brilhantismo, sua paixão pela liberdade – moldaram minha vida intelectual. Talvez, ao lado de Hans, que usou como base o legado de Rothbard e ampliou e construiu sobre seu trabalho, ele seja minha maior influência intelectual. Estarei eternamente em dívida com ele.

Neste artigo, explorarei brevemente a importância central desse trio – Mises, Rothbard, Hoppe – para desenvolver uma compreensão sólida do nosso complexo mundo sociopolítico, com ênfase em Rothbard.

Mas esse conceito de *atribuição*, de dar crédito à origem das próprias ideias, me inspira primeiro a fazer um pequeno desvio (que também pode servir como ilustração do poder de sua estrutura intelectual).

### ***Excursus: o papel das ideias na ação humana***

Uma pressuposição do ativismo intelectual, do discurso e da investigação é que ideias importam: que outros podem ser persuadidos. Que as ideias que eles têm importam. Que adquirir conhecimento é possível, que aprender é possível.

---

<sup>3</sup> Stephan Kinsella, “Como me tornei um libertário”, em *LFFS*. Veja também idem, “Sobre a Lógica do Libertarianismo e Por Que a Propriedade Intelectual Não Existe”, em *LFFS*, e Alan D. Bergman, *Adopting Liberty: The Stephan Kinsella Story* (Houston, Texas: Papinian Press, 2025), cap. 7 (sobre participar da reunião de Randolph e do encontro com Rothbard e Hoppe).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

Isso é implícito pela própria estrutura da ação humana – a *praxeologia* desenvolvida sistematicamente por Mises – já que toda ação bem-sucedida requer não apenas a disponibilidade, uso, posse e emprego dos *meios* de ação (recursos) escassos e causalmente eficazes, mas também a posse de *conhecimento* para *guiar* as ações. O *conhecimento* é um aspecto central da ação, igualmente importante para os *meios escassos de ação*, mas recebe pouca atenção dos economistas, que (compreensivelmente) tendem a focar na produção de bens de consumo e no uso de meios em um mundo de escassez. Mas não podemos esquecer que a ação é inconcebível sem meios *para empregar* e *conhecimento para guiar* o uso desses meios. Esse conhecimento inclui o conhecimento das leis causais, dos fatos contingentes sobre o mundo, dos possíveis fins a serem perseguidos, das receitas e da tecnologia, e dos possíveis meios que podem ser usados para alcançar os próprios fins.

Como escreve Rothbard,

Existe outro tipo único de fator de produção que é indispensável em todas as etapas de todo processo de produção. Esta é a “**ideia tecnológica**” de como avançar de uma etapa para outra e, finalmente, alcançar o bem desejado dos consumidores. Isso é apenas uma aplicação da análise acima, ou seja, de que para qualquer ação deve haver algum *plano* ou ideia do agente sobre como usar as coisas como meios, como caminhos definidos, para fins desejados. Sem tais planos ou ideias, não haveria ação. Esses planos podem ser chamados de **receitas**; são ideias de receitas que o agente **usa** para **alcançar seu objetivo**. Uma *receita* deve estar presente em cada etapa de cada processo de produção, a partir da qual o agente avança para uma etapa posterior. O agente deve ter uma receita

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

para transformar ferro em aço, trigo em farinha, pão e presunto em sanduíches, etc.<sup>4</sup>

(Aliás, quanto aos economistas que deram pouca importância ao conhecimento em favor de meios escassos: note que, embora Rothbard aqui destaque o papel das receitas e ideias – o conhecimento – como componente crucial da ação, esse comentário está contido, quase como um pensamento tardio, em uma seção intitulada “*Implicações Adicionais: Os Meios*”, e não em uma seção separada.)

Ideias e conhecimento são necessários em um mundo de incerteza, ou seja, um mundo onde os agentes enfrentam constantemente um futuro incerto. A construção impossível da economia uniformemente

---

<sup>4</sup> *Homem, Economia e Estado — com Poder e Mercado*, Ed. Scholar, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), no cap. 1.3, p. 11, na subseção “*Implicações Adicionais: Os Meios*” (ênfase em negrito adicionada). Como escreve Mises, “Ação [...] não é simplesmente comportamento, mas comportamento gerado por julgamentos de valor, visando um fim definido e *guiado por ideias sobre a adequação ou inadequação de meios* determinados”. Ludwig von Mises, *O fundamento último da ciência econômica*, p. 34 (ênfase adicionada). Veja também Frank A. Fetter, *Economics — Vol. 1: Economic Principles* (NY: The Century Co., 1915), p. 465; Guido Hülsmann, “Knowledge, Judgment, and the Use of Property”, *Rev. Austrian Econ.* 10, n° 1 (1997): 23–48, p. 44; Hans-Hermann Hoppe, “Prefácio”, em Kinsella, *LFFS*, p. xv; e outras referências relacionadas no capítulo de Thorsten Polleit. Note que esse foco praxeológico no papel do conhecimento na orientação da ação no emprego dos meios é distinto do foco de Hayek na relevância da “natureza dispersa” do conhecimento, que alguns misesianos criticaram. Veja F. A. Hayek, “O uso do conhecimento na sociedade”, *American Economic Review* 35, n° 4 (setembro de 1945): 519–30; e Stephan Kinsella, “Knowledge vs. Calculation”, *Mises Economics Blog* (11 de julho de 2006); e os comentários de Rothbard e Hoppe sobre Hayek citados abaixo.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

circular é útil para análise,<sup>5</sup> mas, na realidade, a ação sempre visa um futuro incerto. Empregando meios guiados pelo conhecimento, é possível a ação bem-sucedida ou o lucro (psíquico), já que os agentes têm *algum conhecimento* e *alguns meios* disponíveis. Mas, como os agentes não são oniscientes, a perda ou o fracasso também é possível. Esse é um ponto enfatizado por Hoppe, que observa que “apenas uma posição intermediária entre os dois extremos do conhecimento perfeito e da ignorância perfeita é consistentemente defensável”.<sup>6</sup>

Assim como a posse de conhecimento é essencial para a ação humana bem-sucedida, a posse de *mais* e *melhor* conhecimento amplia o campo da ação humana bem-sucedida. Aprender – adquirir cada vez mais conhecimento útil – é, portanto, essencial para o progresso humano. Mesmo em um mundo de recursos materiais finitos, os humanos podem alcançar mais, produzir mais e ter ações mais bem-sucedidas com o acúmulo de mais conhecimento. Essa é uma das razões pelas quais os humanos hoje são mais ricos que nossos ancestrais; há um “fundo de experiência” em constante crescimento, como Hayek chamou, ou um conjunto de conhecimento e ideias para se basear, tornando a ação mais eficiente.<sup>7</sup> Não somos mais inteligentes que os antigos

---

<sup>5</sup> Veja Stephan Kinsella, “On Property Rights in Superabundant Bananas and Property Rights as Normative Support for Possession”, *StephanKinsella.com* (April 19, 2025).

<sup>6</sup> Hans-Hermann Hoppe, “Sobre Certeza e Incerteza, ou: Quão Racionais Podem Ser Nossas Expectativas?”, em *The Great Fiction: Property, Economy, Society, and the Politics of Decline*, 2ª edição (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021), p. 247.

<sup>7</sup> Veja F. A. Hayek, *The Constitution of Liberty: The Definitive Edition*, Ronald Hamowy, ed., Volume 17 de *The Collected Works of F. A. Hayek* (Chicago: University of Chicago Press, 2011), cap. 3, pp. 97–98; Stephan Kinsella, “Law and Intellectual Property in a Stateless Society”, Parte III.B, e “Against Intellectual Property After Twenty Years: Looking Back and Looking Forward”, Parte IV.C, em *LFFS*; idem, “The Problem with Intellectual Property”, no *Handbook of the Philosophical*

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

romanos; só temos mais receitas à nossa disposição. Conhecimento é realmente poder.

Essa distinção entre os papéis dos meios escassos de ação e do conhecimento explica por que os direitos de propriedade são necessários e surgem para recursos, mas por que os direitos de propriedade intelectual (PI) são destrutivos e injustificados.<sup>8</sup> Todos os agentes empregam (utilizam; possuem) meios escassos ao agir, ao se engajar em produções. Isso é verdade até mesmo para Crusoé sozinho em sua ilha, que possui meios – mas não direitos de propriedade. Crusoé *usa* os meios escassos e conhecimentos para alcançar seus objetivos.

Na presença de outros agentes – na sociedade – os agentes também podem cooperar e negociar entre si, mas devido à natureza dos recursos escassos, o conflito também é possível. O uso de um recurso por um agente é *exclusivo* no sentido de que o uso de um agente *exclui* o de outro. E assim, em uma sociedade onde o *ethos* predominante *valoriza* o florescimento de todos, a cooperação, a interação pacífica e a capacidade de adquirir (e negociar) recursos não utilizados, e *desvaloriza* conflitos violentos, os direitos de propriedade emergem como um *suporte* normativo para permitir que os agentes empreguem recursos de forma pacífica

---

*Foundations of Business Ethics*, 2<sup>a</sup> ed., Marianne Thejls Ziegler e Christoph Lütge, eds., Robert McGee, edição de seção (Springer, a ser publicado em 2026); idem, “Libertarian and Lockean Creationism: Creation As a Source of Wealth, not Property Rights; Hayek’s ‘Fund of Experience’; the Distinction Between Scarce Means and Knowledge as Guides to Action”, *C4SIF.org* (May 6, 2025); idem, “Tucker, ‘Knowledge Is as Valuable as Physical Capital’”, *C4SIF.org* (March 27, 2017); Saifedean Ammous, *Princípios da Economia* (The Saif House, 2023), cap. 7, “Tecnologia”.

<sup>8</sup> Veja Kinsella, “The Problem with Intellectual Property”; idem, “Law and Intellectual Property in a Stateless Society”; e idem, “*Against Intellectual Property After Twenty Years*”.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

e produtiva, sem conflitos ou com conflitos reduzidos.<sup>9</sup> Em outras palavras, como o conflito é *possível* por recursos, os direitos de propriedade surgem, como solução prática, em resposta a essa possibilidade.<sup>10</sup>

Por outro lado, não pode haver conflito sobre o conhecimento que guia a ação. O mesmo conhecimento de receitas, fatos, conhecimento causal e assim por diante pode ser usado por inúmeros agentes para guiar o uso de seus próprios meios possuídos. É por isso que as futuras gerações são mais ricas que seus ancestrais; o fundo de experiência acumula, cresce e aumenta a eficiência das ações de todos. Ao tentar submeter o conhecimento, que não é escasso, a direitos de propriedade concebidos para resolver possíveis conflitos sobre o uso de meios escassos, as leis de propriedade intelectual violam os direitos de propriedade e geram conflitos. Assim, como escrevi em outro lugar:

É obsceno minar a gloriosa operação do mercado na produção de riqueza e abundância ao impor uma escassez artificial ao conhecimento e ao aprendizado humanos. [...] Aprender, emular e informar são coisas boas. É bom que a informação possa ser reproduzida, retida, espalhada, ensinada, aprendida e comunicada tão facilmente. Claro, não podemos dizer que é *ruim* que o mundo dos recursos físicos seja de escassez – afinal, é assim que a realidade é – mas certamente é um desafio, e torna a vida uma luta. É suicida e tolo tentar estorvar uma das nossas ferramentas mais importantes – aprendizado, emulação, conhecimento – impondo escassez. Propriedade intelectual é roubo. Propriedade intelectual é

---

<sup>9</sup> Veja Kinsella, “On Property Rights in Superabundant Bananas and Property Rights as Normative Support for Possession”.

<sup>10</sup> Veja, por exemplo, Hans-Hermann Hoppe, “Da propriedade comum, pública e privada e a razão da privatização total”, em *A Grande Ficção*, Parte III.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

estatismo. Propriedade intelectual é a morte. Dê-nos *liberdade intelectual* em vez disso!<sup>11</sup>

Em um sistema justo de direitos de propriedade, o proprietário de um determinado recurso pode ser *identificado* – a pessoa que *o adquiriu primeiro* de seu estado não possuído, ou que adquiriu de um proprietário anterior *por contrato* – com a presunção de que o atual possuidor é o proprietário.<sup>12</sup> A legislação de PI, como patentes e direitos autorais, busca imitar o tratamento dos direitos de propriedade de recursos escassos ao conceder direitos de PI. Mas, em uma disputa sobre recursos escassos, o proprietário do recurso em disputa pode ser determinado por regras objetivas, já que o recurso em disputa possui fronteiras objetivas e seu possuidor e primeiro usuário podem ser determinados de acordo com essas regras fundamentais de aquisição de propriedade.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Kinsella, “*Against Intellectual Property After Twenty Years*”, pp. 420–421. Veja também idem, “Libertarian and Lockean Creationism: Creation As a Source of Wealth, not Property Rights; Hayek’s ‘Fund of Experience’; the Distinction Between Scarce Means and Knowledge as Guides to Action”, *C4SIF.org* (May 6, 2025); idem, “The Patent Holocaust”, *C4SIF.org* (Out. 8, 2025).

<sup>12</sup> Sobre esse último ponto, veja Kinsella, “O que é libertarianismo”, em *LFFS*, pp. 22–23, n. 27.

<sup>13</sup> Veja Kinsella, “O que é libertarianismo”, p. 25, n. 34 (ênfase em negrito adicionada):

A ideia de “deixe estar a exclusão” de De Jasay, junto à ênfase hoppeana na distinção anterior-posterior, ilumina a natureza da apropriação original em si. Frequentemente pergunta-se quais tipos de ações constituem, ou são suficientes, para o *homesteading* (ou “demarcação de fronteiras”, como Hoppe às vezes se refere ao conceito); que tipo de “trabalho” deve ser “misturado” com uma coisa; e a qual propriedade a apropriação se estende? O que “conta” como apropriação “suficiente”? Pode-se ver

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

O mesmo não vale para o conhecimento e as ideias. Como a maioria das ideias que usamos foi desenvolvida por gerações passadas ao longo de milênios, geralmente é impossível saber a origem de uma ideia – quem inventou o fogo, digamos, o leme, usar roupas, construir barcos, e assim por diante. E muitas ideias e inovações são descobertas, ou re-descobertas, por muitas pessoas, e usadas por inúmeros agentes simultaneamente.

É verdade que a convenção social pode exigir atribuição e crédito quando isso é viável, possível e útil. Sabemos que Da Vinci pintou a Mona Lisa, que Newton e Leibniz criaram o cálculo, que Edison foi um dos inventores da lâmpada, que o inglês William Stanley Jevons, o austríaco Carl Menger, o francês Léon Walras na Suíça e o americano John Bates Clark foram pioneiros na teoria da utilidade marginal. Mas nem

---

que **a resposta dessas perguntas está relacionada à questão de qual é o objeto disputado**. Em outras palavras, se B reivindica a propriedade de uma coisa na posse de (ou possuída anteriormente por) A, **então a própria natureza da disputa ajuda a identificar qual é a coisa sendo disputada, e o que conta como posse da mesma**. Se B reivindica um dado recurso, ele quer o direito de controlá-lo, de forma compatível com sua natureza. A questão então se torna: terá outra pessoa controlado esse recurso **de acordo com sua natureza**; i.e., terá alguém já se apropriado desse recurso, tornando assim B um possuidor posterior? Isso se relaciona ao princípio de De Jasay, “deixe estar a exclusão”, apoiado na ideia de que se alguém consegue factualmente controlar um recurso de forma a excluir terceiros, então essa exclusão deve “permanecer”. Claro, a natureza física de um dado recurso escasso, e a forma como humanos utilizam esse recurso, determinará a natureza das ações necessárias para “controlá-lo” e excluir terceiros.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

sempre é possível saber de onde vêm ideias úteis. O que é mais importante é saber o que funciona e como usar os recursos de forma eficiente e eficaz.

Não só nem sempre é *possível* identificar a origem de informações úteis, como felizmente não é *necessário* identificar de onde uma ideia veio para evitar conflitos, já que *não há conflito no uso das ideias*. (Da mesma forma, quando se afirma casualmente que as pessoas "brigam por religião", isso não é realmente preciso. Desentendimentos sobre religião são a *razão pela qual* as pessoas brigam (os valores ou propósitos que motivam a ação), mas a ação sempre é *conflito físico* por recursos escassos.<sup>14</sup> Assim como direitos humanos, direitos individuais são apenas *direitos de propriedade*, como observa Rothbard (veja mais sobre isso abaixo.) Em um mundo justo, todo conhecimento público disponível pode ser usado livremente, sem permissão. Não existe tal coisa como "roubo" de conhecimento, pois ele não pode ser propriedade; não pode haver conflito sobre isso. É *impossível* ser proprietário de conhecimento.<sup>15</sup> A questão de identificar a *origem* de uma ideia, de dar crédito ou atribuição, não é uma questão de *justiça*, mas meramente de convenção social.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Kinsella, "Against Intellectual Property After Twenty Years: Looking Back and Looking Forward", em *LFFS*, p. 414 e n. 43; idem, "IP and Aggression as Limits on Property Rights: How They Differ", *StephanKinsella.com* (Jan. 22, 2010).

<sup>15</sup> Os direitos de PI, portanto, não são realmente direitos de propriedade sobre informação, mas cessões disfarçadas ou apropriações de direitos de propriedade existentes, na forma de *servidões negativas não consensuais*. Veja Kinsella, "Against Intellectual Property After Twenty Years: Looking Back and Looking Forward", Parte IV.B; idem, "The Problem with Intellectual Property", Parte III.A.2; idem, "Intellectual Property Rights as Negative Servitudes", *CASIF.org* (23 de junho de 2011).

<sup>16</sup> Note também que o suposto "direito" de receber crédito ou atribuição não tem nada a ver com direitos de PI, apesar dos equívocos comuns e alegações em contrário de defensores confusos ou desonestos da

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

Considere o caso de Murray Rothbard, que escapou da órbita randiana no início de seu desenvolvimento intelectual e se tornou o pensador importante a quem este volume presta homenagem. Apesar de os randianos condenarem Rothbard pelo anarquismo, devido à sua lealdade equivocada à ideia de propriedade intelectual – de que ideias podem ser possuídas e ser propriedade como recursos escassos –, Rothbard é acusado de “roubar” ideias que “obteve” de Ayn Rand. Mas ideias não podem ser propriedade ou ser roubadas, e a maior parte das ideias compartilhadas por Rand e Rothbard também pode ser rastreada a pensadores anteriores, como o próprio Rothbard apontou.<sup>17</sup>

Em resumo, *ideias não podem ser propriedade*; e não pode haver *obrigação geral* de identificar a fonte ou origem das ideias; nem isso é sempre possível ou sequer útil. Se precisássemos deixar uma nota de rodapé dando atribuição ou pedindo permissão toda vez que usássemos uma ideia, nada seria feito. A vida pareceria um dos meus artigos ou livros, que são adornados com notas de rodapé que “parecem cachorrinhos bravos latindo para o texto”.<sup>18</sup> Se tivéssemos que atribuir uma ideia

---

PI. Fornecer atribuição não elimina acusações de infração de patente ou direitos autorais, e não fornecer atribuição não é um elemento da prova de violação de direitos autorais ou patentes. Veja Stephan Kinsella, “Copying, Patent Infringement, Copyright Infringement are not ‘Theft’, Stealing, Piracy, Plagiarism, Knocking Off, Ripping Off”, *C4SIF.org* (23 de abril de 2025).

<sup>17</sup> Veja Daniel J. Flynn, “As cartas perdidas de Murray Rothbard sobre Ayn Rand”, *J. Libertarian Stud.* 29, n° 2 (2025): 35–50, pp. 36–37; Stephan Kinsella, “Rothbard’s Objectivist Influences”, *StephanKinsella.com* (4 de novembro de 2025).

<sup>18</sup> O jurista e lexicógrafo Bryan Garner observa que, embora as notas de rodapé possam ser úteis, “é difícil ignorar, no final de cada página, as notas que ‘se estendem, como cachorrinhos irritados latindo para o texto’. Hoje em dia, as notas provavelmente são mais de Dogues Alemães do que de chihuahuas”. Bryan A. Garner, *The Elements of Legal Style*, 2ª ed. (Oxford University Press, 2002), p. 93, citando S. M.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

antes de usá-la – ou, pior, obter permissão de um proprietário de IP antes de usá-la –, tudo iria travar.<sup>19</sup>

### **As ideias de Mises, Rothbard e Hoppe**

*Dito tudo isso...* Às vezes *pode* ser útil e relevante entender de onde vieram as ideias, na história pessoal, e dar crédito e reconhecimento quando for possível e apropriado. Afinal, parafraseando Sócrates, a vida intelectual não examinada não vale a pena ser vivida.

No meu caso, como mencionado acima, sou libertário desde cerca de 1980, quando li pela primeira vez a obra de Ayn Rand no ensino médio. O libertarianismo moderno existe há cerca de seis ou sete décadas, desde as décadas de 1960 e 1970, e, claro, foi construído sobre ideias anteriores – as dos liberais clássicos e até mesmo de pensadores anteriores.<sup>20</sup> Houve inúmeros contribuintes proeminentes para ideias libertárias no início, incluindo Ayn Rand e outros, e hoje há muito mais vozes, muitas para identificar ou enumerar. Minha própria compreensão dos princípios libertários, apresentada no meu livro de 2023 *Legal Foundations of a Free Society*, baseia-se na influência e nas ideias de inúmeros pensadores – muitos para fazer uma nota de rodapé, embora Deus saiba que, na minha compulsão do tipo TOC de artigos acadêmicos jurídicos, eu tentei.<sup>21</sup> Comigo, assim como com muitos outros libertários anteriores

---

Crothers, “That History Should Be Readable”, em *The Gentle Reader* 172 (1903; reedição 1972); veja também Stephan Kinsella, “All footnotes!”, *StephanKinsella.com* (17 de novembro de 2023). Eu me declaro culpado.

<sup>19</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a necessidade de regras de propriedade objetivas que possam determinar quais recursos podem ser usados *agora*, sem precisar *esperar* a aprovação dos atrasados, veja Stephan Kinsella, “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, no *LFFS*, Apêndice.

<sup>20</sup> Veja Stephan Kinsella, “Libertarianism After Fifty Years: What Have We Learned?”, no *LFFS*.

<sup>21</sup> Veja Kinsella, “All footnotes!”.

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

da minha geração, tudo começou com Ayn Rand.<sup>22</sup> Seria impossível lembrar ou identificar todos os livros ou pensadores dos quais tirei minhas ideias, assim como seria impossível para qualquer outra pessoa fazer isso. Elas incluem muitos pensadores – Bastiat, os Tannehill, Hazlitt, Nozick, Spooner e outros – além de muitos não libertários e precursores. É fácil citar alguns, mas impossível ser exaustivo.<sup>23</sup>

Na minha opinião, porém, três se destacam, impondo-se em importância e significação acima de todos os outros: Ludwig von Mises, Murray Rothbard e Hans-Hermann Hoppe. (Muitos outros contribuintes deste volume também se baseiam fortemente nesses três. Veja, por exemplo, os capítulos aqui apresentados por Thomas Jacob, Lee Iglody, Alessandro Fusillo, Thorsten Polleit e David Dürre.)<sup>24</sup> São as ideias deles – claro, cada uma influenciada por inúmeros outros; Mises se inspirando em Menger e outros, Rothbard construindo sobre Mises, Hoppe construindo sobre Mises e Rothbard<sup>25</sup> – que, na minha opinião, são as mais importantes e essenciais para desenvolver uma teoria social e política sólida. O edifício combinado de pensamento deles oferece uma estrutura bastante indispensável, parafraseando a dedicatória de Rothbard à sua

---

<sup>22</sup> Jerome Tuccille, *It Usually Begins with Ayn Rand* (Stein and Day, 1971).

<sup>23</sup> Veja algumas das minhas influências listadas em Stephan Kinsella, “The Greatest Libertarian Books”, StephanKinsella.com (7 de agosto de 2006).

<sup>24</sup> E ainda mais explicitamente por David Dürre “The Inescapability of Law, and of Mises, Rothbard, and Hoppe”, *J. Libertarian Stud.* 23 (2019): 161–170.

<sup>25</sup> Como observo em meu Prefácio, n.2, “Eu quase gostaria que Hoppe não tivesse descoberto Mises até mais tarde em seu próprio caminho de descoberta da ciência econômica, para ver como sua própria versão da praxeologia poderia ter se desenvolvido”.

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

esposa Joey em dois de seus livros, de onde é retirado o subtítulo deste capítulo.<sup>26</sup>

É claro que seria difícil passar uma visão geral do pensamento combinado desses pensadores em um livro inteiro e impossível em um artigo curto. Vou destacar aqui alguns aspectos do pensamento deles que costumo usar e considero essenciais, focando principalmente em Rothbard.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Veja Murray N. Rothbard, *A grande depressão americana*, 5ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000 [1963]): “TO JOEY, the indispensable framework”; idem, *Por uma nova liberdade – O Manifesto Libertário*, 2ª ed. (2006 [1973]): “PARA JOEY, ainda é a estrutura indispensável”. Brinquei com a ideia de usar o título “Mises, Rothbard, Hoppe: Uma Trança Dourada Eterna”, inspirado em um dos meus livros favoritos, *Gödel, Escher, Bach: Uma Trança Dourada Eterna*, de Douglas R. Hofstadter (Nova York: Basic Books, 1979), mas achei que ninguém entenderia.

<sup>27</sup> Só por diversão, pedi para o ChatGPT dar uma olhada nas muitas citações do meu livro de 2023, *Legal Foundations of a Free Society*, que está cheio de notas, para ver se isso confirmaria quais são minhas principais influências. Sua análise reconheceu que Mises, Rothbard e Hoppe são, de longe, minhas principais referências, tanto em número de citações quanto em influência intelectual. Segundo a IA, “Rothbard é claramente a fonte dominante de citações”, “como base intelectual” e para outros tópicos; enquanto “Hoppe é citado quase com a mesma frequência que Rothbard” em vários temas. Quanto a Mises, ele “aparece em todo o texto” em questões como metodologia, praxeologia, o debate sobre socialismo, propriedade e cálculo econômico, e assim por diante; “ele ancora a dimensão econômico-teórica da sua estrutura”. O ChatGPT conclui que meu “livro é fortemente centrado em Rothbard-Hoppe” e é rothbardiano na estrutura normativa, hoppeano na argumentação e fundamentação da propriedade, e misesiano em metodologia. Nada mal para uma IA idiota.

## **Mises**

Amo muito do trabalho de Mises, tanto sua economia quanto seu pensamento social liberal clássico, mas é a sua metodologia e especialmente a praxeologia que recorro repetidas vezes e que considero indispensável em minha teorização libertária. Bem, a praxeologia é certamente necessária para uma análise *econômica* sólida, para entender as implicações da ação humana em um mundo de escassez. Como Hoppe aponta,

Essencialmente, a análise econômica consiste em: (1) compreender as categorias da ação e o significado de uma *mudança* nos valores, nos custos, no conhecimento tecnológico etc.; (2) descrever uma situação na qual essas categorias assumem significado concreto, em que pessoas determinadas são identificadas como agentes, objetos determinados são especificados como seus meios de ação, fins determinados são identificados como valores e coisas determinadas são especificadas como custos; e (3) deduzir as consequências que resultam da realização de alguma ação especificada nessa situação, ou as consequências que resultam para um agente caso essa situação seja modificada de uma maneira especificada. E essa dedução deve produzir conclusões válidas *a priori*, desde que não haja falha no próprio processo dedutivo e desde que a situação e a mudança nela introduzida sejam dadas; e conclusões válidas *a priori* sobre a *realidade*, caso a situação e a alteração da situação, tal como descritas, possam elas próprias ser identificadas como reais, pois então sua validade remontaria, em última instância, à validade indisputável das categorias da ação.<sup>28</sup>

A teoria jurídica libertária envolve não apenas análise econômica descritiva; ela é também *normativa*. Trata do problema social do conflito em um mundo de recursos escassos, normas, regras e leis – direitos de propriedade – que fazem parte de uma sociedade justa e próspera e de

---

<sup>28</sup> Hoppe, *A Theory of Socialism and Capitalism*, p. 142. Veja também alguns comentários relacionados no capítulo de Thorsten Polleit.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

uma ordem social. Mas toda análise normativa, discussão sobre justiça e direitos de propriedade, etc., ocorre no contexto da ação humana em um mundo de escassez. É por isso que a praxeologia de Mises é tão importante. E talvez seja por isso que minha obra favorita de Mises há muito tempo é uma de suas últimas, a mais pesada em metodologia: *O fundamento último da ciência econômica*.<sup>29</sup> Outras favoritas, pelo mesmo motivo, são *Epistemological Problems of Economics, Ação Humana*, Parte I, e *Teoria e História*, caps. 1–7.<sup>30</sup>

Embora Mises não tenha apresentado nenhum tipo de argumento abrangente e deontológico a favor dos direitos, seu amor pela liberdade, pela autonomia humana e pelo florescimento humano, combinado com sua compreensão da economia de livre mercado, da natureza da produção e do perigo de depredação estatal, o levou a um forte argumento consequencialista pelos direitos de propriedade individual.

Na minha visão, como o propósito dos direitos de propriedade é pragmático – resolver o problema do conflito em um mundo onde a sociedade possui normas pró-paz – uma abordagem consequencialista pode ser compatível com uma abordagem de princípios ou deontológica de direitos naturais. Não precisa padecer do tipo de problemas do

---

<sup>29</sup> Ludwig von Mises, *O fundamento último da ciência econômica* (Princeton, N.J.: D. Van Nostrand Company, Inc. 1962); veja também Jörg Guido Hülsmann *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007), cap. 23, seção “Últimos Escritos”, p. 1016 e seguintes.

<sup>30</sup> Ludwig von Mises, *Epistemological Problems of Economics*, 3ª ed., trad. George Reisman, trad. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2003); idem, *Ação Humana – Um Tratado de Economia*, edição acadêmica (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1998); idem, *Teoria e História* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007 [1957]).

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

utilitarismo, que é apenas um tipo de consequencialismo.<sup>31</sup> Mises era mais consequencialista nesse sentido.<sup>32</sup>

E mesmo que ele não tenha defendido um argumento abrangente sobre normas e direitos, ele *reconheceu a diferença*, pois era um pensador cuidadoso. Ele levava a sério a ideia de que a ciência econômica é *descritiva e wertfrei* (isenta de juízos de valor), e que *favorecer* direitos de propriedade, paz etc. é um valor que não vem apenas do entendimento da ciência econômica. Assim, ao contrário de tantos empiristas e positivistas de hoje, ele reconheceu a distinção entre a *posse*, em sentido descritivo e econômico, de um meio ou recurso, isto é, seu uso ou emprego, à qual ele deu o nome de *propriedade catalática* ou *propriedade sociológica*, e a propriedade jurídica, em sentido normativo. Essa é uma distinção essencial para passar do entendimento econômico para a ética política.<sup>33</sup> Este é outro caso em que o pensamento de Mises é útil para teorizações libertárias; o próprio Hoppe reconhece cuidadosamente a distinção entre *descrição* econômica e praxeológica ao usar um argumento *normativo* de caráter praxeológico para justificar os *direitos* de propriedade segundo a teoria libertária.

De qualquer forma, uma ciência econômica sólida e de livre mercado é necessária para a teorização normativa, política e jurídica, mas é

---

<sup>31</sup> Veja, por exemplo, vários problemas com o utilitarismo expostos em Kinsella, “O Problema da Propriedade Intelectual”, Parte III.B.).

<sup>32</sup> Veja, sobre isso, Kinsella, “Dialogical Arguments for Libertarian Rights” pp. 114–115, n. 3 e idem, “Knowledge, Calculation, Conflict, and Law”, p. 505, ambos em *LFFS*; Randy E. Barnett, “Of Chickens and Eggs—The Compatibility of Moral Rights and Consequentialist Analyses”, *Harv. J. L. & Pub. Pol’y* 12 (1989): 611–36; idem, “Introduction: Liberty vs. License”, em *The Structure of Liberty: Justice and the Rule of Law*, 2ª ed. (Oxford, 2014).

<sup>33</sup> Veja Kinsella, “A Selling Does Not Imply Ownership, and Vice-Versa: Dissection”, em *LFFS*, pp. 272, 277–278 e pass.; idem, “O que é o libertarianismo”, p. 23.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

a *praxeologia* de Mises que é fundamental. Pelo menos para mim. Afinal, essa é a opinião de um homem.

### **Rothbard**

Rothbard é a figura central do libertário moderno. Seu pensamento foi informado pelo de Mises e também por Ayn Rand, por pensadores liberais clássicos e outros libertários, incluindo figuras da Velha Direita. Ele desenvolveu uma defesa plena de uma sociedade totalmente livre, anarcocapitalista ou anarcolibertária, informada por uma ciência econômica sólida (misesiano-austriaca). Sua produção era vasta e a maior parte interconectada. Para mim, as obras mais importantes para a teorização libertária, e aquelas que servem de ponte entre Mises e outros liberais clássicos e libertários, e o protegido e colega de Rothbard, Hans Hoppe, são: *A ética da liberdade* (1982); *Por uma Nova Liberdade* (1973); a coletânea *Economic Controversies*, especialmente Seção Um: Método; e partes de *Poder e Mercado*.<sup>34</sup> Vou destacar aqui apenas alguns de seus *insights* e escritos mais interessantes e notáveis.

**“Justiça, poluição do ar e direitos de propriedade”**, em *Economic Controversies* (publicado originalmente em 1982). Este texto avançou

---

<sup>34</sup> Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998 [1982]); idem, *Economic Controversies* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011) (anteriormente publicado como *The Logic of Action*, vols. I e II (Edward Elgar, 1997)). Sobre a importância de *A Ética da Liberdade*, veja Hans-Hermann Hoppe, “Introdução”, em Rothbard, *A Ética da Liberdade*; idem, “A Ética Rothbardiana”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*. Para visões gerais adicionais da obra de Rothbard, veja também Hans-Hermann Hoppe, obituário de Rothbard, em *Murray N. Rothbard: In Memoriam* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1995) e idem, “Murray Rothbard, R.I.P.”, *The Free Market* 13, n° 3 (março de 1995).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

o conceito da “unidade tecnológica relevante”, do qual me baseei em meus próprios escritos sobre direitos de propriedade.<sup>35</sup>

**"Monopólio e Competição"**, cap. 10 de *Homem, Economia e Estado* (1962). Neste capítulo, Rothbard adotou uma visão mais radical e sólida do monopólio e do direito antitruste, tanto de uma perspectiva econômica austríaca quanto libertária, do que a visão mais convencional de Mises.<sup>36</sup>

**"Reconstruindo a Economia de Bem-estar e de Utilidade"**, em *Economic Controversies* (1977), que enfatizou que o valor não é uma quantidade mensurável e cardinal que possa ser comparada interpessoalmente.<sup>37</sup>

**Vários capítulos** em *A ética da liberdade* (1982), a saber: “Os ‘direitos humanos’ como direitos de propriedade”, “Informação verdadeira e informação falsa” e “Os direitos de propriedade e a teoria dos contratos”. No primeiro, Rothbard enfatizou corretamente que todos os direitos humanos *são apenas* direitos de propriedade, ou seja, direitos para controlar recursos materiais que possam ser apropriados originalmente. No segundo, ele apresentou um argumento poderoso contra a lei

---

<sup>35</sup> Veja Kinsella, “O que é o Libertarianismo”, pp. 24–25, n. 34; e *idem*, “Lei e Propriedade Intelectual em uma Sociedade Sem Estado”, n. 42 e “Sobre a Teoria Jurídica Libertária, Autopropriedade e Leis de Drogas”, n. 39, ambos em *LFFS*.

<sup>36</sup> Veja também as visões complementares de Hoppe em *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo*, Capítulo 9 – Produção Capitalista e o Problema do Monopólio.

<sup>37</sup> Veja, sobre isso, Stephan Kinsella, “A Libertarian Theory of Contract: Title Transfer, Binding Promises, and Inalienability”, Parte I.D, n. 19; e *idem*, “Against Intellectual Property After Twenty Years: Looking Back and Looking Forward”, Parte IV.A, ambos na *LFFS*. Veja também *idem*, “Money Prices Not a Measure of Value”, *StephanKinsella.com* (21 de julho de 2025); Robert P. Murphy, “Why Austrians Stress Ordinal Utility”, *Mises Wire* (3 de fevereiro de 2022).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

de calúnia e difamação e os direitos de reputação associados.<sup>38</sup> E no último, ele proporcionou uma reforma revolucionária e inovadora da teoria dos contratos.<sup>39</sup>

**“O Fim do Socialismo e o Debate do Cálculo Revisitado”** (1991): “toda a ênfase hayekiana no ‘conhecimento’ é equivocada e mal concebida”.<sup>40</sup> Isso já diz o bastante.

**“Justiça e Direito de Propriedade”**, em *The Logic of Action One* (1974). Esta obra está cheia de *insights*.<sup>41</sup> Por exemplo, possui *insights* precursores da ética da argumentação, como a ideia de que ao tomar uma posição sobre um conflito por um recurso, o economista não pode deixar de adotar alguma teoria implícita da justiça:

[...] temos dois pretendentes mutuamente excludentes à propriedade do bambolê. Se o economista concorda em defender que apenas Z venda o bambolê, então ele está implicitamente concordando que Z tem justa, e Y injusta, reivindicação ao bambolê. E mesmo que ele continue a apoiar a venda por Y, então ele está implicitamente mantendo outra teoria de títulos de propriedade, a

---

<sup>38</sup> Veja Stephan Kinsella, “Difamação como um tipo de propriedade intelectual”, *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024).

<sup>39</sup> Veja Kinsella, “A Libertarian Theory of Contract”; idem, “The Title-Transfer Theory of Contract”, em David Howden, ed., *Palgrave Handbook of Misesian Austrian Economics* (Palgrave, a ser publicado em 2025).

<sup>40</sup> Murray N. Rothbard, “O Fim do Socialismo e o Debate sobre o Cálculo Revisitado”, em *Economic Controversies*, p. 846. Veja também Kinsella, “Knowledge vs. Calculation”, e a crítica relacionada de Hoppe, mencionada abaixo.

<sup>41</sup> Veja a discussão em Stephan Kinsella, “Justice and Property Rights: Rothbard on Scarcity, Property, Contracts...”, *Libertarian Standard* (19 de novembro de 2010).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

saber: que o roubo é justificado. Independentemente do que ele decida, **o economista não pode escapar de um julgamento, de uma teoria de justiça da propriedade.** [ênfase em negrito adicionada]

Também inclui seu argumento a favor da autopropriedade, um argumento por eliminação ou por contradição (pp. 353–354; ênfase em negrito adicionada):<sup>42</sup>

Consideremos o primeiro princípio: o direito de autopropriedade. Esse princípio afirma o direito absoluto de cada homem, em virtude de ser um ser humano, de “possuir” seu próprio corpo; ou seja, de controlar esse corpo livre de interferência coercitiva. Uma vez que a natureza do homem é tal que cada indivíduo deve usar sua mente para aprender sobre si mesmo e o mundo, para selecionar valores e para escolher fins e meios para sobreviver e prosperar, o direito de autopropriedade dá a cada homem o direito de executar essas atividades vitais sem ser impedido ou restrito por assédio coercitivo.

**Considere, então, as alternativas** – as consequências de negar a cada homem o direito de possuir sua própria pessoa. **Há apenas duas alternativas:**

uma certa classe de pessoas, A, tem o direito de possuir outra classe, B; ou

todos têm o direito de possuir sua igual parte de todos os outros.

---

<sup>42</sup> Veja também argumentos e comentários semelhantes em Rothbard, “Relações interpessoais: propriedade e agressão”, em *A ética da liberdade*.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

A primeira alternativa implica que, enquanto a classe A merece os direitos do ser humano, a classe B é na realidade sub-humana e, portanto, não merece tais direitos. Mas uma vez que eles são de fato seres humanos, a primeira alternativa se contradiz em negar direitos humanos naturais a um grupo de humanos. Além disso, permitir que a classe A possua a classe B significa que ao primeiro é permitido explorar e, portanto, viver de forma parasitária à custa do último; mas, como a economia pode nos mostrar, esse mesmo parasitismo viola o requerimento econômico básico para a sobrevivência humana: produção e troca.

A segunda alternativa, que podemos chamar de “comunalismo participativo” ou “comunismo”, afirma que todo homem tem o direito de possuir a sua igual parte de todos os outros. Se há três bilhões de pessoas nesse mundo, então todos têm o direito de possuir um terço de bilionésimo de cada pessoa. Em primeiro lugar, esse ideal se baseia em um absurdo – proclamando que todo homem tem o direito de possuir uma parte de todos os outros e contudo não tendo direito de possuir a si mesmo. Segundo, nós podemos imaginar a viabilidade de tal mundo – um mundo no qual nenhum homem é livre para agir sem prévia aprovação ou comando de todos os outros em sociedade. Deve estar claro que nesse tipo de mundo “comunista” **ninguém seria capaz de fazer nada e a raça humana rapidamente pereceria.**<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Veja também um raciocínio semelhante em Hoppe, “A Ética Rothbardiana”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*; Stephan Kinsella, “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, Apêndice; idem, “Law and Intellectual Property in a Stateless Society”, n. 27; e idem, “Defending Argumentation Ethics”, n. 31.

**“Nações por Consentimento: Desconstruindo o Estado-Nação”**

(1994). Rothbard mostrou que podia mudar suas opiniões, agora tornando-se mais cético em relação à imigração devido à mudança de circunstâncias.<sup>44</sup> Como é mesmo a frase? “Quando os fatos mudam, eu mudo de ideia. O que você faz?”

**“Para além do Ser e Dever Ser”** (1988).<sup>45</sup> Este é outro exemplo de Rothbard mudando suas visões, já na fase avançada da vida. Aqui, ele apoia totalmente a defesa da ética argumentativa de Hoppe sobre

---

<sup>44</sup> Murray N. Rothbard, “Nações por consentimento”, *J. Libertarian Stud.* 11, nº 1 (Outono de 1994; versão em pdf): 1–10. Três anos após a morte de Rothbard, o *Journal of Libertarian Studies*, que havia ficado sob a direção de Hoppe, publicou uma edição do simpósio (Vol. 13 nº 2, verão de 1998) sobre a questão da imigração com os seguintes sujeitos, dos quais apenas um (Walter Block) se opunha às restrições à imigração: Ralph Raico, “Introduction”, pp. 135–136; Julian Simon, “Are There Grounds for Limiting Immigration?”, pp. 137–152; John Hospers, “A Libertarian Argument Against Opening Borders”, pp. 153–165; Walter Block, “A Libertarian Case for Free Immigration”, pp. 167–186; Jesús Huerta de Soto, “A Libertarian Theory of Free Immigration”, pp. 187–197; Tibor R. Machan, “Immigration Into A Free Society”, pp. 199–204; Gary North, “The Sanctuary Society and its Enemies”, pp. 205–219; Hans-Hermann Hoppe, “Em defesa do Livre Comércio e da Imigração Restrita”, pp. 221. Veja também idem, “Sobre Imigração Livre e Integração Forçada”, *LewRockwell.com* (1º de junho de 1999) (também publicado em *Crônicas* (1º de julho de 1995) e em idem, *Democracia – o deus que falhou*); e idem, “Ordem Natural, o Estado e o Problema da Imigração”, *J. Libertarian Stud.* 16, nº 1 (Inverno de 2002): 75–97 (também em *A Grande Ficção*).

<sup>45</sup> Murray N. Rothbard, “Para além do Ser e Dever Ser”, *Liberty* (nov. 1988 ): 44–45.

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

direitos libertários, e admite que ela é superior à sua abordagem anterior sobre direitos naturais:

Prof. Hans Hoppe, um imigrante relativamente recente da Alemanha Ocidental, trouxe um enorme presente ao movimento libertário americano. Numa descoberta deslumbrante para a filosofia política em geral e para o libertarianismo em particular, ele conseguiu transcender a famosa dicotomia ser/dever ser, fato/valor, que tem atormentado a filosofia desde os dias dos escolásticos e que tem trazido o libertarianismo moderno em um impasse cansativo. Não só isso: Hans Hoppe conseguiu estabelecer o caso para o direito lockeano anarcocapitalista numa maneira radical sem precedentes, **que fez minha própria posição acerca de lei natural e direitos naturais parecer quase fraca em comparação.**

[...] notável e extraordinariamente, Hans Hoppe **demonstrou-me errado.** Ele conseguiu: deduziu uma ética anarclockeana a partir de axiomas autoevidentes. Não apenas isso: ele demonstrou que, bem como o próprio axioma da ação, é impossível negar ou objetar a ética anarclockeana sem cair imediatamente em uma autocontradição e uma autorrefutação.

Em outras palavras, Hans Hoppe trouxe à ética política aquilo com que misesianos estão familiarizados na praxeologia e aristotélico-randianos estão familiarizados na metafísica: o que podemos chamar de “axiomática *hard-core*”. [ênfase em negrito adicionada]

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

Bem, critiquei o que considero como alguns dos erros de Rothbard, principalmente em relação à propriedade intelectual<sup>46</sup> e teoria do contrato (e questões relacionadas, como prisão de devedores e inalienabilidade).<sup>47</sup> Quanto ao último, Rothbard não era advogado e foi pioneiro em uma abordagem radicalmente nova para a teoria dos contratos, então seria surpreendente se não houvesse *nenhuma* dificuldade ou confusões. Estou confiante de que Rothbard teria aceitado minhas correções sobre propriedade intelectual e teoria contratual, provavelmente com entusiasmo, de coração aberto e gratidão. Sobre PI, Hoppe me escreveu: “Concordo. Não há dúvida. Ele de todo modo estava perto de chegar à solução”.<sup>48</sup>

### **Hoppe**

Hoppe absorveu e adotou a praxeologia misesiana, bem como o libertarianismo anarquista radical de Rothbard.<sup>49</sup> Assim como Rothbard e Mises são suas maiores influências, Hoppe, construindo e ampliando

---

<sup>46</sup> Kinsella, “Law and Intellectual Property in a Stateless Society”, Part III.C; idem, “The Problem with Intellectual Property”, Part III.C.2 e n. 73.

<sup>47</sup> Kinsella, “A Libertarian Theory of Contract”, Part III.C; idem, “The Title-Transfer Theory of Contract”, Part VI.A et pass.

<sup>48</sup> Stephan Kinsella, “Hoppe on Reisman and Rothbard on Intellectual Property”, *StephanKinsella.com* (16 de outubro de 2025). Veja também Kinsella, “A Libertarian Theory of Contract”, n. 52: “Suspeito que Rothbard teria mudado de opinião sobre essa questão [inalienabilidade, roubo implícito, prisão para devedores, etc.] se tivesse vivido mais. Afinal, ele reconheceu a defesa de direitos de Hoppe baseada na ética argumentativa como uma melhoria em relação à sua defesa baseada no direito natural. Acredito que ele também teria mudado de opinião sobre propriedade intelectual. Infelizmente.”

<sup>49</sup> Sobre outras influências, veja as bibliografias e notas em suas obras-chave, e Hans-Hermann Hoppe, “Anarcocapitalismo: uma bibliografia comentada”, *LewRockwell.com* (31 de dezembro de 2001).

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

seu próprio pensamento econômico e social, é a minha. Assim, esses três, com Hoppe no vértice, representam a estrutura indispensável para uma compreensão sólida do nosso mundo complexo.

Já fiz pesquisas, me baseei e desenvolvi os *insights* de Hoppe em muitas publicações anteriores. Meu livro *Legal Foundations of a Free Society* está repleto de *insights* e argumentos de Hoppe, aproveitando-se deles.<sup>50</sup> As obras mais importantes de Hoppe para mim são *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo*, *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, *A Grande Ficção* e *A Ciência Econômica e o Método Austríaco*.<sup>51</sup> Só posso mencionar brevemente aqui algumas das contribuições importantes de Hoppe além das de Mises e Rothbard (especialmente porque este livro é dedicado a Rothbard).

Mas para começar, como Guido Hülsmann e eu observamos em nossa introdução ao *Festschrift* de 2009:

Hans-Hermann Hoppe é um dos estudiosos mais importantes de nosso tempo. Ele fez contribuições pioneiras para a sociologia, economia, filosofia e história.

[...] Entre as muitas realizações do professor Hoppe, devemos destacar, em particular: sua brilhante

---

<sup>50</sup> Veja também Stephan Kinsella, “Hoppe: A Précis”, *StephanKinsella.com* (23 de junho de 2017); Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, “Prefácio”, em Hülsmann e Kinsella, eds., *Uma vida dedicada à liberdade*; idem, “Introdução”, em *Propriedade, Liberdade & Sociedade: ensaios em homenagem a Hans-Hermann Hoppe*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009); Stephan Kinsella, “Prefácio”, em Hoppe *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo*; idem, “Posfácio”, em Hoppe, *A Grande Ficção*; e meu curso de seis palestras na Mises Academy sobre Hoppe, disponível em “KOL153 | The Social Theory of Hoppe: Lecture 1: Property Foundations (Mises Academy, 2011)”, *Kinsella on Liberty Podcast* (16 de outubro de 2014).

<sup>51</sup> Hans-Hermann Hoppe, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 1995).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

crítica da metodologia positivista aplicada às ciências sociais; uma nova abordagem praxeológica da filosofia política; uma análise comparativa abrangente do socialismo e do capitalismo; e uma teoria da secessão como meio de reforma política. Mais importante ainda, em seu livro *Democracia: o Deus que Falhou*, o professor Hoppe fez uma crítica profunda da democracia, bem como uma reinterpretação original da história ocidental no século XX, ambas as quais geraram debates internacionais na academia e entre os mais amplos públicos. Outras obras influentes de sua pena trataram do papel das migrações em uma sociedade livre e do papel dos intelectuais públicos nos processos de transformação política. Além disso, ele se destacou como historiador do pensamento e fez contribuições inovadoras para outras áreas, como a teoria do monopólio, a teoria dos bens públicos, a sociologia da tributação, a metodologia positiva das ciências sociais, a teoria do risco, a produção de segurança, a transformação de países anteriormente socialistas, e a evolução das instituições monetárias e seu impacto nas relações internacionais.<sup>52</sup>

Assim como Rothbard, e contrariamente a Mises, Hoppe adota uma visão sobre monopólio e antitruste mais sólida e radical do que a de Mises (veja a discussão acima em conexão com as principais percepções de Rothbard).

Bem, minha impressão é que, pela fraqueza de Rothbard em relação à propriedade intelectual, ele perdeu um pouco o foco praxeológico misesiano na *escassez*; talvez isso se deva à sua abordagem mais aristotélica, em oposição à mais kantiana de Mises e Hoppe. Mas lá em 1988, mesmo antes da internet e da propriedade intelectual se tornarem um grande tema, antes de eu ter escrito sobre esse assunto (que só começou

---

<sup>52</sup> Hülsmann e Kinsella, “Introdução”.

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

a partir de 1995), por causa de seu profundo entendimento da praxeologia, Hoppe conseguiu perceber imediatamente que propriedade intelectual – a propriedade sobre “ideias” – não faz sentido.<sup>53</sup>

Isso indica o quanto Hoppe está imerso na praxeologia, assim como o próprio Mises estava. Como escrevi anteriormente:

Muitos estudiosos influenciados por Mises e pela economia austriaca dão pouca importância à praxeologia – a lógica *a priori* da ação de Mises. Mas, mais do que qualquer outro pensador vivo, Hoppe realmente *aplica* a praxeologia, um dos modos de análise científica mais poderosos já descobertos. Isso permeia sua escrita. O raciocínio dele está enraizado nisso. Hoppe nada no plasma da praxeologia.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Kinsella, “Hoppe on Reisman and Rothbard on Intellectual Property”; idem, “Hoppe on Intellectual Property”, *StephanKinsella.com* (27 de dezembro de 2010); idem, “Prefácio”; idem, “Posfácio”.

<sup>54</sup> Kinsella, “Posfácio”, p. 571. Como observado no texto original, aqui estou pegando de uma metáfora vívida de Shael Herman, “Detrimental Reliance in Louisiana Law—Past, Present, and Future (?): The Code Drafter’s Perspective”, *Tulane L. Rev.* 58:3 (1984), pp. 707–57, pp. 708–709, que observa que princípios jurídicos estabelecidos por artigos de um código civil incorporam um “plasma que banha e nutre um código inteiro e suas instituições. Os artigos sobre obrigações são tradicionalmente ricos em analogias, tornando-os, na famosa frase de Portalis, “férteis em efeitos”. Veja também idem, “Minor Risks and Major Rewards: Civilian Codification in North America on the Eve of the Twenty-First Century”, *Tulane Eur. & Civ. L. Forum* 8 (1993), 63, p. 67 n. 11; idem, *The Louisiana Civil Code: A European Legacy for the United States* (Fundação da Ordem dos Advogados da Louisiana, 1993). Da nota 6 do artigo “Detrimental Reliance” de Herman: “O Professor J. L. Baudouin aplicou este termo ao Código Civil como um todo. ‘Um código

## 8. Mises. Rothbard. Hoppe: uma estrutura indispensável

A praxeologia instrui todos os aspectos do edifício teórico de Hoppe: não apenas a teoria econômica e as suas aplicações, mas também a teoria política, a ética e a epistemologia. Graças ao trabalho de Mises e Hoppe, ao longo dos anos, comecei a nadar nesse plasma também, obtendo maiores *insights* sobre princípios libertários e de propriedade e princípios de justiça.

Além de influenciar Rothbard com seu argumento original a favor dos direitos e sua reavaliação da questão da imigração, como mencionado acima, Hoppe desafiou a predominante visão da teoria *whig* da história, que assumia que a democracia, embora imperfeita, era um progresso puro sobre o *ancien régime*. Reprendendo levemente Mises e Rothbard, ele escreveu: “embora cientes das deficiências econômicas e éticas da democracia, tanto Mises quanto Rothbard tinham um carinho especial pela democracia e tendiam a ver a transição da monarquia para a democracia como um progresso”.<sup>55</sup>

Também podemos mencionar brevemente aqui suas críticas importantes ao sistema bancário de reservas fracionárias,<sup>56</sup> sua crítica à

---

aparentemente é completo em si, mas é redigido de tal forma que, apesar de sua separação ou divisão em livros, capítulos e seções, há um plasma que o permeia totalmente”.

<sup>55</sup> Hans-Hermann Hoppe, “Introdução”, em *Democracia – o deus que falhou*.

<sup>56</sup> Hans-Hermann Hoppe, “Como a Moeda Fiduciária é Possível? – ou, A Involução do Dinheiro e Crédito”, e idem, com Jörg Guido Hülsmann e Walter Block, “Contra o Meios Fiduciários”, ambos em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*.

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

economia de Hayek (como seu foco no “problema do conhecimento”)<sup>57</sup> e à ética política de Hayek.<sup>58</sup>

### Conclusão

Hoppe humildemente elogia o gênio de Mises e Rothbard:

E havia uma certa dose de, eu diria, inveja, porque, quero dizer, Rothbard era absurdamente inteligente. Conheci pessoas brilhantes na vida, mas a única pessoa que consideraria um gênio foi Rothbard. Ele podia lhe recitar o conteúdo de cada livro de sua biblioteca. E aquilo era uma biblioteca enorme. Sempre que você perguntasse sobre algum assunto estranho, ele poderia lhe dar sugestões do que ler. Você se sentia uma pessoa pequena, sem estudo, se conversasse com ele. Então, a inveja teve um papel importante em explicar por que ele não foi tratado como um gênio, como deveria ter sido.

[...] como agora tenho 75 anos, se eu tivesse que avaliar o impacto geral que tive no mundo, acho que me deixaria mais orgulhoso se as pessoas dissessem que Hoppe é, de certa forma, o sucessor mais importante de

---

<sup>57</sup> Veja Hans-Hermann Hoppe, “Socialismo: Um Problema de Propriedade ou Conhecimento?”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, p. 146: “A contribuição de Hayek para o debate sobre socialismo deve ser descartada como falsa, confusa e irrelevante.”; veja também Kinsella, “Knowledge vs. Calculation”, e a crítica semelhante de Rothbard, mencionada acima.

<sup>58</sup> Hans-Hermann Hoppe, “PFP101 | Hans-Hermann Hoppe, O Mito Hayek (PFS 2012)”, *Podcast Property and Freedom* (12 de abril de 2022); idem, “Por que Mises (e não Hayek)?”, *Mises Daily* (4 de outubro de 2011); idem, “Hayek sobre Governo e Evolução Social”, em *A Grande Ficção*; veja também Stephan Kinsella, “Hoppe on Hayek”, *StephanKinsella.com* (20 de setembro de 2009).

## 8. Mises, Rothbard, Hoppe: uma estrutura indispensável

Rothbard na era atual. Ficaria extremamente orgulhoso se essa se tornasse a opinião geral, mesmo admitindo que não estou no mesmo nível que Mises e Rothbard. Esses dois eram gênios. Sou um cara bem inteligente. Contribuí bastante para o pensamento libertário. Mas eu nunca, jamais me colocaria no mesmo nível que eles. Mas como não há ninguém à vista que esteja no mesmo nível que eles por enquanto, sou um bom substituto para esses dois gigantes.<sup>59</sup>

Temos que apreciar a humildade de Hans aqui, mas, de qualquer forma, o poder das ideias desses três pensadores é inegável. Fomos presenteados.

E assim como Rothbard e Mises são as maiores influências de Hoppe, este, construindo e ampliando seu próprio pensamento econômico e social, é a minha. Como escrevi anteriormente:

O poder do arcabouço austro-libertário é que ele abre novas perspectivas de compreensão nas ciências sociais. Isso permite clareza e compreensão onde antes havia água turva. O professor Hoppe é o melhor exemplo até hoje dessa abordagem metodológica; seu sistema melhora até mesmo o de seus mestres, Mises e Rothbard, nem que seja porque ele se apoiou em seus ombros.<sup>60</sup>

Assim, esses três pensadores, sendo a sua culminância o professor Hoppe, representam a estrutura indispensável para uma compreensão sólida do nosso mundo complexo.

---

<sup>59</sup> Tom Woods, “Entrevista com Hans Hoppe”, *Tom Woods Elite Letter*, Edição #18 (Verão 2025).

<sup>60</sup> Kinsella, “Posfácio”, p. 571.

# 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Jeffrey A. Tucker<sup>1</sup>

Minha introdução a Murray Rothbard aconteceu quando eu tinha 20 anos e estava sentado no escritório do meu professor de filosofia política. O professor tinha em sua prateleira um livro azul em dois volumes chamado *Homem, Economia e Estado* (1962).<sup>2</sup> O título era tão chamativo que perguntei sobre ele. Ele me avisou para não ler porque o autor é anarquista. Fascinante. Pedi licença e corri à biblioteca para buscar o livro. Isso consumiu minhas noites por semanas.

---

<sup>1</sup> Jeffrey A. Tucker é fundador e presidente do Brownstone Institute e autor de inúmeros livros e artigos, incluindo *Bourbon for Breakfast* (Mises Institute, 2010), *It's a Jetsons World* (Mises Institute, 2012), *A Beautiful Anarchy* (LFB, 2012) e *Spirits of America: On the Semiquincentennial* (Brownstone Institute 2025). Ele escreve regularmente para o *The Epoch Times*. Publicado simultaneamente no Jeffrey A. Tucker, “O Murray Rothbard que Eu Conheci”, *Brownstone Journal* (2 de março de 2026).

<sup>2</sup> Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, edição acadêmica, segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009 [1962]).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Longe de ser um desabafo anarquista, era uma defesa detalhada da economia clássica como ela existia antes de John Maynard Keynes, ao lado de percepções de Ludwig von Mises e algumas teorias inovadoras sobre monopólio, utilidade e outros assuntos. Era abrangente, um verdadeiro tratado sobre teoria econômica, algo que eu desejava desesperadamente.

Soube depois que este livro foi encomendado como um comentário sobre o próprio livro de Mises, *Ação Humana* (1949),<sup>3</sup> mas ganhou vida própria. Lê-lo da primeira à última página foi o começo de uma jornada que consumiria toda a minha carreira.

Conhecendo-o apenas dessas primeiras obras, eu tinha essa visão de Rothbard como uma força intelectual imponente, onisciente e provavelmente aterrorizante. Eu estava muito nervoso quando o conheci, cerca de três anos depois (por volta de 1985). Fiquei impressionado ao conhecer um homem baixo, com um sorriso enorme, que parecia encontrar humor em tudo. Embora nunca tivéssemos nos conhecido, ele me cumprimentou como um velho amigo.

A partir de então, tratei-o como amigo, e permanecemos próximos pelos dez anos seguintes até sua morte em 1995. As ligações eram quase diárias, e trocávamos cartas com frequência. Ele continua sendo minha inspiração até hoje. (Ironicamente, meu tempo conhecendo-o coincide quase exatamente com os dez anos de Hans-Hermann Hoppe com Murray no mesmo período.)

Longe de ser um pregador dogmático de verdades dedutivas – como transparecia em seus primeiros escritos teóricos –, o homem que eu conheci tinha uma mente aberta, era radical e curioso o suficiente para acolher uma vasta gama de ideias, amplamente tolerante à diversidade de opiniões e infinita e criativamente curioso. Ele era pura

---

<sup>3</sup> Ludwig von Mises, *Ação Humana – Um Tratado de Economia*, edição acadêmica (Auburn, Ala: Mises Institute, 1998).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

felicidade em qualquer contexto social, como uma luz que iluminava todo o ambiente. Quando eu conseguia dizer algo que o fazia rir alto era uma conquista profundamente satisfatória. E como Hoppe e outros já apontaram, ele tinha um gênio singular, diferente de qualquer outro que eu tenha conhecido.

Rothbard era um leitor voraz, inspirado por seu desejo insaciável de saber. Uma vez deixei-o numa livraria da universidade para procurar uma vaga de estacionamento. Não encontrando nenhuma, voltei à entrada em cerca de vinte minutos. Encontrei-o em um banco lendo, sentado ao lado de uma pilha de livros. Entrando no meu carro, ele sentou no banco do passageiro e falava animadamente sobre o que havia encontrado. Parando em um semáforo, ele me mostrou alguns trechos, e fiquei surpreso ao ver um terço do livro já marcado. Ele já tinha feito isso com vários livros. Eu simplesmente não podia acreditar no que via. Ele lia livros do jeito que os outros consomem *fast food*.

Ele costumava terminar nossos diversos projetos dentro do prazo. Quando o fax surgiu – ele o adorou tão logo descobriu como funcionava –, ele enviava trabalhos impressionantes em menos de uma hora. Consigo imaginá-lo digitando freneticamente para colocar suas ideias no papel. Sua mente funcionava muito mais rápido do que qualquer tecnologia poderia acompanhar. Ele sempre tinha trabalhos longos já escritos na cabeça, completos, com citações, e o único limite era encontrar tempo para redigir.

Quanto às interações sociais, ele tinha uma forma de extrair conhecimento e informações de todas as fontes. Se ele soubesse que você é especialista em matemática ou biologia, ele sugaria da sua mente todas as informações que você tivesse. Ele era um saqueador de conhecimento e deixava todos lisonjeados com o seu profundo interesse.

Por exemplo, eu tinha curiosidade sobre a história da religião cristã, e ele insistiu para que eu explicasse as implicações sociológicas de como as igrejas orientais rejeitaram a cláusula do *filoque* no credo, de modo que deixaram de afirmar que o espírito procede do Filho. Sua intuição lhe dizia que o ramo oriental do cristianismo, tendo rejeitado essa ideia, levou a um entusiasmo menor pelos aspectos concretos e encarnados do progresso econômico. Não sei se é verdade, mas era assim que

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

a mente de Rothbard funcionava. Ele levava as ideias extremamente a sério e queria entender as implicações de todas elas na evolução da sociedade humana.

Para mim, este foi o modelo de um homem extremamente curioso, de instinto incrível, em uma enorme variedade de áreas, desde economia até história, filosofia e teologia. Nada estava fora do alcance dele. Sua paixão pela verdade queria tudo. Ele não temia nada: nenhum pensador, nenhum tabu, nenhum fato, nenhuma ortodoxia poderosa, nenhuma conclusão estabelecida, nenhuma predefinição sobre maneiras obrigatórias de pensar sobre qualquer coisa. Estar com ele, mesmo que por uma noite, levava a acreditar que tudo estava aberto, tudo era pensável, tudo podia estar errado, e toda verdade permanecia ao mesmo tempo desconhecida e ainda assim descobrível. É por isso que seu espírito aventureiro era contagiante e por isso ele teve uma influência pessoal e intelectual tão grande.

Olhando para trás, Murray teve três grandes barreiras a superar em sua vida.

Primeiro, não havia chance de ele conseguir se destacar no mundo acadêmico convencional. Quando terminou seu doutorado, o pensamento convencional era muito valorizado como bilhete para o sucesso, e nenhuma quantidade de inteligência, produtividade ou diligência acadêmica superaria isso. Ele percebeu cedo que teria que aceitar uma posição muito abaixo de seu mérito ou buscar outro caminho. Por suas cartas, que tive o prazer de ler após sua morte, soube que durante a pós-graduação ele tentou escrever para enciclopédias por um tempo, mas seus verbetes, apesar de abrangentes e eruditos, nunca foram aceitos. Claro que não. Ele buscava descobrir novas formas de entender, não resumir banalidades convencionais adequadas para uma enciclopédia.

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Ele teve a sorte de ser notado pelo Volker Fund, que o pagava como revisor de manuscritos e crítico até o cargo acabar.<sup>4</sup> Ele acabou aceitando um cargo muito abaixo do seu *status* como professor de economia no New York Polytechnic – assim como Mises teve que assumir cargos muito abaixo do seu *status* quando emigrou para os EUA. Ele tinha um escritório pequeno compartilhado, mas mal se importava. Ele estava principalmente empolgado com uma pequena renda e a chance de ensinar. Essa posição foi adequada para ele durante a maior parte da carreira, antes de finalmente assumir um cargo de professor na Universidade de Nevada, Las Vegas. Nem preciso dizer que ele deveria ter estado na Ivy League, mas, mesmo assim, nunca houve chance para um pensador tão criativo na academia convencional.

Segundo, ele precisava colocar comida na mesa ganhando a vida, o que o levou a buscar patrocinadores, aos quais não estava naturalmente inclinado a deferir caso o empurrassem para uma direção que contradissesse seus princípios. O Fundo Volker o tratou bem até seguir um novo rumo. No início dos anos 1970, ele chamou a atenção de Charles Koch, o magnata do petróleo que se tornou o patrocinador do que se tornou um movimento amplamente guiado por ideias rothbardianas. A situação piorou quando uma nova instituição chamada Cato Institute planejou uma mudança para Washington, D.C., com objetivo de obter influência política. Rothbard intuiu exatamente para onde esse esforço estava indo. A ruptura com o conselho aconteceu logo no início. Olhando para essa instituição hoje – uma organização que defendeu lockdowns, decretos de máscara, medicamentos financiados por impostos e distanciamento social aplicado pela polícia<sup>5</sup> – não há dúvida de que Rothbard estava certo.

---

<sup>4</sup> Essas obras foram coletadas e publicadas em 2010 sob o título *Strictly Confidential* (Auburn, AL: Mises Institute, 2010).

<sup>5</sup> Thomas A. Firey, “Government in a Pandemic”, Cato Institute, *Policy Analysis* No. 902 (19 de novembro de 2020; texto): “Idealmente, uma campanha de informação pública promovendo o distanciamento e

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Terceiro, Rothbard queria colegas intelectuais sérios, pessoas que contribuíssem para o edifício que ele estava construindo, dos quais ele pudesse aprender e que pudessem inspirá-lo. Isso não era fácil, considerando sua estatura e alcance de conhecimento. Havia destaques dignos entre seus amigos no recém-formado mundo libertário – Ralph Raico, Ralph Hamowy, George Reisman e Leonard Liggio. Mas esse movimento rapidamente se tornou um problema após a publicação de *Por uma nova liberdade*, de Rothbard, em 1973.<sup>6</sup> Comercializado como uma forma totalmente nova e politicamente viável de entender o mundo – em vez de uma reformulação e esclarecimento das ideias liberais tradicionais –, o movimento tendia a atrair mentes inferiores, analfabetos, pessoas limitadas a frases de efeito, golpistas, charlatães e traficantes de influência que tinham pouco ou nenhum interesse em estudos sérios, história, teoria ou qualquer outra coisa de significado substancial.

O afastamento de Rothbard do movimento que ele havia fundado foi gradual e doloroso, e explicado em grande profundidade em sua própria publicação, *The Libertarian Forum*, que foi publicada de 1969 a 1984.<sup>7</sup> A maioria das edições apresentava documentação minuciosa de alguma apostasia, bem como uma exposição da lógica que a sustentava. Era uma tentativa de manter unido o que claramente estava desmoronando. Após a interrupção da publicação, Rothbard praticamente desistiu dos libertários, não em teoria, mas em sociologia e cultura. Lembro-me de que houve certo esforço para publicar uma espécie de catálogo libertário de empresas simpáticas à liberdade. Rothbard brincou que isso

---

o uso de máscaras seria intervenção governamental suficiente para promover a ampla adoção pública dessas práticas e reverter a propagação do vírus. O governo também poderia fornecer *apoio às forças de segurança* para empresas e outros proprietários que optem por exigir que os visitantes sigam as práticas”. (Ênfase adicionada.)

<sup>6</sup> Murray N. Rothbard, *Por uma Nova Liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006 [1973]).

<sup>7</sup> *The Complete Libertarian Forum: 1969–1984* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2012).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

seria muito útil para saber com certeza com quem não negociar e evitar ser enganado.

As pessoas frequentemente se perguntam como aconteceu que, em 1989–1990, Rothbard começou a conviver com os intelectuais paleoconservadores do Rockford Institute. Ele claramente não concordava com a visão deles, pois, como me disse na época, essas pessoas não acreditam em direitos individuais. Para Rothbard, isso foi um verdadeiro teste de compromisso intelectual. Por que, então, ele permaneceu entre eles, formou o John Randolph Club e acabou se tornando o profeta do que ele chamou de populismo de direita?

Do meu ponto de vista, havia um motivo grande e outros menores. Primeiro, eles eram inteligentes. Eles realmente liam livros. Eles tinham uma educação sólida. Eles se importavam com ideias e detalhes da história. Eles se interessavam por filosofia. Ou seja, Rothbard achava esse grupo intelectualmente estimulante, mesmo que não aceitasse seu quadro intelectual central, o que era uma grande mudança em relação ao grupo libertário que ele havia deixado. Ele se sentia animado pelo desafio intelectual que eles apresentavam.

Ele teve um parceiro próximo nesses esforços em Hans-Hermann Hoppe, um dos (ou talvez o único) intelectuais que Rothbard considerou interessantes e provocativos de sua época no Instituto Mises. Hoppe havia lido Rothbard durante seus estudos de pós-graduação na Alemanha e veio para os EUA estudar com ele. Com formação em filosofia, Hoppe conseguiu falar com Rothbard no mesmo nível e apresentá-lo a uma gama de pensamentos com a qual ele ainda não estava familiarizado.

Segundo, essas pessoas se opunham à globalização forçada e à guerra, dando a Rothbard esperança de que o movimento de direita pré-Buckley poderia ser reconstituído após a Guerra Fria e voltar à defesa da liberdade. Rothbard sentia nostalgia da época antes de a direita americana se tornar favorável à guerra e esperava que ela pudesse voltar ao

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

americanismo antiquado que ele havia documentado em sua história em cinco volumes do período colonial americano.<sup>8</sup>

Terceiro, o próprio Rothbard havia muito acreditava que uma liberdade robusta exigia mais do que regras de não agressão e permissões para tudo e qualquer coisa que os seres humanos quisessem fazer por puro egoísmo. Também exigia uma cultura burguesa que reverenciasse princípios estabelecidos, reconhecesse as hierarquias naturais e buscasse maturidade em sua visão de mundo e comportamento. Sim, Rothbard certamente havia se mostrado mais receptivo ao que veio a ser chamado de conservadorismo cultural. Isso não representou um afastamento tão grande do seu passado: ele nunca demonstrou qualquer interesse na recente onda de apreço pelo feminismo que fervilhava no mundo libertário.<sup>9</sup>

Esse período “paleo” provou ser intelectualmente frutífero para Rothbard. Finalmente livre do mundo cada vez mais degradado (e fraudulento) da organização libertária, Rothbard pôde seguir seu próprio caminho e repensar posições de longa data, sem os fardos sociais que vêm com a adesão a uma máquina industrial de prioridades intelectuais e políticas. Os anos de 1990 a 1995 foram alguns dos mais emocionantes por esse motivo. Foi durante esse período que ele escreveu sua história do pensamento econômico em dois volumes, um dos livros mais extraordinários e negligenciados de sua carreira.<sup>10</sup> A enorme amplitude e profundidade desses volumes eram surpreendentes em parte porque ele

---

<sup>8</sup> Murray N. Rothbard, *Conceived in Liberty*, edição em volume único (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011).

<sup>9</sup> Murray N. Rothbard, *Igualitarismo como uma Revolta contra a Natureza e Outros Ensaios*, Roy Childs, ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Instituto Mises, 2000).

<sup>10</sup> Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico – Uma Perspectiva Austríaca* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

trabalhava neles de forma bastante discreta no entorno de todos os seus outros escritos populares.

Uma das obras mais poderosas desse período – que representou uma mudança marcante em relação ao seu trabalho anterior – foi “Nações por consentimento”.<sup>11</sup> Rothbard aqui já havia aceitado a realidade da nacionalidade e suas implicações para a sociedade humana – um grande passo para um anarquista. Ele explica como aprendeu um ponto crucial com a abertura dos arquivos soviéticos. Ele aprendeu como Josef Stalin usou movimentos demográficos forçados para reforçar a vertente russa do império soviético, enviando, por exemplo, falantes de russo para os confins do império. Aqui estava a grande pista: como o estado pode usar a demografia como ferramenta de poder. A partir disso, ele fornece uma pista inicial do que mais tarde se tornaria uma realidade urgente na política do Ocidente:

A questão das fronteiras abertas, ou imigração livre, tornou-se um problema crescente para os liberais clássicos. Em primeiro lugar, porque o estado de bem-estar social subsidia cada vez mais os imigrantes para entrar e receber assistência social permanente e, em segundo lugar, porque as fronteiras culturais se tornaram cada vez mais obstruídas. Comecei a repensar minhas opiniões sobre a imigração quando, com o colapso da União Soviética, ficou claro que os russos étnicos foram encorajados a invadir a Estônia e a Letônia a fim de destruir as culturas e línguas desses povos. Anteriormente, era fácil descartar como irrealista o romance anti-imigração de Jean Raspail, *O Campo Dos Santos*, no qual praticamente toda a população da Índia decide se mudar, em pequenos barcos, para a França, e os franceses, infectados pela ideologia progressista, não podem se render ao

---

<sup>11</sup> Murray N. Rothbard, “Nações por consentimento”, *J. Libertarian Stud.* 11, n° 1 (Outono de 1994): 1–10.

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

desejo de impedir a destruição econômica e cultural do país. Com a intensificação dos problemas culturais e de bem-estar social, tornou-se impossível continuar ignorando as preocupações de Raspail.

Neste texto, Rothbard assume a posição de Hoppe de que existem condições sob as quais uma política de imigração aberta – que os libertários havia muito apoiavam – não é consistente com os direitos de propriedade e os ideais de autogoverno (tanto quanto concordou com Hoppe em sua visão sobre direitos libertários e ética argumentativa).<sup>12</sup> Isto pode equivaler a uma forma de invasão, uma força facilmente manipulada por malfeitores no governo.

ao repensar a imigração com base no modelo anarcocapitalista, ficou claro para mim que um país totalmente privatizado não teria “fronteiras abertas” de jeito nenhum. Se cada pedaço de terra em um país fosse propriedade de alguma pessoa, grupo ou corporação, isso significaria que nenhum imigrante poderia entrar lá a menos

---

<sup>12</sup> Uma apresentação inicial da ética argumentativa, Hans-Hermann Hoppe, “The Ultimate Justification of the Private Property Ethic”, *Liberty* (setembro de 1988): 20–22, atraiu bastante atenção em um simpósio, “Breakthrough or Buncombe?”, incluindo na edição seguinte Murray N. Rothbard, “Para além do Ser e Dever Ser”, *Liberty* (nov. 1988): 44–45, onde Rothbard escreve (p. 44): “Numa descoberta deslumbrante para a filosofia política em geral e para o libertarianismo em particular, ele conseguiu transcender a famosa dicotomia ser/dever ser, fato/valor, que tem atormentado a filosofia desde os dias dos escolásticos e que tem trazido o libertarianismo moderno em um impasse cansativo. Não só isso: Hans Hoppe conseguiu estabelecer o caso para o direito lockeano anarcocapitalista numa maneira radical sem precedentes, que fez minha própria posição acerca de lei natural e direitos naturais parecer quase fraca em comparação”.

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

que fosse convidado a entrar e autorizado a alugar ou comprar propriedades. Um país totalmente privatizado seria tão “fechado” quanto desejassem seus habitantes e proprietários particulares. Parece claro, então, que o regime de abertura de fronteiras que existe de fato nos EUA equivale realmente a uma abertura compulsória por parte do estado central, o estado responsável por todas as ruas e áreas públicas, e não reflete genuinamente os desejos dos proprietários.

Vinte e cinco anos depois, seguindo a política do governo Biden de inundar o país com imigrantes como forma de manipular o voto, como uma tática explícita para manter e apertar o controle do país, a presciência de Rothbard deve ficar clara. Ele estava disposto a revisitar uma doutrina antiga à luz da realidade empírica. Graças a uma ideia de Hoppe, ele conseguiu ainda mais entrelaçar essas considerações empíricas em um aparato teórico mais abrangente.

Claro que esse artigo envergonhou seus seguidores legados, que nunca conseguiram acompanhar a impressionante capacidade de Rothbard de reexaminar fundamentos teóricos à luz dos acontecimentos.

Essa abordagem caracterizou toda a carreira de Rothbard. Quando sugeri pela primeira vez a Rothbard que eu trabalhasse para reimprimir seu *Homem, Economia e Estado*, ele ficou simplesmente surpreso que alguém se importasse. Em sua mente, ele já havia avançado há muito tempo em seu pensamento. Fui em frente mesmo assim e não me arrependo de nada. Dito isso, ele certamente estava certo ao dizer que havia superado esse período rapidamente após a publicação do livro. O jovem Rothbard desenvolveu uma binaridade clara entre as forças do mercado e as forças do estado: uma distinção resumida pelo título *Poder e Mercado*.

Mesmo enquanto dava os retoques finais nesses livros, ele já estava explorando complicações. Seu famoso livro *O que o governo fez com*

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

*o nosso dinheiro?*<sup>13</sup> era uma apresentação de um tema que o consumiria por muitos anos. Na vida real, não havia uma separação rígida entre estado e indústria: o setor bancário revela essa verdade de forma mais evidente. Nos muitos setores em que tanto a indústria quanto o estado são forças motrizes, nem sempre fica claro qual é a mão e qual é a luva.

Já com o início da Guerra do Vietnã, Rothbard concluiu que o principal construtor da máquina da morte não era o estado, mas os fabricantes de munições que pressionavam suas agendas no estado. Foi essa percepção que o afastou do que se chamava de direita e o levou para a esquerda, com direito a um tratado sobre história intelectual que argumentava que a esquerda era a verdadeira amiga da liberdade na história.<sup>14</sup> Note que esta monografia (que, na minha opinião, é equivocada em aspectos cruciais) foi publicada apenas dois anos após um período em que ele escrevia para a *National Review*.

Em “Confiscation and the Homestead Principle”, publicado no *The Libertarian Forum*, 15 de junho de 1969,<sup>15</sup> ele escreveu:

Como então podemos desestatizar toda a massa de propriedade governamental, assim como a “propriedade privada” da General Dynamics? Tudo isso exige reflexão detalhada e investigação por parte dos libertários. Um método seria transferir a propriedade para os trabalhadores que se apropriaram originalmente das fábricas específicas; outro seria transferir a propriedade

---

<sup>13</sup> Murray N. Rothbard, *O que o governo fez com o nosso dinheiro?*, 6ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2024).

<sup>14</sup> Murray N. Rothbard, *Esquerda e direita – Perspectivas para a liberdade* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010), publicado originalmente em *Left and Right* (primavera de 1965): 4–22.

<sup>15</sup> Murray N. Rothbard, “Confiscation and the Homestead Principle”, em *The Complete Libertarian Forum*, publicado originalmente em *The Libertarian Forum* 1, nº 6 (15 de junho de 1969): 3–4.

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

proporcional aos pagadores individuais de impostos. Mas devemos encarar o fato de que pode ser o caminho mais prático para nacionalizar primeiro a propriedade como prelúdio para a redistribuição. Assim, de que modo a propriedade da General Dynamics poderia ser transferida para os pagadores de impostos merecedores sem antes ser nacionalizada no caminho? E, além disso, mesmo que o governo decida nacionalizar a General Dynamics – sem compensação, é claro – por si só e não como prelúdio à redistribuição para os pagadores de impostos, isso não é imoral nem algo a ser combatido. Pois isso significaria apenas que uma gangue de ladrões – o governo – confiscaria propriedades de outra gangue anteriormente cúmplice, a corporação que viveu à custa do governo. Raramente concordo com John Kenneth Galbraith, mas sua recente sugestão de nacionalizar empresas que obtêm mais de 75% de sua receita do governo ou dos militares tem considerável mérito. [livro p. 27; original p. 3]

Isso é uma defesa da nacionalização? Com certeza parece. Certamente é uma mudança para o autor de *Poder e Mercado*. Não faço ideia se e até que ponto ele continuaria acreditando nisso durante o período em que o conheci.<sup>16</sup> Eu nunca perguntei. Isso pouco importa. O que temos aqui é o desenvolvimento de um pensador que há muito havia abandonado sua posição anterior e, talvez, ingênua, que coloca mercados contra estados em uma eterna luta maniqueísta. A vida real apresenta complicações intrincadas em que os vilões e os mocinhos desempenham papéis diferentes, exigindo por isso medidas contraintuitivas.

---

<sup>16</sup> *Mas veja* Stephan Kinsella, “Rothbard on the ‘Original Sin’ in Land Titles: 1969 vs. 1974”, *StephanKinsella.com* (5 de novembro de 2014).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Essa visão foi se desenvolvendo ao longo dos anos, culminando em *Wall Street, bancos, e a política externa americana*, de 1984, originalmente escrito em partes e publicado em um obscuro boletim de moeda sólida.<sup>17</sup> Nesta monografia, Rothbard demonstra em detalhes como a indústria é a força malévola que manipula os estados em benefício das classes dominantes. Aqui vai uma posição muito mais desenvolvida do que em seus primeiros escritos e em consonância com a realidade empírica que ele observava.

Uma frustração que tenho há muito tempo em relação às tentativas de resumir os pensamentos de grandes pensadores como Rothbard (o que também se aplica a Hume, Locke, Calvin, Jefferson, Mises ou qualquer outro) é a tentativa de separar a teoria da biografia. A forma de entender a contribuição de Rothbard é seguir seu pensamento conforme ele se desenrola ao longo de sua vida. Pensadores sérios evoluem em seu pensamento à medida que os eventos se desenrolam e novas influências encontram seu caminho em um aparato crescente de ideias.

À medida que avançava além da pós-graduação, ele usava sua mente fértil e extremamente curiosa para uma compreensão cada vez mais detalhada do mundo real. Ele nunca temeu as críticas de que estava contradizendo seus escritos anteriores. Nem temia estar errado. Sua paixão principal era conhecer e apresentar a verdade como a entendia, sempre com o objetivo de contribuir para uma base melhor para a ideia de liberdade e direitos individuais. Foi sua honestidade intelectual que o impediu de ser usado como guru de qualquer movimento, muito menos como um totem intelectual em torno do qual mentes e movimentos inferiores podem se unir.

---

<sup>17</sup> Murray N. Rothbard, *Wall Street, bancos, e a política externa americana* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2011); originalmente publicado na *World Market Perspective* (1984) e pelo Center for Libertarian Studies (1995).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

Uma palavra de cautela para entender Rothbard: há uma forte tentação de reduzir sua vida a alianças políticas cambiantes e comentários editoriais inflamados. Isso sempre recebe mais atenção do que trabalhos acadêmicos. Se você realmente quer entender a profundidade e a amplitude de sua obra, o melhor é olhar para seu trabalho mais acadêmico: *The Logic of Action*,<sup>18</sup> *Conceived in Liberty*, *História do Pensamento Econômico*, *Igualitarismo* e *The Progressive Era*.<sup>19</sup> Foi aqui que ele colocou seu coração e alma. O resto foi divertido e provocativo. Um gênio assim era capaz de desempenhar muitos papéis, e ele o fez.

Em sentido semelhante, a memória de Rothbard não é bem servida por uma hagiografia acrítica. Tais tentativas o teriam enojado. Ele nunca buscou o estatuto de guru infalível ou oráculo totêmico. Seu objetivo era servir à grande causa da liberdade humana. Sua erudição era perigosa e imprudente por um motivo: ele ousava pensar o que outros não pensariam e desejava desesperadamente o engajamento que tais pensamentos deveriam gerar. Uma instituição dedicada a tratar seus escritos como uma espécie de magistério extraordinário seria algo de que ele teria se afastado num piscar de olhos. Com efeito, Rothbard teria sido rápido em repudiar qualquer tentativa desse tipo.

Murray Rothbard não era apenas um ser humano doce, querido e maravilhoso. Ele era um intelectual exemplar com um desejo irreprimível de entender e dizer o que é verdade. Nenhum estudioso com essa visão pode se encaixar confortavelmente em qualquer instituição, em qualquer época. Nem um tal pensador pode ser resumido em categorias ideológicas simples. Graças a Deus por isso. Precisamos de muitos pensadores assim o tempo todo, mas eles raramente aparecem. Todos nós

---

<sup>18</sup> Murray N. Rothbard, *The Logic of Action*, vols. I e II (Edward Elgar, 1997); posteriormente republicada sob o título *Economic Controversies* (Auburn, Ala: Mises Institute, 2011).

<sup>19</sup> Murray N. Rothbard, *A Era Progressista* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2017).

## 9. O Murray Rothbard que eu conheci

somos profundamente afortunados pelo fato de Rothbard e suas ideias nos agradecerem com sua presença em nossas vidas.

# Parte Dois



# 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

Saifedean Ammous<sup>1</sup>

Olhando para trás no meu desenvolvimento intelectual ao longo dos meus quarenta e cinco anos de vida, há um marco e ponto de inflexão importantes por volta de outubro de 2008, quando, pela primeira vez, li Murray Rothbard. Lembro-me vividamente de ter ficado impressionado com a clareza e profundidade de suas ideias, tanto que concluí que aprendi mais lendo uma página dele do que lendo um livro inteiro dos muitos textos monótonos que me foram atribuídos em meus estudos de pós-graduação. Olhando dezoito anos depois, posso dizer com confiança que a clareza e a amplitude do trabalho de Rothbard foram a estrela-guia e a inspiração intelectual para o meu próprio trabalho. Só entendi o mundo depois de lê-lo. Só me tornei economista depois de entendê-lo. Só me tornei escritor depois de me inspirar em sua coragem inabalável, clareza intensa e honestidade implacável. A esse grande homem que nunca conheci, devo toda a minha produção intelectual.

Em outubro de 2008, eu estava entrando no último ano dos meus estudos de pós-graduação na Universidade Columbia, em Nova York, onde estudava doutorado em Desenvolvimento Sustentável, um programa fortemente baseado na economia fiduciária *mainstream* da época.

---

<sup>1</sup> Saifedean Ammous é um economista proeminente e autor *best-seller* de *The Bitcoin Standard* (Wiley, 2018), além de inúmeros outros trabalhos.

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

Até 2007, o grau de minha familiaridade com economistas austríacos consistia principalmente em ouvir falar deles junto com economistas de Chicago e neoliberais como fundamentalistas do livre mercado, pessoalmente responsáveis pela grande maioria dos problemas da raça humana a partir dos anos 1970 por meio de sua influência nefasta sobre Reagan, Thatcher e Pinochet. Eu havia lido *O Uso do Conhecimento na Sociedade*<sup>2</sup> quando eu fazia meu mestrado na London School of Economics, e lembro de achá-lo levemente interessante, embora não tenha impactado muito minha forma de pensar na época.

Meu programa de Desenvolvimento Sustentável foi um exemplo perfeito do que Hayek chamaria de cientificismo, a pretensão fatal de que os assuntos humanos podem ser gerenciados de forma coercitiva por meio dos métodos iluministas da ciência.<sup>3</sup> Usando as ferramentas e métodos da economia moderna, minha formação em engenharia e munido de alguma propaganda das ciências sociais do século XX, esperava-se que eu produzisse um estudo multidisciplinar que fornecesse ideias

---

<sup>2</sup> F. A. Hayek, “O uso do conhecimento na sociedade”, *American Economic Review* 35, n.º. 4 (1945): 519–530 (PDF). Para opiniões críticas sobre a abordagem de Hayek acerca dessa questão, veja Murray N. Rothbard, “The End of Socialism and the Calculation Debate Revisited”, *Economic Controversies* (Auburn, Ala: Mises Institute, 2011), p. 846 (“toda a ênfase hayekiana no 'conhecimento' é equivocada e mal concebida”); Stephan Kinsella, “Conhecimento vs. Cálculo”, *Mises Economics Blog* (11 de julho de 2006); e referências mencionadas no capítulo de Alessandro Fusillo.

<sup>3</sup> Sobre cientificismo, veja Murray N. Rothbard, “O Manto da Ciência” e outros capítulos na Seção Um: Método, em *Economic Controversies*; Hans-Hermann Hoppe, “Sobre Certeza e Incerteza”, e “Em defesa do Racionalismo Extremo”, em *A Grande Ficção*, segunda edição expandida (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021), e outras referências no ensaio de Thorsten Polleit neste volume.

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

políticas implementáveis para formuladores de políticas de energia alternativa.

Em 2007, quando eu deveria enfim me lançar seriamente à escrita, comecei a perceber o absurdo dessa busca pelo planejamento central. Meus modelos deveriam incluir as ações de bilhões de consumidores e produtores de combustíveis ao redor do mundo, e decidir por eles o que era melhor para eles mesmos. Não houve reconhecimento da importância dinâmica dos preços e de como o cálculo econômico individual impulsiona a ação humana. À medida que comecei a lidar com os problemas metodológicos envolvidos, encontrei algumas percepções úteis ao ler Karl Popper, o que me levou a Friedrich Hayek e seu trabalho sobre cientificismo e as limitações do planejamento central. Ler Hayek logo me levaria ao site do Ludwig von Mises Institute, Mises.org, e seus inúmeros PDFs gratuitos com as obras dos grandes economistas austríacos.<sup>4</sup> E caí na toca do coelho. Logo encontraria os PDFs de Rothbard entre eles, e eles se tornariam meu guia e estrutura indispensáveis para navegar pelo mundo.

Passei meses devorando esses PDFs no meu minúsculo apartamento em Morningside Heights, em vez de escrever minha dissertação de doutorado. Senti uma conexão pessoal com Rothbard, o qual, assim como eu, também havia feito seu doutorado em Columbia e cresceu e morou a poucos quarteirões da Broadway, onde eu morava. No último ano em Columbia, Rothbard ouviu falar do seminário de Ludwig von Mises na Universidade de Nova York e começou a frequentá-lo. Da mesma forma, descobri no meu último ano que o seminário de Mises ainda estava acontecendo na Universidade de Nova York sob a orientação do professor Mario Rizzo, como continua até hoje. Enviei um e-mail para o

---

<sup>4</sup> Veja referências em Stephan Kinsella, “The Academic Publishing Paywall Paywall Copyright Subsidized Copyright Racket”, *C4SIF Blog* (9 de novembro de 2025), e idem, “Tucker, A Magia da Publicação de Código Aberto”, *C4SIF Blog* (15 de julho de 2025).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

professor Rizzo, e ele gentilmente aceitou meu pedido para participar. Participando do seminário, nos meses seguintes, tive o prazer de conhecer, aprender e interagir com os professores Joseph Salerno, Ralph Raico e Israel Kirzner, entre muitos estudiosos austríacos antigos e jovens. Lembro-me vividamente da sensação distinta de alívio que senti ao estar cercado de acadêmicos sérios que compartilhavam algumas das minhas opiniões hereges. Foi um alívio para minha sanidade.

Enquanto isso, alguns quarteirões mais abaixo da Broadway, o epicentro das finanças globais estava implodindo, me proporcionando um recurso de aprendizado muito útil na minha jornada pela economia austríaca, e mais incentivo para mergulhar nos infinitos PDFs de Rothbard. À medida que um banco após o outro ia à falência, o Tesouro dos EUA e o Federal Reserve resgataram a indústria financeira com trilhões de dólares, possivelmente a primeira vez que o termo "trilhões" passou a ser popularizado, um testemunho da facilidade com que as moedas fiduciárias são criadas. Enquanto meus professores da Universidade Columbia eram chamados diante das câmeras de TV para explicar às pessoas por que é do interesse delas continuar destruindo o valor do dólar para salvar os bancos mais ricos do mundo, suas justificativas suscitaram mais perguntas do que respostas. Então, em outubro de 2008, li Murray Rothbard pela primeira vez e comecei a entender o mundo ao meu redor. Enquanto a economia *mainstream* distorcia a realidade para justificar as ações dos que estavam no poder, Rothbard esclareceu a realidade, acusando-os claramente de charlatanismo. As suspeitas instintivas naturais das pessoas sobre os perigos do aumento da oferta monetária e do risco moral são, na verdade, corretas, e de forma alguma os sofismas matemáticos dos economistas do regime pode anulá-las.

O que mais me surpreendeu foi o quão claramente Rothbard empregou uma abordagem lógica para analisar a economia, fundamentada na compreensão realista de que as ações e avaliações dos seres humanos moldam a realidade econômica. Aqui estava um homem que olhava apenas para as ações dos seres humanos para entender a realidade, e isso fazia muito mais sentido do que minha dieta intelectual padrão de atribuir cognição a agregados e substantivos abstratos, apelando para autoridade e sofismas. O gênio de Rothbard foi expor que o que passa por debate político é, em sua maioria, propaganda e feitiçaria de um

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

sacerdócio leal ao poder. Ele me ensinou a traduzir os feitiços comoventes de “estabilização”, “escassez de liquidez”, “risco sistêmico” e “interesse público” em seus termos de contabilidade simples: “desestabilização”, “falência”, “politicamente favorecido” e “interesses privados politicamente favorecidos”, respectivamente. Ele me ensinou a ignorar os feitiços e apenas olhar quem está pagando quem. Uma vez aplicada essa tradução, a crise de 2008 deixa de ser um acidente misterioso e se torna o resultado previsível de uma estrutura monetária e política manipulada para favorecer um monopólio que privatiza seus lucros e socializa seus prejuízos. Ao contrário do que diz a propaganda, o banco central é tão essencial para uma sociedade quanto têniais são para um indivíduo.

É difícil enumerar ou resumir as ideias econômicas importantes que aprendi com Rothbard em tão pouco tempo, mas destacarei alguns dos pontos mais importantes. Talvez o texto mais influente de Rothbard para mim tenha sido seu breve capítulo “A Teoria Austríaca da Moeda”.<sup>5</sup> Lembro de ter lido isso em 2008 e ter ficado completamente impressionado com sua destilação da essência da teoria monetária austríaca e as lições mais importantes das obras monumentais de Mises, *Ação Humana* e *Teoria da Moeda e do Crédito*, em meras 24 páginas.<sup>6</sup> A lição mais impressionante para mim desse artigo foi a afirmação de Mises de que o dinheiro é um bem adquirido pelo seu poder de compra, que pode aumentar sem que a oferta aumente. Qualquer quantidade de dinheiro, desde que seja suficientemente divisível, é assim suficiente para garantir

---

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, “A Teoria Austríaca da Moeda”, em *Economic Controversies*, reimpresso de *The Foundations of Modern Austrian Economics*, Edwin Dolan, ed. (Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1976; PDF).

<sup>6</sup> Ludwig von Mises, *Human Action: A Treatise on Economics*, edição acadêmica (Auburn, Ala: Mises Institute, 1998); idem, *A Teoria da Moeda e do Crédito* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2009 [1953]).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

a função do dinheiro. Toda a justificativa para aumentar a oferta monetária desapareceu. Rothbard continuou a argumentar:

Um mundo de oferta monetária constante seria semelhante ao de boa parte dos séculos XVIII e XIX, marcados pelo florescimento bem-sucedido da Revolução Industrial, com o aumento do investimento de capital ampliando a oferta de bens e com a queda tanto dos preços desses bens como dos custos de produção.<sup>7</sup>

Nunca vou esquecer o momento em que li essa frase no meu apartamento em Nova York, no final de 2008. Mais ou menos na mesma época, na internet, Satoshi Nakamoto estava dando os toques finais ao software do Bitcoin, o primeiro, e ainda único, exemplo de uma moeda com uma reivindicação crível de ter um fornecimento constante.

Foi esse ponto, mais do que qualquer outro, que me fez compreender o valor do bitcoin. Quando ouvi falar dele pela primeira vez, achei que era uma ideia interessante, porque se encaixava na hipótese rothbardiana de uma moeda de oferta fixa, mas eu não levava a sério a possibilidade de que funcionasse, ingênua e pateticamente confiante – como só um Ph.D. consegue ser – de que minha ignorância quanto a seus detalhes técnicos não poderia de modo algum ter relação com a questão de seu sucesso ou fracasso. Depois de alguns anos de o bitcoin recusando-se a desaparecer, e de sua oferta permanecer fixa conforme o cronograma, comecei a estudá-lo e finalmente compreendi como sua natureza descentralizada e resistente à censura poderia assegurar que sua oferta permanecesse fixa, produzindo o Santo Graal monetário rothbardiano.

Em 3 de janeiro de 2009, Satoshi Nakamoto lançou o bitcoin e eu estava em São Francisco para a reunião anual da American Economic Association, a maior reunião de economistas dos Estados Unidos, que realiza entrevistas de emprego para futuros professores universitários.

---

<sup>7</sup> Rothbard, “A Teoria Austríaca da Moeda”, p. 699.

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

Lembro-me de passar o dia, fora dos horários das minhas entrevistas, abordando vários economistas fiduciários famosos e perguntando-lhes por que achavam que a oferta monetária deveria aumentar. Lembro-me de não ter recebido uma única resposta coerente a essa pergunta, mas sim muitos olhares desconcertados e confusos.

O trabalho de Rothbard sobre moeda, bancos e história econômica foi indispensável para desenvolver minhas próprias ideias sobre bitcoin, que culminaram com a publicação de *The Bitcoin Standard* em 2018. *The Bitcoin Standard* foi minha tentativa de fazer com o bitcoin aquilo que Rothbard fez com a moeda: remover a retórica vazia, compreender a realidade e deduzir suas implicações. Em *The Fiat Standard* (2021), apliquei o que aprendi com ele sobre inflação para traçar o impacto de longo prazo da desvalorização monetária e da expansão do crédito na economia e na sociedade de forma geral, incluindo família, cultura, política, preferência temporal e a própria civilização. Meu livro *Principles of Economics* (2023) foi fortemente baseado em *Homem, Economia e Estado*, de Rothbard,<sup>8</sup> e pode ser descrito como minha tentativa de destilar suas lições mais importantes em uma alternativa mais curta e acessível.

A amplitude dos escritos de Rothbard é, sem dúvida, incomparável. Ele abordou todos os temas e campos importantes da economia de forma abrangente e foi o melhor guia para entender esses temas, bem como os debates em torno deles e sua evolução histórica. De teoria econômica (moeda e bancos, ciclos econômicos, capital e juros, monopólio e antitruste) a controvérsias políticas (tributação, regulação, assistência social, educação, imigração, guerra e liberdades civis) até história econômica e história das ideias econômicas, Rothbard escrevia sobre tudo isso e nos fazia pensar toda as vezes.

---

<sup>8</sup> Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder e Mercado*, Ed. Acadêmica, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

É difícil escolher um favorito entre os livros econômicos de Rothbard, mas após muita reflexão, eu escolheria *A grande depressão americana* como meu favorito, pois era Rothbard no auge absoluto de sua arte.<sup>9</sup> Ele começa explicando a teoria austríaca dos ciclos econômicos de forma muito simples e intuitiva, o que pode ser sua melhor exposição da teoria. Ele então desmonta completamente a história oficial da Grande Depressão, não deixando nada defensável. Ele reúne uma montanha de evidências e pesquisas históricas para combinar com seu arcabouço econômico austríaco e ilustrar brilhantemente a verdade nua e crua.

Mas o que torna essa obra tão singularmente importante são as muitas implicações profundas de entender a verdadeira história da Grande Depressão: como suas raízes remontam à destruição do padrão-ouro e à Primeira Guerra Mundial; como a manipulação britânica dos formuladores de políticas americanas exportou a inflação britânica para os EUA e alimentou a expansão insustentável do crédito dos anos 1920, o que, por sua vez, levou à célebre quebra da Bolsa, que economistas convencionais consideraram inexplicável; como as políticas intervencionistas de Hoover transformaram a queda do mercado em uma depressão, e como FDR agravou as políticas de Hoover, condenando o padrão-ouro. Seu relato sobre como as políticas de manutenção de salários e preços e de cartelização impediram a recuperação e transformaram uma queda da bolsa em depressão foi a primeira vez que vi o período explicado com causa e efeito lógicos, em vez de mitologia popular keynesiana. Aqui estava uma exposição detalhada das consequências devastadoras para a civilização da fraude monetária e da inflação, desbancando a história oficial como pouco mais do que propaganda dos beneficiários da inflação. A teoria austríaca é a melhor abordagem para entender a Grande Depressão; e a Grande Depressão é a melhor lição da economia austríaca.

As contribuições de Rothbard não se limitaram à economia. Ele também escreveu extensivamente sobre história e filosofia política, além

---

<sup>9</sup> Murray N. Rothbard, *A Grande Depressão Americana*, 5ª ed. (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2000).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

de política norte-americana, política externa, política internacional e muito mais. Se os trabalhos de Rothbard em história e filosofia política tivessem sido publicados por dois autores diferentes, essas duas contribuições teriam sido, muito provavelmente, as mais importantes e originais nesses campos no século XX. Não acho que isso seja um exagero, porque em ambos os campos, assim como na economia, a recusa intransigente de Rothbard em seguir a linha do cartel fiduciário e servir como intelectual da corte permite que ele comunique ideias muito mais poderosas com uma clareza que nenhum intelectual da corte jamais alcançaria. Enquanto a historiografia americana se concentra no glorioso sucesso e legitimidade do governo americano, Rothbard mostra a feia e real face do leviatã americano em *Conceived in Liberty*, um livro tão enciclopédico que você não acreditará que Rothbard teve tempo para escrevê-lo, muito menos para realizar a pesquisa.<sup>10</sup>

Enquanto filósofos políticos estão constantemente discutindo sobre suas absurdas tentativas de legitimar a agressão e violência do governo, apenas Rothbard se destaca, como a criança apontando que o rei está nu, aplicando consistentemente ao estado os mesmos princípios morais e legais que se aplicam a qualquer outra entidade, e assim explicando de forma convincente, clara e coerente a verdadeira natureza do estado, e o dano que causa à sociedade. A grande maioria dos filósofos políticos, exceto Rothbard, vai lhe oferecer sofismas cujo único propósito é aumentar sua lealdade ao banco e ao cartel do governo que paga seu salário. Com essa honestidade mordaz, as obras de filosofia política de Rothbard saem do campo da fanfarronice acadêmica e da propaganda governamental e entram no âmbito das habilidades práticas essenciais para a vida. Só entendendo a verdadeira natureza do estado você pode começar a entender como se libertar de seu jugo e libertar sua vida de suas poderosas garras.

---

<sup>10</sup> Murray N. Rothbard, *Conceived in Liberty*, edição em volume único (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2011).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

Política internacional, política externa dos EUA e o estado de guerra são mais um grupo de temas sobre os quais Rothbard ofereceu conclusões substanciais com as quais qualquer estudioso sério deve lidar. A universidade americana moderna tem servido como uma fiel es-tenógrafa da política externa dos EUA, fornecendo uma lista cada vez maior de justificativas pseudointelectuais, criminosas e idiotas para a máquina de morte e destruição que é a política externa americana. Por décadas, Rothbard forneceu uma refutação abrangente de todas essas justificativas, pequenas e grandes, e deu aos seus leitores a verdade dolorosa sobre as realidades dos conflitos cujas chamas Washington alimentava.

Minha parte favorita neste tema é a discussão de Rothbard sobre o conflito palestino-israelense. Como palestino que passou toda a vida vivendo e aprendendo sobre a tragédia que é o sionismo, não consegui encontrar uma análise melhor e mais precisa para entender o conflito. Com sua clareza incomparável e caneta afiada, Rothbard identificou o cerne exato do chamado conflito: a guerra sionista de agressão e roubo contra os legítimos proprietários da terra da Palestina. Ele dissipou sem esforço as grandes nuvens de clichês, chantagem emocional e confusão em torno desse tema, substituindo-as pela realidade concreta, muito simples e incontestável: ao negar os direitos de propriedade dos legítimos proprietários da terra com base em sua raça, a agressão israelense inevitavelmente gera conflitos e, para sobreviver, demanda subsídios intermináveis de nações ocidentais emocional, violenta e sexualmente chantageadas.

Sustentando toda a ética e economia de Rothbard está a sólida, uniforme e consistente base intelectual dos direitos de propriedade, que lhe permitiu construir obras magníficas chegando a firmes conclusões publicadas sem medo. Não havia exceção especial para qualquer governo ou grupo favorecido que destruísse a consistência do trabalho de Rothbard e o forçasse a escrever bobagens incoerentes para justificá-las. Uma vez que se adota essa lente para entender o mundo, tudo fica muito mais claro.

No entanto, minha dívida intelectual com Rothbard não termina em sua erudição; ela se estende ao seu estilo de escrita e à coragem de

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

suas convicções. Embora eu sempre tenha gostado de escrever, tive dificuldades para escrever nos meus estudos de pós-graduação, pois nunca consegui reunir a convicção para imitar o estilo tímido da academia e as maneiras complexas pelas quais os acadêmicos distorcem palavras para notavelmente não comunicar nada de substancial. Rothbard foi o primeiro economista que encontrei que escreveu de forma clara, decisiva, precisa e sem pedir desculpas. Pela primeira vez, encontrei alguém que escrevia com o propósito supremo de ser compreendido, não para confundir, prevaricar, impressionar ou lisonjear. Ver esse exemplo me convenceu a escrever de forma clara e honesta, e isso foi fundamental na minha decisão de seguir escrevendo *The Bitcoin Standard* e meus livros subsequentes.

Vi valor em Hayek, mas achei Rothbard e Mises em um terreno mais firme e consistente. Gostei e me beneficiei de ler Mises, mas o estilo de escrita de Rothbard foi muito mais envolvente e relacionável para mim. Rothbard, afinal, escrevia em sua língua nativa inglesa, e a maior parte de sua obra era mais recente do que a de Mises, cujo trabalho foi traduzido do alemão ou escrito na terceira língua do autor, dando a impressão de que ele pensava em alemão e traduzia para o inglês.

Junto com essa clareza de pensamento veio a clareza da convicção e a coragem de comunicá-la de forma simples e honesta, independentemente do impacto que isso pudesse ter nas sensibilidades delicadas dos leitores acostumados a propagandas mais suaves e lisonjeiras. Enrolar, manipular a realidade e bajular os preconceitos do leitor pode render a você cargos de luxo nas universidades modernas, mas eles vão garantir que você raramente seja lido fora dos currículos obrigatórios. Mais de três décadas após sua morte prematura, Rothbard continua sendo um dos economistas mais lidos do século XX. Uma olhada rápida em seus livros na Amazon mostra um número muito grande de críticas positivas, superando, no passado e no presente, quase todos os economistas fortemente promovidos do regime. Esse feito é ainda mais impressionante quando lembramos que seus livros estão disponíveis para download gratuito no Mises.org e foram baixados por inúmeras pessoas ao redor do mundo. Seguir a linha do cartel do Federal Reserve e do cartel acadêmico que ele financia provavelmente teria garantido a ele um emprego melhor do que os que teve, mas teria garantido que seu nome

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

fosse tão obscuro quanto os muitos milhares de seus contemporâneos que nunca são lidos ou mencionados no mundo de hoje.

Recentemente, um amigo compartilhou comigo um obituário crítico sobre Rothbard escrito por um agente oportunista da CIA e propagandista do regime fiduciário chamado William F. Buckley, Jr., que passou décadas mobilizando apoio para guerras de agressão dos EUA e Israel entre conservadores escrevendo palavras rebuscadas.<sup>11</sup> O amargo obituário de Buckley traz à mente a diferença nas vidas e legados dos dois homens nascidos em Nova York há um século. Rothbard trabalhou na obscuridade em uma universidade sem prestígio, bloqueado de todos os grandes veículos de mídia, escrevendo para a periferia libertária e intelectual, e constantemente atacado por porta-vozes do regime, como Buckley, como um simplório e traidor. Buckley, por outro lado, marchava de seu cargo na CIA para uma importante nomeação na mídia após a outra, sendo regularmente destaque em grandes TVs, jornais e rádios. Trinta e um anos após a morte de Rothbard e dezoito anos após a de Buckley, agora é possível avaliar seus legados. Os livros de Rothbard têm cerca de cinco vezes mais resenhas do que as bobagens insignificantes e efêmeras de Buckley. O trabalho de Rothbard só se tornou mais importante à medida que a inflação continua a acelerar o declínio social. Inúmeras pessoas de todo o mundo baixam os livros de Rothbard gratuitamente no Mises.org, mas não conheço absolutamente ninguém que tenha um bom motivo para ler Buckley hoje, e nunca me lembro de ouvir alguém mencionar uma ideia importante dele relevante para o mundo atual. Na medida em que alguém o menciona, geralmente é apenas sentimentalismo de *boomer* saudosos da propaganda mais bem escrita do passado.

---

<sup>11</sup> William F. Buckley, Jr., “Murray Rothbard, RIP”, *National Review* (6 de fevereiro de 1995); veja também Stephan Kinsella, “Disparaging Rothbard”, *StephanKinsella.com* (14 de jan. de 2026).

## 10. Murray Rothbard: uma ode a um herói intelectual

Apesar de toda a mídia e promoção, agentes do regime como Buckley são esquecidos, porque sempre há um novo e melhorado Buckley feito sob medida para fazer com que a guerra e o despotismo combinem com as últimas modas entre os conservadores idiotas. Rothbard sabia plenamente que agentes como Buckley ganharam destaque durante sua vida, mas persistiu em seu caminho, produzindo milhões de palavras para a posteridade ler. Enquanto Rothbard escrevia com uma amplitude e profundidade incríveis, Buckley era essencialmente um Sean Hannity um pouco menos burro, usando uma linguagem florida para impressionar seus leitores com uma erudição exibicionista. O regime de Buckley trouxe guerra, inflação e destruição incalculável, e um número cada vez maior de americanos está acordando para o golpe do regime fiduciário promovido por Buckley, no momento em que seus filhos lutam para pagar as hipotecas de suas casas enquanto Netanyahu toma conta do povo e dos recursos americanos como se fossem sua fazenda particular.

Descobrir como o sistema monetário e político mundial realmente funciona lendo Rothbard pode ser desconcertante. É tentador simplesmente ignorar os austríacos, voltar para a escravidão fiduciária, repetir os mantras fiduciários certos, buscar uma carreira segura e pagar suas contas até morrer. Mas comparar o legado de Rothbard com o dos propagandistas do regime tornou isso impossível para mim. Existe, e sempre existirá, uma enorme máquina produzindo autômatos iminente-mente esquecíveis e intercambiáveis, semelhantes a Buckley. Sempre só haverá um Murray Rothbard. A propaganda do regime vai cair no esquecimento, mas uma escrita clara e baseada em princípios envelhecerá bem. Os Buckleys podem aproveitar a adulação passageira dos idiotas, mas Rothbard vai para a posteridade. A vida é curta e a posteridade longa, para falar de forma vaga, indireta ou excessivamente cautelosa para evitar ofender alguém ou suavizar uma verdade dura.



# **11. Murray Rothbard, a ausência de estado e a critarquia: cinco milênios de evidências para a legislação competitiva**

Juan Fernando Carpio<sup>1</sup>

*Mais lei, menos justiça.*  
– Cícero

---

<sup>1</sup> Juan Fernando Carpio foi professor de economia na Universidad San Francisco de Quito, no Equador. Ele traduziu para o espanhol as obras de Hans-Hermann Hoppe, George Reisman e Stephan Kinsella. O autor gostaria de agradecer a León Isidoro Maehlum, Manuel Ogando e sua mãe, Carmen Tobar-Subia de Carpio, pelas críticas e correções iniciais a este texto, bem como pelos fatos que o apoiam. Neste capítulo, frequentemente omito citações para evitar sobrecarregar o leitor com citações tediosas de estatísticas e fatos que podem ser facilmente encontrados online; muitas estatísticas e fatos comuns aqui citados não vêm acompanhados de citações.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

*Para cada mil homens dedicados a cortar as folhas do mal, há apenas um atacando as raízes.*

– Henry David Thoreau

O edifício rothbardiano é a realização teórica mais sistemática do libertarianismo, mas contém uma lacuna crítica: o *mecanismo de nomogênese* – a emergência do direito competitivo por meio de precedentes, em oposição ao decreto legislativo. Sua visão de tribunais privados aplicando códigos de lei natural<sup>2</sup> permaneceu teórica em grande parte. Como resultado, grande parte do discurso libertário tem se baseado em frases cautelosas e condicionais – “pode dar certo”, “poderia funcionar” –, mesmo que séculos de evidências históricas confirmem fortemente que tais sistemas não só podem funcionar, como já funcionaram excepcionalmente bem.

Assim, houve algumas dúvidas sobre o funcionamento de um sistema livre e competitivo de descoberta da lei e da ordem sem um estado, mas, principalmente, *da lei sem políticos*. Essa timidez é compreensível, mas no fim das contas equivocada. Fazemos rotineiramente declarações ousadas e declarativas sobre os mercados – “o capitalismo produz prosperidade” –, porque podemos apontar cerca de dois séculos de sucesso demonstrado. No entanto, ao discutir direito sem monopólio legislativo, até mesmo estudiosos libertários de destaque tergiversam: *The Enterprise of Law*, de Bruce Benson, fala em demonstrar “a possibilidade” de uma lei não estatal; *The Machinery of Freedom*, de David Friedman, explora “o que poderia acontecer”; a obra *The Structure of Liberty*, de Randy

---

<sup>2</sup> Veja, por exemplo, Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholar's ed., segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), *Poder e Mercado*, cap. 1 e pass.; idem, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998 [1982]), pass.; idem, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006), cap. 12, e pass.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

Barnett, apresenta a *common law* como meramente “sugestiva”.<sup>3</sup> Os qualificadores se multiplicam – podem, poderiam, seriam, talvez – e o efeito geral é uma autossabotagem retórica. Ao conceder incerteza onde a história realmente oferece certeza, enfraquecemos nossa posição mais forte. O custo é estarmos permanentemente excluídos.

Minha argumentação é que a critarquia, definida como governança por juizes competitivos sem legislação central, fornece uma validação histórica convincente das percepções de Murray N. Rothbard sobre questões tão vitais.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Bruce L. Benson, *The Enterprise of Law: Justice Without the State* (San Francisco: Pacific Research Institute, 1990), p. 3; D. Friedman, *The Machinery of Freedom: Guide to a Radical Capitalism*, 3ª ed. (CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015), p. 145; Randy E. Barnett, *The Structure of Liberty: Justice and the Rule of Law* (Oxford: Oxford University Press, 1998), p. 210.

<sup>4</sup> Uma nota sobre terminologia: Enquanto “anarquista” enfatiza a rejeição do estado, “critarquista” enfatiza a afirmação da ordem baseada em precedentes criada por juizes, um conjunto evolutivo de sabedoria social e judicial – uma distinção que pode ajudar a comunicar a viabilidade histórica do direito sem estado a públicos receosos de uma abordagem centrada na rebelião, na figura do pária social ou em uma postura juvenil. Para os rothbardianos, este último termo nos conecta aos juizes da *common law* inglesa, *brithem* irlandeses, *goðar* islandeses, *praetores* romanos e árbitros de leis mercantis, que mantinham a ordem sem legislação. Isso não é uma rejeição da teoria anarquista, mas um refinamento estratégico para a persuasão empírica. Veja Stephan Kinsella, *Legal Foundations of a Free Society* (Houston: Papinian Press, 2023) sobre como a verdadeira ordem jurídica emerge das interações voluntárias e das normas de propriedade; e Maurice Merleau-Ponty: “a liberdade existe em contato com o mundo, não fora dele”. Veja Maurice Merleau-Ponty, “The War Has Taken Piece”, em *Sense and Non-Sense*, trad. Hubert L.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

O termo critarquia deriva do grego *κριτής* (juiz) e *ἄρχω* (governar), designando sistemas onde a lei evoluiu por meio de precedentes e julgamentos, em vez de imposição estatutária. A tese apresentada aqui é que a critarquia não é especulativa; ela governou os assuntos humanos por mais de vinte e cinco séculos em diversas civilizações. Assim, a critarquia faz com que a ideia de uma ordem sem estado – a possibilidade de ordem sem um estado – deixe de ser apenas um imperativo ético e uma possibilidade econômica para tornar-se uma realidade histórica plena e incontestável.

Os currículos jurídicos em todos os lugares abrangem exclusivamente direito constitucional, interpretação legal e direito administrativo. Nenhuma escola exige o estudo da *common law* como um sistema competitivo ou da Brehon Law como ordem sem estado. A “síntese westfaliana” – a ideia pós-1648 de que soberania exige legislação centralizada – torna a critarquia literalmente “impensável”.<sup>5</sup> Incentivos profissionais reforçam essa captura. Carreiras jurídicas dependem da complexidade legislativa. As associações de advogados se opõem à “prática não autorizada” (competição critárquica). O prestígio acadêmico decorre da metodologia positivista. Questionar as fundações corre o risco de ser descartado como “filosofia”. Muitos libertários caem em uma armadilha psicológica onde buscam aprovação da academia dominante. “Abolir a

---

Dreyfus e Patricia Allen Dreyfus (Evanston, IL: Northwestern University Press, 1964), p. 148. Para discussões adicionais sobre critarquia, veja Frank van Dun, “Appendix: What is Kritarchy?”, em Michael van Notten, *The Law of the Somalis: A Stable Foundation for Economic Development in the Horn of Africa*, Spencer Heath MacCallum, ed. (Trenton, NJ: The Red Sea Press, 2005).

<sup>5</sup> Sobre a concepção westfaliana do estado moderno, veja Martin Van Creveld, *The Rise and Decline of the State* (Cambridge University Press, 1999); James Crawford, ed., *Brownlie’s Principles of Public International Law*, 9ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 2019), cap. 1.1; Malcolm N. Shaw, *Direito Internacional*, 8ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2017), cap. 1, p. 19, e pass.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

propriedade privada” permanece respeitável apesar de 100 milhões de mortes, mas “sistemas de governança competitivos” parecerá “extremo” apesar de 2.500 anos de paz e florescimento cultural.

### **Uma variedade de triunfos históricos**

Nosso arquivo empírico contém cinco casos principais, cada um documentado por pesquisa especializada. A *common law* inglesa (c. 1100-1900) operou por 800 anos como uma ordem jurídica policêntrica dentro de um arcabouço monárquico. Cortes reais competitivas – Banco do Rei, Common Pleas, Exchequer – competiam com tribunais senhoriais, municipais e mercantis. Essa competição jurisdicional gerou controle de qualidade por meio de juizes que buscavam honorários, funcionando efetivamente como um mercado de justiça apesar da presença nominal de uma coroa. (O trabalho quantitativo de Daniel Klerman confirma que os litigantes escolhiam os fóruns como os consumidores escolhem lojas.)<sup>6</sup> O processo nomogênético operava por meio de *stare decisis*, precedentes acumulados em direito sistemático sem legislação. O *Habeas Corpus* surgiu como direito criado por juizes no século XIV.<sup>7</sup> Ele protegeu a liberdade por sete séculos antes da codificação parlamentar. A Common Law inglesa perdurou por cerca de 800 anos como um sistema competitivo e baseado em precedentes. Manteve princípios coerentes sem nunca cair em contradição legislativa, absorveu suavemente a revolução comercial e posteriormente a industrialização sem exigir reformas legais abrangentes, e proporcionou uma aplicação excepcionalmente rigorosa dos direitos de propriedade e contratos.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Daniel Klerman, “Jurisdictional Competition and the Evolution of the Common Law”, *U. Chi. L. Rev.* . 74, nº 4, Artigo 2 (2007): 1179–1226.

<sup>7</sup> Documentado em *Year Books of Edward II*, Selden Society Publications (1903–1941), vol. 17, p. 45.

<sup>8</sup> A história fundamental do Direito Inglês em Maitland continua sendo indispensável para entender essa ecologia competitiva. Veja F. W.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

Sachs confirma que a *Lex Mercatoria* (a Lei Mercante) operava por meio de arbitragem privada genuína. Os Tribunais de Piepowders como St. Ives aplicavam o costume mercante sem sanção real.<sup>9</sup> A *Lex Mercatoria* (séculos XI-XVI) operou como direito privado transnacional por mais de 500 anos. Os tribunais mercantis (Tribunais de Piepowders) em feiras e portos aplicavam princípios consuetudinários por meio de *consules mercatorum* eleitos. Não existia soberania territorial. A autoridade era derivada do consentimento e da reputação. Instrumentos inovadores – letras de câmbio, seguros marítimos, parcerias – desenvolveram-se por meio de arbitragem ao longo de décadas de necessidade. A uniformidade surgiu por meio da convergência competitiva. A fiscalização operava por meio da reputação. Desonra comercial significava morte econômica. Houve alta conformidade sem poder policial. Sua extinção se deu por meio da nacionalização estatal, à medida que os estados-nação consolidaram seu poder e incorporaram as regras comerciais ao direito nacional, como analisado por Sachs e outros, e não por insatisfação dos mercados ou por colapso interno.<sup>10</sup>

A Irlanda brehoniana (c. 650-1650 d.C.) oferece talvez o exemplo mais duradouro de critarquia: cerca de 1.000 anos sem reis exercendo poder legislativo, legislaturas ou um aparato estatal centralizado.<sup>11</sup> A

---

Maitland & Frederick Pollock, *The History of English Law Before the Time of Edward I*, 2 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 1895), vol. 1, pp. 12–15.

<sup>9</sup> Stephen E. Sachs, “From St. Ives to Cyberspace: The Modern Distortion of the Medieval ‘Law Merchant’”, *Am. U. Int’l L. Rev.* 21 (2006): 685–812.

<sup>10</sup> Embora alguns estudiosos observem que a crescente diversidade cultural/política no comércio dificultava a aplicação uniforme, a aplicação baseada na reputação e a rápida inovação do sistema sustentavam alta conformidade sem coerção até serem deslocados à força.

<sup>11</sup> Veja também Gerard Casey, *Libertarian Anarchy: Against the State* (Continuum International Publishing Group, 2012), cap. 5, discutindo a Brehon Law (Irlanda antiga) em detalhes.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

sociedade se organizava em torno de associações tribais voluntárias chamadas *tuatha* – enraizadas no antigo parentesco celta da Irlanda e nas tradições orais –, onde as pessoas podiam entrar ou sair livremente – criando uma verdadeira pressão competitiva entre as jurisdições legais. Juizes profissionais (*brithem*) forneciam julgamentos baseados em remunerações, treinados na lei nativa (*fénechas*) preservada por famílias jurídicas hereditárias. Eles distinguiam a justiça natural (*fír flathemon*, ou “verdadeiro julgamento”) do mero costume (*recht*), descobrindo a lei por meio do precedente em vez de inventá-la. A execução dependia da garantia e do preço de honra (*lóg n-enech*) – um valor monetário mensurável ligado à posição social que permitia uma compensação precisa sem coerção estatal. Até mesmo o homicídio era tratado como um delito civil que exigia reparação, não como um crime que exigia punição.

Esse sistema proporcionava uma cobertura abrangente comparável aos códigos modernos, absorvia influências vikings e normandas sem um colapso sistêmico imediato e concedia às mulheres direitos de propriedade mais fortes do que na Europa contemporânea recente. Embora tenha demonstrado notável resiliência – durando mais do que qualquer constituição moderna –, a erosão gradual começou sob pressões normandas a partir do século XII, com crescente coexistência e parcial substituição pela *common law* inglesa; enfim, foi suprimido por conquista militar externa, notadamente pelas forças cromwellianas, entre 1649 e 1653, e pelas políticas dos Tudor e dos Stuart, não por uma implosão decorrente de injustiça interna ou de revolta popular contra seus mecanismos, como aconteceu a muitos sistemas legislativos.

A Islândia Livre (930-1262) funcionou por 332 anos sem um governo executivo ou assembleia legislativa.<sup>12</sup> As chefias (*goðord*) – propriedade privada alienável, e não feudos territoriais – prestavam serviços jurídicos por meio de contratos competitivos; os *thingmenn* podiam

---

<sup>12</sup> Isso é discutido em detalhes em Friedman, *The Machinery of Freedom*, cap. 44, “Private Law Enforcement, Medieval Iceland, and Libertarianism”.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

trocar de *goðar* anualmente, exercendo pressão de mercado sobre a qualidade.<sup>13</sup> O *Althing* funcionava como assembleia judicial, não como legislatura; a *Lögretta* atuava como tribunal de apelação; o *Grágás* compilava precedentes consuetudinários, não estatutos. A persecução e a execução privadas baseavam-se em parentesco, arbitragem e reputação: não havia promotores públicos, polícia ou prisões estatais. O sistema sustentou um direito complexo de propriedade, sucessões e responsabilidade civil por meio de precedentes e adaptou-se à expansão territorial. Embora a intensificação das disputas durante a Era dos Sturlungos, no século XIII, tenha criado tensões internas e vulnerabilidade, o sistema não entrou em colapso caótico nem em guerra civil por falhas inerentes; seu fim ocorreu por intervenção régia norueguesa, entre 1262 e 1264, marcando uma absorção, e não um fracasso orgânico.<sup>14</sup>

O Direito Romano Republicano (509-27 a.C.) operou por 482 anos por meio de mecanismos critárquicos obscurecidos pela subsequente centralização imperial.<sup>15</sup> As Doze Tábuas (451-449 a.C.) foram um breve quadro processual. O direito abrangente se desenvolveu por meio de pontífices e pretores interpretando em vez de legislar. A pesquisa

---

<sup>13</sup> Como detalhado em Jesse L. Byock, *Viking Age Iceland* (Londres: Penguin Books, 1991), pp. 112-115; e William Ian Miller, *Bloodtaking and Peacemaking: Feud, Law, and Society in Saga Iceland* (Chicago: University of Chicago Press, 1990), pp. 45-48.

<sup>14</sup> Confirmado por evidências arqueológicas das escavações do Vale do Mosfell.

<sup>15</sup> As fontes sobre o Direito Romano são vastas. Veja, para uma introdução, James Hadley, *Introduction to Roman Law* (Littleton, Colorado: Fred Rothman, 1996). Veja também várias discussões e referências em Stephan Kinsella, “Legislação e a Descoberta do Direito em uma Sociedade Livre”, em *Legal Foundations of a Free Society*; idem, “Epstein on Roman Law”, *StephanKinsella.com* (July 18, 2025); idem, “The Superiority of the Roman Law: Scarcity, Property, Locke and Libertarianism”, *StephanKinsella.com* (Aug. 17, 2010); idem, “Roman Law and Hypothetical Cases”, *StephanKinsella.com* (Dez. 19, 2022).

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

de Bruce Frier demonstra que o *edictum* anual do pretor criou uma estrutura previsível, porém adaptativa, por meio de precedentes incrementais.<sup>16</sup> Jurisconsultos (*iurisprudentes*) – Labeo, Capito e sucessores – desenvolveram a ciência jurídica privada por meio da reputação competitiva. Seus *responsa* tinham autoridade por meio do saber, não de nomeação por parte do estado (política). As escolas rivais de Labeo (enfaticando o princípio racional) e Capito (enfaticando a tradição) geraram competição jurisprudencial que refinaram a doutrina por séculos. Desempenho: 482 anos; direito privado sistemático sem código abrangente; o *ius gentium* surgindo organicamente para lidar com a expansão imperial; *provocatio ad populum* protegendo contra abusos magistrais. Sua extinção ocorreu por centralização imperial sob Augusto, não por fracasso republicano.

Sistemas critárquicos – governados principalmente por juizes que aplicavam a lei consuetudinária ou baseada em precedentes – demonstraram longevidade extraordinária, com uma média de 623 anos em todos os casos. Isso é aproximadamente 30 a 40 vezes maior do que a média global de vida das constituições nacionais escritas desde 1789, que os estudiosos estimam em apenas 17-19 anos<sup>17</sup> – ecoando a distinção de Hayek entre ordem evoluída (lei) e ordem construída (legislação).<sup>18</sup> Mesmo entre grandes constituições duradouras (como a dos EUA, com mais de 236 anos), o padrão se mantém: ordens legislativas/constitucionais se mostram muito mais frágeis. Longe de se desintegrarem sob fraquezas internas, os sistemas liderados por juizes quase sempre caíram sob conquista ou absorção externa por potências mais centralizadas

---

<sup>16</sup> Bruce W. Frier, *The Rise of the Roman Jurists: Studies in Cicero's Pro Caecina* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985), pp. 34–37.

<sup>17</sup> Zachary Elkins, Tom Ginsburg, & James Melton, *The Endurance of National Constitutions* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), p. 45.

<sup>18</sup> F.A. Hayek, *Direito, Legislação e Liberdade: Regras e Ordem*, Vol. 1 (Chicago: University of Chicago Press, 1978).

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

(e tipicamente muito menos justas), embora alguns (como a Islândia) tenham apresentado tensões internas que aumentaram a vulnerabilidade sem causar um colapso sistêmico total.

Juntos, esses cinco casos acumulam mais de 3.114 anos de funcionamento, sem nenhum registro de colapso interno total. Em nítido contraste, os sistemas legislativos modernos e as constituições escritas apresentaram vidas muito mais curtas e instabilidade crônica. A constituição escrita média sobrevive apenas de 17 a 19 anos, e os regimes legislativos mais amplos que elas sustentam têm média de 136 anos antes da crise ou colapso sistêmico total.

A Constituição dos EUA, por exemplo, perdurou 236 anos, mas enfrentou violações sistemáticas e erosões desde a década de 1930. A Constituição de Weimar colapsou após apenas 14 anos, abrindo caminho para o regime nazista por meios legais. O Código Napoleônico persiste há cerca de 220 anos, mas exigiu mais de 5.000 emendas. A Constituição Soviética durou apenas 74 anos antes de todo o sistema se desintegrar. Nesses e em casos similares, a duração média ronda 136 anos, frequentemente marcada por crises e colapsos recorrentes.

Essa diferença marcante destaca um “paradoxo da durabilidade” mais profundo. Os arcabouços jurídicos modernos tornam-se cada vez mais complexos e contraditórios. O Registro Federal dos EUA agora ultrapassa 185.000 páginas, enquanto o *acquis communautaire* da UE se aproxima de 170.000 páginas. Estimativas sugerem que existem mais de 10.000 disposições conflitantes somente na lei federal dos EUA, alimentando uma explosão de litígios – mais de 40 milhões de processos civis movidos anualmente. Contradições e incongruências intermináveis minam a clareza e a previsibilidade. Mesmo que vejamos isso como um problema de engenharia, o estado – governado por políticos – é simplesmente uma solução subótima.

Alternativas critárquicas, no entanto, alcançam coerência e acessibilidade muito maiores. Por volta de 1800, a *common law* inglesa podia ser contemplada de forma abrangente em cerca de 50 tratados que abordavam todas as principais questões comerciais. A *Lex Mercatoria* operava por princípios uniformes aplicados em toda a Europa, sem necessidade

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

de codificação exaustiva.<sup>19</sup> A Brehon Law baseava-se em tratados poéticos decorados que forneciam uma cobertura completa da vida social. Nesses sistemas, o velho ditado de que “ignorância da lei não é desculpa” fazia sentido, porque a lei permanecia conhecível por meio da prática profissional, da tradição oral e de precedentes vinculativos. As “interpretações” regulatórias modernas frequentemente impõem fiscalização retroativa, corroendo a previsibilidade da qual indivíduos e empresas dependem.<sup>20</sup>

A adaptabilidade é o que tem favorecido ainda mais o direito evolutivo, formado por juizes, em oposição à legislação centralmente planejada. A *Lex Mercatoria* desenvolveu rapidamente instrumentos financeiros sofisticados em resposta às necessidades comerciais emergentes, muitas vezes em poucas décadas. O direito comum absorveu os choques da industrialização sem exigir reformulações legais abrangentes. Os sistemas regulatórios atuais, no entanto, ficam muito atrás da inovação – atrasados por décadas – e exigem uma “reforma” constante, o que, por sua vez, gera incerteza perpétua. Por fim, quando se trata de proteger os direitos individuais, promessas constitucionais frequentemente se mostram ilusórias.

A Declaração de Direitos dos EUA foi repetidamente anulada – por meio das Leis sobre Estrangeiros e Sedição, censura em tempo de

---

<sup>19</sup> Sobre a lei mercantil, veja Leon E. Trakman, *The Law Merchant: The Evolution of Commercial Law* (Littleton, CO: Fred B. Rothman & Co., 1983).

<sup>20</sup> A superioridade empírica dos sistemas privados em relação ao estado é completa, estendendo-se para além da eficiência comercial até o próprio cerne da ordem social. Enquanto os sistemas criminais estatais, em 2025, enfrentam taxas de reincidência de até 55% e acúmulos de processos cíveis superiores a 60 meses nos grandes centros, os sistemas privados baseados em precedentes desfrutam de uma taxa de cumprimento voluntário de 92% para sentenças arbitrais homologatórias e de uma celeridade duas vezes maior que a dos tribunais nacionais.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

guerra, programas de vigilância da NSA e quarentenas da era da COVID. A Constituição de Weimar, considerada uma das mais progressistas de sua época, permitiu legalmente a ascensão de Hitler.<sup>21</sup> As constituições soviéticas proclamavam direitos extensos que, na prática, se tornaram sem sentido. Esses direitos enumerados são baratos de prometer, mas extremamente custosos para cumprir, e incentivos políticos levam os líderes a expandir promessas enquanto negligenciam a entrega real.

Nos sistemas critárquicos, os direitos repousavam em mecanismos de execução dependentes da reputação, que impunham custos imediatos pelo inadimplemento. Conceitos como o *habeas corpus* na *common law*, o ideal brehoniano de *fír flathemon* (verdadeiro julgamento principesco) ou o *helgafrelsi* islandês (santidade e liberdade pessoais) extraíam sua força da responsabilização descentralizada, e não de declarações distantes. Essa abordagem fomentava uma proteção genuína por meio da pressão social e profissional, em vez de depender do bom comportamento e da ética dos políticos.

### **Algumas implicações estratégicas**

A reconstrução estratégica exige o abandono da formulação incorreta. “Em teoria, tribunais privados competitivos poderiam gerar resultados mais eficientes. Existem alguns precedentes históricos que sugerem essa possibilidade. Talvez devêssemos considerar experimentar.” Essa formulação entrega aos céticos a vantagem argumentativa, admite incerteza e propõe meias-medidas tímidas. A formulação correta: “Jurisdições competitivas operaram por 800 anos de Common Law inglesa, 500 anos de *Lex Mercatoria*, 1.000 anos da Irlanda brehoniana, 332 anos da Islândia Livre, 482 anos da Roma Republicana. Esses sistemas produziram leis coerentes, adaptativas e protetoras de direitos, sem legislação. Os sistemas legislativos modernos entram em colapso devido a suas

---

<sup>21</sup> Para uma análise única desse período histórico, veja Leonard Peikoff, *The Ominous Parallels: The End of Freedom in America* (Nova York: Stein and Day, 1982).

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

próprias incoerências em 100-200 anos. E, como mencionado, a constituição escrita média dura cerca de 17-19 anos”.

O veredito empírico é decisivo: a competição judicial supera o monopólio legislativo. (Restaurar tais sistemas pode não precisar esperar por uma revolução política. Essa restauração já está começando no setor privado: empresas modernas de arbitragem, protocolos de contratos inteligentes e a “Lex Cryptographia” estão revivendo o modelo critárquico digitalmente.)<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Veja Bruce L. Benson, *The Enterprise of Law: Justice Without the State* (San Francisco, Ca.: Pacific Research Institute for Public Policy, 1990), especificamente sobre a resiliência do direito consuetudinário. Para dados contemporâneos, a Pesquisa de Arbitragem Internacional da Queen Mary University constata consistentemente que cerca de 90% das empresas internacionais preferem arbitragem privada para resolver disputas transfronteiriças. Veja Queen Mary University of London e White & Case LLP, *2021 International Arbitration Survey: Adapting Arbitration to a Changing World* (Londres: School of International Arbitration, Queen Mary University of London, 2021); *idem*, *2025 International Arbitration Survey: The Path Forward: Realities and Opportunities in Arbitration* (Londres: School of International Arbitration, Queen Mary University of London, 2025). Globalmente, a mudança é profunda: na América do Norte e Europa, a mediação privada cuida de mais de 50% dos registros comerciais em setores especializados como construção civil e marítimo. Na Ásia e na África, onde os sistemas judiciais estatais frequentemente sofrem com altos custos de transação ou corrupção “westfaliana”, a dependência da arbitragem privada e das redes informais consuetudinárias (como a sistema *Xeer* no Chifre da África ou *Guanxi* na China) permanece como o modo dominante de resolução de disputas, frequentemente representando 70-80% de todos os acordos civis. Essa tendência global confirma que o mercado de lei não é um “sonho anarquista”, mas a escolha padrão

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

Murray Rothbard construiu a estrutura teórica para a sociedade sem estado. O que ainda não abraçamos totalmente como rothbardianos é que tal arranjo institucional já existia, repetidamente, com sucesso e por milênios. A critarquia é essa demonstração. Não é uma extensão especulativa do rothbardianismo, mas sua base empírica parcialmente desconhecida. Rothbard forneceu a base ética: autopropriedade, propriedade privada, contratualismo. A análise econômica: intervencionismo (e monopólio) distorce e deforma, os mercados coordenam e aumentam o bem-estar humano. A visão estratégica: abolir o monopólio estatal da impunidade.<sup>23</sup> A critarquia fornece o mecanismo institucional: lei sem legislação. A verificação histórica: 2.500 anos de sucesso empírico a partir de sistemas jurídicos evolutivos (em oposição a sistemas jurídicos políticos). A certeza baseada em evidências substitui a tergiversação especulativa.

Os juizes da *common law* inglesa documentados por Maitland, o *brithem* irlandês analisado por Kelly, o *goðar* islandês reconstruído por Byock e Miller, os pretores e juriconsultos romanos estudados por Frier, os árbitros mercantes verificados por Sachs – esses mantinham a ordem sem legislação, protegiam direitos sem constituições, adaptavam a lei sem projeto. Eles não especulavam sobre o que poderia funcionar; eles demonstraram o que funciona melhor, alguns por milênios. (Leoni descreveu brilhantemente a superioridade da lei criada por juizes sobre o decreto legislativo, argumentando que precedentes evolutivos refletem melhor a coordenação humana espontânea e a liberdade individual do

---

para agentes com altas preferências temporais e capital significativo em jogo.

<sup>23</sup> Veja Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998), p. 167. O privilégio que decorre de ser juiz e parte ao mesmo tempo. Cria-se, assim, uma divisão entre cidadãos de primeira e de segunda classe, com o estado e as elites estabelecidas colocando-se, para todos os efeitos práticos, acima de partes vitais da lei. É por isso que o estado é inevitável e fundamentalmente injusto.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

que estatutos de cima para baixo propensos a mudanças arbitrárias. Os sistemas critárquicos incorporam o ideal de Leoni do “direito como pretensão”, descoberto por meio da adjudicação, proporcionando a previsibilidade e a liberdade que a codificação moderna destrói por meio da constante interferência política.)<sup>24</sup>

Os libertários continuam oferecendo soluções pré-civilizacionais, quase do tipo “faça você mesmo” ou imaginárias, altamente dependentes de tecnologia, para a provisão de direito e segurança. Em contraste, a critarquia oferece aos libertários uma solução madura, mais justa e duradoura, que de fato existiu. Essa não é uma distinção meramente acadêmica. É uma necessidade estratégica para comunicar nossa visão a um mundo que foi ensinado a temer a “anarquia” – ou a ausência de políticos – como se fosse caos.

Sistemas critárquicos exemplificam a ênfase de Hans-Hermann Hoppe na baixa preferência temporal como pedra angular da civilização,<sup>25</sup> promovendo estabilidade de longo prazo por meio de uma evolução baseada em precedentes que recompensaram a visão e a contenção ao longo dos séculos, ao contrário dos impulsos de alta preferência temporal das democracias legislativas modernas que priorizam ganhos

---

<sup>24</sup> Bruno Leoni, *Liberdade e a Lei* (Princeton, NJ: D. Van Nostrand, 1961), pp. 56–59 e pass. Mas cf. Kinsella, “Legislation and the Discovery of Law in a Free Society”, com alguns comentários céticos sobre os argumentos de Leoni e Hayek acerca da analogia entre a crítica econômica austríaca ao planejamento central socialista e o problema de fazer lei por meio da legislação.

<sup>25</sup> Veja, por exemplo, Hans-Hermann Hoppe, “Sobre a Preferência Temporal, Governo e o Processo de Descivilização – Da Monarquia à Democracia”, em *Democracia – o deus que falhou* (Transaction, 2001); idem, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Boston: Kluwer Academic Publishers, 1989), pp. 123-125. Veja discussão e links para Hoppe em Kinsella, “Legislation and the Discovery of Law in a Free Society”, Parte III.D.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

eleitorais de curto prazo<sup>26</sup> e levam a uma rápida decadência institucional. Ao priorizar a adjudicação descentralizada e orientada pela reputação, a critarquia se alinha com a visão hoppeana de ética da propriedade privada e horizontes de tempo estendidos, permitindo que as sociedades acumulem capital – tanto cultural quanto econômico – ao longo das gerações sem o saque e a instabilidade inerentes aos monopólios estatais.

### **Conclusão**

O critarquista está do lado da:

- Tradição (mais de 2.500 anos de sucesso comprovado) vs. inovação (experimento moderno fracassado)
- Estabilidade (duração média: 623 anos) vs. instabilidade (duração média constitucional global: aproximadamente 17-19 anos)
- Fácil conhecimento (lei descobrível por precedentes) vs. incompreensibilidade (mais de 185.000 páginas de regulamentação federal)
- Proteção de direitos (*Habeas Corpus*, *fir flathemon*, *helgafrelsi*) vs. violação de direitos (brechas sistemáticas da constituição)

Não precisamos mais especular se a verdadeira liberdade pode fornecer lei e ordem para uma sociedade funcional – a história já provou isso, ao longo de mais de 3.100 anos acumulados em cinco civilizações *diversas*. O argumento intelectual, ético e empírico para a liberdade encontra-se completo. É hora de exigir a restauração dessas instituições

---

<sup>26</sup> Tullock, Buchanan e a Public Choice School trabalharam extensivamente sobre o tema da captura legislativa por grupos de interesse em democracias de massa (centralizadas). Veja, por exemplo, James M. Buchanan e Gordon Tullock, *The Calculus of Consent* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1962), cap. 19. O suficiente para que o estudante de história tire conclusões radicais (do latim *radice*, que significa “raiz”) sobre os impulsos que levam à rápida decadência institucional.

## 11. Murray Rothbard. a ausência de estado e a critarquia

testadas pelo tempo, que hoje sobrevivem e evoluem apenas marginalmente em formas como redes privadas de arbitragem ao redor do mundo ou mecanismos tecnológicos de resolução de disputas. Por meio de ordens jurídicas competitivas, baseadas em precedentes, os rothbardianos se tornam herdeiros de uma tradição jurídica que se provou ao longo de milênios, de uma ordem natural fundada na realidade histórica, não em especulação futurista ou rebelião de párias, e restauradores de civilizações que um dia souberam governar a si mesmas sem o estado.



# 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

Fernando Fiori Chiocca<sup>1</sup>

Este ano celebramos os 100 anos da chegada a este planeta de uma mente poderosa que transformou de forma indelével o mundo das ideias. O período de 100 anos é usado para subdividir a História em séculos e organizar nossa compreensão dos acontecimentos no decorrer do tempo. Também este ano eu completo 50 anos. Murray Newton Rothbard nasceu em 2 de março de 1926 em Nova York. Eu nasci em 3 de fevereiro de 1976 em São Paulo. A vida realmente passa rápido. Ao completar meio século, sinto que um século não é mais a quantidade enorme de anos que me parecia quando eu era mais novo, e isso aumenta a sensação de proximidade com o passado. Se um século é pouco tempo, apenas 20 períodos desse nos separa da plenitude dos tempos de Jesus e 10 da época em que a dinastia otoniana governava o Sacro Império Romano-Germânico; é praticamente como se fosse ontem.

A marca que Rothbard deixou na história do pensamento deverá colocá-lo como o maior filósofo político não só do século XX, mas de todos os tempos. Antes de Rothbard simplesmente não existia uma posição política moral e coerente. Havia os anarquistas, que diante a imoralidade do estado, o rejeitaram, mas em seu lugar não propuseram nada coerente, e adicionaram suas próprias imoralidades. Todas as outras opções

---

<sup>1</sup> Fernando Fiori Chiocca ([contato@rothbardbrasil.com](mailto:contato@rothbardbrasil.com)) é fundador e editor do Instituto Rothbard no Brasil, dedicado a divulgar a Escola Austríaca de economia e o libertarianismo.

## 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

aquiesceram com a imoralidade do estado – como um *mal necessário* ou um *bem estimado* – e nenhuma conseguiu dar uma justificativa coerente para essa depravação. O fundamento mais popular entre os teóricos estatistas é também o mais incoerente: a estapafúrdia teoria do Contrato Social, que, ironicamente, se resume à inexistência de qualquer contrato.<sup>2</sup> Sem partes envolvidas, sem acordo de vontades, sem objetivo,

---

<sup>2</sup> Sobre o contrato social, ver Jean-Jacques Rousseau, *Do Contrato Social*, ed. G.D.H. Cole [Nova York: 1950]; John Rawls, *Uma Teoria da Justiça* (1971); James M. Buchanan e Gordon Tullock, *O Cálculo Do Consenso: Fundamentos Lógicos Da Democracia Constitucional* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1962); e, sobre a ideia de um “contrato constitucional”, James M. Buchanan, *The Limits of Liberty: Between Anarchy and Leviathan* (Chicago: University of Chicago Press, 1975). Para críticas à teoria do contrato social, ver Murray N. Rothbard, “Buchanan e Tullock – por que a teoria da Escolha Pública representa um endosso ao estado”, em *Economic Controversies* (Auburn, Ala: Mises Institute, 2011); idem, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998 [1982]), pass.; idem, “O Estado”, em *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Instituto Mises, 2006); Williamson M. Evers, “Social Contract: A Critique”, *J. Libertarian Stud.* 1 (Verão de 1977): 187-88; Hans-Hermann Hoppe, “A Ética Rothbardiana”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Ala.: Instituto Mises, 2006), pass.; idem, “Sobre a Democracia, a Redistribuição e a Destruição da Propriedade”, “Sobre os Erros do Liberalismo Clássico e o Futuro da Liberdade” e “Sobre o Governo e a Produção Privada de Segurança”, em *Democracia – o deus que falhou* (Transaction, 2001); idem, “Produção Capitalista e o Problema dos Bens Públicos”, em *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013); idem, “Prefácio”, em Stephan Kinsella, *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023); Anthony de Jasay, “Inventando o Estado: O Contrato Social”, em *The State* (Indianapolis: Liberty Fund, 1998); idem, *Against Politics: On Government, Anarchy, and Order* (Londres e Nova York: Routledge, 1997), Introdução, cap. 1, e seguintes;

## 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

sem *pacta sunt servanda*. E mesmo que algum dia em algum lugar tivesse existido algum louco que tivesse assinado, sem nenhuma cláusula de rescisão, um contrato que estabelecesse um provedor com a capacidade de decidir quando, como e quais serviços iria prover e quanto os outros teriam que pagar, esse contrato jamais poderia ser vinculado a terceiros que não o assinaram e seus descendentes. Nenhuma mente sã é capaz de aceitar tamanha absurdidade e seguir em frente<sup>3</sup>, no entanto é sobre este tipo de base frouxa que estatistas ergueram suas teorias.

Entre as correntes estatistas, as principais eram o socialismo, o conservadorismo e o liberalismo<sup>4</sup>, e antes de Rothbard, quem rejeitasse a abilolada proposta anarquista acabaria escolhendo alguma dessas. O socialismo era a opção mais popular entre os jovens. Se um aparato de compulsão e coerção é inevitável, que ele seja usado para o bem, ajudando os mais pobres e necessitados, diz o ingênuo coração juvenil. Mas os que possuem mais do que dois neurônios logo percebem que o estado assistencialista termina por incentivar a vagabundagem e desincentivar o trabalho, aumentando a pobreza geral. Caso não seja um canalha da classe parasitária que se beneficie do esquema de exploração socialista, nosso jovem acabava reconhecendo seu erro, se tornando conservador ou liberal.

O conservadorismo não possui uma definição precisa, no entanto pode-se dizer que sua essência é a valorização de instituições e costumes que existem há muito tempo apenas por que eles existem há muito

---

idem, *Social Contract, Free Ride: A Study of the Public Goods Problem* (Oxford: Clarendon Press, 1989), Introdução, cap. 4, e seguintes; Stephan Kinsella, “Review of Anthony de Jasay, *Against Politics: On Government, Anarchy, and Order*”, em *Legal Foundations of a Free Society*, p. 539.

<sup>3</sup> Ver Sheldon Richman, “The Absurdity of Alienable Rights”, *Liberty* (janeiro de 1989): 50-52).

<sup>4</sup> Ver a análise de Hoppe sobre diferentes tipos de socialismo em *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013), caps. 3-6.

## 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

tempo, e isto é evidentemente absurdo.<sup>5</sup> Se os Conquistadores fossem conservadores, ao se depararem com os sacrifícios humanos praticados há séculos pelos astecas, maias e incas, optariam por manter este costume nas Américas, ao invés de – como fizeram – encerrá-lo imediatamente por considerá-lo objetivamente errado, contrário às leis de Deus. Do mesmo modo, o conservador irá defender a manutenção de qualquer mal, como o Banco Central, a Guerra às Drogas ou o próprio estado, contanto que este mal esteja estabelecido há algum tempo – e nem precisa ser um tempo muito longo.

Já os liberais tinham o mérito de reconhecer o estado como um mal, porém, illogicamente, o consideravam necessário. A ideia de *mal necessário* nunca fez sentido: se é um mal, não é necessário, pois ninguém necessita de um mal. Se é necessário, é um bem, não um mal. Na verdade, o estado é realmente um mal, e o que é necessário é nos livrarmos dele, completamente. O erro fatal dos liberais foi conceder a uma instituição inerentemente violadora da propriedade privada a função de protegê-la: eles literalmente colocaram a raposa para tomar conta do galinheiro.

Este era o atoleiro em que se encontrava a filosofia política. Uma pessoa sensata e moral não tinha para onde ir. Então Rothbard entrou em cena e nos deu a única posição coerente: o libertarianismo. Pela primeira vez na história, não era mais preciso perverter a mente para posuir uma posição política. Assim como os anarquistas, Rothbard rejeitou o mal desnecessário do estado, mas propôs em seu lugar a ordem baseada na propriedade privada, com os serviços necessários de justiça e segurança, ora providos pelo estado, sendo providos por mercados totalmente livres. Vinte anos atrás, quando conheci o libertarianismo, eu era um liberal, e as ideias de Rothbard simplesmente aniquilaram todas as

---

<sup>5</sup> Mas ver Hans-Hermann Hoppe, “Um libertarianismo realista”, LewRockwell.com (30 de setembro de 2013) (caracterizando a esquerda como essencialmente igualitária e a direita como essencialmente realista).

## 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

minhas justificativas para a existência do estado. Ao ter minha contradição exposta e meus argumentos derrotados, só me restou me tornar um anarcocapitalista: “Se não pode vencê-los, junte-se a eles”.

Como todo liberal, eu era uma contradição ambulante, e só me livreii deste estado de espírito deplorável graças à inovação rothbardiana revolucionária. O libertarianismo é tão disruptivo que a história da filosofia política deveria ser dividida em a.R. e d.R., antes de Rothbard e depois de Rothbard. Antes de Rothbard era admissível defender posições políticas sem sentido e imorais pois simplesmente não existia outra opção – depois de Rothbard, não ser libertário se tornou uma questão de ignorância, burrice ou mau-caratismo. O principal mentor de Rothbard, Ludwig von Mises, foi introduzido ao anarcocapitalismo quando leu o tratado econômico de Rothbard, *Homem, Economia e Estado*, em 1962, mas não se tornou um libertário. Em sua resenha elogiosa da obra, ele comentou:

Menos bem-sucedidas do que suas investigações nos campos da praxeologia geral e da economia são as ocasionais observações do autor sobre a filosofia do direito e alguns problemas do código penal. Mas o desacordo com suas opiniões sobre esses assuntos não pode me impedir de qualificar o trabalho de Rothbard como uma contribuição histórica para a ciência geral da ação humana [...]<sup>6</sup>

No entanto, Rothbard não apenas destruiu o liberalismo no que tange à filosofia do direito – ele também o demoliu *economicamente*. Mises sabia perfeitamente bem que a teoria econômica nos diz que bens e serviços fornecidos monopolisticamente tendem a ser piores e mais caros

---

<sup>6</sup> Ludwig von Mises, “A New Treatise on Economics”, *New Individualist Review* (Autumn 1962): 21–23; reimpresso em *New Individualist Review* (omnibus volume) (Liberty Fund, 1982), p. 323 e idem, *Economic Freedom and Interventionism* (Liberty Fund, 2006).

## 12. O primeiro cavaleiro do libertarianismo

do que os fornecidos pelo livre mercado, porém, contraditoriamente, ele defendia que serviços de segurança e justiça fossem monopólios. Mises tinha mais de 80 anos em 1962, e viveria por mais 11 anos, até seu falecimento em 1973, como um paradoxal liberal. E ele não era qualquer liberal, mas o maior liberal da história, dedicando boa parte da monumental obra intelectual de sua vida à elucidação e defesa do liberalismo. Todavia, Mises não teve acesso à contumaz defesa ética do libertarianismo publicada por Rothbard em 1982, em *A ética da liberdade*, onde, além de dismantelar o utilitarismo de Mises, ele apresenta o libertarianismo como uma teoria da *justiça*.

O libertarianismo rothbardiano não é apenas uma teoria econômica que nos diz como as demandas dos consumidores podem ser atendidas mais eficientemente – ele é muito mais do que isso. Rothbard nos esboça a resposta sobre tudo o que podemos e não podemos fazer, ou seja, aquilo que temos *direito* de fazer, e se não temos o direito de fazer algo, a violência pode ser usada contra nós. Ele nos diz o que é *justo* e o que é *injusto*. Só então Rothbard expõe sua filosofia do direito integral, que fora criticada por Mises em 1962. Por isso temos que considerar Mises como um pensador da era a.R., e não como os liberais burros ou ignorantes ou maus-caracteres da era d.R. Na verdade, como bem definido no título da biografia de Mises de Jörg Guido Hülsmann, Mises foi o último cavaleiro do liberalismo.<sup>7</sup> E Rothbard é o primeiro cavaleiro do libertarianismo, o pensador iluminado que livrou das trevas a filosofia política.

---

<sup>7</sup> Jörg Guido Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Auburn, Ala.: Instituto Mises, 2007).

# 13. A genialidade política de Rothbard

Jeff Deist<sup>1</sup>

O falecido Murray N. Rothbard era conhecido como um escritor e pensador extremamente prolífico, cuja genialidade só era igualada por sua produção prodigiosa. Ele não tinha medo de cruzar disciplinas e produzir trabalhos acadêmicos muito além de seu campo principal da economia, especialmente em filosofia, ética e história. A maioria dos acadêmicos sabe ficar na sua própria área, como diz a expressão. Fazer o contrário corre o risco de ser ridicularizado pelos guardiões ciumentos da hiperespecialização. Mas Rothbard era feito de uma matéria diferente.

Esse era um homem irreprimível, um homem que nos deu um tratado completo sobre economia de mercado,<sup>2</sup> com avanços significativos em praxeologia e a crítica econômica pura mais completa ao intervencionismo estatal já escrita até então – completa com um desmantelamento total da análise tradicional de monopólio e antitruste.<sup>3</sup> Ainda assim, ele também conseguiu escrever uma impressionante história

---

<sup>1</sup> Jeff Deist (jeffdeist@gmail.com) é ex-presidente do Mises Institute e atualmente conselheiro jurídico da Monetary Metals.

<sup>2</sup> Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Ed. Acadêmica, 2ª ed. (2009).

<sup>3</sup> Veja Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, cap. 10.

### 13. A genialidade política de Rothbard

reversionista em cinco volumes do período colonial americano<sup>4</sup> e um argumento normativo radical para o anarquismo completo sob os princípios da lei natural.<sup>5</sup>

Qualquer uma dessas obras, por si só, representaria a maior conquista de toda uma carreira para um acadêmico ou intelectual comum.

Mas Rothbard fez muito mais. Para legiões de fãs de Rothbard, seu trabalho popular, e não o acadêmico – muitos milhões de palavras em milhares de artigos –, é seu legado mais importante. De fato, é esse trabalho popular e sua determinação em escrever para o público leigo que lhe conferem muito maior alcance e relevância. Assim, Rothbard desfruta de popularidade duradoura trinta anos após sua morte, enquanto acadêmicos outrora prestigiados caem imediatamente no total esquecimento após a aposentadoria.

A obra popular de Rothbard também era surpreendentemente ampla. Embora ele seja conhecido por sua profunda teoria econômica e libertária, ele também escreveu sobre tudo que existe: desde críticas de cinema e comentários sobre Olimpíadas até satirizar o objetivismo randidiano e zombar da contracultura dos anos sessenta.

Um intelecto como o de Rothbard não podia ser contido.

Para este autor, porém, é a análise política incisiva e inflexível de Rothbard que se destaca entre todos esses inúmeros artigos populares. Suas observações eram tão contundentes, tão afiadas, que só podemos rir do que hoje passa por comentário político refinado. Qualquer um que leia Rothbard seriamente acaba vendo-o como um gênio político.

Esse gênio se manifestou de duas maneiras.

---

<sup>4</sup> Murray N. Rothbard, *Conceived in Liberty*, edição em volume único (2011).

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998).

### 13. A genialidade política de Rothbard

Primeiro, Rothbard possuía uma habilidade impressionante de desnudar qualquer figura política ou movimento até sua essência nua, deixando o tema sem adornos, desmistificado e dessacralizando. Ele era feroz em suas críticas, mas quase nunca errava. Ele era pouco lisonjeiro, mas sempre com o propósito de mostrar aos leitores a realidade.

Segundo, Rothbard foi extremamente preciso em seus prognósticos políticos. Muitas das tendências e fenômenos que ele previu e identificou nas décadas de 80 e 90 estão hoje em destaque político, especialmente na forma do populismo trumpista e euro-conservador de direita. Mas falarei sobre isso depois.

Sem nenhum cargo acadêmico, partido ou salário, ele era livre de uma forma que outros comentaristas políticos não eram. Aliás, isso se aplicava a todos os domínios. Murray satirizava todos os lados igualmente. Não fazia diferença se o alvo eram os irmãos Dulles, William F. Buckley, LBJ, MLK, Eugene McCarthy, Dick Nixon ou Bill Clinton. Ou qualquer figura relacionada ao Partido ou ao movimento libertário. Murray era um anarquista antiestado reflexivo, mas também estava fortemente do lado do homem comum – e via o mundo político por essa lente. Isso lhe proporcionou muitos alvos para sua ácida máquina de escrever.<sup>6</sup>

Para entender melhor a política de Rothbard, um pouco de contexto é necessário. Nascido em 1926, Rothbard estava cercado em seu modesto cortiço judeu no Bronx por verdadeiros comunistas de carteirinha. Mas seu pai David era a maior raridade do bairro: um republicano que acreditava no individualismo, na livre iniciativa e na meritocracia. David, um químico de fábrica que odiava sindicatos, definitivamente moldou a visão de mundo de Murray. As experiências desagradáveis

---

<sup>6</sup> Rothbard sem dúvida poderia ter desfrutado de uma carreira lucrativa nas artes obscuras dos profissionais da política, isto é, como operador, estrategista ou conselheiro. Mas ele era honesto demais, radicalmente antiestado e intelectualmente intransigente demais para o tipo de concessões que esse mundo exige.

### 13. A genialidade política de Rothbard

iniciais de Murray nas escolas públicas do Bronx o fizeram valorizar os sacrifícios dos pais ao enviá-lo para uma escola preparatória no Upper East Side, e ele se tornou membro do New York Young Republican Club.

Assim inoculado, o jovem brilhante Murray ingressou na Columbia para obter um diploma de graduação em matemática – um detalhe notável que seus futuros críticos econométricos ignoraram. No final dos anos 1940, ele estava matriculado em um programa de doutorado em economia na Columbia, embora ainda encontrasse tempo para chocar e assombrar seus colegas servindo como o único estudante do campus a trabalhar ativamente em favor da campanha presidencial *Dixiecrat*, de terceiro partido, de Strom Thurmond!

As primeiras tendências conservadoras de Rothbard evoluíram à medida que ele se apaixonou por pensadores importantes do que hoje chamamos de "Velha Direita" (décadas de 1910-1950), principalmente John T. Flynn, Frank Chodorov, Robert Taft e, especialmente, o escritor anarquista Albert Jay Nock. Nock teve uma profunda influência no pensamento de Rothbard de várias formas, desde sua visão do estado como parasita, e portanto apenas detentor de um “monopólio do crime”, até seus profundos princípios antiguerra e antidemocráticos. Nock também foi intelectual e jornalista, escrevendo para a *The Nation* antes de editar *The Freeman*, um periódico protolibertário associado ao movimento do imposto único. Talvez tenha sido Nock quem mais influenciou não apenas o anarquismo político de Rothbard, mas também seu estilo jornalístico e sua combatividade como escritor popular.

Essa Velha Direita foi decerto efêmera, infelizmente. Ele sempre enfrentou uma batalha difícil contra as tendências naturais de Washington, dado seu apoio a políticas econômicas *laissez-faire* inflexíveis internas, sua oposição veemente aos programas do governo extraconstitucionais do New Deal e o falso liberalismo de Wilson e Roosevelt, e, claro, sua versão inicial de uma política externa “América em Primeiro Lugar” não intervencionista.

Mas a direita americana estava mudando, e não para melhor. No início dos anos 1950, tanto Nock quanto Taft desapareceram – Taft (como Rothbard) muito cedo – e a Velha Direita estava sobrevivendo com a ajuda de aparelhos. À medida que as velhas vozes da direita se esvaíam,

### 13. A genialidade política de Rothbard

seus principais substitutos começaram a gravitar em torno de William F. Buckley, um quase socialite da Costa Leste, e de sua recém-criada *National Review*.

Essa “nova” direita abandonou não apenas os velhos pensadores, mas também seus reflexos não intervencionistas em favor de um governo federal agressivo e belicista, cuja principal missão era derrotar o Urso Soviético. Essa insistência em colocar os EUA no centro de uma nova ordem unipolar, combinada com a disposição deles em aceitar um papel maior para o estado doméstico (leia-se: assistência social) para que todo o foco permanecesse em vencer a Guerra Fria, era anátema para Rothbard. E nisso ele se mostrou certo, como sempre. Basta observar o estado do “conservadorismo” desde a tomada de controle por Buckley para perceber quão correta era essa avaliação, como Rothbard detalhou em seu extraordinário e revisionista *The Betrayal of the American Right*.<sup>7</sup>

Na meia-idade, Rothbard ficou famoso por flertar e defender alianças com a Nova Esquerda das décadas de 1960 e 1970. Mas, para deixar claro, a incursão de Rothbard nos círculos de esquerda foi breve e motivada quase inteiramente por seu desgosto e discordância com a emergente Direita da Guerra Fria. Portanto, foi a necessidade, e não o temperamento, que levou Rothbard a considerar alianças com a esquerda, especialmente devido às sensibilidades antiguerra aparentes nos movimentos estudantis e nos protestos contra a Guerra do Vietnã. Rothbard era um radical, sem dúvida, mas nunca foi um homem de esquerda nos sentidos culturais mais importantes.<sup>8</sup> Ele não estava em casa ali.

---

<sup>7</sup> Murray N. Rothbard, *A Traição da Direita Americana*, Thomas E. Woods, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007).

<sup>8</sup> Para mais informações sobre a visão cultural de Rothbard, veja David Bebnowski, “Murray Rothbard's Populist Blueprint: Paleo-Libertarianism and the Ascent of the Political Right”, *Journal of the Austrian Association for American Studies* 6, n° 1 (2024): 35-53.

### 13. A genialidade política de Rothbard

Como evidência de sua sensibilidade cultural, basta considerar sua agora infame fase “Paleo” ou libertária de direita do final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Foi ali que começou sua ruptura com o Partido Libertário e com o que ele chamou de libertários “modais”, que se uniram em torno de um movimento que seguia na direção errada, em direção a preocupações sobre estilo de vida, “autoatualização” e hostilidade em relação à autoridade e hierarquia em geral.<sup>9</sup> Não era isso que Murray havia aceitado ao se engajar, nem ele via com bons olhos a influência autoritária dos Koch sobre o Partido e sobre organizações nefastas como o Cato Institute.

E assim ele buscou intelectuais da direita fora dos círculos de Buckley que fossem razoáveis e pudessem ser persuadidos. O objetivo era simples, mas não fácil, pois ele buscava combinar o antiestatismo libertário e a economia de mercado com a ênfase do movimento conservador em lei e ordem, família e fé, e respeito às tradições americanas. Mas, para deixar claro, ele estava trazendo o libertarianismo para os conservadores, não o contrário. E após uma vida inteira de marginalização no deserto, ele compreensivelmente buscou ir além das discussões

---

<sup>9</sup> Um libertário modal de esquerda teve a audácia risível de chamar a fase paleo de Rothbard de “um desastre moral”. Veja Matt Zwolinski, “Seven Cheers for Murray Rothbard”, *Bleeding Heart Libertarians* (28 de outubro de 2013); Steve Horwitz, “How Did We Get Here? Or, Why Do 20 Year Old Newsletters Matter So Damn Much?”, *Bleeding Heart Libertarians* (23 de dezembro de 2011). Sobre paleolibertarismo, veja referências em Stephan Kinsella, “The Three Fusionisms: Old, New, and Cautious”, *StephanKinsella.com* (16 de jan. de 2022). Sobre libertários “modais”, veja várias menções em Murray N. Rothbard, *The Irrepressible Rothbard: The Rothbard-Rockwell Report Essays of Murray N. Rothbard* (Center for Libertarian Studies, 2000). Veja também Hans-Hermann Hoppe, “Libertarianismo e a Alt-Right”, *The Libertarian Alliance (Reino Unido)* (20 de outubro de 2017), discutindo “Liberallala-Libertarians”.

### 13. A genialidade política de Rothbard

sobre teoria e buscar vitórias políticas concretas e alcançáveis que promovessem a liberdade.

Sem dúvida, as exposições mais famosas (ou infames) de Rothbard sobre a necessidade de relocar o libertarianismo para a direita e trabalhar com conservadores culturais foram seus ensaios de 1992, “Populismo de direita” e “Uma estratégia para a direita”, ambos publicados no *Rothbard-Rockwell Report*.<sup>10</sup> Ele imaginava os libertários alinhando-se conscientemente às marés políticas populistas ascendentes de Pat Buchanan; e, de fato, os dois mantinham relações amistosas.<sup>11</sup> Ele também buscou uma aliança paleoconservadora/paleolibertária com o John Randolph Club, grupo que cofundou com líderes do Rockford Institute e da revista *Chronicles* como Thomas Fleming, Paul Gottfried e Sam Francis.

---

<sup>10</sup> Murray N. Rothbard, “Populismo de Direita: Uma Estratégia para o Movimento Paleo”, *Rothbard-Rockwell Report* (jan. 1992) e idem, “Uma Estratégia para a Direita”, *Rothbard-Rockwell Report* (março de 1992). Ambos estão incluídos em Rothbard, *The Irrepressible Rothbard*, embora “Uma estratégia para a direita” indique erroneamente janeiro de 1992 (em vez de março de 1992) e omita os três primeiros parágrafos do ensaio original.

<sup>11</sup> Este autor se lembra de ter ficado surpreso, naqueles dias pré-internet do início dos anos 1990, ao ouvir de um amigo sobre o apoio de Rothbard à campanha presidencial de Buchanan em 1992. Na minha opinião, Buchanan era protecionista, e o livre comércio era a questão libertária. Mas, como de costume, Rothbard estava muito à nossa frente em sua compreensão de Buchanan como veículo para destruir a *Conservative Inc.* e fundir uma nova coalizão populista e antiguerra à direita. Para críticas relacionadas aos paleoconservadores, veja Hans-Hermann Hoppe, “From Nation to Household: The Middle American Illusions of Sam Francis (and Pat Buchanan)”, *HansHoppe.com* (1996); idem, “Minha vida na Direita”, em *A Grande Ficção*, 2ª edição (2021), baseado em idem, “The Property and Freedom Society – Reflexões após cinco anos”, *The Libertarian Standard* (10 de junho de 2010).

### 13. A genialidade política de Rothbard

É importante entender a fase paleo de Rothbard como um produto evolutivo. Ela refletia seu imenso conhecimento histórico do desenvolvimento político americano e sua compreensão de como os movimentos capturam (ou deixam de capturar) a imaginação pública. E é aqui que sua relevância para a política de 2026 se torna mais marcante. Com apenas algumas substituições, sua descrição de 1992 sobre as apostas e os jogadores enquadra perfeitamente a batalha travada pela ala direita americana hoje.

E assim a estratégia adequada para a direita deve ser o que podemos chamar de “populismo de direita”: excitante, dinâmico, duro e confrontador, despertando e inspirando não apenas as massas exploradas, mas também o núcleo intelectual, frequentemente traumatizado, da direita. E nesta era em que as elites intelectuais e da mídia são todas conservadoras-progressistas do *establishment*, todas, em um sentido profundo, uma variedade ou outra de social-democrata, todas amargamente hostis a uma direita genuína, precisamos de um líder dinâmico e carismático que tenha a capacidade de provocar um curto-circuito nas elites da mídia e atingir e despertar as massas diretamente. Precisamos de uma liderança que possa alcançar as massas atravessando a névoa hermenêutica paralisante e distorcida espalhada pelas elites da mídia.

[...]

Eu gostaria de perguntar: até quando vamos continuar sendo otários? Por quanto tempo continuaremos desempenhando nossos papéis designados no

### 13. A genialidade política de Rothbard

cenário da Esquerda? Quando vamos parar de jogar o jogo deles e começar a virar a mesa?<sup>12</sup>

Esta passagem, escrita há quase 35 anos, captura perfeitamente o fenômeno da “Nova Direita” trumpista e a divisão entre conservadores mais jovens e *Boomer Cons* que ainda se agarram ao eixo Bush/Romney/Ryan.

Na verdade, a “velha” direita de 2026 consiste nos Bushes, Cheneys, Romneys e Ryans; os *Bulwarks* e, especialmente, as *National Reviews*, com seu apego insaciável à América “proposicional”, a imigração interminável do Terceiro Mundo e as políticas neoconservadoras mortais que levaram o país a desastres sem restrições no Iraque e no Afeganistão. A “nova” direita, por outro lado, é a coalizão trumpista/populista que reconhece o que a velha guarda se recusa a admitir: a cultura mudou drasticamente para pior, a esquerda capturou todas as grandes instituições, e o conservadorismo educado foi um fracasso inútil de 40 anos. Não “conservou” nada.

Rothbard teria se deleitado com o espetáculo, a energia e o puro espetáculo *à la* P. T. Barnum do trumpismo – não porque ele amasse o homem, mas porque ele entendia instintivamente o valor estratégico de qualquer um capaz de quebrar o controle das elites sobre a narrativa. A estratégia paleo de Rothbard baseava-se na compreensão de que as ideias importam, mas elas importam mais quando apresentadas de uma forma capaz de realmente atrair pessoas comuns. Murray teria entendido Trump não como o autoritário da imaginação febril da esquerda, mas sim como uma reação populista necessária (embora profundamente falha) contra o *Conservatism Inc.* e a doutrina globalista da esquerda do “progresso” determinista, incorporada na vil Hillary Clinton. Não conseguimos imaginar Murray sorrindo para nós quando Trump a escalpelou em 2016?

---

<sup>12</sup> Rothbard, “Uma estratégia para a direita”, p. 8.

### 13. A genialidade política de Rothbard

Mas voltando ao tema da visão política de Rothbard. Vamos considerar sua notável visão.

**Primeiro**, ele identificou com precisão os impulsos populistas precisos que animariam o trumpismo, o Brexit, o partido Alternative für Deutschland na Alemanha, o partido Reagrupamento Nacional apoiado por Marine LePen na França, a resistência à Covid e uma série de outras rebeliões do século XXI. Ele entendia como as elites – esquerda e direita – haviam se tornado uma classe dominante tirânica e gerencial, e como a única energia política viável capaz de resistir a isso era populista, antielite e antiglobalista. Quando as elites são corruptas e ineptas, o populismo é ao mesmo tempo justificado e saudável. Rothbard não teria dado atenção aos desdêns dos autodenominados “liberais clássicos” nesse quesito.

**Segundo**, ele entendia perfeitamente as crescentes inseguranças por trás desses impulsos populistas, especialmente nos Estados Unidos. Ele foi impulsionado pela profunda insegurança econômica das classes média e trabalhadora, marcadas por salários estagnados; inflacionismo como política do Fed; aumentos sérios de preços em moradia, educação, saúde, carros e agora até alimentos; terceirização de empregos e manufatura; vistos H1B; faculdades tornando-se tanto inacessíveis quanto hostis aos próprios rebentos; e um padrão consistente de crises e escândalos induzidos pelo Fed em Wall Street, seguidos por resgates.

E ainda assim a classe política estava ausente em todas essas preocupações. A resposta dela?

- Programas globalistas que têm prioridade sobre as preocupações internas, incluindo guerras intermináveis e políticas comerciais que nunca beneficiam as pessoas comuns;
- Imigração em massa do Terceiro Mundo, do sul para o norte e de leste para oeste, em ritmo cada vez maior apesar de nunca ter sido submetido a votação; e
- Ataques culturais desorientadores a todos os aspectos da vida tradicional, zombaria do casamento e da religião, rápida secularização e uma imposição implacável da ideologia gay e transgênero no seio do país.

### 13. A genialidade política de Rothbard

Enquanto conservadores e libertários do Beltway hesitavam em minúcias, Rothbard, como sempre, via o quadro geral e a necessidade urgente de uma revolta populista.

**Terceiro**, Rothbard estava totalmente correto em sua avaliação das “guerras culturais” e da futilidade de evitar preocupações culturais na estratégia política. Ele entendia que a política é consequência da cultura – às vezes uma consequência bastante tardia. Os triunfos progressistas do século XX e início do século XXI eram, antes de tudo, *culturais*; mas a derrota cultural da esquerda na sociedade americana resultou em várias vitórias *políticas* importantes e duradouras. Ele entendia perfeitamente que as instituições nunca poderiam ser neutras e, portanto, o controle da esquerda sobre a mídia, a academia, *think tanks*, as empresas americanas e até mesmo as denominações religiosas precisava ser quebrado.

O libertarianismo, se quisesse sobreviver, precisava se enraizar na única coalizão cultural que não fosse totalmente capturada pela esquerda. Isso significava trabalhar com os conservadores americanos e injetar economia política libertária em um movimento com peso demográfico real, enquanto entendia (30 anos antes dos conservadores) que a esquerda estava culturalmente muito avançada para qualquer retorno à sanidade política. Rothbard sabia intuitivamente, dadas as realidades econômicas e culturais, que “moderados” de todas as tendências seriam reprimidos até caírem no esquecimento. E assim, ele abraçou as guerras culturais (por exemplo, “Solte as rédeas da polícia”) como *reação*, como autodefesa contra um projeto cultural de esquerda implacável que busca destruir tudo o que é tradicional e burguês. Ele teve coragem de lutar a batalha onde ela estava, e não onde os libertários desejavam que ela estivesse.

Em resumo, o gênio político de Rothbard continua enormemente subestimado. Devemos a ele uma dívida de gratidão por ter removido nossas ilusões e feito o apelo por um novo movimento populista de direita libertário. Devemos atender a esse chamado hoje.

Na medida em que tanto o trumpismo quanto a direita europeia pós-Brexit se afastaram dos princípios antiguerra e antiestatais que animavam Rothbard, inclinando-se para o facciosismo, o culto à

### 13. A genialidade política de Rothbard

personalidade, a exploração oportunista da atenção pública ou simplesmente para a boa e velha traição de princípios, só podem culpar a si mesmos. Rothbard deu à “Nova Direita” um roteiro prescritivo para reverter décadas de vitórias da esquerda; contudo, as tentações do poder e a força gravitacional do dinheiro e de Washington frequentemente sobrepujam até os movimentos mais insurgentes.

Enquanto isso, a esquerda, como Rothbard previu, tornou-se mais radical e mais desconectada da realidade. Abandonou tudo que se assemelhasse ao progressismo tradicional e abraçou a politização total. Nada, em seu enquadramento, está fora do estado.

Gostando ou não, Rothbard estava certo. Apenas a direita tem a base cultural e os instintos populistas latentes para resistir ao Moloch progressista. Apenas uma direita revitalizada – enraizada nos melhores elementos da Velha Direita americana e animada por uma desconfiança totalmente justificada das elites – pode ancorar a liberdade em um programa político coerente.

Se uma “Nova Direita” tão digna assim poderá emergir acima do barulho e da incoerência do trumpismo, é incerto. Mas seus futuros líderes fazem bem em ler Rothbard. E libertários não podem permanecer à margem. Qualquer política de direita que não tenha fundamento no *laissez-faire* e no não intervencionismo nasce morta.

Lembramos e elogiamos o falecido Murray N. Rothbard como um gênio político pouco reconhecido. Ele não era um teórico de poltrona, mas um guerreiro intelectual combativo e irreverente, sem medo de levar suas ideias mais radicais para a arena política.

E a bandeira que ele finalmente levou para essa arena foi o populismo de direita.

# 14. Encontrando Rothbard: direitos de propriedade como chave para a anarquia

David Dürr<sup>1</sup>

Foi no início dos anos 2000 que me senti cada vez mais perdido como anarquista em um mundo totalmente estatista, de alguma forma como um alienígena de um planeta distante sozinho em um mundo cheio de humanos. Eu estava desesperadamente procurando alienígenas camaradas, mas não havia nenhum. Pelo menos não no ambiente onde eu vivia, como advogado formado pelo estado e como professor de direito em uma universidade estatal na Suíça. E então, de repente, conheci Murray Rothbard.

Eu não era anarquista desde o nascimento; acho que ninguém nasce anarquista, o anarquismo tem a ver com a emancipação da supervisão parental, com a maturidade. Pessoas verdadeiramente adultas são anarquistas; parece que pessoas adultas são uma espécie rara na Terra.

---

<sup>1</sup> David Dürr é Professor Emérito de Direito da Universidade de Zurique, Suíça, e Advogado do SwissLegal-Group. Ele é autor de “A ética da física”, em *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024), “The Inescapability of Law, and of Mises, Rothbard, and Hoppe”, *J. Libertarian Stud.* 23 (2019): 161-170, e muitas outras publicações.

Mas em algum momento da minha vida me tornei adulto e, portanto, anarquista, por emancipação não só da tutela dos pais, mas também, e principalmente, da doutrinação educacional por faculdades de direito administradas pelo estado, burocracias governadas pelo estado e tribunais mantidos pelo estado.

Quanto mais eu aprendia e praticava direito, mais fundo eu me aprofundava na questão do que realmente trata o direito, mais claro ficava na minha mente que o estado não é a fonte da lei. Percebi que as leis não precisam ser proferidas por um legislador oficial, mas simplesmente existem, como a lei da gravidade e outras regularidades naturais. E ao perceber isso, foi um passo curto perceber que o estado não é o concedente, mas o inimigo do que os advogados chamam de Império da Lei (ou Estado de Direito), que o estado é ilegal... E por que não chamar o estado de organização criminosa *per se*?

Porém, uma coisa é perceber e se fascinar por tais mudanças de paradigma, e outra é estar completamente sozinho nessa, não encontrar interlocutores com quem discutir ou desenvolver estratégias comuns para superar essa organização criminosa. Claro, eu conhecia alguns livros de Hayek e havia lido não mais que um de Mises, com o objetivo de ampliar meu horizonte jurídico em direção à economia e ao liberalismo clássico. Mas esses autores não eram anarquistas.

### **“Sociedade sem estado”**

Mas então, por volta de 2005, me deparei com um artigo intitulado “Sociedade sem estado”, publicado no *The Libertarian Forum*.<sup>2</sup> O que chamou minha atenção foi que o autor – um economista chamado Murray Rothbard – desenvolveu sua visão (a) a partir de um tema que eu

---

<sup>2</sup> Murray N. Rothbard, “Sociedade sem estado”, *Libertarian Forum* 9, nº 1 (jan. 1975): 3–7, em *The Complete Libertarian Forum*, Murray N. Rothbard, ed., Volume 1: 1969–1975 (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006).

conhecia, ou seja, a partir de funções fundamentais do direito na sociedade, e (b) iniciou seus pensamentos abordando a anarquia de forma direta.

Quanto ao tema (a), ou seja, Direito, esse artigo foi direto ao cerne de seu significado, ou seja, “fornecer serviços de defesa ou proteção como tribunais, polícia ou até mesmo a própria lei”, ou seja, funções que geralmente estão ligadas ao que são vistas como as “funções centrais do estado”. Quanto ao tema (b), ou seja, o Anarquismo, o autor não deixou a menor dúvida sobre sua visão acerca do estado:

Deixe-me dizer de início que defino o estado como aquela instituição que possui uma ou ambas (quase sempre ambas) das seguintes propriedades: (1) adquire sua renda pela coerção física conhecida como “tributação”; e (2) invoca e geralmente obtém o monopólio coercitivo da prestação de serviços de defesa (polícia e tribunais) sobre uma determinada área territorial. Qualquer instituição que não possua nenhuma dessas propriedades não é e não pode ser, de acordo com minha definição, um “estado”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 3. Veja definições semelhantes do estado em Hans-Hermann Hoppe, “O papel dos intelectuais e dos intelectuais anti-intelectuais”, em *A Grande Ficção*, 2ª ed. (2021), p. 3; idem, “Reflexões sobre o Estado e a Guerra”, em *A Grande Ficção*; e “A Ética Rothbardiana”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006). Sobre a observação de Rothbard de que o estado “possui uma ou ambas (quase sempre ambas)”: o monopólio tributário e o coercitivo, veja Stephan Kinsella, “The Power to Tax and the Power to Outlaw Competition Imply Each One”, *StephanKinsella.com* (12 de julho de 2025).

E é por isso que, segundo Murray Rothbard, existe uma alternativa consistente: uma sociedade *sem* estado:

Por outro lado, defino sociedade anarquista como aquela em que não há possibilidade legal de agressão coercitiva contra a pessoa ou propriedade de qualquer indivíduo. Os anarquistas se opõem ao estado porque ele é indissociável em seu próprio ser de tal agressão, a saber, a expropriação da propriedade privada por meio de impostos, a exclusão coercitiva de outros prestadores de serviços de defesa de seu território e todas as outras depredações e coerções que são construídas sobre esses focos gêmeos de invasão de direitos individuais. [Ibid.]

Olá, Sr. Rothbard, eu disse, é um prazer conhecê-lo, e mesmo nunca tendo nos encontrado antes, acho que nos conhecemos muito bem! E graças a você, não estou mais sozinho como anarquista neste mundo estatista. Agora somos dois. — Ah não, disse Murray, há muitos mais, posso apresentar Hans Hoppe e seus amigos.

Na verdade, Murray Rothbard naquele momento não estava mais vivo, mas ao ler suas frases cristalinas, senti como se estivesse ouvindo a voz de um bom amigo. E daí para buscar seus outros seguidores e admiradores foi um passo curto. Assim, tornei-me amigo de Hans e de outros anarquistas como Stephan, Guido, Alessandro, Thomas e muitos outros, além de participar regularmente como espectador e palestrante nas conferências da PFS em Bodrum.

Por isso, foi um grande privilégio apresentar a Palestra Memorial Murray Rothbard em 2019 na Austrian Economics Research Conference no Mises Institute em Auburn, Alabama.<sup>4</sup> A ocasião me levou a refletir

---

<sup>4</sup> David Dürr, “The Inescapability of Law, and of Mises, Rothbard, and Hoppe”, *J. Libertarian Stud.* 23 (2019): 161-170.

sobre como uma abordagem econômica como a de Murray Rothbard chega exatamente às mesmas conclusões a que eu havia chegado por meio de reflexões de ordem jurídica, que me levaram a me tornar anarquista.

## **Direitos de propriedade: o ponto de convergência**

O ponto de convergência, por assim dizer, são os Direitos de Propriedade. A propriedade é um tema proeminente tanto na economia quanto no direito, e, claro, na política. Embora a teoria rothbardiana comece com a economia, seu interesse político pela propriedade parece ser legal. Os aspectos econômicos típicos da propriedade são mais aqueles que conhecemos de artigos famosos como o de Roland Coase,<sup>5</sup> que mostra os efeitos econômicos de como os direitos de propriedade são alocados a esses ou a aqueles, levando a resultados economicamente eficientes ou ineficientes. Visões semelhantes são conhecidas em relação ao chamado movimento de Direito e Economia, tendo juristas como Richard Posner entre seus principais expoentes.<sup>6</sup> Esses aspectos, ao que parece, não são de grande interesse para Murray Rothbard.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Ronald Coase, “The Problem of Social Cost”, *J. Law & Econ* III (outubro de 1960): 1–44.

<sup>6</sup> Richard Posner, *Economic Analysis of Law*, ed. 9 (Aspen Publishing, 2014).

<sup>7</sup> De qualquer forma, Rothbard era especialmente cético e crítico em relação às teorias utilitaristas, cf. Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico – Uma Perspectiva Austríaca – Economia Clássica*, Volume II (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006 [1995]), p. 56 e seguintes; idem, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998), p. 52, e cap. 26, “Utilitarian Free-Market Economics”; e muitas outras obras, por exemplo, idem, “Reconstruindo a Economia de Bem-estar e de Utilidade”, “Value Implications of Economic Theory”, “O mito da

## Propriedade através do conflito: um diálogo imaginado com Rothbard

Em “Sociedade sem estado”, é especificamente o aspecto legal da propriedade que abre a porta para uma sociedade anarquista. A propriedade em si, enquanto teoria, parece ser irrelevante; a relevância surge apenas quando a propriedade se torna objeto de conflito sobre recursos, como quando *A* tenta tomar algo e *B* reage resistindo. E enquanto eu discutia isso pela primeira vez com Murray (ou seja, quando eu estava lendo “Sociedade sem estado”), ouvi-o dizendo (ou seja, li-o escrevendo):

“Passemos agora ao problema de como as disputas – em particular, as disputas sobre supostas violações de pessoas e propriedades – seriam resolvidas em uma sociedade anarquista.”<sup>8</sup> E assim ambos imaginamos *A* tentando tirar de *B* algo como uma pintura, uma ferramenta ou uma máquina.

- “Tire suas mãos disso!”, grita *B*.
- “Por que eu deveria? Eu gosto disso, não menos do que você gosta”, diz *A*.

---

eficiência” e “Praxeology, Value, Value, and Public Policy”, todas em Murray N. Rothbard, *Economic Controversies* (Auburn, Ala: Instituto Mises, 2011). Rothbard, é claro, ainda assim, estava plenamente familiarizado com elementos “técnicos” da economia, como aqueles amplamente tratados em idem, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholars ed., 2<sup>a</sup> ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009 [1962]). Como Jeff Deist observa em sua contribuição para este volume, “o jovem brilhante Murray ingressou na Columbia para obter um diploma de graduação em matemática – um detalhe notável que seus futuros críticos econômicos ignoraram”.

<sup>8</sup> Rothbard, “Sociedade sem estado”, cap. II, p. 4.

- Então *B*: “Mas eu tenho prioridade, já que estou segurando a coisa nas minhas mãos, enquanto você tenta tirá-la de mim”. Que é o que a lei chama de Posse; ainda não estamos lidando com Propriedade.<sup>9</sup>
- “Mas segurar algo na mão é um fato, não um direito”, diz *A*.

É quando *C*, atraído pelos gritos, intervém: “Você está certo, é só um fato. Mas, para manter um comportamento calmo e civilizado, recomendo que respeitem também as situações puramente factuais, pelo menos para pausar a briga, colocar o caso na mesa, tentar convencer uns aos outros ou chamar um terceiro independente para ajudar como mediador – como eu por exemplo”.<sup>10</sup>

Neste estágio do conflito, nem as partes *A* e *B* nem o mediador *C* se referiram a algo como “Propriedade”. Isso também não teria ajudado, já que ambos os lados podem reivindicar “Propriedade”, mas apenas isso

---

<sup>9</sup> Sobre a distinção entre posse e uso de recursos, uma classificação econômica e descritiva, por um lado, e, por outro, propriedade e direitos de propriedade, um conceito normativo e legal que funciona como *suporte normativo para a posse*, veja Stephan Kinsella, “The Title-Transfer Theory of Contract”, em David Howden, ed., *Palgrave Handbook of Misesian Austrian Economics* (Palgrave, a ser publicado em 2026), Parte I; idem, “On Property Rights in Superabundant Bananas and Property Rights as Normative Support for Possession”, *StephanKinsella.com* (19 de abril de 2025); idem, “O que é libertarianismo”, App. I, “Selling Does Not Imply Ownership, and Vice-Versa: A Dissection”, texto nas notas 23, 35-36, ambos em *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023).

<sup>10</sup> Sobre o recurso à resolução de disputas, o objetivo adicional de evitar conflitos em um mundo de recursos escassos, veja Stephan Kinsella, *The Universal Principles of Liberty*, *StephanKinsella.com* (14 de agosto de 2025), §11.

não convenceria o mediador.<sup>11</sup> Este, por outro lado, agora está perguntando a cada uma das partes:

- “Por qual *razão* entregar isso o está incomodando e quão significativas são suas desvantagens nesse caso?”<sup>12</sup>
- Possuidor *B*: “Eu gosto da coisa, é linda, é útil, é prática. Não tê-la significa frustração e perda de praticidade no dia a dia”.
- Possuidor *A*: “Exatamente o mesmo vale para mim. Mas além disso: fui eu quem trabalhei duro na construção da coisa ou em ganhar dinheiro para comprá-la, eu usufruí disso como fruto do meu trabalho, quando *B* surgiu e o tomou. Todos os meus esforços correm o risco de terem sido em vão”.
- Possuidor *B*: “Mas, mesmo assim, para mim, não ter a coisa é inferior a tê-la. Ter isso é algo, não ter é zero”.

---

<sup>11</sup> Veja a explicação de Hoppe de que um mero decreto verbal não é suficiente para estabelecer a propriedade de um recurso contestável. Hoppe, “A justificativa ética do capitalismo e por que o socialismo é moralmente indefensável”, em Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013), pp. 160–163; idem, “Da Economia do Laissez-Faire à Ética do Libertarianismo”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, pp. 320–321; Stephan Kinsella, “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, pp. 51–52 e “Defending Argumentation Ethics”, pp. 150–151, ambos em *Legal Foundations of a Free Society*.

<sup>12</sup> É por isso que a justiça e o direito não surgem de raciocínios puramente dedutivos, mas de casos e controvérsias reais onde juízes reais podem levar em conta provas e contexto. Veja, sobre isso, Stephan Kinsella, “Legislation and the Discovery of Law in a Free Society”, Parte V.B, e “Knowledge, Calculation, Conflict, and Law”, p. 524, ambos em *Legal Foundations of a Free Society*; idem, “On the Role of Commentators and Codes and the Oracles of the Law”, *StephanKinsella.com* (July 31, 2025); idem, “Roman Law and Hypothetical Cases”, *StephanKinsella.com* (19 de dezembro de 2022).

- Possuidor A: “Mas, para mim, não ter a coisa não é zero, é negativo; é zero menos meus esforços anteriores”.

Quando, nessa etapa da discussão, o mediador C conclui que a posição do tomador A prevalece e que o possuidor B deve devolver a coisa, e quando C passa então a procurar uma palavra expressiva para explicar por que A está certo e B está errado, por que ele não deveria dizer: esta pintura, ferramenta ou máquina é “propriedade individual de A”?

Assim, Murray e eu chegamos à conclusão: a Propriedade não é, como costumam dizer os liberais clássicos, um princípio absoluto suspenso nas alturas do paraíso, conferindo vantagens aos indivíduos que passam a ser seus titulares; ao contrário, a propriedade é uma questão essencialmente relativa, nada mais que o resultado de conflitos acerca da atribuição das muitas desvantagens aqui embaixo, neste mundo. — E é por isso que – Murray e eu concordamos em nossa discussão imaginária – a Propriedade é a chave não para o paraíso, mas para uma sociedade pacífica e civilizada sem estado: para a anarquia, aqui embaixo, em nosso mundo.



# 15. Rothbard, filósofo do Direito

Alessandro Fusillo<sup>1</sup>

Murray N. Rothbard foi um gênio universal. Igualmente à vontade no estudo da economia, filosofia política e história, a característica fundamental do pensamento rothbardiano é sua coerência íntima e sistematicidade. De obras importantes como *Homem, Economia e Estado e Poder e Mercado*<sup>2</sup> ou a monumental *História do Pensamento Econômico*<sup>3</sup> aos inúmeros artigos que escreveu, mesmo que apenas para comentar eventos recentes, sempre se percebe que toda contribuição de Rothbard foi parte integrante de um grande edifício intelectual cujo esboço e estrutura essenciais estavam claramente presentes desde o início de sua aventura intelectual sem precedentes.

---

<sup>1</sup> Alessandro Fusillo é um advogado libertário que vive na Itália, Espanha e Alemanha.

<sup>2</sup> Ambos na edição em volume único, Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholar's ed., segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009).

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, *História do Pensamento Econômico – Uma Perspectiva Austríaca* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006). Veja também Stephan Kinsella, “Volume 3 of Rothbard's History of Economic Thought”, *StephanKinsella.com* (1º de setembro de 2009).

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

Ao contrário do próprio Mises, que nunca quis abandonar a abordagem *wertfrei* e utilitarista, ou Hayek, um pensador profundamente contraditório com raciocínio confuso e conclusões iliberais,<sup>4</sup> o que

---

<sup>4</sup> Veja, por exemplo, as várias críticas de Hoppe a Hayek. Veja Hans-Hermann Hoppe, “A busca libertária por uma narrativa histórica global” e “Hayek sobre Governo e Evolução Social”, ambos em *A Grande Ficção*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021); idem, *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006), pp. 310-12; idem, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco* (Auburn, Ala.: Instituto Mises, 1995), pp. 177–178; idem, “PFP101 | Hans-Hermann Hoppe, O Mito Hayek (PFS 2012)”, *Podcast Property and Freedom* (12 de abril de 2022); idem, “Por que Mises (e não Hayek)?”, *Mises Daily* (10 de outubro de 2011); Mateusz Machz, “Socjaldemokratyczny Hayek”, *Najwyższy czas* (setembro de 2004) (tradução em inglês: “O Hayek Social-Democrata: Uma Entrevista com Hans-Hermann Hoppe por Mateusz Machaj”); Stephan Kinsella, “Hoppe on Hayek”, *StephanKinsella.com* (20 de setembro de 2009); também Walter E. Block, “O Caminho de Hayek para a servidão”, *J. Libertarian Stud.* 12, n° 2 (Outono de 1996), pp. 327–50. Sobre a visão de Hayek de que a legislação estatal é inquestionável desde que seja de aplicabilidade geral, previsível e conhecida antecipadamente, veja Stephan Kinsella, “On the *Non Liqueur* in Libertarian Theory and Armchair Theorizing”, *StephanKinsella.com* (20 de julho de 2025); idem, “Legislação e a Descoberta do Direito em uma Sociedade Livre”, em *Legal Foundations of a Free Society* (Houston: Papi-nian Press, 2023), Parte III.B.1, n.34. Sobre críticas ao foco de Hayek no conhecimento, veja idem, “Conhecimento vs. Cálculo”, *Mises Economics Blog* (11 de julho de 2006); Murray N. Rothbard, “O Fim do Socialismo e o Debate do Cálculo Revisitado”, *Economic Controversies* (Auburn, Ala: Mises Institute, 2011), p. 846 (“toda a ênfase hayekiana no ‘conhecimento’ é equivocada e mal concebida”); Jörg Guido Hülsmann, “Conhecimento, Julgamento e o Uso da Propriedade”, *Rev. Austrian Econ.* 10, n° 1 (1997): 23–48, p. 39 (discutindo “a irrelevância dos

chama atenção em Rothbard é que, apesar de uma evolução intelectual que o levou a explorar campos cada vez mais amplos do conhecimento humano – sempre com resultados excepcionais, produtividade impressionante e velocidade surpreendente de escrita –, a direção de seus estudos permaneceu clara e inabalável. Cada parte, cada obra se encaixa perfeitamente no mosaico do pensamento rothbardiano e contribui para compor uma construção sistemática de toda a ciência da ação humana, e não apenas da ciência da economia. Tudo isso a partir da perspectiva coerente de um inimigo do estado, como Justin Raimondo corretamente o caracterizou em sua biografia<sup>5</sup> – na verdade, o inimigo do estado *tout court*.

De fato, o fio condutor de toda a filosofia social rothbardiana, fundada na propriedade, é a crítica radical e intransigente às organizações chamadas estados ou governos, cuja natureza fundamentalmente criminosa Rothbard nunca deixou de enfatizar, dada sua atividade que – mesmo no caso dos menores e mais inofensivos entre os estados mínimos – é, no entanto, caracterizada pela violação dos direitos de propriedade.<sup>6</sup> Essa tensão entre propriedade e crime, entre os meios econômicos

---

problemas de conhecimento”); Joseph T. Salerno, “Ludwig von Mises: um racionalista social”, *Rev. Austrian Econ.* 4 (1990): 26–54, p. 44 (“[o] sistema de preços não é – e praxeologicamente não pode ser – um mecanismo para economizar e comunicar o conhecimento relevante para planos de produção. Os preços realizados da história são um acessório da avaliação”); Hoppe, “Socialismo: Um Problema de Propriedade ou Conhecimento?”, *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, p. 146 (“A contribuição de Hayek para o debate sobre socialismo deve ser descartada como falsa, confusa e irrelevante.”); Kinsella, “Conhecimento, Cálculo, Conflito e Direito”, em *Legal Foundations of a Free Society*, p. 509 n.25.

<sup>5</sup> Justin Raimondo, *Enemy of the State: The Life of Murray N. Rothbard* (2000).

<sup>6</sup> Murray N. Rothbard, *A anatomia do Estado* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2009), também incluído em idem, *Igualitarismo como*

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

e os meios políticos – para usar os termos de Franz Oppenheimer<sup>7</sup> – é o que sempre distinguiu o caminho de Murray Rothbard.

Esta breve contribuição é dedicada a dois aspectos do pensamento rothbardiano: a saber, sua filosofia do direito e a relação de Rothbard com a política ativa – duas questões que parecem distantes, mas estão intimamente conectadas.

O tratamento sistemático da filosofia do direito está contido em um dos escritos mais importantes de Rothbard, *A ética da liberdade*,<sup>8</sup> no qual ele delinea, de maneira sistemática, analítica e exaustiva, os fundamentos da lei natural. O objetivo de Rothbard é identificar princípios jurídicos consistentes com a natureza humana e capazes de serem descobertos por meio do raciocínio abstrato. Esses são princípios relativos à conduta humana dedutíveis das inclinações básicas da natureza humana e, como tais, absolutos, imutáveis e universalmente válidos para

---

*uma Revolta contra a Natureza & Outros Ensaios*, R. A. Childs, Jr., ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000 [1974]), originalmente publicado no *Rampart Journal of Individualist Thought*, vol. 1, nº 2 (verão de 1965) 1–24.

<sup>7</sup> Franz Oppenheimer, *O Estado: Sua História e Desenvolvimento Vistos Sociologicamente* (Nova York: Vanguard Press, 1926), pp. 24 e seguintes. Veja também Hans-Hermann Hoppe, “Banking, Nationstates, and International Politics: A Sociological Reconstruction of the Current Economic Order”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, p. 84 (“Pode-se adquirir e aumentar riqueza tanto por meio da colonização, produção e troca contratual, quanto expropriando e explorando colonos, produtores ou trocadores contratuais de casas. Não há outras maneiras.”) e p. 85, n.9; Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, cap. 2, pp. 1057–1058 e pass.

<sup>8</sup> Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998).

todos os tempos e lugares.<sup>9</sup> Em outras palavras, o programa de Rothbard é refazer, de uma perspectiva secular, o mesmo caminho seguido pela Escolástica no tratamento da lei natural, seguindo os passos de São Tomás de Aquino e Francisco Suárez.<sup>10</sup>

Ao realizar esse tratamento, Rothbard emprega e completa o método apriorístico desenvolvido por seu mestre Ludwig von Mises. *A ética da liberdade* aplica o método praxeológico a uma disciplina que não é a ciência econômica. Assim como Mises derivou toda a estrutura da ciência econômica a partir do axioma da ação humana,<sup>11</sup> Rothbard traça as regras jurídicas básicas de uma sociedade humana que aspira a ser livre e justa até um princípio ainda mais alto e fundamental do que o da ação humana – ou seja, o princípio da autopropriedade. Ao fazer isso, Rothbard abandona a atitude utilitarista e *wertfrei* de seu mestre. O reconhecimento da autopropriedade como base da interação social não apenas leva a um sistema capaz de garantir a máxima prosperidade econômica, mas o sistema de direito natural construído por Rothbard é considerado preferível porque é ética e moralmente superior às alternativas possíveis.

*A ética da liberdade*, portanto, é o ponto de partida para a construção de uma nova teoria libertária da lei natural. Com base em seus fundamentos, Hans-Hermann Hoppe desenvolveria ainda mais as teses rothbardianas, demonstrando por meio da “ética argumentativa”<sup>12</sup> que a

---

<sup>9</sup> Rothbard, *A ética da liberdade*, p. 3

<sup>10</sup> Francisco Suárez, *Tractatus de legibus ac Deo legislatore*, Lib. 2, Cap. VI, 120; Hugo Grotius, *Sobre a Lei da Guerra e da Paz* (1625), Livro 1, Capítulo X.

<sup>11</sup> Ludwig von Mises, *Ação Humana – Um Tratado de Economia*, edição acadêmica (Auburn, Ala: Mises Institute, 1998), pp. 62 e seguintes.

<sup>12</sup> Veja Hans-Hermann Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Laissez Faire Books, 2013), cap. 7; idem, *A Economia e a Ética da Propriedade Privada* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006), caps.

aceitação dos princípios da autopropriedade e da não agressão como sua consequência lógica necessária é a pré-condição para a própria possibilidade de fazer declarações significativas e logicamente fundamentadas no campo das ciências humanas. Fora do conceito libertário de lei natural como sistema fundado no reconhecimento do princípio básico da autopropriedade, é impossível fazer qualquer afirmação dotada de racionalidade.

Para Mises, a base de qualquer reflexão concernente às ciências sociais é o reconhecimento de que os seres humanos agem. A ação – isto é, o comportamento humano consciente e voluntário – constitui um axioma do qual, por meio de um método de dedução lógica, todas as conclusões econômicas são derivadas. Segundo von Mises, é impossível negar o axioma da ação humana porque sua própria negação seria uma forma de ação – não é possível negar algo sem agir, ou seja, empregar esforços conscientes e voluntários –, então qualquer um que negasse o primeiro princípio da ação humana cairia em uma contradição performativa. A ação, portanto, é a pedra fundamental sobre a qual todo o sistema de pensamento de Mises é construído. As chamadas leis econômicas não são, desse modo, deduzidas a partir da observação empírica (*a posteriori*) das trocas e do comportamento humano em relação à escassez, mas são logicamente derivadas como consequências necessárias do princípio geral da ação humana, obtido *a priori*.

Nesse contexto, a medição de agregados econômicos (econometria) e o estudo histórico da economia são ferramentas úteis nas mãos do economista, mas não para derivar “leis econômicas” indutivamente a partir da observação da realidade e dessa maneira imitar o método das

---

11, 13; Stephan Kinsella, “Ética Argumentativa e Liberdade: um guia conciso”, *Mises Daily* (27 de maio de 2011); idem, “Argumentos Dialógicos para os Direitos Libertários” e “Defendendo a Ética da Argumentação”, ambos em *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023).

ciências naturais. Estas últimas, segundo Mises, não podem ser transpostas para o campo das ciências humanas, que operam com uma metodologia completamente oposta à das ciências experimentais. Assim, por exemplo, o princípio válido *a priori* de que um aumento na oferta monetária (inflação) deve necessariamente resultar em uma distorção do poder de compra da moeda é verdadeiro *a priori*, independentemente de medições concretas do índice de preços ao consumidor.

Empregando a mesma metodologia, Rothbard remonta, para a construção de sua filosofia do direito, a um axioma ainda mais elevado do que o da ação humana – a saber, a autopropriedade. Que este corolário seja uma consequência do primeiro é totalmente evidente se considerarmos que, para agir consciente e voluntariamente, primeiro é preciso ser dono do próprio corpo. No entanto, enquanto segundo von Mises é impossível fazer um julgamento de valor objetivo sobre os fins perseguidos pelo agente homem, Rothbard propõe derivar as regras básicas para construir uma ordem jurídica justa a partir da natureza do ser humano, tomando emprestado o princípio tomista e escolástico de identificar a ordem das leis naturais por meio do instrumento da razão humana. Tanto que, logo no início de seu tratamento da questão, Rothbard cita significativamente Suárez, *De Legibus* (II, 6, 3), e se apoia em um argumento que percorre toda a tradição da lei natural, desde Gregório de Rimini e Gabriel Biel até Hugo Grotius: de que as normas da lei natural não têm validade enquanto um mandamento ou vontade de Deus, já que são regras *a priori* que seriam vinculativas mesmo que Deus não existisse ou não exercesse a razão.<sup>13</sup> A lei natural para a Escolástica, portanto,

---

<sup>13</sup> Onorato Grassi, “Influenze agostiniane nel ‘si Deus ipse non esset’ di Gregorio da Rimini”, em *Ipsium verum non videbis nisi in philosophiam totus intraveris: Studi in onore di Franco De Capitani*, Fabrizio Amerini e Stefano Caroti, eds., *Quaderni di Noctua* 3 (Florença-Parma-Turim: E-theca OnLineOpenAccess Edizioni, Università degli Studi di Turino, 2016), pp. 375–407.

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

não é objeto da vontade divina, mas constitui uma necessidade lógica e natural derivada do uso da razão humana.

O princípio da autopropriedade sobre o qual Rothbard constrói todo seu tratamento da lei natural libertária deriva da afirmação de John Locke de que todo ser humano tem um direito de propriedade sobre si mesmo – isto é, sobre seu próprio corpo e, por extensão lógica, sobre o que pode produzir por meio do emprego de suas próprias energias corporais (misturando terra e trabalho), ou seja, sobre aquilo de que ele pode se apropriar tomado do estado de natureza, onde recursos não pertencem a ninguém.<sup>14</sup> Negar o princípio da autopropriedade constituiria uma contradição performativa ainda maior do que negar o axioma da ação humana.<sup>15</sup>

De fato, negar que cada pessoa é dona de si mesma significa que quem nega também nega ser dono de si mesmo, e, portanto, sua ação seria desprovida de significado, pois seria a execução da vontade de alguma entidade adicional que é o verdadeiro dono do negador, responsável desse modo pela negação e, assim, dono de si mesmo. Nessa hipótese, quem nega o princípio da autopropriedade teria que admitir ser escravo de outro ser humano que exerceria controle sobre seu corpo e poderia dirigir sua vontade e ações. Alternativamente, quem nega o princípio da autopropriedade pode fazê-lo afirmando que ele próprio é, de fato, o dono

---

<sup>14</sup> John Locke, *Segundo Tratado sobre Governo Civil* (1690), cap. V, § 27, 1690.

<sup>15</sup> Veja, sobre isso, Stephan Kinsella, “Uma Teoria Libertária do Contrato: Transferência de Título, Promessas Vinculativas e Inalienabilidade”, Parte III.C, e “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, p. 54 e seguintes, ambos em *Legal Foundations of a Free Society*; *idem*, “A Teoria da Transferência de Títulos do Contrato”, em David Howden, ed., *Palgrave Handbook of Misesian Austrian Economics* (Palgrave, a ser publicado em 2026), Parte VI.A; Sheldon Richman, “O Absurdo dos Direitos Alienáveis”, *Liberty* (janeiro de 1989): 50–52.

de si mesmo, mas negando um direito semelhante a outros, em relação aos quais reivindica um suposto direito de supremacia ou controle.

Ambas as hipóteses – que poderíamos chamar de escravas e super-homens –, historicamente documentadas em inúmeros casos, têm uma falha lógica: elas falham no teste da universalidade, que constitui um elemento fundamental – e, segundo alguns, o elemento exclusivo – da possibilidade de estabelecer uma regra logicamente fundamentada.<sup>16</sup>

A lei define as condições que permitem o uso da violência e da coerção na sociedade humana. Uma regra legal, portanto, é aquela que permite sua aplicação coercitiva (violenta) contra a vontade de a quem ela é aplicada. Exemplos dessas regras abundam em todos os sistemas de direito positivo. Por exemplo, a norma legal que impõe o pagamento de impostos é uma regra coercitiva, e sua aplicação concreta – na ausência de cumprimento espontâneo pelo chamado contribuinte – é incumbida à ameaça de violência (expropriação forçada, prisão para o evasor) ou ao seu uso efetivo em caso de resistência. A norma tributária, no entanto, é claramente uma regra não universal, já que o sistema tributário coloca um grupo de pessoas que são passivamente destinatários da obrigação de pagar impostos contra outro grupo ativo que se beneficia da receita tributária. Essa é a distinção bem conhecida por Calhoun entre pagadores e consumidores de impostos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Segundo Giovanni Birindelli, o teste de universalização é o único critério para distinguir regras arbitrárias de um sistema jurídico objetivamente fundamentado. Ele argumenta que a única regra que passa no teste é o princípio da não agressão, que justifica a coerção (legítima defesa) como meio de manter a autopropriedade. Giovanni Birindelli, “L’etica dell’uguaglianza davanti alla legge” (“A ética da igualdade perante a lei”), *Giovanni’s Substack* (5 de novembro de 2023).

<sup>17</sup> John C. Calhoun, *A Disquisition on Government*, em *The Works of John C. Calhoun*, Vol. 1 (editado por Richard K. Crallé, 1851).

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

É evidente que o sistema tributário é desigual e não universal. O que é permitido a alguns – consumir renda proveniente da receita tributária – é proibido para outros, que, pelo contrário, são forçados a financiar o consumo realizado pela classe dominante de parasitas. Portanto, a norma tributária, apesar dos esforços oficiais para apresentá-la em termos de justiça e equidade, e especialmente de distribuição equitativa do ônus sobre todos os pagadores de impostos, constitui uma regra que estabelece e afirma uma diferença de posição, respectivamente ativa e passiva.

Tal norma não pode ser justificada logicamente porque não passa no teste de universalidade ou, por assim dizer, porque é inconsistente com o princípio da igualdade formal perante a lei. A única maneira de afirmar a possibilidade de um governo coercitivo desigual é dividir qualquer sociedade em sujeitos passivos de coerção – escravos – e sujeitos ativos – super-homens – a quem diferentes regras se aplicam quanto ao direito de autopropriedade.

Todos os tratamentos filosóficos do direito, com exceção do de Rothbard, acabam justificando diferentes tipos de violações dos princípios da autopropriedade e da propriedade privada. Pode ser a vontade de Deus, o bem maior, o triunfo da raça ariana, dos proletários, a missão de civilização dos antigos romanos, dos britânicos, espanhóis, dos governantes islâmicos, da democracia e da *volonté générale*. Há uma série de desculpas e justificativas que sempre levam à mesma conclusão: alguns têm o direito de agredir outros. Consequentemente, temos a falha lógica básica em qualquer filosofia do direito que não compartilhe princípios rothbardianos libertários, ou seja, sua falha em passar no teste de universalização;<sup>18</sup> regras diferentes se aplicam a pessoas diferentes.

---

<sup>18</sup> Birindelli, “L’etica dell’uguaglianza davanti alla legge”.

A relação jurídica é desigual e sempre envolve um princípio de supremacia.<sup>19</sup>

Mas há outro aspecto na superioridade lógica e racional da reconstrução rothbardiana da filosofia do direito: trata-se do único conceito de vida social que permite a busca da felicidade.<sup>20</sup> Como diz Rothbard, a lei natural oferece ao homem uma “ciência da felicidade” e, ao mesmo tempo, apresenta argumentos lógicos para se opor ao princípio utilitarista da “maior felicidade para o maior número”,<sup>21</sup> já que os defensores desse fim não podem “tornar inteligível por que a felicidade do maior número deveria ser coerente como um fim para aqueles que

---

<sup>19</sup> Veja geralmente o texto de Stephan Kinsella, “What Libertarianism Is”, na n. 23; “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, texto na n.º 15; “Uma Teoria Libertária da Punição e dos Direitos”, Parte III.D.2; “Argumentos Dialógicos para os Direitos Libertários”, texto na n. 46; “Defendendo a Ética da Argumentação”, pass, todos em *Legal Foundations of a Free Society*, et pass.

<sup>20</sup> Rothbard, *A ética da liberdade*, p. 12. Veja também idem, “Confiscation and the Homestead Principle”, *Libertarian Forum*, 1, n.º 6 (15 de junho de 1969) em *The Complete Libertarian Forum*, Murray N. Rothbard, ed., Volume 1: 1969–1975 (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006); Hans-Hermann Hoppe, “A ética rothbardiana”, em *A Economia e a Ética da Propriedade Privada*, pp. 383–84; idem, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo*, pp. 169–70; Kinsella, “Defendendo a Ética da Argumentação”, n. 31, “Como nos tornamos donos de nós mesmos”, p. 56 e Apêndice, e “Defendendo a Ética da Argumentação”, n. 31; idem, “Direito e Propriedade Intelectual em uma Sociedade Sem Estado”, Parte II.C, n. 27 e “Bens, Escassos e Não Escassos”, n. 20, ambos em *Legal Foundations of a Free Society*.

<sup>21</sup> Jeremy Bentham, *A Fragment on Government* (1776).

pertencem ao menor número”.<sup>22</sup> Pois a maior felicidade para o maior número está muito longe de ser um axioma, como proposto por Bentham, e carece de uma demonstração lógica, que é impossível porque pressupõe a possibilidade de medir a felicidade. A felicidade, sendo um sentimento subjetivo que difere de indivíduo para indivíduo, não pode ser estabelecida de forma objetiva. Assim, a ideia utilitarista da maior felicidade para o maior número esconde um projeto totalitário onde há um grupo de tecnocratas, ditadores ou senhores sociais esclarecidos que serão encarregados de julgar o que é melhor e o que é pior para todos os outros. O utilitarismo é, portanto, apenas mais um disfarce para o planejamento central.<sup>23</sup>

Pelo contrário, a lei natural no sentido rothbardiano é a ciência da boa vida; é a reflexão sobre as condições que permitem a cada um perseguir seus próprios fins sem impedir que outros façam o mesmo. Viver e deixar viver.

É nesse ponto que Rothbard se afasta da consideração formal da ação humana pela ciência econômica.

O valor, no sentido de avaliação ou utilidade, é puramente subjetivo e determinado por cada indivíduo. Este procedimento é perfeitamente apropriado para a ciência formal da praxeologia, ou para a teoria

---

<sup>22</sup> Rothbard, *A ética da liberdade*, p. 202 citando Felix Adler, “The Relation of Ethics to Social Science”, em H.J. Rogers, ed., *Congress of Arts and Science* (Boston: Houghton Mifflin, 1906), vol. 7, p. 673.

<sup>23</sup> *Mas veja*, sobre a distinção entre utilitarismo e consequencialismo, como a de Mises, Randy E. Barnett, “Of Chickens and Eggs—The Compatibility of Moral Rights and Consequentialist Analyses”, *Harv. J. L. & Pub. Pol’y* 12 (1989): 611–36; idem, “Introdução: Liberdade vs. Licença”, em *The Structure of Liberty: Justice and the Rule of Law*, 2ª ed. (Oxford, 2014); Kinsella, “Argumentos Dialógicos para os Direitos Libertários”, n.3; idem, “Conhecimento, Cálculo, Conflito e Lei”, texto na n.6.

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

econômica, mas não necessariamente para todos os demais campos. Pois para a ética da lei natural, os fins são bons ou ruins para o homem em graus diversos; o valor é *objetivo* – determinado pela lei natural do ser humano, e aqui “felicidade” para o homem é entendida em seu sentido racional, ou seja, levando em conta seu teor.<sup>24</sup>

E a única organização social onde a busca pela felicidade é possível é aquela onde a autopropriedade e o princípio da não agressão são respeitados.

A rejeição de Rothbard a qualquer organização política que não seja baseada na participação voluntária e na liberdade de desassociação vem como consequência natural de sua filosofia do direito. Qualquer tipo de coerção viola os princípios de não agressão e autopropriedade. Assim, uma organização coercitiva que reivindica o monopólio da violência e da tomada de decisão é necessariamente um mal a ser combatido como for possível. É por isso que Rothbard sempre foi um extremista e um inimigo intransigente do estado.

Muitos chamados libertários questionaram essa conclusão em relação ao pensamento de Rothbard. Especialmente após a eleição do autoproclamado libertário Milei como presidente da Argentina e após o segundo mandato de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, alguns argumentam que, se ele estivesse vivo, Murray Rothbard teria apoiado as políticas de Milei e Trump porque o gradualismo seria preferível a um utopismo desprovido de qualquer perspectiva concreta de alcançar sucessos e melhorias tangíveis nas condições da vida social.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Rothbard, *A ética da liberdade*, p. 12.

<sup>25</sup> Brian Doherty, “Rothbardian Javier Milei Takes Control of a Major Country”, *Reason* (27 de novembro de 2023); Walter Block e Alan Futerman, “What Would Murray N. Rothbard Have Made of Javier Milei?”, *Eurasia Review* (Out. 18, 2025); George Hawley, “What Would

## 15. Rothbard. filósofo do Direito

Tentaremos responder tanto à questão um tanto inerte – mas ainda assim legítima – do que Rothbard teria pensado da situação política atual, quanto à muito mais importante de como enquadrar o apoio entusiástico dado a Milei e Trump por alguns que faziam parte do mundo libertário, mas perderam o direito de se autodenominar libertários porque apoiam os chefes de duas organizações coercitivas e violentas como EUA e República Argentina.

Como mencionamos acima, a oposição a qualquer forma de organização estatal – que constitui um elemento central da filosofia política e da filosofia do direito de Rothbard – exclui a possibilidade de considerar libertária e rothbardiana qualquer pessoa que apoie qualquer organização política ou governo.

A atitude de Rothbard em relação à política ativa foi claramente delineada no décimo quinto capítulo de *Por uma nova liberdade*,<sup>26</sup> onde ele fornece uma análise detalhada da questão relativa ao engajamento dos libertários na política ativa.

Como podemos ir daqui para lá? Rothbard pergunta. Como podemos tentar reverter a tendência dos estados modernos de aumento constante da coerção, regulação, tributação opressiva e intervenção capilar em todos os aspectos da vida privada, com a eliminação progressiva de todo vestígio de liberdade individual?

Segundo Rothbard, o libertário não pode deixar de ser o radical extremo, aquele que exige sem exceção a eliminação total da coerção estatal: “O libertário, portanto, deve ser a pessoa que apertaria o botão que

---

Rothbard Think of Trump?”, GeorgeHawley.com (14 de outubro de 2015). Veja também os comentários sobre Milei do Professor Hoppe na Introdução deste volume.

<sup>26</sup> Murray N. Rothbard, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2006).

aboliria instantaneamente todas as invasões de liberdade, se ele existisse”.<sup>27</sup>

O gradualismo, argumenta Rothbard, é uma traição aos próprios princípios defendidos pelos libertários e, em última análise, se revela como um abandono desses princípios em favor de um realismo político inaceitável para o libertário.

O gradualismo na teoria de fato mina a própria meta ao admitir que ela deva ficar em segundo ou terceiro plano em relação a outras considerações não libertárias, ou até mesmo antilibertárias; pois uma preferência pelo gradualismo implica que estas outras considerações são mais importantes que a liberdade. Assim, suponhamos que o abolicionista da escravidão tenha dito: “eu prego o fim da escravidão – mas apenas daqui a dez anos”. Isto implicaria que a abolição a oito ou nove anos, ou, *a fortiori*, imediatamente, seria algo *errado*, e que portanto seria *melhor* que a escravidão continuasse a existir um pouco mais. Mas isto significaria que todas as considerações pela justiça haviam sido abandonadas, e que a própria meta não mais era tida em alta estima pelo abolicionista (ou libertário). Na realidade, tanto para o abolicionista quanto para o libertário isto significaria que eles

---

<sup>27</sup> Rothbard, *Por uma nova liberdade*, p. 379. Veja também idem, “Por que ser libertário?”, *Left and Right* 2, n° 3 (1966): 5–10. Mas veja Stephan Kinsella, “On the *Non Liqueur* in Libertarian Theory and Armchair Theorizing”, *StephanKinsella.com* (Jul. 20, 2025 ); idem, “Roman Law and Hypothetical Cases”, *StephanKinsella.com* (Dez. 19, 2022); idem, “On Pushing the Button—the problem with magic”, *StephanKinsella.com* (Nov. 3, 2009), *Ibid.*, p. 380.

## 15. Rothbard, filósofo do Direito

estariam advogando o *prolongamento* do crime da injustiça.<sup>28</sup>

O que, então, Rothbard teria pensado de Milei e Trump, apresentados por muitos como defensores da liberdade, a partir de uma perspectiva gradualista sobre a necessidade de desmontar os estados progressivamente?

É absolutamente certo que Rothbard teria desmascarado ambos pelo que são: oportunistas políticos que usam alguns *slogans* libertários para buscar o fim que caracteriza todo político: enriquecer-se à custa dos outros e exercer poder.

Além disso, apenas uma questão teria sido suficiente para induzir Rothbard a rejeitar decisivamente tanto Milei quanto Trump: seu apoio incondicional às políticas sionistas do Estado de Israel. Rothbard sempre criticou de forma decisiva a política militarista e expansionista do Estado de Israel e a violação sistemática dos direitos de propriedade dos palestinos. Esse único argumento teria sido suficiente para rejeitar as políticas de Trump e Milei.<sup>29</sup>

Igualmente severo teria sido seu julgamento sobre a continuação da inflação monetária por ambos os presidentes, que os coloca nos antípodas da Escola Austríaca de Economia e do libertarianismo.

Por fim, se Rothbard estivesse vivo, teria claramente denunciado a tentativa de apropriação do movimento libertário por uma classe política que está surgindo após décadas de domínio da casta *woke* e da esquerda. A presidência de Trump está construindo um novo sistema de controle global baseado no uso massivo de inteligência artificial e sistemas globais de controle (reconhecimento facial, identidade digital). Por

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 380.

<sup>29</sup> Murray N. Rothbard, “A culpa pela guerra no Oriente Médio”, *Libertarian Institute* (9 de outubro de 2023), publicado originalmente em *Left and Right*, 3, n° 3 (Primavera-Outono de 1967): 20–30.

## 15. Rothbard, filósofo do Direito

trás da presidência Trump está um novo totalitarismo tecnocrático. Para torná-la atraente para as massas – cujo consentimento é sempre necessário para qualquer regime – é necessário apresentar a mudança de regime em curso com uma fachada externa que a torne palatável e aceitável.

Junto com a rejeição dos aspectos mais absurdos da ideologia *woke* e das políticas de esquerda que prevaleceram nos últimos anos, há a apresentação de *slogans* liberais e libertários que servem a um duplo propósito: por um lado, realizar uma contrarrevolução contra os movimentos de protesto que surgiram durante o período da pandemia de Covid-19, incorporando-os a uma narrativa governamental;<sup>30</sup> por outro, esvaziar o movimento libertário por dentro porque ele representa a única crítica radical e intransigente a qualquer atividade governamental.

Esse movimento libertário surgiu da fusão entre o anarquismo individualista de Lysander Spooner, Benjamin Tucker, Albert J. Nock e Frank Chodorov e a tradição liberal da Escola Austríaca de Economia. Uma fusão que constitui o mérito intelectual e o legado de Murray Rothbard.

É nossa tarefa assumir sua herança intelectual de defesa intransigente do radicalismo intelectual e da tensão inflexível em relação à liberdade individual como condição necessária e suficiente para a busca da felicidade.

---

<sup>30</sup> O sequestro de movimentos revolucionários pelas forças governamentais é uma estratégia bem estabelecida; veja Sheldon Richman, *America's Counter-Revolution: The Constitution Revisited* (Griffin & Lash: Ann Arbor, Michigan, 2016).



# 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Sean Gabb<sup>1</sup>

## **I: O homem sem a anedota**

Ao contrário de muitos outros colaboradores deste volume, nunca conheci Murray Rothbard. Nunca me correspondi com ele. Isso é, sem dúvida, uma perda para mim. Mas também é, sugiro eu, um ganho. Quando leio alguém que conheço – vamos pegar Hans-Hermann Hoppe como exemplo – não estou apenas considerando o que ele diz na página. Abro Hoppe e vejo Hoppe. Vejo suas pausas repentinas para organizar o raciocínio. Vejo o sorriso frio, embora levemente satisfeito consigo mesmo, que ele dá sempre que diz algo feito para provocar a máxima indignação de seus muitos inimigos. Ouço o seu suave sotaque alemão. Claro, eu o leio e o aprecio. Mas nunca o experimento da mesma forma que experimento Hume, Gibbon, Macaulay ou qualquer outra influência principal no meu próprio pensamento.

Quando leio Rothbard, não há contaminação cruzada que inevitavelmente vem de ser amigo do escritor. Isso significa que posso ter uma

---

<sup>1</sup> Sean Gabb, libertário e conservador inglês, é romancista e diretor do Center for Ancient Studies, uma academia que ensina grego e latim.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

visão mais distante e, portanto, menos tendenciosa. No que diz respeito a Rothbard, sugiro novamente que isso é uma vantagem.

Quando me assumi libertário pela primeira vez, no fim dos anos 1970, encontrei-me no que, já então, parecia um mundo intelectual limitado. Os demais libertários autodeclarados que conheci não diziam aquilo que eu pensava. Vou reunir esses homens sob o nome de Russell Chambers. Ele era de meia-idade. Era muito de classe média. Odiava os sindicatos e os culpava por tudo que havia dado errado no país. Ele tinha medo dos soviéticos e simpatizava com a promessa de Margaret Thatcher de uma postura mais dura na luta contra a Guerra Fria. Sim, ele queria menos imposto de renda – mas isso era claramente porque queria conservar uma fatia maior de seu confortável salário de profissional liberal e de seus dividendos. Sim, se pressionado, concordaria que as drogas deveriam ser legalizadas. Sim, se pressionado novamente, ele concordaria que todas as interações consensuais entre adultos deveriam ser legais – embora sempre acrescentasse algo desdenhoso sobre os grupos cujas interações preferidas não eram totalmente legais. Em geral, sua visão era que não havia muito de errado com o mundo que não fosse consertado por cinco ou dez anos de Margaret Thatcher.

Isso não era libertarianismo como eu o sentia. Tratava-se de um complemento fortemente antissindical, moderadamente conservador em matéria fiscal e moderadamente permissivo a um conservadorismo que, no mais, era convencional. Era um apelo por um estado mais ordenado e menos dispendioso, não por uma civilização diferente.

Quando conheci Chris Tame em 1979, meus horizontes libertários se ampliaram imediatamente.<sup>2</sup> Eu havia encontrado um mentor que via o libertarianismo como um desafio radical a toda a ordem estabelecida – a ordem estabelecida como ela era, como ela havia sido, e como

---

<sup>2</sup> Veja, por exemplo, Sean Gabb, “Chris Tame: Ten Years on 17 Votes Chris R. Tame: Ten Years After”, *Libertarian Alliance (Reino Unido)* (20 de março de 2016).

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

ambos cada vez mais acreditávamos estava se tornando. Suas próprias inspirações iniciais e contínuas foram Ayn Rand e Murray Rothbard. Nunca consegui me afeiçoar a Rand. Ela sempre me pareceu uma mulher histérica e tola, insistindo que um conjunto de afirmações vagamente conectadas sobre o mundo – algumas sensatas, outras não – seguiam todas de suas próprias premissas duvidosas tão certamente quanto as leis da geometria. Rothbard, por outro lado – ele era outra história.

Li *Por uma Nova Liberdade* logo depois de conhecer o Chris. Lamento que minha primeira reação tenha sido passar mais tempo discordando de suas premissas do que de suas conclusões. Sem dúvida, porém, fiquei impressionado e influenciado mais do que percebi na época. Li mais coisas dele. De novo, às vezes concordava com ele, às vezes não. Mas eu o li, e sua influência se aprofundou.

Ora, se eu estivesse escrevendo um livro inteiro sobre Rothbard, e não apenas um capítulo em um livro sobre ele, neste ponto eu faria uma lista e passaria a discutir sua vasta realização intelectual sob cada tópico, que naturalmente se ampliaria até formar um capítulo próprio. Mas estou escrevendo apenas um capítulo, então serei seletivo. Acho que onde mais me inspirei em Rothbard foram suas denúncias da guerra e das grandes empresas. Vou discutir isso. Antes, porém, deixe-me voltar à minha primeira experiência pessoal com o libertarianismo. Russell Chambers era uma agregação não apenas de ingleses, mas também de libertários americanos antes de Rothbard assumir o comando. Que o libertarianismo hoje em dia seja muito diferente deve-se em grande parte a Rothbard.

É comum dizer que os movimentos crescem de forma orgânica, que as ideias simplesmente amadurecem quando chega a hora certa. Isso é um absurdo romântico. Movimentos são construídos por homens que escrevem, organizam, brigam, recrutam e se recusam a ser silenciados. Se existe um movimento libertário moderno, e não apenas um conjunto de clubes excêntricos anti-impostos, isso se deve em grande medida ao fato de Rothbard tê-lo trazido à existência pela força de sua vontade.

## II. O arquiteto de um movimento

Murray N. Rothbard não inventou o antiestatismo. Ele não inventou a economia austríaca. Ele não inventou a teoria dos direitos naturais. O que ele fez foi fundi-los em um único sistema, propagar esse sistema com energia incansável e construir instituições que pudessem levá-lo além de sua própria vida.

O relato apresentado na biografia de Justin Raimondo, *An Enemy of the State*, deixa claro que a importância de Rothbard não se limitava à escrita de livros. Ele era um empreendedor intelectual no sentido estrito: um homem que entendia que ideias sem redes de apoio permanecem inertes.

A partir do final dos anos 1940, ele absorveu a tradição isolacionista e anti-New Deal da Velha Direita. Ele participou do seminário de Ludwig von Mises em Nova York. Ele devorou *Ação Humana*. Ele via que a economia austríaca, com sua insistência no individualismo metodológico e sua crítica à intervenção, poderia receber um corolário político mais radical do que o próprio Mises estava disposto a aceitar.

Em *Esquerda e direita – Perspectivas para a liberdade*,<sup>3</sup> Rothbard argumentava que o liberalismo clássico já fora uma doutrina revolucionária contra a Velha Ordem do trono e do altar, mas que no século XX as linhas haviam se confundido. O estado havia se tornado o predador universal, seja envolto em bandeirinhas conservadoras, seja em retórica socialista. A tarefa não era escolher entre esquerda e direita, mas ressuscitar a liberdade contra ambos.

Essa não era a linguagem de Russell Chambers. Não foi um apelo por cortes marginais de impostos dentro de um estado de bem-estar

---

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, *Left, Right, and the Prospects for Liberty* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010), publicado originalmente em *Left and Right* (primavera de 1965): 4–22.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

social e de guerra, de outra forma intacto. Foi um apelo ao que Rothbard, em *Por uma Nova Liberdade*, nomeou claramente: a abolição do estado como instituição de agressão.

Ele fundou periódicos. Ele ajudou a fundar o Partido Libertário. Colaborou na criação do Cato Institute. Mais tarde, ajudou a fundar o Mises Institute. A história institucional é complexa e nem sempre edificante. Houve brigas, divisões, expulsões e reconciliações. Mas o efeito cumulativo foi inconfundível. Agora existia um corpo de doutrina, uma rede de estudiosos, um conjunto de plataformas, de onde o libertarianismo podia falar com sua própria voz.

Stephan Kinsella observa que alguns críticos sugeriram que o Mises Institute poderia muito bem se chamar Rothbard Institute.<sup>4</sup> A crítica, ele observa, não é um insulto. Rothbard foi o aluno e expositor mais importante de Mises, e a principal força intelectual por trás do Instituto em seus anos formativos. A Property and Freedom Society, fundada por Hoppe, e seus membros são descritos como sendo, “em um sentido importante, filhos de Rothbard”. A linguagem é afetuosa, mas não sentimental. Registra um fato.

Um pensador que merece um *festschrift* é raro. Um pensador que merece dois é ainda mais raro. A fusão de Rothbard entre praxeologia e anarcocapitalismo criou o que Kinsella chama de “estrutura indispensável para o Austrolibertarianismo”. Os neologismos dos homens inferiores evaporaram. As categorias de Mises e Rothbard perduram.

Você pode discordar de elementos da teoria dos direitos naturais dele. Eu discordo, e espero não ser considerado hostil ao seu legado se eu disser que discordo. Você pode questionar se toda função do governo pode ser substituída por contratos privados. Você pode, como eu fiz, recuar de certas alianças táticas. Mas não se pode negar que sem Rothbard

---

<sup>4</sup> Veja o prefácio de Stephan Kinsella a este volume.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

não haveria movimento libertário moderno no sentido em que usamos o termo hoje.

E são para dois aspectos desse movimento que agora recorro: suas denúncias da guerra e sua demolição do mito das grandes empresas como vítimas.

### **III: Guerra – a saúde do estado**

A oposição de Rothbard à guerra não era um apêndice ao seu sistema. Não era um pensamento sentimental tardio. Era o centro lógico e moral de sua política. Se o estado é, como ele argumentou, uma organização que reivindica monopólio territorial na tomada de decisões finais e o poder de tributar, então a guerra é sua expressão mais elevada e terrível.

O ditado de Randolph Bourne – “A guerra é a saúde do estado” – foi entendido por Rothbard não como um *slogan*, mas como um axioma. Em “Guerra, paz e o estado”, ele escreveu com uma clareza ainda não superada:

A atitude básica do libertário em relação à guerra deve então ser esta: é legítimo usar violência contra criminosos em defesa de direitos à pessoa e à propriedade; é completamente inadmissível violar os direitos de outras pessoas inocentes.<sup>5</sup>

Não há margem para negociação aqui. A violência só é justificável contra agressores. A guerra moderna, que por sua natureza engole populações inteiras, não pode passar nesse teste.

---

<sup>5</sup> Murray N. Rothbard, “Guerra, paz e o estado”, *The Standard* (abril de 1963): 2–5, 15–16, republicado em *Igualitarismo como uma Revolta contra a Natureza & Outros Ensaios*, R. A. Childs, Jr., ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2000).

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Em *Esquerda e direita: Perspectivas para a liberdade*, Rothbard traçou a forma como o coletivismo de guerra na Primeira Guerra Mundial se tornou o modelo para o estatismo em tempos de paz. Planejamento central, cartéis industriais, ministérios de propaganda, controles de preços, trabalho compulsório: nada disso eram aberrações. Foram inovações nascidas da guerra e mantidas em paz. Ele descreveu o New Deal como, em grande medida, uma continuação da centralização em tempo de guerra. O estado descobriu em 1917 que podia regimentar a indústria e a opinião pública. Descobriu que empresários colaborariam se se lhes prometessem segurança e vantagens. Descobriu que o público, antes assustado e lisonjeado na mesma medida, aceitaria controles que, em tempos mais calmos, teriam provocado revolta.

Essa análise não é apenas revisionismo histórico. É uma visão estrutural. A guerra exige unidade. A unidade exige supressão da dissidência. A supressão da dissidência exige uma máquina jurídica e administrativa. Essa máquina não desaparece quando as armas se calam. Ela se torna normal.

Portanto, o isolacionismo de Rothbard não foi um retiro romântico do mundo. Era o corolário da política externa da ética libertária. Um estado em guerra se expande. Um estado que se expande não se contrai voluntariamente. Um povo que aprende a obedecer na guerra não redescobre imediatamente, na paz, os hábitos de resistência.

Ele rejeitava as justificativas convencionais da política externa norte-americana no século XX. A Guerra Fria, argumentava, era mais uma justificativa permanente para a militarização do que uma simples postura defensiva contra a expansão soviética. Em *An Enemy of the State*, Raimondo relata a disposição de Rothbard em se alinhar com a Nova Esquerda em oposição à Guerra do Vietnã.<sup>6</sup> Isso não foi porque ele

---

<sup>6</sup> Mas veja Llewellyn H. Rockwell, Jr., “Introdução”, em Murray N. Rothbard, *The Irrepressible Rothbard: The Rothbard-Rockwell Report Essays of Murray N. Rothbard* (Center for Libertarian Studies, 2000), p.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

compartilhava o programa doméstico deles. Isso foi porque ele via na guerra uma agressão injusta e uma alavanca para a expansão do estado em casa.

Você pode questionar a interpretação dele sobre conflitos específicos. Talvez eu seja menos indulgente do que ele foi com a Confederação, cuja defesa da autodeterminação se encaixava desconfortavelmente com a defesa da escravidão. Mas o princípio geral permanece sólido. A guerra moderna é travada por estados contra populações. Envolve conscrição, tributação, propaganda e, muitas vezes, massacres em massa de civis. Um libertário que faz as pazes com tal sistema deixou de ser libertário.<sup>7</sup>

A crítica de Rothbard se estendeu à linguagem moral da guerra. Ele desprezava a inflação da retórica que acompanhava toda mobilização. Inimigos eram *demônios*. Líderes eram *salvadores*. Dissidentes eram *traidores*. A difamação de que ele foi brando com o comunismo por se opor à Guerra da Coreia não foi uma aberração. Era a técnica padrão de uma mentalidade de guerra estendida à política geral.

Há um trecho em *Esquerda e direita: Perspectivas para a liberdade* em que ele descreve como os conservadores, sem esperanças de vitória interna, abraçaram as cruzadas estrangeiras como um substituto. Se o estado de bem-estar não pudesse ser revertido em casa, talvez pudesse ser redimido por meio de confrontos no exterior. Como ele escreve:

---

xv (explicando que as tentativas de dividir Rothbard em vários períodos são “altamente enganosas”).

<sup>7</sup> Sobre a Confederação, veja Murray N. Rothbard, “America's Two Just Wars: 1775 and 1861”, em John V. Denson, ed., *The Costs of War: America's Pyrrhic Victories*, 2ª edição expandida (New Brunswick: Transaction Publishers, 1999). Mas veja Rothbard, “Guerra, paz e o estado”, pp. 123–124, argumentando que, com armas modernas e guerra moderna, “Guerras de estado devem *sempre* ser condenadas”. Veja também a discussão de Tom DiLorenzo sobre essa questão em seu capítulo no presente volume.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Por muito tempo os conservadores se caracterizaram, quer o soubessem ou não, pelo pessimismo quanto às suas perspectivas a longo prazo, pela convicção de que a tendência política a longo prazo, e, portanto, o próprio tempo, está contra eles. A tendência inevitável apontaria, portanto, para o estatismo de esquerda nos Estados Unidos e para o comunismo no exterior. É essa desesperança quanto ao futuro distante que explica o otimismo sem dúvida bizarro do conservador em relação ao futuro próximo; pois, uma vez que abdica do futuro remoto como sem esperanças, o conservador sente que sua única possibilidade de êxito está no momento presente. No plano das relações externas, esse ponto de vista o impele a confrontos temerários com o comunismo [...]<sup>8</sup>

Isso era um falso consolo. Um governo que adquire poderes de emergência na guerra raramente os entrega na paz. Ele adquire novos hábitos e novos eleitorados.

Em nosso tempo, o padrão foi grotescamente confirmado. A legislação antiterrorismo torna-se o modelo para a vigilância geral. Controles financeiros introduzidos para sufocar o financiamento dos inimigos tornam-se ferramentas para regular transações comuns. A linguagem da emergência se torna permanente.

Portanto, a oposição libertária à guerra não é um simples acessório. É um reconhecimento de que a guerra é o motor mais eficiente da tirania doméstica já concebido. Ela cria dívida, burocracia, censura e uma classe política habituada ao comando. Ela treina o público para aceitar sacrifícios sem escrutínio.

---

<sup>8</sup> Rothbard, *Esquerda e direita – Perspectivas para a liberdade*, p. 5.

A denúncia da guerra por Rothbard foi intransigente porque ele via a ligação entre agressão estrangeira e despotismo doméstico. Um estado que pode bombardear uma vila no exterior pode prender um dissidente em casa. A barreira moral já foi ultrapassada.

#### **IV: Grandes empresas – o mito do gigante perseguido**

Se a guerra é a saúde do estado, as grandes empresas, na análise de Rothbard, muitas vezes são suas cúmplices voluntárias. Essa foi a segunda grande libertação que ele ofereceu àqueles de nós criados com uma dieta de libertarianismo ao estilo Russell Chambers.

A mitologia conservadora do final do século XX retratou as grandes empresas como vítimas da regulamentação. As corporações eram sufocadas por burocratas intrometidos e políticos socialistas. A tarefa do libertário era defender a empresa contra interferências.

Rothbard não negou que a regulamentação poderia ser opressiva. Ele negou que ela fosse principalmente projetada para conter os fortes. Em *Esquerda e direita: Perspectivas para a liberdade*, baseando-se em parte no trabalho de Gabriel Kolko, ele argumentou que grande parte da regulamentação da Era Progressista foi instigada pelas próprias grandes empresas.<sup>9</sup> Quando a concorrência se mostrava inconveniente, quando

---

<sup>9</sup> Veja, por exemplo, Murray N. Rothbard, “Confissões de um esquerdista de direita”, *Ramparts* VI, 4 (15 de junho de 1968), republicado no *Mises Daily* (2 de março de 2022), criticando a visão de Ayn Rand de que as grandes empresas são “a minoria mais perseguida dos EUA” e ecoando as observações de Gabriel Kolko sobre como as grandes empresas há muito se beneficiaram e apoiaram vários tipos de estatismo do bem-estar social e regulação federal. Veja também Murray N. Rothbard “Origins of the Welfare State in America”, em *The Progressive Era* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2017), originalmente publicado como “Origins of the Welfare State in America”, *J. Libertarian Studies* 2, n° 2 (Outono de 1996): 193–232; idem, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

os cartéis eram instáveis sob pressão do mercado, o estado podia ser convidado a estabilizá-los. A Interstate Commerce Commission não restringiu exatamente as ferrovias, mas regularizou seus preços. O Federal Reserve System não exatamente disciplinava os banqueiros, mas os cartelizava.

Nesse contexto, a regulação passa a ser menos um controle sobre o poder e mais um meio de consolidá-lo. Firmas pequenas têm dificuldade de cumprir as regulamentações. Grandes empresas absorvem o custo e se aproveitam da concorrência reduzida. O estado se torna o árbitro e garantidor da participação de mercado.

A crítica de Rothbard ao “capitalismo monopolista de estado” era, portanto, uma faca de dois gumes. Ele atacou o estado por conceder

---

(Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006), p. 388 e pass.; idem, *A Traição da Direita Americana*, Thomas E. Woods, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007), pp. 185–86, e citando Albert Jay Nock, p. 22 (“A simples verdade é que nossos empresários não querem um governo que deixe as empresas em paz. Eles querem um governo que eles possam usar. Ofereça a eles um feito no modelo de Spencer, e eles prefeririam que o país explodisse antes de aceitar.”).

Veja também Timothy P. Carney, *The Big Ripoff: How Big Business and Big Government Steal Your Money* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006) e Llewellyn H. Rockwell, Jr., “The Economics Of Discrimination”, em *Speaking of Liberty* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2003), p. 99 (“Uma forma de a ADA [Americans with Disabilities Act] ser aplicada é por meio do uso de ‘testadores’ governamentais e privados. Esses agentes, que vão querer encontrar toda a ‘discriminação’ possível, aterrorizam as pequenas empresas. Quanto menor a empresa, mais é prejudicada pela ADA. É em parte por isso que as grandes empresas apoiaram isso. Que bom ter o governo batendo na concorrência em ascensão.”) Mas veja Robert L. Bradley, Jr. e Roger S. Donway, “Reconsidering Gabriel Kolko: A Half-Century Perspective”, *The Independent Review* (primavera de 2013).

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

privilégios; ele atacou as grandes empresas por tentar obtê-los. A aliança entre os dois não era uma aberração, mas um padrão.

Em *A grande depressão americana*, Rothbard demoliu a imagem de Herbert Hoover como um apóstolo *laissez-faire*. Hoover era, na versão de Rothbard, um corporativista que buscava manter artificialmente os salários e usar o governo para sustentar empresas em falência. A Depressão não foi produto de um capitalismo não regulamentado. Foi produto da expansão do crédito e da intervenção.

Essa análise ressoou muito mais comigo do que o catecismo thatcherista de que “o mercado” era adoração aos grandes bancos, e que “os bons velhos tempos” valiam a pena ser trazidos de volta, e poderiam ser trazidos de volta por uma liderança forte. Mesmo enquanto isso era pregado, o estado policial cresceu e as impressoras continuaram a funcionar. Se as taxas de juros forem manipuladas, se o crédito for ampliado pelos bancos centrais, se os déficits forem monetizados, a expansão e a recessão resultantes não podem ser justificadas como resultado de alguns defeitos incidentais de política. Taxas artificialmente baixas geram mau investimento. Taxas artificialmente altas destroem empresas que seriam viáveis. Em ambos os casos, o culpado é a intervenção. E a intervenção é igualmente ruim, seja fruto de um governo que se autodenomina de “esquerda” ou de “direita”.

Critiquei longamente a Sra. Thatcher em outros lugares por impor altas taxas de juros enquanto mantinha grandes déficits, esmagando assim a indústria. Essa análise deve mais a Rothbard e à tradição austríaca do que eu admiti em outros tempos. Um mercado distorcido pela política monetária não é um mercado. Um capitalismo dependente do privilégio estatal não é capitalismo.

Rothbard rejeitou a descrição de Ayn Rand das grandes empresas como “a minoria mais perseguida dos EUA”. Ele via, em vez disso, uma simbiose. As corporações se beneficiam da responsabilidade limitada, do acesso ao crédito do banco central, de contratos governamentais e das barreiras regulatórias à entrada. Elas fazem lobby por subsídios, por tarifas, por resgates. Quando a crise acontece, elas são grandes demais para falir.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Isso não é um argumento contra a empresa. É um argumento contra o privilégio. Um mercado genuinamente livre permitiria que as empresas subissem e caíssem. Não socializaria perdas enquanto privatizasse ganhos. Não criaria uma oligarquia de corporações protegidas da concorrência por lei.

A percepção de que as grandes empresas frequentemente adoram o grande governo foi, para mim, libertadora. Libertou o libertarianismo da suspeita de que ele era apenas uma defesa dos interesses das reuniões de conselho das empresas. Isso me permitiu criticar a assistência social corporativa com a mesma ferocidade que criticamos a assistência social para indivíduos. Isso restaurou a vertente radical.

Rothbard chegou a sugerir, em certos contextos, que empresas fortemente dependentes do privilégio estatal poderiam ser “nacionalizadas” no sentido de serem despojadas desse privilégio e seus bens redistribuídos para aqueles com reivindicações de apropriação original.<sup>10</sup> Você pode torcer o nariz diante dessa retórica. O ponto subjacente é que os direitos de propriedade adquiridos por coerção não são sagrados.

Aqui, como em outros lugares, você pode discordar sobre detalhes. Mas a linha geral é inegável. Um libertário que não consegue distinguir entre troca de mercado e corporativismo amparado pelo estado está defendendo uma caricatura.

As denúncias de Rothbard contra a guerra e as grandes empresas não eram temas separados. Eles convergiram no complexo militar-industrial. Contratos de guerra enriquecem corporações. As corporações fazem lobby por intervenção. A dívida financia ambos. O público paga.

---

<sup>10</sup> Mas veja Stephan Kinsella, “Rothbard on the ‘Original Sin’ in Land Titles: 1969 vs. 1974”, *StephanKinsella.com* (5 de novembro de 2014).

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Uma sociedade que trava guerra perpétua e sustenta o privilégio corporativo não é uma sociedade livre. É uma oligarquia na qual elites políticas e econômicas se entrelaçam.

Para aqueles de nós que começaram como conservadores ingleses com simpatias libertárias, essa foi uma educação revigorante. O inimigo não eram apenas impostos altos. Era o sistema de poder que unia burocratas e salas de reunião de conselho de empresas em mútua vantagem.

### **V: Recuperação, realismo e a Libertarian Alliance**

Pode-se objetar que as denúncias de Rothbard contra a guerra e as grandes empresas eram abrangentes demais, absolutas demais, relutantes demais em acomodar as concessões da vida política. Há força nessa objeção. Ele não era gradualista. Ele não moderou suas conclusões por medo de alienar doadores ou jornalistas. Ele tinha, como fica claro na biografia de Raimondo, pouca paciência com aqueles que buscavam respeitabilidade ao custo da clareza.

E ainda assim é justamente essa recusa em diluir princípios que deu ao seu pensamento seu poder duradouro. Em uma época em que tantos que se autodenominavam libertários se contentavam em ajustar as velas do Leviathan, ele insistiu em traçar um curso diferente.

Minha própria posição nunca foi idêntica à dele. Não sou anarquista no sentido estrito. Considero o princípio da não agressão mais uma aspiração moral limitada pelas circunstâncias do que um teorema da geometria. Eu valorizo continuidade, costumes e as liberdades históricas da Inglaterra tanto quanto valorizo a teoria abstrata. Desconfio de esquemas que prometem paraíso assim que o estado for abolido. Estou consciente da fragilidade da ordem.

Mas foi Rothbard quem me ensinou que você pode combinar realismo sobre a sociedade com radicalismo sobre poder. Seu trabalho histórico, desde *A grande depressão americana* até seus ensaios revisionistas sobre a política externa americana, não foi obra de um sonhador. Foi forense. Examinou quem se beneficiava, quem fazia lobby, quem

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

financiava, quem administrava. Ele não perguntou o que os governos afirmavam, mas o que eles faziam.

Em *Esquerda e direita*, ele descreveu como o liberalismo do século XIX já foi revolucionário contra a monarquia e o mercantilismo, apenas para ser substituído por novas formas de privilégio estatal no século XX. Os rótulos mudaram. A substância resistiu. Essa percepção não perdeu nada de sua força. O estado gerencial, alternadamente envolto em retórica conservadora ou progressista, permanece uma máquina de extração.

Sua crítica ao New Deal como uma extensão do coletivismo de guerra é ecoada, em um tom diferente, em nossas próprias críticas à expansão do estado britânico sob o pretexto do estado de emergência. Seja a emergência colapso econômico, pandemia, mudança climática ou guerra estrangeira, o padrão se repete. Poderes são reivindicados. As instituições são consolidadas. A dissidência é marginalizada.

Basta olhar para a proliferação de agências reguladoras, a interligação entre finanças e governo, o uso da retórica de guerra para justificar controles internos, para perceber que os alertas de Rothbard não eram produto da idiossincrasia americana. Eles se aplicam a todos os estados avançados.

É verdade que ele formou alianças que deixaram alguns de seus amigos desconfortáveis. Sua cooperação temporária com elementos da Nova Esquerda em oposição ao Vietnã surpreendeu aqueles que viam ali apenas inimigos ideológicos. Sua posterior virada paleolibertária, buscando um terreno comum com os paleoconservadores, foi igualmente controversa. Você pode julgar algumas dessas decisões táticas com rigor. Eu mesmo já fiz isso em algumas ocasiões.

Mas há uma diferença entre julgar mal os aliados e julgar mal o inimigo. Sobre o segundo, Rothbard quase sempre estava certo. O inimigo não era apenas o socialismo em sua forma explícita. Era o estatismo em todas as suas formas. Era a suposição de que a sociedade deveria ser dirigida de cima, que a riqueza deve ser canalizada por favores políticos, que a guerra é um instrumento legítimo de política, que as corporações podem se envolver com o poder sem corromper ambos.

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

Para um conservador inglês em recuperação, essa foi uma lição difícil. O velho toryismo no qual eu estava imerso acreditava em governo limitado, em propriedade privada, em continuidade. Ele nem sempre percebeu o quão completamente esses ideais haviam sido esvaziados pelo século XX. Nem sempre viu que o império, as guerras, o banco central e o aparato regulatório não eram conchas protetoras em torno da liberdade, mas restrições sobre ela.

Rothbard forçou a questão. Ele estripou os mitos reconfortantes. Ele perguntou se um estado que trava uma guerra total, que tributa e infla à vontade, que privilegia corporações, que policia a opinião, pode plausivelmente ser descrito como limitado. Ele respondeu negativamente.

Isso não significa que toda pergunta prática admita uma solução rothbardiana. Argumentei, por exemplo, que em um mundo já deformado pelo privilégio estatal, algumas regulamentações contraditórias podem ser justificadas para compensar a coerção estrutural. Defendi o uso de passaportes e controles de fronteira em um mundo de estados de bem-estar social e turbulência demográfica. Essas são acomodações às circunstâncias, não rejeições de princípio.

O fim permanece o que Rothbard declarou sem hesitação: uma ordem social baseada em troca voluntária, propriedade privada e a limitação estrita da violência à defesa contra agressão. O caminho para esse objetivo nem sempre é óbvio. Ele está entrelaçado com história, cultura e fragilidade humana. Mas o fim não deve ser esquecido.

É aqui que a importância do legado institucional de Rothbard se torna mais evidente. O Mises Institute, a Property and Freedom Society, os diversos periódicos e conferências que levam sua marca não são meros memoriais. São campos de treinamento. Eles mantêm viva uma mente que se recusa a santificar a guerra ou a se ajoelhar diante do poder corporativo.

A observação de Kinsella de que o Mises Institute poderia muito bem ser chamado de Instituto Rothbard é mais um reconhecimento do que um exagero. O arcabouço intelectual dentro do qual o

## 16. Rothbard: uma apreciação da Inglaterra

austrolibertarianismo hoje opera é em grande parte dele. Mesmo aqueles que discordam de seu anarquismo operam dentro de categorias que ele definiu.

A Libertarian Alliance, à sua maneira modesta, está firme nesses passos. Desde seus primeiros dias sob Chris Tame, passando pelo meu longo mandato, até sua liderança atual, tentou propagar um libertarianismo que não é nem uma defesa do capitalismo de salas de reunião de conselho das grandes empresas nem uma paródia do conservadorismo. Opôs-se à guerra, seja em nome do anticomunismo ou da intervenção humanitária. Criticou o bem-estar social corporativo com a mesma veemência que criticou o estatismo do bem-estar social. Insistiu na liberdade de expressão mesmo quando essa liberdade é usada para nos atacar.

Nem sempre concordamos com Rothbard. Às vezes temperamos suas conclusões com cautela inglesa. Mas o desafio radical a toda a ordem estabelecida que me atraiu pela primeira vez em 1979 foi, em grande parte, seu dom.

Apreciar Rothbard não é canonizá-lo. É reconhecer que ele restaurou ao libertarianismo sua aresta. Ele o tornou novamente uma doutrina capaz de enfrentar o poder em todas as suas formas. Ele nos lembrou que guerra não é glória, mas coerção em grande escala, que as grandes empresas nem sempre são vítimas, mas frequentemente beneficiárias de privilégios concedidos pelo estado, e que a liberdade, se for para ter algum significado, deve ser defendida sem concessões.

Para um conservador inglês em recuperação, isso foi, e continua sendo, um tônico necessário. E para a Libertarian Alliance, é uma herança que somos obrigados a honrar – não com incenso, mas com argumentos.

Murray Rothbard não apenas escreveu contra o estado. Ele ajudou a criar um movimento que continua a fazê-lo. Nesse sentido, quaisquer que sejam nossas discordâncias, caminhamos à sua sombra – e, se tivermos coragem, seguimos seus passos.



# **17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais: a política de imigração como o ápice do libertarianismo rothbardiano**

David Howden<sup>1</sup>

## **1. Introdução**

As contribuições de Murray Rothbard para a economia, filosofia política e teoria econômica austríaca moldaram significativamente o anarcocapitalismo e o libertarianismo moderno. A imigração oferece uma ilustração particularmente clara da evolução de seu pensamento. Este capítulo examina a trajetória intelectual de Rothbard desde seu apoio inicial à livre circulação até sua ênfase posterior nos direitos de propriedade e na governança privada. Essa posição final estabelece uma abordagem distintamente baseada no mercado para a política de imigração.

---

<sup>1</sup> David Howden (david.howden@slu.edu) é professor de Economia na Saint Louis University – Campus Madrid, Madri, Espanha.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

A evolução de Rothbard não foi uma capitulação ao nativismo ou à conveniência política, como alguns críticos alegaram.<sup>2</sup> Na verdade, ela representou uma aplicação rigorosa dos princípios anarcocapitalistas a um problema que ele não havia considerado plenamente em seu trabalho anterior. A trajetória de seu pensamento oferece luzes valiosas para libertários contemporâneos que lidam com um dos debates políticos mais controversos de nosso tempo. Mais importante ainda, a ênfase de Rothbard na privatização e no consentimento aponta para soluções que transcendem o debate entre fronteiras abertas impostas pelo estado e restrições impostas pelo estado.

Quando escreveu “Nações por consentimento” em 1994,<sup>3</sup> Rothbard desenvolveu uma estrutura sofisticada que reconhecia tanto a importância da coesão cultural quanto a primazia dos direitos de propriedade. Esse arcabouço nos ajuda a entender como os mercados podem resolver problemas de imigração que os governos não conseguiram resolver. Rothbard ofereceu um caminho além do debate entre fronteiras abertas e fechadas, transferindo as decisões de imigração para proprietários e associações voluntárias.

## **2. Visões libertárias tradicionais sobre imigração**

O debate libertário sobre imigração há muito tempo apresenta uma tensão fundamental entre dois grupos, cada um alegando fidelidade a princípios centrais. Defensores das fronteiras abertas, como Walter Block e Bryan Caplan, argumentam que as restrições impostas pelo

---

<sup>2</sup> Brian Doherty, *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement* (PublicAffairs, 2007), p. 417; Sheldon Richman, “TGIF: Immigration vs. Settler Colonialism”, The Libertarian Institute (13 de fevereiro de 2026).

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, “Nações por consentimento: Desconstruindo o Estado-nação”, *J. Libertarian Stud.* 11, n° 1 (Outono de 1994), 1–10.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

estado violam a liberdade individual e a autopropriedade.<sup>4</sup> Se os indivíduos são donos de si mesmos, eles devem ser livres para atravessar fronteiras políticas arbitrárias. Eles enfatizam os benefícios econômicos da mobilidade laboral e argumentam que, com direitos de propriedade robustos e liberdade de associação, não haveria necessidade de controles impostos pelo estado. Proprietários poderiam excluir quem quisessem, enquanto aqueles que acolhessem imigrantes poderiam fazê-lo voluntariamente.

Os defensores das fronteiras abertas geralmente defendem seus argumentos com base em questões econômicas – que isso eleva a riqueza total – em vez de direitos de propriedade ou considerações culturais. Eles enfatizam que permitir que indivíduos se movam livremente aumenta o PIB global, aumenta os salários dos imigrantes e amplia a escolha do consumidor, gerando ganhos líquidos para a sociedade. Caplan, por exemplo, calcula que a migração irrestrita poderia aumentar a renda global em trilhões de dólares, comparando restrições a uma política que reduz arbitrariamente a riqueza enquanto viola a liberdade individual de circulação.<sup>5</sup> Embora reconhecendo que algumas perturbações locais podem ocorrer, os pensadores proponentes de fronteiras abertas tratam essas questões como menores em relação aos benefícios econômicos esmagadores, argumentando que mercados, demanda por trabalho e acordos contratuais voluntários naturalmente mediarão potenciais conflitos.

O campo restricionista, representado de forma proeminente por Hans-Hermann Hoppe e pelo Rothbard tardio, desafia essas premissas enquanto mantém o compromisso libertário.<sup>6</sup> Eles observam que vastas

---

<sup>4</sup> Walter E. Block, “A Libertarian Case for Free Immigration”, *J. Libertarian Stud.* 13, no. 2 (1998): 167–186; Bryan Caplan, “There Is a Strong Case for Open Borders”, *Foundation for Economic Education* (10 de abril de 2019).

<sup>5</sup> Caplan, “There Is a Strong Case for Open Borders”, pp. 45–46.

<sup>6</sup> Hans-Hermann Hoppe, “Sobre Imigração Livre e Integração Forçada”, *LewRockwell.com* (1º de junho de 1999) (também publicado em

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

áreas de terra – ruas, parques, espaços públicos – são de propriedade estatal e financiadas pelos pagadores de impostos. Quando os imigrantes usam esses recursos, eles impõem custos aos residentes existentes que não têm voz na decisão de assumir esses custos. Mais fundamentalmente, os restricionistas argumentam que as atuais fronteiras abertas impostas pelo estado representam integração forçada, não liberdade de associação. Quando os estados forçam as comunidades a aceitar imigrantes ao conceder-lhes acesso a espaços públicos e benefícios sociais, eles violam os direitos de propriedade e as preferências associativas dos residentes existentes.

Hoppe enfatiza a dimensão cultural da imigração.<sup>7</sup> A imigração irrestrita pode transformar o caráter da sociedade, potencialmente minando aquelas instituições – direitos de propriedade, Estado de Direito, governo limitado – que tornam possível uma sociedade livre. Se imigrantes de culturas que não possuem essas tradições receberem imediatamente direito ao voto, podem votar em políticas antitéticas à liberdade. Essa preocupação se intensifica em estados de bem-estar social, onde os imigrantes podem votar por benefícios pagos por outros. Hoppe argumenta que “em uma ordem libertária totalmente privatizada não existe tal coisa como direito à imigração livre. Propriedade privada implica fronteiras e o *direito de exclusão*”.<sup>8</sup>

Ambos os lados concordam que o sistema atual controlado pelo estado é profundamente falho; eles discordam sobre a direção da reforma

---

idem, *Democracia – o deus que falhou* (Transaction, 2001); idem, “Em defesa do Livre Comércio e da Imigração Restrita”, *J. Libertarian Stud.* 13 n° 2 (verão de 1998): 221–233 (também em *A Grande Ficção*, Segunda Edição Expandida (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021). Veja também fontes relacionadas citadas no capítulo de Josef Šíma neste volume.

<sup>7</sup> Hans-Hermann Hoppe, “Ordem Natural, o Estado e o Problema da Imigração”, *J. Libertarian Stud.* 16, n° 1 (Inverno 2002): 75-97 (também em *A Grande Ficção*).

<sup>8</sup> “Em defesa do Livre Comércio e da Imigração Restrita”, p. 221.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

e sobre quem deve tomar decisões sobre imigração em uma sociedade não ideal. Defensores das fronteiras abertas acusam os restricionistas de fazer causa comum com nacionalistas xenofóbicos e de sacrificar direitos universais pela preservação cultural. Restricionistas contrapõem que defensores das fronteiras abertas ignoram ingenuamente os estados de bem-estar social e as realidades democráticas, perseguindo ideais abstratos à custa de comunidades libertárias viáveis. No entanto, ambos os lados reconhecem o mesmo problema fundamental: a imigração controlada pelo estado fracassa sistematicamente em equilibrar interesses legítimos concorrentes, produzindo resultados que não satisfazem ninguém e geram conflito social.

### **3. A evolução das visões de Rothbard sobre imigração**

Em *Homem, Economia e Estado*, particularmente na seção *Poder e Mercado*, Rothbard analisou as restrições à imigração sobretudo pela ótica da economia do trabalho, tratando-as como uma forma de licenciamento profissional que beneficia os trabalhadores já estabelecidos, em detrimento dos trabalhadores estrangeiros e dos consumidores.<sup>9</sup> Ele argumentou que as restrições à imigração representam “concessões geográficas de oligopólio” interferindo no equilíbrio do mercado (p. 1107). Essa visão inicial refletia a base de Rothbard na economia austríaca e sua preocupação com a forma como a intervenção governamental distorce os mercados – uma visão consistente com seu mentor Mises, que também tratava a imigração como uma questão econômica.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, edição acadêmica, segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), pp. 1107–1111).

<sup>10</sup> Ludwig von Mises, *Liberalismo*, trad. Ralph Raico, trad., 3ª ed. (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1985 [1927]), p. 105).

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

Durante as décadas de 1970 a 1980, os escritos de Rothbard sobre imigração permaneceram esparsos, mas favoráveis à livre circulação. Em seu ensaio de 1980 sobre refugiados cubanos fugindo do regime de Castro, ele defendeu apaixonadamente a imigração, declarando que, para ser “a terra da liberdade, devemos retornar à política tradicional americana anterior à Primeira Guerra Mundial de acolher imigrantes”.<sup>11</sup> Esse argumento refletia tanto o anticomunismo quanto os princípios libertários, embora ele ainda não tivesse lidado totalmente com as implicações do estado de bem-estar social ou aplicado sistematicamente seu quadro teórico anarcocapitalista.

O colapso da União Soviética motivou uma reconsideração fundamental. Em “Nações por consentimento”, publicado pouco antes de sua morte, Rothbard articulou uma posição dramaticamente diferente, fundamentada em rigorosos princípios anarcocapitalistas. Ele explicou: “Comecei a repensar minhas opiniões sobre imigração quando, com o colapso da União Soviética, ficou claro que russos étnicos haviam sido incentivados a invadir a Estônia e a Letônia para destruir as culturas e línguas desses povos”.<sup>12</sup>

Esse exemplo soviético ilustra como a imigração poderia ser usada como arma para destruir culturas distintas e como a imigração ilimitada poderia minar a coesão social. Mais importante ainda, Rothbard reconheceu sua falha em aplicar o anarcocapitalismo de forma consistente à imigração:

[...] ao repensar a imigração com base no modelo anarcocapitalista, ficou claro para mim que um país totalmente privatizado não teria “fronteiras abertas” de jeito nenhum. Se cada pedaço de terra em um país fosse propriedade de alguma pessoa, grupo ou

---

<sup>11</sup> Murray N. Rothbard, “From Cuban to American Socialism”, *Reason* (dez. 1980), p. 60.

<sup>12</sup> Rothbard, “Nações por consentimento”, p. 6.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

corporação, isso significaria que nenhum imigrante poderia entrar lá a menos que fosse convidado a entrar e autorizado a alugar ou comprar propriedades. Um país totalmente privatizado seria tão “fechado” quanto desejassem seus habitantes e proprietários particulares.<sup>13</sup>

Essa percepção marcou uma mudança decisiva em sua análise. Rothbard reconheceu que a posição moderna de “fronteiras abertas” representa a integração forçada imposta pelos estados. Os estados, que possuem todas as ruas e terras públicas, concedem acesso aos imigrantes sem o consentimento dos pagadores de impostos que financiam esses espaços. Em contraste, sociedades totalmente privatizadas não teriam espaços “públicos” onde qualquer pessoa pudesse reivindicar direitos de entrada. Cada metro quadrado seria de propriedade privada, e a imigração ocorreria apenas por convite e contrato voluntário. Essa constatação reformulou o debate sobre imigração em termos de propriedade e consentimento.

Rothbard também identificou incompatibilidade do estado de bem-estar social com a imigração livre, observando que os estados “subsidiaram cada vez mais imigrantes para entrar e receber assistência permanente”, criando incentivos perversos e impondo custos aos residentes. O problema foi agravado pelas leis de cidadania por nascimento, particularmente o modelo anglo-americano, onde qualquer bebê nascido em solo nacional automaticamente se torna cidadão com direito a benefícios de cidadania (e assistência social). Esse sistema, argumentou Rothbard (p. 9), “claramente é um convite à imigração em busca de assistencialismo aos futuros pais”, transformando a imigração em um mecanismo de acesso a benefícios governamentais, em vez de uma busca por oportunidades econômicas por meio de trabalho produtivo.

A evolução de Rothbard surgiu da consistência intelectual, da observação empírica e do desenvolvimento teórico. Ao aplicar

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 7.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

sistematicamente os princípios dos direitos de propriedade à imigração, ele reconheceu que as fronteiras abertas impostas pelo estado violavam os direitos de propriedade tão certamente quanto as fronteiras fechadas impostas pelo estado. A questão deixou de ser se os estados deveriam controlar a imigração, mas sim como minimizar o controle estatal e maximizar a tomada de decisões privadas. Essa posição madura reconheceu a complexidade sem abandonar princípios, abrindo portas para soluções de imigração genuinamente baseadas no mercado.

### **4. A necessidade de um mercado de imigração**

A imigração é fundamentalmente um problema de alocação de recursos que pode ser mais bem resolvido por meio de mecanismos de mercado do que por meio de planejamento central. Como já observei em outro lugar:

O problema *central* dos vários planos de imigração não é a ameaça – real ou percebida – de que imigrantes virão usar bens públicos e o sistema de bem-estar social sem contribuir adequadamente para sua manutenção. O problema central é garantir que ambos os lados da transação se submetam voluntariamente a ela e sejam remunerados de acordo. Discussões sobre os custos e benefícios da imigração, comuns na literatura, são subsidiárias a essa consideração central.<sup>14</sup>

Os debates *mainstream* permanecem presos em estruturas estatistas, assumindo que os governos devem decidir o número de imigrantes, origens, qualificações e condições. Até mesmo estudiosos amplamente libertários aceitam essa premissa, discordando apenas sobre os

---

<sup>14</sup> David Howden, “Imigração e fundo de subsistência”, em *Uma vida dedicada à liberdade*, Jörg Guido Hülsmann e Stephan Kinsella, eds. (Houston, Texas: Papinian Press, 2024), p. 171.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

critérios.<sup>15</sup> Um mercado de imigração genuíno transcenderia esse debate substituindo a tomada centralizada de decisões do estado por escolhas privadas descentralizadas, aproveitando preços e trocas voluntárias para conectar imigrantes com comunidades, empregadores e proprietários de imóveis.

Os sistemas atuais de imigração exibem várias características associadas ao planejamento centralizado. Os burocratas do governo, sem conhecimento ou incentivos para uma alocação eficiente, estabeleceram cotas arbitrárias com base em considerações políticas. Os resultados incluem tanto escassez generalizada *quanto* excedentes: empregadores desesperados não conseguem encontrar trabalhadores, e candidatos qualificados definham em filas que duram décadas, ou migrantes não autorizados cruzam fronteiras ilegalmente para atender à demanda real de trabalho que os canais legais não conseguem absorver. Os custos são substanciais – empresas abrem mão de oportunidades, famílias permanecem separadas, indivíduos talentosos enfrentam exclusão –, enquanto a fiscalização exige gastos massivos que, de outra forma, poderiam ser usados de maneira produtiva.

Um mercado de imigração que funcionasse adequadamente teria o patrocínio privado como seu fundamento. A imigração ocorreria por meio de convites e contratos explícitos entre imigrantes e patrocinadores – empregadores, famílias, organizações comunitárias ou grupos de investimento. Ninguém teria direito de entrada automática; na verdade, a entrada exigiria que anfitriões dispostos assumissem a responsabilidade pelo imigrante. Isso aborda diretamente a preocupação de Rothbard com

---

<sup>15</sup> Veja, por exemplo, Gary S. Becker, *The Challenge of Immigration — a Radical Solution* (Londres: The Institute of Economic Affairs, 2011); Richard K. Vedder, “Immigration Reform: A Modest Proposal”, em Benjamin Powell, ed., *The Economics of Immigration: Market-Based Approaches, Social Science, and Public Policy* (Oxford: Oxford University Press, 2015), pp. 145–166.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

a integração forçada.<sup>16</sup> Se todo imigrante precisa de patrocinadores, a imigração ocorre apenas por associação voluntária, não por imposição estatal. As comunidades podem escolher patrocinar imigrantes com base em suas preferências e avaliações, refletindo consentimento genuíno e não imposição burocrática.

Princípios adicionais incluem bens públicos condicionais e acesso a assistência social. Em nosso mundo não ideal, onde existem bens públicos e assistência social, os imigrantes poderiam receber diferentes níveis de acesso com base em acordos de patrocínio. Patrocinadores podem garantir que os imigrantes não usarão assistência pública, depositando títulos perdidos caso os imigrantes se tornem ônus públicos, ou paguem taxas compensando o uso esperado da infraestrutura.<sup>17</sup> Baseando-nos no conceito austríaco de fundo de subsistência – o estoque de capital acumulado e herdado do passado –, podemos entender que “os cidadãos, ao longo da história de um país, pagaram parte de sua renda para um fundo comum”, que financiou instituições públicas responsáveis por facilitar o funcionamento da economia.<sup>18</sup> Seja qual for a opinião de cada um sobre sua legitimidade, essas instituições são financiadas pelos pagadores de impostos e constituem capital público acumulado. Quando novos imigrantes chegam sem compensar os cidadãos existentes, eles diluem o quinhão de cada cidadão nesses ativos públicos acumulados. Os mecanismos de mercado internalizariam essas externalidades, tornando a imigração politicamente sustentável.

---

<sup>16</sup> Rothbard, “Nações por consentimento”, p. 7.

<sup>17</sup> Percebe-se imediatamente a semelhança com os argumentos de Hoppe sobre a conveniência de usar companhias de seguros para resolver o problema da ação coletiva da defesa nacional. Veja Hoppe, *Democracia – o deus que falhou*, pp. 228–34; idem, “A produção privada de segurança”, *J. Libertarian Stud.* 14, n° 1 (Inverno 1998–99): 27–52, também em *A Grande Ficção*.

<sup>18</sup> Howden, “Imigração e o fundo de subsistência”, p. 177.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

Um *status* jurídico em camadas, em vez das atuais divisões binárias entre legal e ilegal, permitiria diversos *status* intermediários determinados contratualmente, com arranjos flexíveis concebidos em benefício mútuo. A variação local representa outro princípio fundamental: diferentes comunidades adotariam abordagens migratórias distintas, refletindo diferentes preferências e circunstâncias. Algumas poderiam recrutar ativamente imigrantes por dinamismo econômico; outros poderiam restringir severamente a imigração para preservar seu caráter existente. Os mercados acomodariam essa diversidade, permitindo que as pessoas votassem com os pés.

Vários mecanismos práticos poderiam operacionalizar um mercado de imigração. O patrocínio do empregador, quando os empregadores patrocinam trabalhadores necessários, assumindo a responsabilidade de conduta e concordando com a repatriação caso o emprego se encerre, alinha diretamente os interesses dos patrocinadores com os resultados da imigração. A imigração baseada em investimentos permite a entrada mediante substancial investimento de capital, representando um mercado no valor que os imigrantes ricos trazem. O patrocínio comunitário permite que congregações religiosas, associações étnicas ou organizações de bairro patrocinem imigrantes, garantindo apoio financeiro e integração cultural, distribuindo custos e benefícios para aqueles que voluntariamente escolhem arcar com esses recursos.

Mecanismos de seguro e de caução poderiam atender a preocupações relativas a imigrantes que se tornassem encargos públicos ou cometessem crimes. Os patrocinadores, ou os próprios imigrantes, poderiam contratar seguros para indenizar vítimas de crimes ou cobrir custos assistenciais. A precificação atuarial criaria fortes incentivos para selecionar imigrantes confiáveis e estimular comportamentos responsáveis, oferecendo incentivos mais poderosos do que a supervisão burocrática.

## **5. Compatibilidade com a visão final de Rothbard**

A posição madura de Rothbard em “Nações por consentimento” fornece uma base teórica para a imigração baseada no mercado. As

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

comunidades devem se separar livremente, juntar-se a outras ou permanecer independentes com base em escolhas voluntárias. Da mesma forma, os mercados de imigração permitem que as comunidades definam suas próprias políticas por meio das escolhas agregadas de proprietários e residentes. Isso contrasta fortemente com os sistemas atuais, onde os estados forçam uniformidade, sobrepondo-se às preferências locais.

Quanto às considerações em relação ao bem-estar social, preocupava-se com o fato de que os estados de bem-estar social “subsidiavam cada vez mais os imigrantes para entrar e receber assistência permanente”.<sup>19</sup> Os mercados de imigração respondem diretamente a esse problema por meio do acesso condicional e da responsabilização dos patrocinadores. Exigir que os patrocinadores garantam que imigrantes não se tornem ônus públicos – por meio de fianças, seguros ou compromissos contratuais de sustento – impede a migração em busca de assistência social. O *status* jurídico em níveis permite trabalho e comércio sem acesso imediato a benefícios sociais ou direitos de voto, replicando abordagens que Rothbard destacou positivamente, como o sistema suíço de trabalhadores convidados.<sup>20</sup>

A preocupação com a preservação cultural é atendida pelo mercado. Quando as comunidades controlam a imigração por meio de direitos de propriedade e patrocínio, podem manter a coesão cultural se quiserem. Isso não é uma homogeneização cultural imposta pelo estado, mas uma preservação cultural por meio de associação voluntária, paralelamente a como as comunidades religiosas mantêm a distinção por meio de membros seletivos e direitos de exclusão. Além disso, os mercados de imigração criam incentivos orgânicos para a integração, com patrocinadores ajudando os imigrantes a terem sucesso por meio do aprendizado de idiomas, compreensão de normas locais e desenvolvimento

---

<sup>19</sup> Rothbard, “Nações por consentimento”, pp. 6–7.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 9.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

produtivo de relacionamentos – muito mais eficazes do que os programas de assimilação exigidos pelo estado.

A harmonia mais profunda entre a visão final de Rothbard e os mercados de imigração reside em suas ênfases compartilhadas na descentralização. Rothbard defendia a decomposição dos estados-nação coercitivos em comunidades voluntárias menores. Os mercados de imigração incorporam esse princípio, com decisões de imigração ocorrendo no nível mais local: proprietários individuais, empregadores, famílias e organizações comunitárias. Isso permite que diferentes abordagens proliferem, cada uma adaptada às circunstâncias locais. Fazer as comunidades competirem por regras de imigração reflete a ideia de Rothbard de governos locais concorrentes, que pressiona cada comunidade a desenvolver políticas melhores e mais eficientes.<sup>21</sup>

Rothbard entendia que alcançar a privatização total exigiria passos incrementais em relação à atual realidade estatista. Ele escreveu que os estados existentes deveriam “tentar se aproximar de tal sistema mesmo enquanto algumas áreas de terra permanecem ‘públicas’”.<sup>22</sup> Os mercados de imigração representam exatamente esses passos incrementais, aproximando-se do ideal de Rothbard. Cada elemento de mercado reduz o controle centralizado do estado e amplia o âmbito da ordem privada. À medida que esses mecanismos de mercado demonstram seu valor, eles formam uma base de apoio para reformas futuras e mostram como os mercados podem resolver problemas que os governos não conseguem – potencialmente desencadeando uma mudança mais ampla em direção à visão de Rothbard de uma ordem social totalmente privada.

## 6. Conclusão

---

<sup>21</sup> Veja Murray N. Rothbard, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006), cap. 12 e especialmente 282–290.

<sup>22</sup> Rothbard, “Nações por consentimento”, p. 6.

## 17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

A trajetória intelectual de Murray Rothbard sobre imigração exemplifica um pensamento rigoroso e baseado em princípios. Desde a análise econômica inicial em *Homem, Economia e Estado* até o tratamento final abrangente em “Nações por consentimento”, Rothbard demonstrou disposição para seguir os argumentos aonde quer que eles o levassem, mesmo quando as conclusões desafiavam suas posições anteriores. Sua evolução não foi um recuo dos princípios libertários, mas um uso mais profundo deles – passando de um foco restrito nos mercados de trabalho para uma análise mais completa que incluía direitos de propriedade, incentivos de assistência social, preocupações culturais e associação voluntária.

Os debates libertários contemporâneos sobre imigração permanecem atolados nas perspectivas estatistas que Rothbard transcendeu. Esse debate, embora ilumine considerações importantes, não pode escapar dos problemas fundamentais do planejamento central. Os estados não têm conhecimento para tomar decisões migratórias eficientes, incentivos para equilibrar interesses concorrentes e legitimidade para prevalecer sobre as preferências dos proprietários e das comunidades.

Mercados genuínos de imigração oferecem caminhos além desse impasse. Ao substituir o controle centralizado do estado por decisões privadas descentralizadas, tais mercados aproveitariam preços e a capacidade voluntária de processamento de informações para alocar direitos de imigração de forma eficiente. Requisitos de patrocínio, acesso condicional à assistência social, *status* jurídico escalonado e variação local criariam sistemas onde a imigração ocorre por convite e consentimento, ao invés de por imposição estatal, com aqueles beneficiados pela imigração arcando com os custos.

Rothbard nos ensinou que pensar a partir de princípios exige seguir os argumentos até suas conclusões lógicas, mesmo quando isso requer abandonar posições estimadas. A evolução de seu pensamento sobre imigração demonstra essa coragem intelectual. Ele reconheceu que o apoio inicial à imigração livre se baseava em uma análise incompleta que não levava em conta os direitos de propriedade sobre bens públicos, incentivos à assistência social e a importância do consentimento. Sua

17. Privatizando a entrada, dissolvendo fronteiras estatais

posição final corrigiu essas falhas, mantendo-se firmemente fundamentada em princípios libertários.



# **18. Obrigado, Murray Rothbard, por sua extrema "defesa do apriorismo extremo"**

Thorsten Polleit<sup>1</sup>

## **1**

Murray N. Rothbard (1926–1995) foi um estudioso extremamente excepcional. Suas contribuições para a ciência econômica, filosofia política, ética, história, moeda e sistema bancário, libertarianismo e outros campos atestam um poder intelectual notável. Neste ensaio, o foco será um aspecto muito especial e central de toda a obra de Rothbard: a saber, o método científico apriorístico sobre cuja base Rothbard construiu e desenvolveu consistentemente e inabalavelmente suas obras acadêmicas desde o início. Mais precisamente: Rothbard baseia seu trabalho acadêmico na lógica da ação humana, a praxeologia, como seu professor acadêmico Ludwig von Mises (1881–1973) a havia formulado e

---

<sup>1</sup> O Dr. Thorsten Polleit é Professor Honorário de Economia na Universidade de Bayreuth e presidente do Ludwig von Mises Institut Deutschland.

racionalizado anteriormente;<sup>2</sup> Rothbard situa-se, assim, de modo resolutivo, na tradição da Escola Austríaca de Economia tal como moldada por Ludwig von Mises.

Rothbard foi um dedicado defensor da praxeologia. Ele não apenas se engajou profundamente com seus críticos. Acima de tudo, ele também abordou e explorou especificamente a questão do estatuto epistemológico da praxeologia. Aventurar-se nesse “campo minado filosófico” não é apenas extremamente importante, mas também indispensável. O engajamento e o esclarecimento do *status* epistemológico da lógica da ação humana trazem clareza sobre como e que tipo de conhecimento pode ser adquirido na ciência econômica. Também ajuda a refutar críticas equivocadas, expor interpretações erradas e prevenir erros em decisões tomadas com base no que é chamado de “conhecimento econômico”.

O que se segue irá revisar e racionalizar a posição de Rothbard sobre a lógica da ação humana como o método científico correto para a ciência econômica. Essa exposição é especialmente instrutiva porque Rothbard defende explicitamente um “apriorismo extremo” e, no entanto, ao mesmo tempo, parece se distanciar da interpretação que o próprio Mises dava à praxeologia, ao menos em termos linguísticos. Como e por que Rothbard interpreta epistemologicamente a lógica da ação humana, e especialmente como ela difere da própria exposição de Mises, será examinado abaixo em alguns detalhes. Nesse contexto, a interpretação de Hans-Hermann Hoppe e dos filósofos da “Escola de Hamburgo” também

---

<sup>2</sup> Veja especialmente Ludwig von Mises, *Grundprobleme der Nationalökonomie, Untersuchungen über Verfahren, Aufgaben und Inhalt der Wirtschafts- und Gesellschaftslehre* (Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1933), traduzido como *Epistemological Problems of Economics*, 3ª ed., George Reisman, trad. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2003). Veja em particular “Umfang und Bedeutung des Systems apriorischer Sätze”, cap. 1, Parte B, pp. 22–33 (correspondente a *Epistemological Problems of Economics*, cap. 1, §I), e idem, *Nationalökonomie*.

será revisada. Vamos começar com algumas ideias fundamentais sobre a praxeologia de Mises.

## 2

Ludwig von Mises já havia argumentado na década de 1930 que a ciência econômica – como o subcampo mais desenvolvido da doutrina da ação humana<sup>3</sup> – não é uma ciência empírica, mas que só pode ser consistentemente conceituada como uma ciência apriorística da ação humana, como praxeologia. Mises construiu sua obra-prima *Nationalökonomie* (1940)<sup>4</sup> consistentemente nessa posição epistemológica. No

---

<sup>3</sup> Mises trata da história – “O outro ramo das ciências da ação humana” (Ludwig von Mises, *O fundamento último da ciência econômica* (Princeton, N.J.: D. Van Nostrand Company, Inc. 1962), p. 43) – em idem, *Teoria e História* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2007 [1957]). Sobre outras possíveis ciências da ação humana, como aludido por Mises, como guerra e conflito, veja Stephan Kinsella, “Extreme Praxeology”, *StephanKinsella.com* (Jan. 19, 2007); idem, “The Other Fields of Praxeology: War, Games, Voting... and Ethics?”, *StephanKinsella.com* (5 de agosto de 2006). E, claro, embora Mises em sua obra econômica trate da “teoria da cooperação ou economia” (Mises, *O fundamento último da ciência econômica*, p. 42), seu trabalho, assim como o de Rothbard, inevitavelmente trata das consequências econômicas não apenas da cooperação, mas dos mercados prejudicados, ou seja, da intervenção violenta. Veja idem, *Ação Humana – Um Tratado de Economia*, Ed. Acadêmica (Auburn, Ala: Mises Institute, 1998), Parte Seis, “A Economia de Mercado Prejudicada”; Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholars ed., 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009), cap. 12 (“A Economia da Intervenção Violenta no Mercado”) de *Homem, Economia e Estado*, e a totalidade de *Poder e Mercado*.

<sup>4</sup> Ludwig von Mises, *Nationalökonomie: Theorie des Handelns und Wirtschaftens* (Edition Union, Genebra; reimpressão Auburn, Alabama: Mises Institute, 1940).

centro se encontra a proposição "O homem age". A veracidade dessa proposição é independente da experiência, ela se sustenta *a priori*: ela é indiscutivelmente verdadeira, possui validade universal; quem a nega comete uma contradição lógica, pois ao negá-la pressupõe como válido aquilo que busca negar, e assim diz algo falso.<sup>5</sup> Com base na proposição apoditicamente verdadeira "O homem age", outras proposições verdadeiras podem ser obtidas por meio de deduções lógicas (desde que não haja erro intelectual no processo).<sup>6</sup> Como Hoppe aponta:

A análise econômica consiste, essencialmente, de: (1) um entendimento das categorias da ação e uma compreensão do significado de uma *mudança* no que tange a valores, custos, conhecimento tecnológico etc.; (2) uma descrição de uma situação na qual essas categorias assumem um significado concreto, onde pessoas específicas são identificadas como agentes com objetivos específicos definidos como seus meios de ação, com objetivos definidos identificados como valores e coisas específicas definidas como custos; e (3) uma dedução das consequências oriundas da realização de alguma ação específica nessa situação, ou das consequências que afetam um agente se essa situação for alterada de uma forma específica. E essa dedução deve produzir conclusões válidas *a*

---

<sup>5</sup> Sobre o *a priori*, veja Otfried Höffe, *Immanuel Kant* (Munique: C.H. Beck, 2014), e a tradução para o inglês de uma versão anterior, idem, *Immanuel Kant* (State University of New York Press, 1994), §3.2 e seguintes; *The Cambridge Companion to Kant's Criticism of Pure Reason*, Paul Guyer, ed. (Cambridge University Press, 2010), pp. 76, 358, e pass.; J. Everet Green, *A Revolução Copernicana de Kant: O Horizonte Transcendental* (Lanham, MD: University Press of America, 1997).

<sup>6</sup> Nota: tal apriorismo *não* implica infalibilidade, como às vezes é erroneamente afirmado por positivistas lógicos e empiristas. Veja Barry Smith, "In Defense of Extreme (Fallibilistic) Apriorism", *J. Libertarian Stud.* 12, nº 1 (Primavera de 1996): 179–192.

*priori*, contanto que não haja nenhuma falha no próprio processo de dedução, e sendo dadas situação e mudança introduzidas, e a mudança *a priori* – conclusões válidas sobre a *realidade* da situação e da condição –, da forma que foi descrita, possam elas mesmas ser identificadas como reais porque assim as suas validades, em última instância, remeteriam à validade incontestável das categorias da ação.<sup>7</sup>

Para começar, toda ação é orientada a um objetivo – a tentativa de negar o conteúdo da verdade dessa proposição seria em si mesma uma ação orientada a um objetivo e, portanto, uma contradição. A ação requer o uso de *meios* (ou bens). Os meios são necessariamente escassos por necessidade conceitual, então a ação humana sempre ocorre sob escassez. E sempre exige o uso do tempo. Pois a ação atemporal não pode ser concebida sem contradição: se a ação fosse atemporal, os objetivos perseguidos seriam alcançados imediata e diretamente, e o agente não poderia mais agir – o que é uma contradição e, portanto, falso. A ideia de meios e fins pressupõe causa e efeito (causalidade). Em um mundo sem causalidade (que na verdade é inimaginável para nós), não haveria espaço para a razão humana e o pensamento humano. Um mundo assim seria um caos no qual os humanos não poderiam se orientar.

E, claro, a ação também exige a posse de *conhecimento* para *guiar* a própria ação e para selecionar meios e fins – conhecimento de meios de ação causalmente eficazes, receitas tecnológicas e outros fatos sobre o mundo. Como escreve Mises,

Ação [...] não é simplesmente comportamento, mas comportamento gerado por julgamentos de

---

<sup>7</sup> Hans-Hermann Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo* (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2010), p. 142.

valor, visando um fim definido e *guiado por ideias sobre a adequação ou inadequação de meios determinados*.<sup>8</sup>

A lógica da ação humana implica ainda que o agente tem uma preferência temporal: ele valoriza mais uma satisfação antecipada das necessidades do que uma tardia (*ceteris paribus*). A manifestação da preferência temporal é a taxa de juros (originária). Preferência temporal e taxa de juros originária são sempre e em todos os lugares positivas, não podem desaparecer, não podem cair a zero. A lei da utilidade marginal decrescente também pode ser racionalizada pela lógica da ação humana (não é uma lei psicológica da saciedade): ela afirma que o agente prefere um estoque maior de bens a um menor; e que a utilidade marginal de uma unidade adicional de determinado bem diminui à medida que aumenta a quantidade já disponível desse bem.

---

<sup>8</sup> Mises, *O fundamento último da ciência econômica*, p. 34 (ênfase adicionada). Veja também Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, p. 11.; Frank A. Fetter, *Economics — Vol. 1: Economic Principles* (NY: The Century Co., 1915), p. 465; Jörg Guido Hülsmann, “Knowledge, Judgment, and the Use of Property”, *Rev. Austrian Econ.* 10, no. 1 (1997): 23–48, p. 44; Hans-Hermann Hoppe, “Prefácio”, em Stephan Kinsella, *Legal Foundations of a Free Society* (Houston, Texas: Papinian Press, 2023), p. xv; Stephan Kinsella, “Law and Intellectual Property in a Stateless Society”, Part III.B, e “Against Intellectual Property After Twenty Years: Looking Back and Looking Forward”, Part IV.C, em *Legal Foundations of a Free Society*; idem, “The Problem with Intellectual Property”, em *Handbook of the Philosophical Foundations of Business Ethics*, 2<sup>a</sup> ed., Marianne Thejls Ziegler and Christoph Lütge, eds., Robert McGee, section ed. (Springer, forthcoming 2026); idem, “Libertarian and Lockean Creationism: Creation As a Source of Wealth, not Property Rights”; “Hayek’s ‘Fund of Experience’”; “The Distinction Between Scarce Means and Knowledge as Guides to Action”, *C4SIF Blog* (6 de maio de 2025).

Ou considere a lei dos retornos.<sup>9</sup> Ela afirma que, para a combinação de bens econômicos complementares na produção, existe uma razão quantitativa ótima. Se alguém se desvia da razão quantitativa ótima aumentando a quantidade de apenas um dos bens complementares, o rendimento ou não aumenta ou não aumenta na medida em que o gasto cresce. Ao reconhecermos que o efeito de utilidade de um bem deve ser quantificável para que ele seja tratado como bem econômico, já afirmamos implicitamente, do ponto de vista da lógica da ação humana, que deve existir uma combinação ótima de bens complementares.

### 3

Qual é o estatuto epistemológico da praxeologia? Hoppe vê na proposição “O homem age” um juízo sintético *a priori*, conforme formulado pelo filósofo de Königsberg Immanuel Kant (1724–1804): “(A) a proposição de que os humanos agem cumpre precisamente as exigências para ser considerada uma proposição sintética *a priori*”.<sup>10</sup> Hoppe também caracterizou a posição epistemológica de Mises como kantiana: “A marca característica da filosofia kantiana é a afirmação de que existem proposições sintéticas *a priori* verdadeiras – e é porque Mises subscreve a essa afirmação que ele pode ser chamado de kantiano”.<sup>11</sup> Isso pode exigir maiores explicações.

---

<sup>9</sup> Veja Rothbard, *Homem, Economia e Estado*, pp. 33–38; também Hans-Hermann Hoppe, *Kritik der kausalwissenschaftlichen Sozialforschung: Untersuchungen zur Grundlegung von Soziologie und Ökonomie* (Opladen: Westdeutscher Verlag, 1983), pp. 59–64.

<sup>10</sup> Hans-Hermann Hoppe, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 1995), p. 22.

<sup>11</sup> *Ibid.*, pp. 7–48; especialmente p. 18; também Hoppe, *Uma Teoria do Socialismo e do Capitalismo*, cap. 6, pp. 117–148; veja também nesse contexto Thorsten Polleit, “On Immanuel Kant’s 300th birthday: Kant’s Epistemology and Its Influence on Ludwig von Mises’s Praxeology”, *Power & Market* (22 de abril de 2024).

Segundo a "revolução copernicana no modo de pensar" de Kant,<sup>12</sup> existem condições necessárias para a possibilidade da experiência, e elas podem ser rastreadas até o fato de que o homem exerce suas faculdades de experiência; é isso que Kant aborda em sua epistemologia transcendental. Só pode ser experimentado pelo homem aquilo que satisfaz as condições sob as quais o homem pode experimentar; ou, melhor dizendo, todos os objetos da experiência devem satisfazer as condições transcendentais da experiência humana. Kant formula isso da seguinte forma:

[...] as condições de possibilidade da experiência em geral são ao mesmo tempo as condições de possibilidade dos objetos da experiência, e portanto têm validade objetiva em um juízo sintético *a priori*.<sup>13</sup>

Simplificando, existem condições necessárias da experiência que surgem do exercício da faculdade cognitiva do homem.<sup>14</sup> Todos os objetos de sua experiência devem satisfazer essas condições. Portanto,

---

<sup>12</sup> Immanuel Kant, *Immanuel Kant's Critique of Pure Reason. In Commemoration of the Centenary of its First Publication*, F. Max Mueller, trad., 2ª edição revisada (Nova York: Macmillan, 1922), "Supplement II: Preface to the Second Edition, 1787", p. 693. Veja também Ermanno Bencivenga, *Kant's Copernican Revolution* (New York: Oxford University Press, 1987); Green, *Kant's Copernican Revolution*; e Desmond Hogan, "Kant's Copernican Turn and the Rationalist Tradition", em *The Cambridge Companion to Kant's Critique of Pure Reason*, pp. 21–51. Cambridge: Cambridge University Press, 2010; Höffe, *Immanuel Kant* (2014 [alemão]), pp. 89–105; idem, *Immanuel Kant* (1994 [Inglês]), §3.2.

<sup>13</sup> Immanuel Kant, "*Kritik der reinen Vernunft*", Ingeborg Heide-  
mann, ed. (Stuttgart, 1966), B 197.

<sup>14</sup> Veja Holm Tetens "*Kritik der reinen Vernunft*". *Ein Systematischer Kommentar* (Stuttgart, Reclams Universal-Bibliothek, 2006), pp. 35–36.

declarações que afirmam que os objetos da experiência satisfazem precisamente essas condições são juízos sintéticos *a priori* no sentido kantiano.

As categorias do entendimento no sentido kantiano,<sup>15</sup> como fornecidas pela lógica da ação humana – pense aqui, por exemplo, em fins, meios, escassez, causalidade, preferência temporal, taxa de juros originária, mas também, no sentido psicológico, em valor, custo, receita, lucro e prejuízo – são, assim consideradas, condições de possibilidade da experiência objetiva do homem na esfera econômica real. Elas têm validade como juízos sintéticos *a priori* e constituem categorias do entendimento que o homem impõe aos objetos de sua experiência.

Os filósofos Rolf W. Puster e Michael Oliva Córdoba<sup>16</sup> argumentam que as proposições da lógica de ação de Mises têm valor cognitivo e são intuitivamente verdadeiras independentemente da experiência: “As proposições da praxeologia são analíticas (verdadeiras); a praxeologia, corretamente compreendida, é praxeologia analítica”.<sup>17</sup> Essa chamada “interpretação de Hamburgo” se vê intimamente ligada à posição de Mises. Puster aponta corretamente, com referência aos escritos de Mises, que o próprio Mises sempre descreveu as proposições da praxeologia como apriorísticas, mas nunca como proposições sintético-apriorísticas. Pode-se especular sobre as razões: presumivelmente, Mises não via

---

<sup>15</sup> Veja, por exemplo, Höffe, *Immanuel Kant* (2014 [alemão]), pp. 89–105; idem, *Immanuel Kant* (1994 [Inglês]), §§3.2, 3.3, cap. 5, e pass.; *The Cambridge Companion to Kant's Critique of Pure Reason*; Green, *Kant's Copernican Revolution*.

<sup>16</sup> Veja Michael Oliva Córdoba, “Uneasiness and Scarcity: An Analytic Approach Towards Ludwig von Mises's Praxeology”, *Axiomathes* 27, n° 1 (outubro de 2017): 521–529, no qual ele apresenta uma reconstrução analítica do apriorismo metodológico de Mises.

<sup>17</sup> Rolf W. Puster, *Dualismen und ihre Hintergründe*, prefácio à edição alemã de *Teoria e História* de Mises, *Theorie und Geschichte. Eine Interpretation sozialer und wirtschaftlicher Entwicklung* (Munique: Akston, 2014), p. 23 (itálico no original).

necessidade de determinar o estatuto epistemológico da praxeologia, considerando suficiente a designação da economia como uma ciência apriorística.

É bastante improvável que Mises tenha evitado deliberadamente discutir essa questão por escapar a um confronto indesejável; isso não condizia com sua integridade acadêmica. Ainda mais porque, nesse ponto, a afirmação de Mises é bastante pragmática: "As questões de saber se os juízos da praxeologia devem ser chamados de analíticos ou sintéticos, e se seu procedimento deve ou não ser qualificado como 'meramente' tautológico, são de interesse apenas verbal".<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo, Mises não deixou dúvidas sobre sua posição de que a ciência da ação humana é uma ciência apriorística: "A ciência da ação humana [...] em todas as suas partes não é empírica, mas ciência apriorística; ela se origina, como a lógica e a matemática, não da experiência, ela a precede".<sup>19</sup> Ou:

A ciência apriorística é pura ciência conceitual; ela não pode fornecer nada além de tautologias e juízos analíticos. Todas as suas proposições são derivadas de modo puramente lógico a partir de conceitos e definições conceituais; elas nada fornecem que já não estivesse contido nos pressupostos.<sup>20</sup>

Embora Mises fosse reservado na interpretação epistemológica da praxeologia, como já mencionado,<sup>21</sup> ele ainda assim se refere inequivocamente às obras de Immanuel Kant, usando sua terminologia – a

---

<sup>18</sup> Mises, *O fundamento último da ciência econômica*, p. 44.

<sup>19</sup> Mises, *Grundprobleme der Nationalökonomie*, p. 12.

<sup>20</sup> Mises, *Political Economy*, p. 19 (minha tradução).

<sup>21</sup> Veja, por exemplo, Mises, *O fundamento último da ciência econômica*, pp. 14–21, onde ele discute o *a priori*, mas não o atribui a uma escola epistemológica específica.

exemplo do “a priori” ou das “categorias” da ação humana. E uma análise dos escritos de Mises permite o juízo de que ele realmente entende as proposições da praxeologia como “juízos analíticos *a priori*”: proposições que podem ser verdadeiras de forma intuitiva independentemente da experiência; a veracidade de um juízo analítico (do estado de coisas afirmado) não é decidida pela experiência, mas pela aplicação de leis lógicas elementares (como a lei da contradição).

Ao mesmo tempo, porém, a forma como Mises se expressa também permite interpretar as proposições praxeológicas como “juízos sintéticos *a priori*”: nos juízos sintéticos, o conhecimento sobre o sujeito da proposição é ampliado sem recurso à experiência. Ou, mais precisamente, os juízos sintéticos *a priori*, como Kant os entende, são condições de possibilidade da experiência, fundadas no exercício da faculdade cognitiva humana. Quanto a isso, Mises escreve:

O fato de que o edifício de nossos conceitos e proposições não forneça imediatamente um conhecimento pleno da realidade não pode ser chamado de defeito. *Esses conceitos e proposições são as ferramentas do pensamento que nos abrem o caminho para o conhecimento da realidade, não esse próprio conhecimento.*<sup>22</sup>

#### 4

Rothbard, que se enxerga inteiramente baseado na praxeologia misesiana e defende um “apriorismo extremo”, não apenas enfrentou as críticas à praxeologia de Mises. Ele também se dedicou explicitamente à questão do estatuto epistemológico dessa ciência. Rothbard, que foca na proposição “O homem age” e a chama de “axioma da ação”, surpreendentemente oferece uma interpretação diferente da de Mises: para Rothbard, que situa sua posição epistemológica em Aristóteles (384–322 a.C.) e Tomás de Aquino (1225–1274), o axioma da ação humana deve ser

---

<sup>22</sup> Ibid. (itálico adicionado).

classificado como “empírico”, não como “a priori” (ou neokantiano), porque Rothbard o interpreta como uma “lei da realidade”, não como uma “lei do pensamento”:

Se consideramos o Axioma da Ação “a priori” ou “empírico” depende da nossa posição filosófica última. O professor Mises, na tradição neokantiana, considera esse axioma uma lei do pensamento e portanto uma verdade categórica *a priori* a toda experiência. Minha própria posição epistemológica reside em Aristóteles e São Tomás de Aquino em vez de em Kant, e por isso eu interpretaria a proposição de maneira diferente. Eu consideraria o axioma uma lei da realidade em vez de uma lei do pensamento, e por isso “empírica” em vez de “a priori”.<sup>23</sup>

No entanto, Rothbard esclarece imediatamente na frase seguinte que atribui um significado diferente ao adjetivo “empírico” do usado comumente hoje: “Mas deveria ser óbvio que esse tipo de ‘empirismo’ é tão contrário ao empirismo moderno que eu posso muito bem continuar chamando o axioma de *a priori* para os fins atuais”.<sup>24</sup> Essa clarificação não contradiz sua autodenominada posição epistemológica aristotélica e neotomista, embora possa parecer confusa à primeira vista.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Murray N. Rothbard, *Economic Controversies* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 2011), p. 108.

<sup>24</sup> Rothbard, *Economic Controversies*, pp. 108–109.

<sup>25</sup> Deve-se enfatizar que, assim como a abordagem mais aristotélica de Rothbard, a epistemologia de Mises é decididamente *realista* e não *idealista*, como defendem alguns críticos como Ayn Rand e randianos. Isso fica ainda mais claro pela extensão realista da epistemologia de Mises feita por Hoppe. Veja Hoppe, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco*, pp. 20-21:

[...] nossas categorias mentais são baseadas fundamentalmente nas categorias de ação. E tão logo se

Vamos explicar. A epistemologia de Aristóteles está intimamente ligada à sua ontologia e lógica realistas.<sup>26</sup> De acordo com ele, o conhecimento humano parte da percepção sensorial e pode compreender a estrutura real das coisas (realidade) – embora não imediatamente as ideias platônicas, mas as formas (εἶδος) que estão presentes nas próprias coisas concretas. O próprio Aristóteles não usa as expressões “lei da realidade” e “lei do pensamento”, mas elas são usadas na tradição posterior (especialmente escolástica, neoescolástica e comentaristas de Aristóteles). As leis do pensamento incluem as três leis clássicas do pensamento: (1) a lei da identidade ( $A = A$ , algo é o que é), (2) a lei da não contradição ( $\neg(A \wedge \neg A)$ ), isto é, não pode ser o caso de que a afirmação  $A$  seja verdadeira e que a afirmação  $A$  não seja verdadeira), e (3) a lei do terceiro excluído ( $A$

---

reconheça isso, imediatamente todas as sugestões idealísticas desaparecem. Em seu lugar, uma epistemologia que reivindica a existência de proposições sintéticas *a priori* verdadeiras se torna uma epistemologia realística. Desde que ela seja entendida como baseada fundamentalmente nas categorias de ação, está superado o abismo entre o mundo mental e o mundo físico, externo, real. Como categorias de ação, elas devem ser coisas mentais tanto quanto elas são características da realidade. Pois é através de ações que a mente e a realidade entram em contato.

[...] Com seu reconhecimento de que a ação é o elo de ligação entre a mente e a realidade exterior, ele encontrou a solução do problema kantiano de como é possível a existência de proposições sintéticas *a priori* verdadeiras.

Veja também p. 68 e seguintes.

<sup>26</sup> Veja, por exemplo, Richard Percival Phillips, *Modern Thomistic Philosophy: An Explanation for Students*, 2 vols. (Londres: Burns, Oates & Washbourne, 1934–35), especialmente pp. 36 e seguintes.

18. Obrigado. Murray Rothbard, por sua extrema “defesa do apriorismo extremo”

V  $\neg$ A), isto é, não há um terceiro entre ser e não ser (sob o mesmo aspecto).

Aristóteles enfatiza: esses princípios não são meras leis do pensamento (psicológicas), mas princípios ontológicos – eles se aplicam principalmente ao próprio ser (realidade) e, portanto, também ao pensamento que busca representar a realidade. A chamada “lei da realidade” é, nesse sentido, geralmente uma designação coloquial ou neoescolástica precisamente para essa validade ontológica: a própria realidade é livre de contradição, idêntica a si mesma, e não permite um terceiro entre ser e não ser. A “lei do pensamento” é então a contrapartida lógica: nosso pensamento deve seguir essas leis porque a realidade é estruturada dessa forma.

Dito isso, para Aristóteles, a lei do pensamento e a lei da realidade coincidem em última instância – o pensamento é verdadeiro quando atinge a estrutura do ser. E é justamente nesse contexto que Rothbard usa o adjetivo “empírico” e não “a priori”, e além disso chega à mesma interpretação que Mises: que o axioma da ação fornece conhecimento sobre a realidade; que pode ser intuitivamente verdadeiro de modo independente da experiência, precedendo-a; que não pode ser negado sem gerar uma contradição lógica.

Nas próprias palavras de Rothbard:

Pois (1) trata-se uma lei da realidade que não é concebivelmente falseável, e ainda assim é empiricamente significativa e verdadeira; (2) ela se baseia na experiência interior universal, e não apenas na experiência externa, ou seja, suas evidências são reflexivas e não físicas; e (3) é claramente *a priori* a eventos históricos complexos.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Rothbard, *Economic Controversies*, pp. 108–109.

**Praxeologia** – entendida como o método científico apriorístico no campo da ação humana – é a base e o núcleo definidor de toda a obra intelectual de Rothbard: Rothbard considerava a praxeologia (a ciência dedutiva e apriorística da ação humana, conforme Mises a desenvolveu, especialmente em *Ação Humana*) como o pilar metodológico indispensável da economia e da Escola Austríaca de Economia. Rothbard escreveu em seu prefácio a *Teoria e História* de Mises o seguinte: “Sem praxeologia, nenhuma ciência econômica pode ser verdadeiramente austríaca ou verdadeiramente sólida”<sup>28</sup> – uma citação que mostra quão central e inegociável a praxeologia era para ele nas ciências econômicas e sociais. Os campos importantes de aplicação da praxeologia para Rothbard são os seguintes:

**Base metodológica.** — Seu livro *Homem, Economia e Estado* (1962) é consistentemente construído sobre princípios praxeológicos. Rothbard parte do axioma de ação de Mises (“O homem age com propósito”) e deriva dedutivamente toda a teoria econômica a partir dele, exatamente como Mises fez em *Ação Humana*. Rothbard deixa claro que a praxeologia é a única forma de obter leis econômicas universalmente verdadeiras, logicamente convincentes e imunes à falsificação empírica (em contraste com a ciência econômica positivista convencional). Seguindo Mises, Rothbard não deixa dúvidas sobre a adequação do “dualismo metodológico”, de que o método científico na doutrina da ação humana deve ser diferente do das ciências naturais.

**Defesa e elaboração.** — Rothbard defendeu a praxeologia contra a crítica em muitos ensaios. Considere suas respostas a George J. Schuller.<sup>29</sup> Rothbard defendeu Mises (e a praxeologia) ponto por ponto. Por

---

<sup>28</sup> Murray N. Rothbard, “Prefácio” (2007 [1985]), Mises, *Teoria e História*, p. xix.

<sup>29</sup> Veja George J. Schuller, resenha de *Ação Humana*, de Mises, *American Economic Review* 40, n° 3 (junho de 1950): 418–422; Murray N. Rothbard, “‘Human Action’: Comment”, *American Economic Review* 41, n° 1 (março de 1951):

exemplo, ele rejeitou a opinião de Schuller de que os praxeologistas usavam "fatos" empíricos para fundamentar axiomas ou procedimentos centrais – a praxeologia deriva teoremas dedutivamente a partir do axioma da ação e alguns corolários (como escassez e escolha entre alternativas); e Rothbard também descartou como desnecessária a exigência de Schuller por lógica simbólica ultraformal; a praxeologia utiliza dedução em linguagem natural, o que é apropriado para o raciocínio econômico. Essa profunda reflexão epistemológica provavelmente foi muito proveitosa para Rothbard na aplicação do apriorismo extremo para além da economia, aplicando-a à ética, à filosofia política, à teoria do estado etc.

**Demarcação de outros austríacos.** — Enquanto austríacos posteriores – como Friedrich August von Hayek (1899–1992) ou Ludwig Lachmann (1906–1990) – distanciaram-se explicitamente da praxeologia misesiana,<sup>30</sup> Rothbard sempre permaneceu um misesiano intransigente.

---

181–185); Schuller, "Mises' 'Human Action': Rejoinder", *American Economic Review* 41, n° 1 (março de 1951): 185–190; Rothbard, "Praxeologia: Resposta ao Sr. Schuller", *American Economic Review* 41, n° 5 (dez. 1951): 943–946 (reimpresso em Rothbard, *Economic Controversies*). Veja também Jeffrey M. Herbener, Hans-Hermann Hoppe e Joseph T. Salerno, "Introdução" à edição do Scholar's de *Human Action*, p. xviii–xix, discutindo este debate.

<sup>30</sup> Em uma carta de 15 de maio de 1983 a Terence Hutchison, Friedrich August von Hayek escreveu literalmente:

Eu nunca aceitei o apriorismo de Mises. [...] Foi em 1936 que enxerguei pela primeira vez, com plena clareza, minha própria abordagem. Na época, porém, senti [...] que eu estava apenas finalmente conseguindo formular com clareza aquilo em que sempre acreditei e explicar com delicadeza a Mises por que eu não podia ACEITAR SEU APRIORISMO. Curiosamente, Mises, que era tão sensível às críticas de homens mais jovens, elogiou aquele artigo sem parecer perceber plenamente o quanto ele conflitava com suas próprias ideias.

Citado em Bruce Caldwell, "A Skirmish in the Popper Wars: Hutchison versus Caldwell on Hayek, Popper, Mises, and methodology", *Journal of Economic Methodology* 16 no. 3 (2009): 315–324, p. 323–324. Ou considere o prefácio de Hayek para a nova edição de *Erinnerungen* (1978), de Mises. (F. A. Hayek, "Einleitung", em Ludwig von Mises, *Erinnerungen von Ludwig v. Mises* (Stuttgart e Nova York: Gustav Fischer Verlag, 1978). Lá ele escreveu, em 1977, sem qualquer apoio para tal afirmação: "E hoje me parece também compreensível, pelo caráter da luta que ele [Mises] teve que travar, que ele tenha sido levado a fazer certas afirmações exageradas, como o caráter *a priori* da teoria econômica, com que eu não consegui concordar". (p. XVI)

Veja também John Gray, *Hayek on Liberty*, 3ª ed. (Londres e Nova York: Routledge, 1998), pp. 17–18 (argumentando que Hayek nunca aceitou o método puramente praxeológico de Mises); Bruce Caldwell, *Hayek's Challenge: An Intellectual Biography of F. A. Hayek* (Chicago & Londres: University of Chicago Press: 2009), pp. 323–324; F. A. Hayek, "Economics and Knowledge", *Economica* (Nova Série) 4, nº 13 (fevereiro de 1937): 33–54 (criticando o apriorismo de Mises); e *Nobel Prize-Winning Economist Friedrich A. von Hayek*, entrevistado por Earlene Craver, Axel Leijonhufvud, Leo Rosten, Jack High, James Buchanan, Robert Bork, Thomas Hazlett, Armen A. Alchian, Robert Chitester, concluído sob os auspícios do programa de História Oral da Universidade da Califórnia, Los Angeles (1983), "Fita: Craver I, Lado Um Data da Fita Não Especificada", p. 19 (p. 34) ("Se você tem essas duas alternativas, claro que não há como verificar se a teoria é verdadeira ou não. E isso já me levou à compreensão do que se tornou o principal ponto sistemático de Popper: que o teste da ciência empírica era que ela poderia ser refutada, e que qualquer sistema que afirmasse que era irrefutável era, por definição, não científico. Eu não possuía formação em filosofia; não expliquei isso. Foi suficiente para mim ter reconhecido isso, mas quando encontrei essa questão explicitamente argumentada e justificada em Popper, simplesmente aceitei a filosofia popperiana por explicar o que sempre senti. Desde então, venho andando com Popper."), disponível no Stephan

18. Obrigado. Murray Rothbard, por sua extrema "defesa do apriorismo extremo"

Na verdade, para Rothbard, praxeologia não é simplesmente uma ferramenta intelectual entre muitas que um cientista social ou economista poderia ou não escolher e usar à vontade. É, na verdade, o ponto de partida indispensável e a estrutura lógica para tudo o que Rothbard escreveu em economia, filosofia, história e teoria libertária. Sem ela, o sistema rothbardiano como conhecemos, o libertarianismo, simplesmente não existiria

## 5

Mas por que, pode-se perguntar, Rothbard defende um "apriorismo extremo", como em seu ensaio "Em defesa do apriorismo

---

Kinsella, "Hayek Oral History", *StephanKinsella.com* (13 de outubro de 2009).

extremo”<sup>31</sup> (1957)? Críticos como Fritz Machlup<sup>32</sup> ou T. W. Hutchison<sup>33</sup> acusaram a praxeologia misesiana de ser “extremamente apriorista” porque ela parte da proposição “o homem age” como uma premissa

---

<sup>31</sup> Murray N. Rothbard, “Em defesa do apriorismo extremo”, em *Economic Controversies*, publicado originalmente no *Southern Economic Journal* (janeiro de 1957). Para trabalhos relacionados de Rothbard sobre apriorismo e questões afins, como cientismo e empirismo, veja Rothbard, “The Mantle of Science” e outros capítulos na Seção Um: Método, em *Economic Controversies*. Veja também Hans-Hermann Hoppe, “Em defesa do Racionalismo Extremo”, em *A Grande Ficção*, Second Expanded Edition (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021), originalmente publicado como “Em defesa do Racionalismo Extremo: reflexões sobre The Rhetoric of Economics de Donald McCloskey”. *Rev. Austrian Econ.* 3, nº 1 (1989): 179–214. Veja também obras de Machlup e Hutchison, referenciadas abaixo; e Scott Scheall, “What is Extreme about Mises’ Extreme Apriorism?”, CHOPE [Center for the History of Political Economy at Duke University] Working Paper No. 2016-23 (agosto de 2016).

Sobre o dualismo epistemológico, veja Mises, idem, *Epistemological Problems of Economics*; e Hoppe, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco*.

Para mais sobre a epistemologia realista e baseada em Mises de Hoppe, veja Hoppe, *A Ciência Econômica e o Método Austríaco*, pp. 20–21, 68–70, e comentários na nota acima. Sobre o realismo de Mises, veja Ludwig von Mises, “Epistemological Studies”, em *Memoirs*, Arlene Oost-Zinner, trad. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009) (anteriormente *Notes and Recollections*). As observações desdenhosas de Mises sobre Popper em *O fundamento último da ciência econômica*, cap. 4, §8 e cap. 7, §4; idem, *Teoria e História*, cap. 1, §3. Veja também Edward W. Younkins, “Menger, Mises, Rand and Beyond”, *J. Ayn Rand Stud.* 6, nº 2 (primavera de 2005): 337–74, p. 342 e pass. (também em Edward W. Younkins, ed., *Philosophers of Capitalism: Menger, Mises, Rand and Beyond* (Lexington Books, 2005)), e Heidi C. Morris, “Reason and Reality: The Logical Compatibility of Austrian Economics and Objectivism”, *Rebirth of Reason* (10 de maio de 2005).

absolutamente verdadeira, sintética *a priori*, dela deriva leis econômicas de modo puramente lógico-dedutivo e considera que nem as premissas nem as conclusões precisam, ou sequer podem, ser verificadas empiricamente, isto é, testadas. Rothbard acolhe essa acusação e responde: sim, é exatamente isso – a praxeologia é “extremamente apriorística”, e nisso está justamente a sua força, não sua fraqueza.

Em seu prefácio a *Teoria e História*, Rothbard explica precisamente qual posição epistemológica um “apriorista extremo” mantém: os axiomas e premissas fundamentais da economia são absolutamente verdadeiros. Os teoremas logicamente deduzidos deles são, portanto,

---

<sup>32</sup> Machlup, pode-se dizer, “se distanciou respeitosamente” da praxeologia de Mises. Veja, por exemplo, Fritz Machlup, *Methodology of Economic and Other Social Sciences* (Nova York: Academic Press, 1978), veja p. 142–143 ou p. 295:

A ambição de algo “mais positivo”, que garantisse verdadeiras deduções a partir de suposições *verdadeiras*, em vez de meras deduções válidas de postulados fundamentais, levou Wicksteed, assim como havia movido Senior, a se opor à construção de um modelo simplificado em favor de um supostamente completo. Essa ambição atingiu seu extremo na praxeologia de Ludwig von Mises, a teoria abrangente da ação humana. [...]

Ou, como resposta à crítica de T. W. Hutchinson ao “apriorismo extremo”, p. 495: “Conheço muito poucos ‘aprioristas extremos’ (por exemplo, o professor von Mises)”.

<sup>33</sup> Essencialmente, Hutchinson argumenta que os “postulados” econômicos devem ser empiricamente verificáveis ou falsificáveis, não tratados como axiomas autoevidentes imunes à experiência. Veja T. W. Hutchison, *The Significance and Basic Postulates of Economic Theory* (Londres: Macmillan, 1938); idem, “Professor Machlup sobre Verificação em Economia”, *Southern Economic Journal* 22, n° 4 (1956): 476–483; idem, *The Politics and Philosophy of Economics: Marxians, Keynesians, and Austrians* (Oxford: Blackwell, 1981).

também absolutamente verdadeiros. Não há necessidade alguma de verificar empiricamente as premissas ou as conclusões. Mais ainda: tais teoremas nem sequer podem ser testados empiricamente, mesmo que se quisesse fazê-lo, pois são apriorísticos e, portanto, não falseáveis no sentido positivista.

Embora o próprio Mises não tenha usado o termo “apriorismo extremo”, Rothbard transformou isso em um programa: a praxeologia é o único método cientificamente viável para as ciências sociais. Para Rothbard, “apriorismo extremo” não era de forma alguma uma falha, mas sim a descrição apropriada, pois denota a vantagem decisiva da praxeologia: ela garante a certeza apodítica e protege contra os erros e confusões do positivismo, empirismo e falsificacionismo como são amplamente difundidos na ciência econômica convencional, que Rothbard conseqüentemente considerava pseudocientífica.

A defesa de Rothbard de um apriorismo extremo, sua demanda por um apriorismo extremo como o (único) método científico correto na ciência da ação humana, permanece incontestada até hoje, embora infelizmente não tenha (ainda) feito incursões no discurso acadêmico. No entanto, a pretensão de verdade do apriorismo extremo não depende de qual *status* epistemológico se atribua, em última análise, à praxeologia, desde que se concorde que suas proposições são apriorísticas, ou seja, verdadeiras e universalmente válidas independentemente da experiência.

O fato de Rothbard, em sua clarificação epistemológica da proposição “o homem age”, adotar uma posição aristotélica e neotomista, distanciando-se assim, ao menos na formulação aparente, da própria visão de Mises de que a proposição seria uma “lei do pensamento”, e ainda parecer, desse modo, não se harmonizar com a interpretação posterior de Hoppe se mostra, em última análise, intencionalmente ou não, uma abordagem bastante coerente e, acima de tudo, extremamente eficaz: Rothbard deixa inequivocamente claro que a pretensão de verdade reivindicada pela praxeologia para suas proposições é, por assim dizer, sustentada – na verdade confirmada – sob qualquer perspectiva epistemológica que possa ser levada a sério. Esta é uma contribuição verdadeiramente importante, talvez até hoje subestimada, que Rothbard fez nesse

18. Obrigado. Murray Rothbard, por sua extrema “defesa do apriorismo extremo”

ponto. Portanto, pode-se concluir dizendo: obrigado, Murray Rothbard, por sua extrema “defesa do apriorismo extremo”!

# 19. A vida em um mundo sem um grande botão de liberdade rothbardiano

Josef Šíma<sup>1</sup>

Nunca tive a sorte de conhecer Murray Rothbard pessoalmente, mas esse gigante intelectual mudou minha vida de forma incomensurável. Ele me ajudou a chegar ao cerne do argumento por uma sociedade livre e me mostrou como é vital, ao estudar economia, se manter firme sobre as bases lançadas pelos grandes estudiosos da Escola Austríaca. Ele também me mostrou como conectar a teoria econômica ao ensino da filosofia política, teoria jurídica e ética. Somente por meio dessa abordagem de amplo espectro podemos descobrir as regras da convivência humana em uma ordem social livre.

Minha jornada de descoberta na tradição rothbardiana ocorreu no início dos anos 1990, antes do advento da internet, e por isso foi lenta. No entanto, desde o início havia traços rothbardianos. Tudo começou com um encontro com Leonard Liggio em um curso de verão europeu.<sup>2</sup> Em seguida, fiz uma viagem ao outro lado do oceano até a

---

<sup>1</sup> Josef Šíma (Josef.sima@mup.cz) é professor de Economia na Universidade Metropolitana de Praga, República Tcheca.

<sup>2</sup> Leonardo Liggio, amigo de Rothbard desde meados da década de 1950, desde os tempos dos seminários de Mises na NYU, e cofundador

Foundation for Economic Education, onde conheci Hans Sennholz e Israel Kirzner. Durante nossas discussões, eles mencionaram Murray Rothbard como uma figura de destaque da tradição austríaca com quem atualmente era possível interagir no Mises Institute em Auburn, Alabama. No ano seguinte, então, fiz outra viagem atravessando o oceano, desta vez até o Mises Institute. Infelizmente, já era tarde demais. Visitei o Instituto apenas para encontrar JoAnn dando palestras aos alunos sobre seu falecido marido, Murray. Eu deixei de conhecer Murray Rothbard pessoalmente por poucos meses. Uma pena.

Pelo menos trouxe alguns livros de Murray Rothbard do Mises Institute, li e decidi traduzi-los gradualmente e começar a usá-los no ensino universitário. Milhares de estudantes na República Tcheca foram assim expostos à influência de Rothbard – *Poder e Mercado* como um livro didático sobre a economia da intervenção governamental, *O Que o Governo Fez com Nosso Dinheiro?* como um livro didático sobre “política monetária”.<sup>3</sup> A magia do argumento de Rothbard, como qualquer pessoa que tenha sido exposta a seus textos sabe, está no fato de que ele é

---

do Circle Bastiat, posteriormente ofereceu-se para financiar a tradução do livro de Rothbard *Homem, Economia e Estado* para o tcheco. Ele fez essa oferta depois de descobrir que eu estava traduzindo as obras de Rothbard, incluindo *Poder e Mercado* – a parte final pretendida de *Homem, Economia e Estado*, que originalmente foi publicada como um volume separado. Sem o apoio de Liggio, *Homem, Economia e Estado* provavelmente nunca teria sido publicado. A publicação combinada é agora Murray N. Rothbard, *Homem, Economia e Estado – com Poder & Mercado*, Scholar's ed., segunda ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2009). Veja também a discussão de Jeffrey Tucker sobre seu incentivo a Rothbard a permitir a reimpressão de *Homem, Economia e Estado* em seu capítulo neste volume.

<sup>3</sup> Murray N. Rothbard, *O que o governo fez com o nosso dinheiro?*, 6ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2024). Após a publicação do livro, enviamos uma cópia com uma carta pessoal a todos os membros do Conselho do Banco Nacional Tcheco. Nem todos responderam e nos agradeceram, mas alguns sim.

perfeitamente compreensível, e mesmo aqueles que discordam são levados a refletir profundamente sobre por que suas opiniões divergem – uma característica ideal de um livro adequado às necessidades do pensamento crítico na educação universitária.

O mundo de Rothbard é singular. Embora às vezes possa ser “preto no branco”, também oferece “muitos tons de cinza”. Essa natureza preto-no-branco de sua visão de mundo decorre naturalmente do conflito fundamental entre voluntarismo e coerção, entre mercado e estado, e entre meios econômicos e meios políticos. A força dos argumentos de Rothbard, por exemplo em seu livro *Poder e Mercado* – como o título sugere –, está justamente em uma discussão sistemática profunda sobre as implicações dessa dicotomia em centenas de exemplos de intervencionismo estatal. Se alguém busca um mapa para guiar sua jornada rumo ao ideal de convivência humana harmoniosa, o caminho para uma sociedade livre e uma economia de mercado necessariamente está em abandonar todas as políticas de coerção estatal – quanto antes, melhor. Todo defensor da liberdade deve ser guiado por essa conclusão fundamental. Todo defensor da liberdade deveria ser abolicionista. Como Rothbard escreve em seu *A ética da Liberdade*: “O libertário, então, deveria ser uma pessoa que apertaria um botão, se ele existisse, para a abolição imediata de todas as invasões de liberdade”.<sup>4</sup>

Tudo parece claro. Pressione o botão “Rothbard-Read” para ver como uma sociedade anárquica harmoniosa, que garante a inviolabilidade da propriedade privada e gera prosperidade sem precedentes, substitui a tirania do estado.

O problema, claro, é que não existe algo como um “botão de liberdade”. No entanto, esse experimento mental é crucialmente relevante, pois nos ajuda a entender o objetivo final dos defensores de uma sociedade livre: a existência de uma realidade social fundamentalmente

---

<sup>4</sup> Murray N. Rothbard, *A ética da liberdade* (Nova York: New York University Press, 1998 [1982]), p. 259.

funcional, e ainda assim utópica, de uma sociedade livre. O objetivo político supremo. Qualquer um que pudesse “colocar o dedo sobre ele e apertá-lo” passaria no teste de um oponente consistente do estatismo. É assim que se parece um “rothbardiano”: uma postura clara, fundada em princípios e não utilitarista diante das tentativas de justificar o estado. No entanto, isso é apenas o começo da história; trata-se de uma postura necessária, que indica a orientação política de uma pessoa. A partir dessa postura inicial, outros passos podem então se desdobrar.

Neste ponto, entramos no reino dos “muitos tons de cinza” nos ensinamentos de Murray Rothbard. É quando passamos de definir metas para enfrentar o problema de alcançá-las em um mundo sem o botão de liberdade. Como escreve Rothbard:

É essencial que se faça uma distinção bem definida entre o objetivo supremo e a estimativa estratégica de como alcançar este objetivo; resumindo, o objetivo deve ser formulado *antes* de as questões estratégicas ou de o “pragmatismo” entrarem na jogada. [Ibid.]

O próprio Rothbard tentou várias abordagens – escreveu, explicou, revisou; lecionou em universidades; construiu *think tanks*; envolveu-se politicamente; e formou alianças e coalizões estratégicas. Seus movimentos estratégicos às vezes eram amplamente apreciados, enquanto em outros momentos permaneciam incompreendidos. No entanto, ele deixou uma marca indelével em todos esses caminhos, e é por isso que encontramos pessoas ao redor do mundo que orgulhosamente reivindicam seu legado intelectual.

Podemos nos envolver em debates intermináveis sobre qual desses caminhos foi, é ou pode ser mais eficaz no futuro – dentro ou fora do sistema, por meio da política ou fora dela, por meio do trabalho acadêmico ou do ativismo –, mas, em vez de especular sobre qual estratégia é “melhor”, é importante perceber que rothbardianos apaixonados podem ser encontrados em todas essas áreas e em todo o mundo. Dentro e fora do sistema, na política, nas universidades, em *think tanks*, entre empreendedores e jornalistas.

Rothbard sabia que o caminho para a liberdade “pode muito bem ser um caminho longo e penoso” (Ibid., p. 258). Embora provavelmente seja impossível encontrar um grande Botão de Liberdade para estabelecer a liberdade nesse caminho, é possível encontrar algum tipo de pequenos botões “virtuais” – oportunidades de reforma – para desregulamentação parcial e redução do poder estatal em várias partes do mundo. Murray Rothbard e seu mentor, Ludwig von Mises, são frequentemente responsáveis por isso, pois são o impulso intelectual por trás de reformas políticas como desregulamentação, privatização, cortes de impostos e similares.

Uma questão interessante, no entanto, é como Murray Rothbard vê a tomada de decisão libertária em um mundo de tais – figurativamente falando – pequenos botões de liberdade, onde há espaço para desregulamentação parcial em uma determinada constelação política, mas é realisticamente impossível mudar outras políticas ao mesmo tempo.

Às vezes, a situação parece simples. Quando Leonard Read formulou o exemplo de um botão mágico que ele apertaria corajosamente para estabelecer a liberdade, ele estava falando sobre a “simples” remoção dos controles de salários e preços.<sup>5</sup> Não parece haver muito mais a acrescentar aqui. Um socialista vai introduzir controles de aluguel sob a impressão de que isso é uma solução fácil para o problema dos altos preços dos imóveis. Depois de algum tempo, os efeitos bem conhecidos

---

<sup>5</sup> Leonard Read, *I'd Push the Button* (Nova York: Joseph D. McGuire, 1946). Veja também Murray N. Rothbard, *Por uma nova liberdade*, 2ª ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2006), p. 379; idem, “Por que ser libertário?”, *Left and Right* 2, n° 3 (1966): 5–10. Para algumas opiniões de cautela, veja Stephan Kinsella, “On the *Non Liqueur* in Libertarian Theory and Armchair Theorizing”, *StephanKinsella.com* (20 de julho de 2025); idem, “Roman Law and Hypothetical Cases”, *StephanKinsella.com* (19 de dezembro de 2022); idem, “On Pushing the Button—the problem with magic”, *StephanKinsella.com* (3 de novembro de 2009).

dessa política se tornarão evidentes e, com um pouco de sorte, após a próxima eleição, outro político conhecedor dos fundamentos da economia removerá esses controles.

No entanto, mesmo esse exemplo aparentemente simples pode ser complicado ao adicionar outra intervenção governamental à história, como a expansão monetária. De repente, nos encontramos no “mundo real” de um número maior de regulamentações governamentais atuando simultaneamente, muitas vezes em direções opostas, de modo que seus efeitos e distorções de mercado às vezes podem ser parcialmente reforçados, mas às vezes também enfraquecidos ou anulados. Embora, em nosso exemplo, a expansão monetária normalmente levaria a um *boom* insustentável no setor de construção e a uma construção excessiva de novos apartamentos, como resultado da segunda regulamentação existente, ou seja, o controle de aluguel, menos apartamentos serão construídos. Uma regulamentação governamental mitiga os efeitos negativos da outra.

Embora não haja dúvidas sobre a justificativa para remover a intervenção governamental isolada (a economia austríaca de Rothbard e a análise de *Poder e Mercado* nos servem bem aqui), remover apenas uma das regulamentações em um mundo de muitas outras regulações governamentais traz (ou pelo menos pode trazer) uma nova dimensão empírica em consideração. Distorções de mercado podem aumentar devido à remoção parcial de algumas intervenções estatais (enquanto mantém outras). Os resultados podem às vezes ser um impulso para continuar os esforços de desregulamentação, mas em outras ocasiões podem ser desastrosos. Podem significar o fim de um governo reformista e até prejudicar gravemente o padrão de vida da população.

Uma leitura “preto no branco” de Murray Rothbard sugeriria que o raciocínio empírico não tem lugar em sua análise, pois cheira a utilitarismo. No entanto, considerações práticas sobre estabelecer a liberdade no mundo real não são uma questão teórica, mas sim de encontrar um caminho prático funcional para o objetivo, encontrando “os meios mais rápidos e eficazes possíveis; que se deve sempre manter o fim em vista e alcançá-lo o mais rapidamente possível”. (Ibid.)

Reforçar a influência destrutiva de uma única política pressionando imprudentemente um único pequeno botão de liberdade pode não ser necessariamente o caminho mais rápido para a liberdade. É claro que Murray Rothbard chegou a uma conclusão semelhante quando, em suas obras posteriores, influenciado pelos escritos de Hans-Hermann Hoppe, revisou sua posição original e se opôs à ideia de liberalizar a migração para os EUA, embora o controle político sobre as travessias de fronteira – ou seja, a política migratória estatal – não tenha lugar em um ideal utópico de uma sociedade livre baseada na propriedade privada.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Murray N. Rothbard, “Nações por consentimento”, *J. Libertarian Stud.* 11, n° 1 (Outono de 1994): 1–10. Três anos após a morte de Rothbard, o *Journal of Libertarian Studies*, então sob a direção de Hoppe, publicou uma edição do simpósio (Vol. 13 n° 2, verão de 1998) sobre a questão da imigração com os seguintes elementos, apenas um dos quais (Walter Block) se opunha a todas as restrições à imigração: Ralph Raico, “Introduction”, pp. 135–136; Julian Simon, “Are There Grounds for Limiting Immigration?”, pp. 137–152; John Hospers, “A Libertarian Argument Against Opening Borders”, pp. 153–165; Walter Block, “A Libertarian Case for Free Immigration”, pp. 167–186; Jesús Huerta de Soto, “A Libertarian Theory of Free Immigration”, pp. 187–197; Tibor R. Machan, “Immigration Into A Free Society”, pp. 199–204; Gary North, “The Sanctuary Society and its Enemies”, pp. 205–219; Hans-Hermann Hoppe, “The Case for Free Trade and Restricted Immigration”, pp. 221–233 (também em *The Great Fiction: Property, Economy, Society, and the Politics of Decline*, Second Expanded Edition (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2021)) e publicado como “On Free Trade and Restricted Immigration” em idem, *Democracy: The God That Failed* (Transaction, 2001)). Veja também idem, “On Free Immigration and Forced Integration”, *LewRockwell.com* (1 de junho de 1999) (também publicado em *Chronicles* (1 de junho de 1995) e em idem, *Democracy: The God That Failed*); e idem, “Natural Order, the State, and the Immigration Problem”, *J. Libertarian Stud.* 16, no. 1 (inverno 2002): 75–97 (também em *The Great Fiction*)).

Os aspectos de “integração forçada” de viver em um mundo de múltiplas intervenções estatais e seus impactos empíricos entraram em cena aqui e afetaram a postura política de Rothbard. (Note que o exemplo do “excesso artificial de empreendimentos imobiliários” mencionado acima não tinha poder empírico suficiente para mudar o argumento de Rothbard a favor da abolição do controle de aluguel.)

Em um mundo cheio de regulamentações estatais, ao tentar determinar a estratégia, o momento e a sequência de etapas da reforma mais eficazes e realistas, devemos considerar muito mais do que apenas apertar cada pequeno botão de liberdade disponível em um dado momento. A arte de abordar o ideal de liberdade por meio da desnacionalização e despolitização das atividades sociais e econômicas não é uma questão pura de teoria, mas sim daquela “estrada pedregosa” em que os defensores da liberdade em cargos políticos não só devem percorrer com segurança pela curva mais próxima, mas também se aproximar o máximo possível do destino final. Isso não é gradualismo, mas sim uma busca pela rota mais rápida para o destino final, porque a realidade não oferece atalhos melhores ou rotas mais rápidas para a liberdade.

Nesse espírito, Murray Rothbard usou ambos os critérios em sua avaliação da política real: avaliou o objetivo final e, em seguida, o conteúdo e a profundidade das reformas realmente implementadas pelos políticos reformistas. Assim, ele pôde às vezes elogiar alguns reformadores (“O primeiro-ministro Václav Klaus [da República Tcheca] conseguiu promover mudanças rápidas para um verdadeiro mercado livre”)<sup>7</sup> e criticar apaixonadamente outros (“A presidência de Ronald Wilson Reagan foi um desastre para o libertarianismo nos Estados Unidos, e ainda pode se mostrar catastrófica para a raça humana.”)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Murray N. Rothbard, *Making Economic Sense* (Auburn, Alabama: Mises Institute, 1996), p. 396.

<sup>8</sup> Murray N. Rothbard, “A catástrofe Reagan”, *Mises Daily* (29 de janeiro de 2011), publicado originalmente em *Free Life: The Journal of*

Acredito que defensores da liberdade – incluindo o autor deste texto – podem facilmente aspirar a ser rothbardianos orgulhosos compartilhando suas crenças políticas centrais e apreciando o seu trabalho, mesmo que às vezes divirjam<sup>9</sup> na avaliação das conclusões, reformas e políticas que ele derivou de suas análises empíricas, pelas quais buscou traduzir sua fascinante teoria social em realidade. Desacordos sobre as implicações práticas dos ensinamentos de Murray Rothbard, que nasceu há 100 anos, podem fornecer um terreno fértil para que novas gerações de estudiosos inspirados por esse grande homem possam desenvolver ainda mais os aspectos teóricos, empíricos e práticos de seu sistema.

---

*the Libertarian Alliance* 4, n° 1 (1984). Para outros ensaios de Rothbard críticos a Reagan, veja a Parte 8: **Os mitos econômicos de Ronald Reagan**, em *The Free Market Reader: Essays in the Economics of Liberty*, Llewellyn H. Rockwell, Jr., ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 1988), incluindo Rothbard, “Is There Life After Reaganomics?” e “Ronald Reagan: Protectionist”, e Sheldon L. Richman, “Ronald Reagan: Protectionist”; Rothbard, “The Reagan Fraud”, *Reason* (junho de 1981): 84; idem, “The State of the Movement: The Implosion” e “Why the Apotheosis of Ronnie?”, ambos em *The Libertarian Forum* 18, n°s 8–12 (set.–dez. 1984), em *The Complete Libertarian Forum*, Murray N. Rothbard, ed. (Auburn, Ala.: Mises Institute, 2012). Veja também Matt Welch, “Rothbard on Reagan in *Reason*”, *Reason* (9 de setembro de 2011).

<sup>9</sup> Josef Šíma e Dan Šťastný, “A Laissez Faire Fable of the Czech Republic”, *J. Libertarian Stud.* 14, n° 2 (verão de 2000): 155–78.



# 20. Murray N. Rothbard e a desmistificação da ciência econômica

Rahim Taghizadegan<sup>1</sup>

A economia é por vezes tratada, de um lado, como uma ciência esotérica, supostamente além do senso comum ordinário, porque consegue “provar” – com solenidade histórica, estatística e matemática – que, quando o estado acumula dívidas sem medida, isso não terminará em ruína, mas em prosperidade universal tanto para os orçamentos privados quanto para os públicos. De outro lado, a economia, quando seus sumos sacerdotes se dignam a propor que os apetites políticos por gastos

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado em alemão como introdução a Murray N. Rothbard, *Mensch, Wirtschaft und Staat*, Rahim Taghizadegan e Stefan Blankertz, trad. (mises.at, 2021), a tradução alemã de *Man, Economy, and State* de Rothbard, traduzida pelo autor. Rahim Taghizadegan é o último economista austríaco na tradição direta da Escola Austríaca. Ele escreveu mais de quinze livros e traduziu algumas das obras mais importantes de Rothbard, Mises e Hoppe. Ele lecionou em inúmeras universidades pela Europa e fundou o *scholarium* (scholarium.at) em Viena – posteriormente transferido para Zug, Suíça –, onde a Escola Austríaca é estudada em sua forma interdisciplinar original.

sejam contidos, é denunciada como instrumento do diabo, algo a ser ignorado para que se possa fazer aquilo que se considera moralmente correto e politicamente inevitável.

Murray N. Rothbard (1926–1995), nos três volumes associados a *Homem, Economia e Estado*, refuta ambas as atitudes. Ele mostra, primeiro, que economia é algo que qualquer um pode entender. Isso não significa que os fundamentos da ciência econômica sejam simples. Rothbard não dilui nem simplifica para se tornar “acessível”. Mas quem se esforça consegue entender como uma economia funciona em qualquer sociedade – seja qual for sua forma particular. Partindo dos primeiros fatos da troca, Rothbard avança passo a passo até aqueles processos que supostamente são incompreensíveis para os não iniciados: política monetária e orçamento do estado. O leitor percebe que a aura de mistério em torno da ciência econômica serve a um propósito – qual seja, que ele *não* deveria entender o que aqueles que ele elegeu para seus cargos estão fazendo.

Ao fazer isso, Rothbard também demonstra um segundo ponto: não é possível ignorar as regularidades da interação humana e dobrá-las à vontade aos desejos e interesses de cada um. Quem quer que, por decreto e pelo poder do estado, torne um bem mais barato do que ele seria no mercado – mesmo que seja um bem absolutamente vital para todos – inevitavelmente ajudará a garantir que *menos* desse bem esteja disponível para aqueles que mais precisam. Rothbard expõe isso de forma tão clara e distinta que não precisa ser repetido aqui. Mas o simples lembrete de que tais leis de interação existem ajuda a desmascarar políticos que afirmam poder declarar algum bem como um “direito humano” que deve estar disponível para todos a um preço “acessível”.

A percepção dessas leis não nos diz qual política é moralmente correta – a ciência econômica, nesse sentido, é “isenta de juízos de valor”. Mas isso nos diz quais promessas políticas são construídas sobre areia.

Explicar como funciona um mercado é uma coisa; parece inofensivo o suficiente. Analisar o que acontece quando as leis de interação do mercado são ignoradas é outra bem diferente – e altamente incendiária. Pois uma vez que se analisa os mercados nos quais o poder estatal intervém, ou mercados que promete abolir (sem nunca realmente

conseguir), chega-se a um reconhecimento sóbrio: aqueles que realmente se beneficiam da atividade do estado não são as pessoas que os políticos afirmam querer ajudar. Os beneficiários são os próprios poderosos. E os poderosos não gostam de ouvir palavras que esclareçam as coisas.

### **Da teoria econômica à oposição ao poder do estado baseada em princípios**

O caminho posterior de Rothbard, portanto, o levou além da ciência econômica puramente acadêmica. Ele se tornou um opositor engajado do poder estatal – de suas guerras no exterior e de sua política de colonizar seu próprio povo em casa. Com a ajuda de *insights* econômicos sobre as leis da interação, ele analisou eventos históricos como a elaboração da Constituição dos EUA, as políticas de guerra da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a ascensão e expansão do estado de bem-estar social, a chamada “Grande Depressão” dos anos 1930 e a “Guerra Fria” dos anos 1950 até os anos 1970. A partir do início dos anos 1960, ele comentava continuamente sobre eventos políticos.

Sua posição sempre esteve do lado daqueles que se opunham à guerra e ao poder estatal. Cada passo em direção à paz e à ampliação da liberdade individual era bem-vindo para ele – não importava em coalizão com quem. Cada passo em direção a mais violência e mais guerra ele rejeitava, indiferente à bandeira sob a qual a expansão do estado estava sendo perseguida. Dentro do quadro da política convencional, poderia parecer que ele estava constantemente mudando de lado; na realidade, ele permaneceu fiel aos seus princípios.

### ***Homem, Economia e Estado: uma construção sistemática incomparável***

*Homem, Economia e Estado* foi publicado pela primeira vez em 1962, escrito durante as décadas de 1950 e início dos anos 1960. Rothbard se baseia na economia de seu mestre acadêmico Ludwig von Mises; contudo, não é necessário conhecer os escritos de Mises para compreender Rothbard, embora isso possa ser útil em alguns momentos. Pois Rothbard constrói sua exposição do mercado de maneira sistemática,

permanecendo insuperado até hoje, o que também explica a extensão da obra.

Embora às vezes se perceba que a obra traz as marcas de sua época, sobretudo em alguns exemplos e modos de expressão, ela permanece compreensível sem comentários adicionais, e suas teses centrais continuam atuais. Na era da internet, uma ou outra palavra estrangeira ou termo técnico dificilmente constitui obstáculo à compreensão.

Em 1970, Rothbard deu continuidade à sistematização, iniciada no capítulo final de *Homem, Economia e Estado*, das intervenções do poder do estado na economia e de seus efeitos catastróficos, em *Poder e Mercado*. Em comparação com 1962, Rothbard, em 1970, já não era um estudioso em uma torre de marfim, mas um ativista contra a injustiça estatal. Ainda assim, conservou o modo de análise “isento de juízos de valor”: limitou-se a mostrar quais seriam as consequências inevitáveis das intervenções. Rothbard não excluía avaliações éticas e políticas; apenas as tratava em seus outros trabalhos.

## **O tênue fino da sobrevivência da Escola Austríaca**

A Escola Vienense, ou Austríaca, de economia sobreviveu – quase milagrosamente – ao insano século XX, cujos erros Rothbard tentou desfazer e exigiu que fossem desfeitos (“revoguem o século XXI!”). A continuidade dessa tradição pendia de um fio especialmente tênue e desgastado.

Ludwig von Mises teve de se estabelecer novamente, já em idade avançada, nos Estados Unidos, como refugiado cuja pátria jazia primeiro em ruínas espirituais e depois em ruínas materiais. Mas as universidades norte-americanas haviam aprendido em grande medida com os modelos prussianos e seguido a guinada estatista da Europa. A corrente acadêmica dominante negou a Mises o reconhecimento e uma cátedra.

Seu aluno e aparentemente predestinado sucessor, Friedrich A. von Hayek, sentiu-se tão isolado após o triunfo do keynesianismo que, primeiro, encontrou raros camaradas no monetarismo da Escola de Chicago e na tradição ordoliberal, depois se afastou da ciência econômica

em direção à história das ideias e à filosofia jurídica, e finalmente retornou à Europa – onde foi, por assim dizer, relegado a uma pequena sala em Salzburgo. Seu posterior “Prêmio Nobel” (o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel) voltou a chamar alguma atenção e tornou a Escola Vienense, como programa acadêmico de nicho, um pouco mais socialmente aceitável, embora em uma variante diluída, despojada de seu escrutínio crítico da política monetária, do sistema financeiro e do intervencionismo.

Para aqueles acadêmicos que gostariam de catar algumas migalhas de orçamento e prestígio distribuindo certificados de bancos centrais e estados, Rothbard parece indigno: “não científico”, “radical demais”.

### **Rothbard como a “geração perdida” da tradição**

Na verdade, Rothbard representa a “geração perdida” da Escola Vienense. Na Europa, havia apenas um aluno de Hayek, o empreendedor Roland Baader, que, como publicitário solitário, continuou a tradição austríaca em toda sua nitidez e relevância contemporânea. Baader descartou o campo acadêmico e se dirigiu diretamente a um público mais amplo de cidadãos críticos. Rothbard havia chegado a uma conclusão semelhante nos Estados Unidos ainda antes.

Como aluno americano de Mises, Rothbard reconheceu o potencial subversivo latente no realismo sóbrio da Escola Austríaca, contanto que não fosse mal interpretada como uma “teoria econômica neoliberal”, mas entendida como uma escola heterodoxa de ciências sociais que se distingue claramente da corrente neoclássica dominante por sua compreensão interdisciplinar e empática dos seres humanos reais, em vez de modelar um *homo oeconomicus* fictício.

Ao decidir levar adiante a tradição austríaca, Rothbard ficou tão sozinho nos Estados Unidos quanto Baader se mostrou na Europa de língua alemã. No entanto, Baader, como empreendedor, não dependia de uma renda proveniente do emprego como economista ou acadêmico. Os economistas, mesmo aqueles simpáticos à Escola Austríaca, precisam,

no fim das contas, viver de alguma coisa, e a teoria só dá de comer quando serve a interesses. Quase todos os economistas teóricos que não são acadêmicos trabalham para bancos centrais, agências governamentais ou grupos de interesse; e, para tais cargos, a Escola Austríaca dificilmente serve como boa carta de apresentação.

Os Estados Unidos, no entanto, possuem uma tradição filantrópica diversificada – que já existiu na Europa também, antes de praticamente secar no século XX. Nos Estados Unidos, ela sobreviveu em fundações financiadas por empreendedores bem-sucedidos. Uma dessas fundações foi o Fundo Volker, e por acaso seu conselho passou a gostar da Escola Austríaca como a única tradição econômica que entende e honra o papel e a função do empreendedor.

Em 1952, o jovem Rothbard recebeu uma bolsa para trabalhar em *Homem, Economia e Estado*. Isso era incomum: um economista brilhante em seus melhores anos foi assim libertado da pressão de lutar por uma sobrevivência precária na vida acadêmica, produzindo "artigos" que ninguém lê ou dando aulas particulares para estudantes desinteressados – alunos que seriam orientados, por assim dizer, para memorizar e, depois das provas, esquecer tudo.

A obra foi pensada como um livro didático para estudantes universitários, com o objetivo de tornar a então amplamente ignorada obra-prima de Mises, *Ação Humana* – e, portanto, a tradição austríaca –, didaticamente acessível. Rothbard escreveu um capítulo de exemplo sobre teoria monetária e o apresentou a Mises. Mises aprovou, e Rothbard começou a trabalhar em uma tarefa que tanto ele quanto a fundação haviam subestimado enormemente. Pois Rothbard não era apenas um jovem acadêmico entre muitos, embalando o conhecimento convencional em forma de livro didático. Em seu tempo, foi o único disposto a dedicar sua vida à tarefa de dar continuidade à Escola Austríaca como uma tradição distinta.

### **Uma linhagem preservada por muito poucos**

Esse fio sempre foi tênue. Mesmo dois dos alunos favoritos de Carl Menger, Felix Somary e Richard Schüller, não continuaram o trabalho científico. Em grande parte desconhecidos até hoje, eles

trabalhavam nos bastidores da prática – e provavelmente tiveram um impacto muito maior do que todos os teóricos que vieram depois deles. Somary ajudou a fundar o banco privado suíço; Schüller, como diplomata, desempenhou um papel significativo na paz de Brest-Litovsk e na continuidade da existência de uma Áustria independente. Quase todos os inúmeros outros alunos de Menger fizeram carreira na política e na burocracia.

Apenas um, Eugen von Böhm-Bawerk, levou adiante a tradição austríaca como economista – embora de uma forma que deixou Menger insatisfeito. E entre os alunos de Böhm-Bawerk, apenas um continuou a tradição de Menger de uma forma que permitiu sua sobrevivência independente por meio de novos alunos: Ludwig von Mises.

Ainda difamado como “dogmático” (se bem que em seu Círculo de Mises praticasse uma abertura crítica e uma tolerância para com outras abordagens e conclusões singular na história intelectual), somente Mises enfatizou a independência epistemológica da Escola Austríaca, enquanto outros representantes da época se conciliaram às correntes acadêmicas dominantes. Só um Mises poderia produzir um Rothbard, assim como Rothbard acabaria encontrando em Hans-Hermann Hoppe um aluno e sucessor que, do mesmo modo, ressaltou e desenvolveu ainda mais a independência epistemológica da tradição.

Um bom aluno, nesse sentido, nunca apenas copia o professor; ele é um anão sobre os ombros de gigantes e, portanto, pode enxergar mais longe. Ao apropriar-se e engajar-se criticamente com o trabalho de Mises, Rothbard reconheceu que uma simples reformulação seria insuficiente. Ele realizou o trabalho didático pretendido por meio de inúmeros exemplos mais familiares ao público americano da época, e por meio de ilustrações. Mas, ao fazer isso, ele teve que preencher lacunas – tornar explícitos aqueles argumentos que, em Mises, permaneceram implícitos. Por fim, Rothbard também encontrou áreas importantes em que chegou a conclusões diferentes das de Mises ou achou uma abordagem diferente mais realista.

### **Indo além de Mises: monopólio e a lógica da ação do estado**

Existem essencialmente duas grandes áreas da teoria nas quais Rothbard foi além de Mises: a teoria do monopólio e a teoria da ação do estado.

Na primeira, Rothbard se afasta ainda mais da ortodoxia econômica e expõe a falta de realismo das confusões acadêmicas que equiparam posição dominante no mercado a privilégio. Após a análise crítica de Rothbard, pouco resta do monopólio neoclássico e da teoria dos cartéis. Mas isso não equivale a uma legitimação acrítica de um *status quo* injusto. A lacuna é imediatamente fechada pela teoria da ação do estado, dentro da qual o núcleo de uma teoria do monopólio realista é redescoberto.

Enquanto a catalítica estuda a cooperação voluntária no mercado, esse outro ramo da análise praxeológica examina o uso da violência como meio de alcançar fins. Rothbard torna-se assim o fundador de uma nova aplicação da praxeologia, que poderia, por analogia, ser chamada de “crática” [*kratics*”, em inglês]: a lógica do poder.

O volume complementar *Poder e Mercado* é dedicado a esse tema das intervenções violentas. Para o patrocinador, o Fundo Volker, essa parte era radical demais, e a publicação foi recusada. Mais tarde, a liderança da fundação se afastou da Escola Austríaca e finalmente dissolveu toda a fundação em 1972 – um revés severo para a tradição. Ainda assim, é grande mérito da fundação, e quase um milagre, que, apesar de outras expectativas, ela tenha apresentado dez anos de paciência e publicado o texto principal de *Homem, Economia e Estado* em 1962.

### **A contribuição científica central de Rothbard**

A contribuição científica mais importante de Rothbard está na aplicação sistemática da praxeologia a todas as áreas essenciais da teoria econômica. Pela primeira vez, ele apresenta uma teoria completa da produção que se encaixa harmoniosamente nas teorias de juros, preços e capital – porque integra uma cadeia dedutiva abrangente de argumentos. Essa cadeia começa a partir do fato básico da ação humana e evita suposições adicionais, abstrações redutoras e juízos de valor implícitos.

Somente com Rothbard a estrutura básica do economizar – a constante ponderação e decisão dos seres humanos reais – se torna plenamente visível. Daí a grande importância das escalas de preferência, em contraste com as ficções matemáticas de valores de utilidade, funções ou agregados quantificáveis.

*Homem, Economia e Estado e Poder e Mercado* formam uma unidade conceitualmente fechada (mesmo que haja algumas sobreposições), e o próprio Rothbard os via dessa forma. Muitas edições, portanto, os trazem juntos, embora *Poder e Mercado* também possa ser lido e compreendido de forma independente. Rothbard pretendia que fosse um capítulo final – uma “economia das intervenções violentas”.

### **Falhas editoriais e uma obra que resiste ao tempo**

Mesmo para Rothbard – cuja extraordinária produtividade permanece um exemplo incomparável – a tarefa era imensa: tornar a tradição austriaca inteligível como um corpo vivo de pensamento enquanto a desenvolvia ainda mais. Períodos de sobrecarga e o afastamento da fundação de financiamento talvez ajudem a explicar por que o trabalho editorial do livro permaneceu imperfeito. Pequenos erros, formulações pouco claras, repetições e armadilhas estilísticas complicaram edições e traduções posteriores, custando anos de trabalho.

O próprio Rothbard mais tarde descartou um capítulo inteiro ao perceber que o modelo dos manuais, com suas discussões pseudocientíficas sobre curvas, desviava a análise para muito longe da realidade. Em retrospecto, ele também percebeu que a necessária ligação com Böhm-Bawerk – um dos poucos elos da linhagem austriaca – introduzira, sem que isso fosse notado, certa artificialidade que apontava mais para a economia clássica e, portanto, para as próprias ressalvas que Menger havia manifestado contra ela.

Apesar dessas falhas, *Homem, Economia e Estado* continua sendo uma das obras mais importantes da tradição austriaca – hoje preservada como uma “Escola Austriaca” americana –, seguindo diretamente seu modelo, o *Ação Humana* de Mises. O gênio de Rothbard levou a

interdisciplinaridade da tradição para áreas inesperadas. A obra já revela as abordagens intelectual-históricas, éticas, político-científicas e jurídico-filosóficas que Rothbard desenvolveria mais tarde – abordagens que ainda desafiam admiradores e críticos por seu rigor e radicalismo.

Juntas, essas obras são dinamite intelectual. Se chegarem a mãos suficientes, podem abalar os alicerces do estado. Contra a tendência predominante, pode ser que mais pessoas reconheçam novamente o valor da liberdade como um poder dirigido contra a coerção estatal – o valor da liberdade para garantir prosperidade e paz, e até para proteger os recursos naturais que o poder estatal saqueia (mesmo enquanto afirma protegê-los).

Um renascimento da economia realista da Escola Austríaca – na tradição de Menger, Mises e Rothbard, isenta de juízos de valor nas análises, mas marcada por fortes compromissos pessoais entre seus melhores representantes – é hoje mais urgente do que nunca. A tarefa não é fazer o século XXI voltar para o século XX, mas superar a amarga herança do caos planejado e chegar a uma ordem mais natural: uma ordem que, no sentido rothbardiano, corresponda mais à natureza humana e à capacidade humana para a liberdade.

# Apêndice

## **Avaliação docente e programa de curso de Rothbard na UNLV**

Abaixo, incluímos alguns materiais interessantes relativos à carreira de Murray Rothbard na UNLV, mencionada em vários ensaios deste volume. Jeff Barr enviou o plano de ensino de Rothbard para Economia 742, sobre História do Pensamento Econômico, referente ao semestre de outono de 1994, o último semestre em que Rothbard lecionou.

As páginas restantes foram fornecidas por Doug French e incluem a avaliação docente anual de Rothbard na UNLV, feita pelo chefe do departamento, Mark A. Thayer (1991), seguida da minuta da resposta de Rothbard, além de duas cartas de Rothbard a Doug French (3 de dezembro de 1992 e 11 de dezembro de 1993). A última página é o exame final de Rothbard para Economia 742, referente ao semestre de outono de 1990.

Doug French explica este último conjunto de documentos:

### **Memorando de Douglas E. French para Stephan Kinsella 17 de fevereiro de 2026**

Em sua carta de 3 de dezembro de 1992, Murray solidarizou-se com minhas queixas a respeito das rejeições que eu havia recebido de periódicos acadêmicos *mainstream* ao meu artigo sobre a mania das tulipas, extraído de minha tese. Embora ele diga que eu não deveria me preocupar em tentar satisfazer os revisores, na mesma frase sugere outro periódico ao qual eu poderia submetê-lo.

Ele prossegue explicando em detalhes o que estava acontecendo com a transferência do departamento de economia da escola de negócios

## Apêndice

para a faculdade de artes liberais: a “fuga da prisão”. Eu tinha especial interesse nisso porque Murray falava em iniciar um programa de doutorado assim que a transferência fosse concluída.

Ao final da carta, ele sugeriu outro periódico para eu submeter minha tese, antes de escrever que a publicaria na *Review of Austrian Economics*.

Sua carta de 11 de dezembro de 1993 dava continuidade à discussão das rejeições “monstruosas”, mas fazia mais três sugestões de periódicos. Ele menciona ter assinado um contrato para a *História do Pensamento Econômico* em três volumes. Ainda não havia começado o terceiro volume quando escreveu a carta. Ele fala em fundar, com Hans, uma Sociedade Econômica de Nevada. Ela deve ter morrido com Murray.

Em seguida, ele passa à campanha presidencial de 1994, respondendo a uma pergunta (tola) que eu havia feito. A transferência para as artes liberais já estava morta àquela altura, depois de a Administração ter dado sinais de incentivo; e o último parágrafo trata da política interna do departamento de economia, assunto sobre o qual eu sempre lhe perguntava. No pós-escrito, ele mencionou o Nevada Policy Research Institute. Anos depois, eu escreveria para eles.

No último dia em que o vi, em dezembro de 1994, apenas três ou quatro semanas antes de sua morte, Murray me deu uma cópia da avaliação do chefe de departamento Thayer e de sua impagável reprimenda. Não sei explicar por que ela está datada de 1991. Os destaques são meus.

**Plano de ensino de Rothbard para Economia 742, sobre História do Pensamento Econômico, outono de 1994**

# Apêndice

## SYLLABUS

Economics 742 Sect.1 Hist.of Economic Thought Fall 1994 Prof.Rothbard

M W 5:30-6:45 Room BEH 219

### Course Objectives

To analyze and discuss the various major strands in the history of economic thought, their changes, interactions, and development. The focus for this term will be on the history of monetary and banking thought, although other major topics will be covered.

### Outline of Topics

The discipline of the history of thought: Whig History and paradigms. The Christian, Scholastic, and Continental Tradition. The Spanish Scholastics. Mercantilism and Inflation. Mercantilism and Laissez-Faire thought. The Founding of Modern Economics in France: Cantillon, the Physiocrats, and Turgot. The Scottish Enlightenment and Adam Smith. Smith, 100 Percent, and Fractional-Reserve Banking. The Bullionist Controversy in Britain. Ricardo, and the Currency and Banking Schools. The Ricardian System. J.B.Say and the French School. Hegel, the Socialists, and Marx. The Marginal Revolution and the Austrians. The Return of the Currency and Free Banking Schools. The neo-classicals, Ricardians, and Keynes.

### Textbook and Other Readings

There is no fully satisfactory textbook in the history of economic thought. Spiegel, The Growth of Economic Thought (3rd Ed., paper) is our basic required text because it is the most comprehensive and because of its excellent bibliographical appendix. Supplementary required reading is Rothbard, The Brilliance of Turgot (paper).

Students are encouraged to read in the history of economic thought collection in the library. Particularly valuable are: the four-volume The New Palgrave: A Dictionary of Economics; A.Gray, Development of Economic Doctrine; R.Fkelund and R.Hebert, History of Economic Thought and Method (3rd Ed.); R.Hebert and A.Link, The Entrepreneur (2nd Ed.), as well as primary works by various leading economists.

### Lectures

The class lectures are the central material for the course. The readings serve merely as background material for the lectures. Attendance is not required, but is strongly recommended since the lectures are central to the course.

### Examinations, Term Paper and Grades

There will be a midterm and a final exam in the course. A term paper of approximately ten pages is required for the course, on any of a wide range of topics (not merely in money and banking), individuals, areas, or schools of thought. The term paper is due no later than the hour of the final exam. It is essential that the student obtain approval of the instructor on the topic, and the student is encouraged to select his or her topic as early in the term as possible.

Grades will be based on the exams and the term paper. No letter grade will be changed except for the discovery of an arithmetical error in the marking. A makeup test for the midterm will be allowed only for serious accident or illness, and will be of a type and time decided by the instructor.

Office Hours: BEH 503, M W 3:45-5:30 PM, 8:15-8:30 PM

Apêndice

**Avaliação docente anual de Rothbard na UNLV  
pelo chefe de departamento Mark A. Thayer (1991)**

UNIVERSITY OF NEVADA, LAS VEGAS  
ANNUAL EVALUATION REPORT

TENURED AND NON-TENURE TRACK PERSONNEL

Murray Rothbard

Name \_\_\_\_\_ Position No. \_\_\_\_\_

(Circle One) Teaching Faculty (Circle One) Tenured  
Non-Teaching Non-Tenure Track

Division \_\_\_\_\_ Unit \_\_\_\_\_

Present Rank \_\_\_\_\_ Step \_\_\_\_\_ A or B \_\_\_\_\_ FTE or % of Full Time \_\_\_\_\_

Evaluation

This evaluation covers the last calendar year. The evaluator's remarks must address any changes in performance in each area since the last annual evaluation. The remarks should address the individual's progress toward promotion to the next rank, where applicable.

1. Instruction (or performance of assigned duties for non-teaching faculty)

Remarks:

Professor Rothbard's performance in the area of teaching has been satisfactory. No classroom materials (syllabi, handouts, tests) were provided for review. Student evaluations indicate that professor Rothbard's performance is significantly above the department average. He also provided students with individual instruction. However, he had only limited contact with most economics students.

2. Scholarly Research or Creative Activity

Remarks:

Professor Rothbard's performance in the area of professional growth has been disappointing. During the 1991 calendar year professor Rothbard has published one article in a refereed journal. This work is in a lower level journal not indexed by the Journal of Economic Literature. However, professor Rothbard's other professional activities were extensive.

(Revised 3/85)

DRAFT

# Apêndice

3. Service (system, university, college, department, professional, community)

Remarks:

Professor Rothbard's performance in the area of service is disappointing. He seldom participates in the daily affairs of the department.

4. Overall Evaluation: (Check One) Satisfactory\_\_\_ Unsatisfactory\_\_\_

Remarks:

Professor Rothbard's evaluation is satisfactory. His performance in teaching is satisfactory. However, he has demonstrated only limited professional growth. Also, we expect professor Rothbard to participate in departmental affairs, to teach more students, to be available as a role model for junior faculty.

Evaluator \_\_\_\_\_  
Name Title Date

(Any difference of opinion from any of the individuals signing below may be noted here. Attachments may be submitted.)

\_\_\_\_\_  
Professional Member Evaluated

\_\_\_\_\_  
Dean or Director

\_\_\_\_\_  
Academic Vice President

\_\_\_\_\_  
President

## Resposta de Rothbard ao Chefe de Departamento Thayer

### Draft

Professor Murray Rothbard, Dept of Economics,  
Comment on Chairman Thayer's Annual Evaluation,  
1991

I protest Chairman Thayer's evaluation as an outrage. This is the first evaluation where I have failed to attain satisfactory to excellent in every category.

In the area of scholarship, Chairman Thayer rates my work as "disappointing", and "demonstrating only limited professional growth." His research evaluation mentions only one article in a "lower level" refereed journal. Omitted from his evaluation were the following scholarly accomplishments during 1991:

1. Two of my books were published in French, by the important publishing house of Les Belles Lettres. One is a French translation of my Ethics of Liberty, L'Ethique de la Liberte, 435pp., including a new introduction written by myself. The other: Economistes et Charlatans, 243pp., is a French translation of six of my essays, edited by Prof. F. Guillaumat. These are: "The Mantle of Science;" "Praxeology as the Method of the Social Sciences;" "In Defense of Extreme Apriorism;" "Toward a Reconstruction of Utility and Welfare Economics;" "Public Goods and External Benefits;" and "The Myth of Efficiency." also included is a preface to this collection by economics Nobel Laureate F.A. Hayek.

2. I published two smaller books during the year: The Case for a 100 percent Gold Dollar (Auburn, AL: Ludwig von Mises Institute of Auburn University), 78pp.; and Freedom Inequality, Primitivism, and the Division of Labor (Auburn, AL: Ludwig von Mises Institute of Auburn University), 71 pp. Also a leaflet, Eight Economic Myths (Mises Institute) 19 pp.

3 I published two scholarly articles in refereed journals: "The End of Socialism and the Calculation Debate Revisited," Review of Austrian Economics Vol. 5, #2 (1991) 25pp' and a book review of Lowell Hill, Grain Grades and Standards, in the Journal of Economic History (June 1991). The Journal of Economic History is the recognized journal in the field of economic history in the United States. The Review of Austrian Economics is the journal he dismisses as a "lower level" journal not indexed in the Journal of Economic Literature. If he should ever deign to read this journal, he will find it is on a high level indeed. It is the outstanding journal in the important field of Austrian School Economics. It has not been indexed in the JEL because, up until this year, it has been an annual journal, and annual journals are not

indexed there; now, however, it is semi-annual, and will undoubtedly soon be indexed in the JEL. The growing importance of Austrian economics, and my own standing in it, is indicated by the fact that the international publishing firm of Edward Elgar published a book in 1991, by Douglas Mair and Anne Miller, eds, A Modern Guide to Economic Thought, by two professors at the University of Edinburgh. This book has seven chapters on the current leading schools of economic thought. The first chapter is devoted to the modern Austrian School, which gets equal weight and equal respect to all the other schools of thought (which are Neo-Classical, Chicago, Keynesian, Post-Keynesian, Institutional, and Marxist). I am mentioned prominently in this book as one of the two leading American Austrians. In the previous year, the third edition of one of the leading textbooks in the history of economic thought, R. Ekelund and R. Hebert, A History of Economic Theory and Method (McGraw-Hill), has a full chapter on "Austrian Economics" in the 20th century. In addition to a lengthy quote from me on the Austrian theory of money (p. 564), Ekelund and Hebert, too, list me as one of the two leading Austrian School economists in the United States. This year, Edward Elgar will be publishing a book on Capital Theory, including a chapter on the Austrian Framework, and a book by S. Ioannides, The Market, Competition, and Democracy: A Critique of Neo-Austrian Economics.

4. I was the editor of two scholarly journals, one, The Review of Austrian Economics, with double-blind refereeing, which published two issues in 1991; and the other, the Journal of Libertarian Studies, referred to not double-blind, the outstanding scholarly journal in its field, which published one issue this year.

5. I delivered a paper at the annual meeting of the Southwestern Social Science Association on "How and How not to Desocialize," (commented on by Prof. William Breit of Trinity University), at a panel on "The Downfall of Communism," at San Antonio, Texas on March 29. I also served as commentator at this meeting on a panel on "Financial Crisis in Capitalism," commenting on a paper on "The Crisis in Government Deposit Insurance."

6. I delivered a paper on "Egalitarianism and the Free Society," at Princeton University, on April 12; and also delivered a paper on "Bureaucracy and the Civil Service," at a Conference on the Political Economy of Bureaucracy held at Williamsburg, on Oct. 25.

7. I also published an English-language version of my "introduction to the French Edition of the Ethics of Liberty," in the Journal of Libertarian Studies 11 pp. plus 14 other economics articles in non-refereed publications, including a scholarly article in the Danish-language periodical Praxeologica (Copenhagen), 11 pp.

8. I directed the annual "Mises University on Austrian Economics", from July 5-14 at Stanford University, held by the Ludwig von Mises Institute. Duties including directing the program, which included an intensive set of simultaneous 1-hour courses, in elementary, intermediate, and advanced Austrian Economics, with 15 faculty members teaching 125 students. My own duties, in addition to over 40 contact hours with students, faculty, and staff, including seven hours of personal lecturing, on topics: "Ludwig von Mises and his Economics"; "The Prospects for Liberty;" "Government, Business and American Economics History;" and "The Future of Austrian Economics." Faculty included: Robert Batemarco of Marymount College; Walter Block, Holy Cross College; Roy Cordato, Towson State and Institute for Research in the Economics of Taxation; Thomas DeLorenzo, University of Tennessee, Chattanooga; John Eggar, Towson State; Roger Garrison, Auburn Univ.; Jeffrey Herbener, Washington and Jefferson College; Robert Higgs, Seattle Univ.; Yuri Maltzev, Carthage College; Joseph Salerno, Pace University; and Mark Thornton, Auburn Univ.

9. I was consultant to the University of Utah Press, on the book by Prof. Mark Thornton, Economics of Prohibition, published in 1991.

10. I lectured on "The Ethics of Freedom," in the Dofflemeyer Lecture Series of the Decisions and Ethics Center, Dept. of Engineering-Economic Systems, Stanford University, Feb. 13. In addition, I delivered other scholarly lectures during the year, including ones at the Arizona Economic Round Table, the Northridge Economic Assn. at Cal. State Northridge, and at the University of Chicago on "Nobel Winner Ronald Coase -- an Austrian Perspective", and at a conference on Bretton Woods. I was also interviewed by several radio stations in various states on the condition of the economy.

11. I was one of the American economists who was asked for an interview by the prestigious Eisenhower Exchange Fellowship program, in behalf of G. Sopena, editor-in-chief for economic issues for La Nacion, the major Buenos Aires newspaper. Mr. Sopena traveled to UNLV to interview me for two hours on the state of the American economy.

I do not believe that any unbiased person, upon examining this record during 1991, could possibly conclude that, in the words of Chairman Thayer, it is "disappointing," and "demonstrates only limited professional growth."

In the area of teaching, in addition to teaching my two courses per term, in which I received high student evaluations, I also

guided three graduate students through personal tutorial courses in professional papers, as well as chairing one student's Master's essay and oral examination. I regularly attend my classes and office hours, and am always ready to talk or advise any students who come to see me. In addition, I regularly attended a weekly study group in Austrian Economics established and run by students themselves, and was happy to serve as a resource person and discussant at these meetings. I don't see how I can possibly have more contact with students than that. Chairman Thayer calls this student contact "limited"; but I don't see how my contact is more "limited" than anyone could reasonably expect.

Chairman Thayer also calls my service record "disappointing." And yet, I served, during 1991, on the President's Distinguished Professor Award Committee, which has the task, each year of selecting a Distinguished University professor. Indeed, I have served on this committee in most of the years it has been in existence. On the College level, I served, in both the Spring and the Fall, on the Research and publications Committee, which has the task of awarding faculty research grants. In the Spring, too, I served on the Dean's Ad Hoc Faculty Review Committee. In addition, I was nominated, in this year, for a College Research Award.

In the economics department, I have attended and participated in all department meetings, and I have not refused appointment to any department committees. I don't know what Chairman Thayer means by "seldom participating in the daily life of the department." Teaching courses, advising students, keeping office hours, attending department meetings: what other "daily life" am I supposed to be missing?

The only clue in Chairman Thayer's remarks is that I am supposed to be "available as a role model for Junior faculty." Apart from wondering why Mr. Thayer should possibly want someone of "limited professional growth" to serve as a "role model", I must say that the best way someone, including myself, can so serve, is to be allowed to go about his business as a scholar and teacher without being subject to harassment. In the first year I taught at UNLV, I was happy that two of my colleagues audited my entire history of thought course, and, again, I am always available to answer questions or engage in discussions with colleagues. Surely, no one may reasonably be expected to do more than that.

It is also important to point out that every time I publish a book or an article, whether in a scholarly journal, in a magazine, or in the press, and any time I deliver a scholarly lecture or a more popular talk or interview on radio, the name of the Univer-

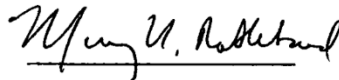
Rothbard

5

sity of Nevada, Las Vegas is mentioned, and these activities redou'd to the benefit and prestige of the university. All this constitutes an important form of Service to the university.

I must say that I am one of the best known professors, throughout the United States and abroad, at UNLV. Students have come from around the country to study under me here, both at undergraduate and graduate levels. Some of the best economics students, undergraduate and graduate, have been those attracted here by virtue of my position as a leading scholar of the Austrian School. It is ironic that Chairman Thayer states that he would like me to "teach more students"; and yet, he participated in the decision this year to abolish the M.A. program in Theory and Policy, the program which most Austrian School students adopted, and in which my graduate History of Economic Thought was required. Chairman Thayer's actions belie his words.

Finally, it is instructive to compare Chairman Thayer's assessment with that of the preceding chairman for a very similar record in 1990: "Professor Rothbard's research production was excellent"; "Professor Rothbard's service was in the excellent range;" "Professor Rothbard is widely regarded as a productive member of the Department." This 1990 evaluation is typical of the ones I have received since I came to UNLV.



Murray N. Rothbard

## Carta de Rothbard para Doug French (3 de dezembro de 1992)

**Murray N. Rothbard**  
3916 Waterford Lane  
Las Vegas, Nevada 89119  
Phone (702) 796-8425

December 3, 1992

Mr. Douglas French  
777 Manor Drive  
Reno, NV 89509

Dear Doug:

Thanks a lot for your letter. Alexandra stopped by the other day, and I was delighted to find out from her that you had gotten a job in Reno.

Your experience with the journals reminds me that every time I've been rejected by a scholarly journal, I've been infuriated, not because of the rejection, but because the referees all seemed to be a pack of morons who missed the point of the article. Hence, I rarely submit stuff to the journals anymore. In your case, apart from a few nit-picking trivia, the main point of both referees and editor is that you made the odd claim that an increase of money supply may have something to do with increases in prices, and as one ref said, you "haven't established the theoretical framework" for this curious assertion. What the hell is wrong with these people? As for the point that one guy made that the Bank of Amsterdam was 100% reserve and that therefore its increase in liabilities did not constitute an increase in the money supply, I think the rebuttal there is that the gold flowing into the Bank was coming from out of the country and that therefore this did constitute an increase in the Dutch money supply. (Apart from the point that, eventually the Bank of Amsterdam, not being subject to public audit and working on the honor system, did engage in fractional-reserve banking, and they may have done so in the tulip affair.)

I agree that you shouldn't bother trying to satisfy these referees; perhaps you might try next Explorations in Economic History, or the JPE.

The situation on the jailbreak is as follows: To shift to the Liberal Arts College, we need to take with us the B.A. that the current economics department awards--about three a year, and probably the only Business College in the country that awards a BA degree. Dean Pohl is all for us leaving with the BA, as is Dean Malek, and Provost Unrue. What is needed, however, is for Unrue, a nice guy who is all with us, to actually bite the bullet and issue the command to our rotten department that we can leave with the BA. Unrue, unfortunately, doesn't like to act to make people mad at him, even people he despises.

That's Step 1. Step 2, after Unrue bites the bullet, is (unfortunately) a democratic, mail ballot vote of the entire Liberal Arts Faculty about accepting our new department. That will require lobbying, to counter the hysterical anti-lobbying that will be conducted by people in our department, as well as <sup>70</sup>Commie enemies such as Rick Tilman. But right now we are waiting for Step 1.

## Apêndice

2.

Thanks for your condolences. Joey has had a tough fall, with a major operation, followed by the death of her brother. But she's doing very well now, and soon we're off to New York for the Christmas vacation.

Another journal you might think of submitting to is the Journal of Money, Credit, and Banking.

If all else fails, I would of course be happy to publish your article in the Review of Austrian Economics, but I think you should shoot first for a mainstream journal.

Keep in touch.

All best wishes,



Murray

P.S. How do you both like your jobs up there?



**Carta de Rothbard para Doug French (11 de dezembro de 1993)**

**Murray N. Rothbard**  
3916 Waterford Lane  
Las Vegas, Nevada 89119  
Phone (702) 796-8425

Dec.11, 1993

Douglas French  
777 Manor Drive  
Reno, NV 89509

Dear Doug:

Thanks a lot for your letter, and for the previous one I never got around to answering. That's monstrous about these rejections; I might have told you that I've never received a rejection letter that furthered the alleged purpose of offering helpful criticisms, and I guess it's still a perfect record. If you haven't tried Economic Inquiry, and the Southern Economic Journal, you might try them, if Journal of MCB turns it down. If all else fails, don't forget the Review of Austrian Economics, which will certainly be receptive.

I'm glad you're publishing in Freedom Daily, and in the R-J. However, don't overlook The Free Market, which is becoming increasingly influential.

Thanks about MES. This fall, I was delighted to sign a contract with Edward Elgar Publishers, who will be publishing Volumes I and II of my History of Economic Thought, which I just today--at long last--sent off to Elgar in England. (A third volume, which I haven't even begun yet, will carry through to the twentieth century.) The two volumes cover: Aristotle to Smith; and Say to Bastiat and his school. Two massive tomes, but I think they will prove interesting, as they're filled with the stuff of human drama: good guys and bad guys clashing, etc.

On Hans's initiative, we are forming a Nevada Economic Society which will have members and guests for monthly meetings, encouraging businessmen, alumni, etc. to attend. (The model is the very successful Detroit Economic Club--we were going to call it the Nevada Economic Club, but then we were warned off by knowledgeable Vegans who said that NEC was the acronym of a computer outfit scam that went bust a few years ago, and evokes sour memories among Vegans.) Hope you can come down for some of them. We intend to start in mid-February with the heroic Randian-Birchite physician, Dr. Jane Orient, in a critique of the monstrous Clinton Health Plan. Dr. Orient is head of a paleo-libertarian outfit, the American Association of Physicians and Surgeons, and it was Orient who successfully sued the Monster Hillary and her Health Team for conducting their evil sessions behind closed doors. Unfortunately, even though Hillary et al defied a court by not coughing up the records of the team, they will presumably not be carted off to jail, darn it!

On why Gore debated Perot and not Pat, the answer should be clear. The "debate" was a sucker trap, into which the quasi-nut Perot fell with a thud. The Clinton people knew that Perot gets flustered and mad when he and his family are personally attacked, and so Gore got the negative research, and sat there smiling (always important), plunging in the knife, and they knew that Perot would get testy and snarl, "you're a liar", etc.

## Apêndice

2.

A typical self-made billionaire, Perot refuses to take advice from media or debate consultants, and so he was clobbered. What he should have done, of course, is to get some "negative research" on Gore, and retort, smiling, with personal dirt on Gore, Tipper, and the rest. And when Gore attacked Perot's predictions about the Gulf War, Perot should have said, smiling: "Since you bring up foreign policy, Al, how about your administration's disasters in Somalia, Bosnia, Haiti? Eh, old buddy?"

Unfortunately, the projected Liberal Arts eco.department is stalled in deep freeze, and I have no idea when the thaw will set in. I'm kinda peeved, because we were encouraged to go ahead on this by the Administration, and then they backed off. Of course, there were budget problems, but we're beginning to get out of them, and still no sign.

In the meanwhile, after losing students because Carroll et al. dumped the Theory and Policy track for the Masters, I am being forced to teach one of my two courses per term as elementary Micro or Macro. The excuse? I'm not teaching enough students otherwise! On the other hand, Nasser, the chairman, is trying to be fair-minded, and has done a few things to offset Tom Carroll, though he remains as poisoner of the Graduate Economics well. El Stupo John Brown is finally being booted out, this is his last year; and last year's new addition, Helen Neill, in addition to being very pleasant, and actually attending one of the kids' Austrian Study Group sessions, is a pro-free market public choicer, albeit of the dippy questionnaire-"experimental economics" variety. So at least there is someone I can talk to in the hall. (Hans and I have very different office hours.)

All the best,

  
Murray

P.S. If you are not familiar with the Nevada Policy Research Institute in Reno, you might give them a call. It is a Nevada-oriented free market thinktank run by the amiable and energetic Judy Cresanta. Phone number is 786-9600.



**Exame final de Rothbard para a disciplina Economia 742, outono de 1990**

COLLEGE OF BUSINESS AND ECONOMICS

Eco.742 Hist.of Econ.Thought Final Exam Fall 1990 Prof.Rothbard

Answer any five (5) of the following questions.

1. What conditions ignited the great controversy between the Bullionists and the Anti-Bullionists? What were the main wings of Bullionists, who were their leaders, who were the Anti-Bullionists, and what were the major arguments of the various groups? Explain fully.
2. How did Great Britain return to the gold standard in 1819? Was it a smooth transition, or was there a great deal of controversy? If the latter, who were the leading forces on each side, and what were the major arguments? Who was the main influence in returning to gold?
3. Birmingham and Manchester were two Northern English cities that pioneered in the great Industrial Revolution in Britain. What were the respective positions of the leading merchants and manufacturers of the two cities on the great monetary controversies from approximately 1819 through the 1840s and beyond? Who were the leaders of the two cities advancing those positions? What differing economic conditions of the two cities helped to account for their very different policy positions? Explain fully.
4. What was the Currency Principle? Who were the major adherents of that principle, and what were their arguments? Who were the major advocates of that principle in the United States? How did their analysis and policy prescriptions differ from the advocates in Britain?
5. What happened to the Currency Principle and the Currency School? Explain the contrasting arguments of the Banking School: who were their leaders, and what were their positions? Who won out between the two Principles? Officially? In actual practice, or was there a difference? As a result, what was the status of the Currency Principle by the last half of the nineteenth century?
6. What was the James Wilson-John Stuart Mill theory of business cycles? How was it related to the Banking School-Currency School controversy? What influence did this theory have on economists of later generations? How did Alfred Marshall react to that theory? J.M.Keynes? Explain fully.
7. What was the relation between the Ricardo-Currency School theory of money, and the attitude of the neo-classicals: Jevons, Walras, etc., toward monetary theory and its relation to micro-economic theory? How did Jevons's attitude toward the physical sciences and their relation to economics influence his business cycle theory? Explain fully.
8. What was Irving Fisher's theory of money and of business cycles, and his policy prescriptions based upon them? How did Fisher's attitude toward the relationship between the physical sciences and economics influence his analysis and his policy conclusions? Explain fully.
9. Explain Ludwig von Mises's business cycle theory and its relation to: the Currency Principle, the monetary analyses of Cantillon and Hume, and to the Austrian theories of capital and interest. Discuss fully.